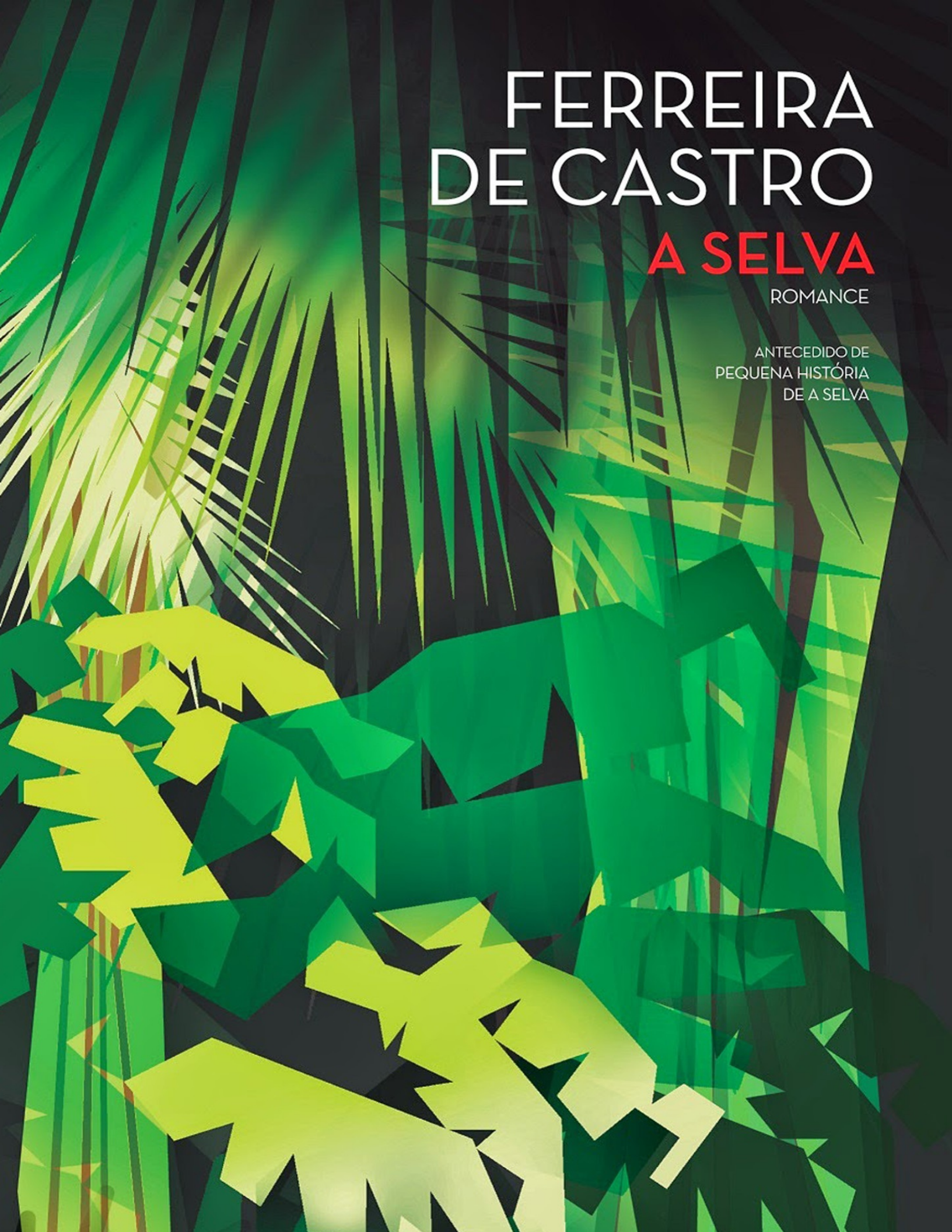

FERREIRA
DE CASTRO
A SELVA
ROMANCE
ANTECEDIDO DE
PEQUENA HISTÓRIA
DE A SELVA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Ferreira de Castro

A selva

“Uma sensação de profunda melancolia que se apodera do espírito, nos adverte de que estamos dentro das mais densas solidões do mundo. No Alto Amazonas, principalmente, domina esse amargo sentimento que obriga a alma a dobrar-se sobre si mesma.”

Tavares Bastos — Vale do Amazonas, 1866.

“Ser forçado a descer naquele horror, mesmo que se aterre incólume, é ficar onde se desceu e morrer sepultado na sombra.”

Francisco de Pinedo.

“Realmente a Amazónia é a última página, ainda a escrever— se, do Génesis.”

Euclides da Cunha

PÓRTICO

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazónica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anónimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crónica definitiva, que à extracção da borracha entregava a sua fone, a sua liberdade e a sua existência. Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há-de registar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de Pão e de justiça.

A luta dos cearenses e maranhenses nas florestas da Amazónia é uma epopeia de que não ajuíza quem, no resto do Mundo, se deixa conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha — da borracha que esses homens, humildemente heróicos, tiram à selva misteriosa e implacável.

Ferreira de Castro

PEQUENA HISTÓRIA DE “A SELVA”

FOI à uma hora da noite, a noite densa, quente e húmida de 28 de Outubro de 1914, que parti do seringal onde decorre este livro, lá longe, nas margens escalavradas do Madeira, que nenhuma estrela, então, alumiava.

Nos dois barracões e três cabanas que constituíam os únicos abrigos humanos naquele rasgão da floresta, aberto como um átrio, à beira do rio, os habitantes eram poucos e quase todos dormiam. Apenas dois adolescentes como eu, sonhando também com os horizontes que sabíamos existirem para além da selva, ao mesmo tempo desejados e temidos, vieram a bordo despedir-se de mim.

O «Sapucaia» apitou, recolheu a prancha e começou a afastar-se do grande barranco, que três inolvidáveis palmeiras, altas e garbosas, padroavam e se viam de largo, nobres que nem propileus e representativas como um brasão do seringal.

Uma só luz ardia em terra: a do farol que iluminava os degraus de acesso à varanda do barracão maioral, esse farol que eu, durante anos, fora encarregado de acender, de apagar e de limpar dos insectos que sobre ele morriam ao longo das noites tropicais.

«Ainda disse adeus com um lenço, mas ninguém me respondeu» — recorda-me o velho papel onde fixei a lápis, pouco tempo depois, a emoção dessa segunda aventura, maior e mais incerta ainda da que a primeira, duma existência sonhadora e descuidada.

A luz do farol ia diminuindo ao longe, pequena, estática, um ponto único e vermelho na noite da floresta — um ponto final na minha vida ali.

Na terceira classe, aberta dos lados, quase ao rés da água, que vinha da proa num rumor de queixa, os outros passageiros, como os habitantes do seringal, dormiam também.

Debruçado na amurada, de coração opresso, demorei-me a ver o navio distanciar-se, avançando para a curva do rio, essa curva que, quando o sol nascia, dava ao grande curso líquido, com a ténue neblina do seu próprio bafo, o aspecto brumoso dum lago ao despertar.

Eu tinha, então, dezasseis anos, E dos quatro que passara ali, não houve um só dia em que não desejasse evadir-me para a cidade, libertar-me da selva, tomar um barco e fugir, fugir de qualquer forma, mas fugir!

E agora que a aspiração se realizava, que a cadeia abria as suas portas, que os dementados ramos das árvores deixavam de se emaranhar sobre o meu destino, eu partia desejando ficar, porque dias antes, justamente quando fora despedir-me dos seus pais, lá nas profundidades da mata, à beira do Lago-Açu, havia-me apaixonado pela única rapariga[1] que existia, como um brinde inverosímil, em toda a enorme extensão do seringal.

Assim, da minha longa estada ali, trazia apenas, como saldo, esse novo conflito sentimental, doloroso e cheio de perplexidades, como é o das paixões na adolescência, e um pobre saque de cinquenta mil réis sobre uma casa de Manaus. É certo que levava também, no fundo do baú, o manuscrito dum romance ingénuo que escrevinhara dois anos antes; na cabeça um tropel de ideias para outros que nunca cheguei a redigir e, na carne e no sangue, este roteiro do drama social dos cearenses e maranhenses, do meu próprio drama, que tanta influência ia ter na minha vida de escritor; mas eu, nessa noite, descendo o rio metido em trevas, não podia saber que isso aconteceria.

*

Ao chegar a Belém do Pará, mais carregado de sonho literário do que o barco vinha de borracha, o homem que se dizia meu protector e se havia oposto a que eu saísse do Madeira, desejoso de não se preocupar mais comigo, quis enviar-me de novo para um seringal. Eram todas as minhas aspirações que caíam, tão indefesas como os frutos ainda verdes que os garotos, perto dali, faziam tombar, à pedrada, das belas mangueiras que ornamentavam as praças de Belém. Decidi resistir, primeiro com a humildade que a minha mãe me recomendara antes de eu partir para o Brasil; logo, com as palavras sóbrias e dignas que a própria dureza da vida me ensinara, quando ele, da cabeceira da mesa onde almoçávamos, me gritou, todo vermelho de cólera, que *não estava para me sustentar mais tempo*. E, assim, de repente, me encontrei sem tecto e sem pão na cidade onde não conhecia praticamente ninguém.

Foi esse momento tão extraordinariamente grave para o meu espírito, que desde então não passa uma única semana sem eu sonhar que regresso à selva, após a evasão frustrada, e se volta, de cabeça baixa e braços caídos, a um presídio. E quando o terrível pesadelo me faz acordar, cheio de aflição, tenho de acender a luz e de olhar o quarto até me convencer de que sonho apenas, — eu que, nos derradeiros tempos, tanto desejo retornar à selva, para a ver um último dia e dela me despedir para sempre.

Foi também por isso, talvez, que durante muitos anos tive medo de revivê-la literariamente. Medo de reabrir, com a pena, as minhas feridas, como os homens lá avivavam, com pequenos machados, no mistério da grande floresta, as chagas das seringueiras. Um medo frio, que inda hoje sinto, quando amigos e até desconhecidos me incitam a escrever memórias, uma única confissão, uma existência exposta ao sol, que eu próprio julgo seria útil às juventudes que se encontrassem em situações idênticas às que vivi.

Esse velho terror dominou-me sempre que tentei aproximar-me da selva nos meus primeiros livros; e das poucas vezes que o fiz, para eles colhi apenas alguns ramos marginais, nunca indo além do passeante distraído que estende o braço e, sem parar, arranca a folha do arbusto erguido à beira do seu caminho. Havia também em mim, nesse tempo, uma inquietação estética, incerta e pesquisadora como lanterna errando em longo subterrâneo; uma ânsia de singularidade impelindo-me para outras direcções e impondo-me outros assuntos, que eram, na sua essência, bem mais pueris, bem mais superficiais do que este, como verifiquei depois.

*

Enfim, quinze anos vividos tormentosamente sobre a noite em que abandonei o seringal Paraíso, pude sentar-me à mesa de trabalho para começar este livro. Tudo parecia já clarificado no meu espírito, a síntese dir-se-ia feita e os pormenores inúteis retidos, como sedimentos, no grande filtro que a memória emprega para não se sobrecarregar.

A Selva foi escrita de 9 de Abril a 29 de Novembro de 1929. Director do magazine Civilização, que me atarefava o melhor do dia, redactor de O Século, colaborador de já não sei quantas publicações, para viver tinha de trabalhar imenso, dispersando-me constantemente em mil ninharias literárias; e ao meu pobre livro, único isento de obrigação, só podia oferecer um tempo escasso. Era das seis e meia às oito da noite, depois de haver estendido num divã, durante alguns minutos, a fadiga trazida, como um fato[2] de chumbo, do magazine e do jornal, que me embrenhava na Amazónia. E nem todos os dias, porque a vida tinha ainda mais exigências e outras vezes eu regressava a casa tão exausto, tão saturado de papel em branco e de papel impresso, que me faltava disposição, frescura e forças para retomar a minha pena.

Em Junho, de novo interrompi A Selva, desta vez não por alguns dias, mas por dois meses e sem desgosto algum, com um prazer todo febril e exultante. Ia, finalmente, como enviado de O Século, consumar um dos maiores desejos de todos que se dedicam às letras e às artes, qualquer que seja, a latitude em que habitem: trilhar, pela primeira vez, a França, o velho país literário que se incrusta no nosso espírito desde os anos infantis e parece ser não um trecho do Mundo, mas o próprio Mundo concentrado num sonho

para quem vive longe e nunca o viu. O meu livro, deixado em embrião, nas sombras duma gaveta, bem pouco representava em face daquela alegria.

Estas sucessivas interrupções, geralmente tão prejudiciais aos romancistas, porque os forçam a reler, antes de recomeçarem, todas as páginas já escritas; a dar uma atenção mais firme a pormenores que já haviam esquecido e, sobretudo, a reentrarem na atmosfera abandonada, que nem sempre se entrega com a felicidade anterior, tinham, todavia, uma vantagem para mim. A vantagem de me libertar, por algum tempo, da atmosfera do livro, do passado que ressuscitava e se tornava presente com uma vitalidade angustiosa, pois se é verdade que neste romance a intriga tantas vezes se afasta da minha vida, não é menos verdadeiro também que a ficção se tece sobre um fundo vivido dramaticamente pelo seu autor. Tanto, tanto, que algumas noites suspendia bruscamente o trabalho, só por não poder suportar mais o clima que eu próprio criara.

Nesse tempo, eu habitava o primeiro andar duma casita da Rua Tenente Espanca, quase isolada num bairro em construção, cheio de poeira no Estio, de covas e lama no inverno, com montões de pedras, de tijolos e de tábuas dificultando-me os passos e esse aspecto das coisas caóticas, arestosas e provisórias que sempre feriram a minha sensibilidade. Como as vizinhas, a pequena casa não dispunha ainda de água, nem de luz e, por isso mesmo, era mais barata; mas as duas janelas que ladeavam a sacada prometiam ser agradáveis no futuro; se eu tivesse tanta resignação para esperar como tinha falta de dinheiro. Assim, a maior parte desta obra foi escrita à luz difusa dum candeeiro de petróleo[3], como se eu a escrevesse realmente na selva, numa dessas barracas perdidas nas imensas solidões, onde da electricidade, como elemento de progresso e de conforto, havia apenas a notícia de que ela existia, mas em lugares mais felizes, longe, muito longe dali.

Finalmente, naquela noite de 29 de Novembro de 1929, sete meses depois de o haver principiado, tracei a última palavra do romance, conforme me certifica o manuscrito onde meti a data e que está de novo, já um pouco tímido e amarelecido, na minha frente. Um manuscrito sem nenhum aparato, folhas de vários formatos, sobras de circulares duma escola automobilística, que não sei como me vieram parar às mãos, a mim que nunca me interessei por automóveis, restos de papel de diferentes qualidades, que a minha pobreza aproveitou como faria um avarento.

Tão fatigado me sentia por essa nova fusão com a vida dos seringais, tão doloroso me fora beber, na transposição literária, do meu próprio sangue, que, na mesma noite em que concluí o livro, disse a Diana de Liz que não voltaria, durante muito tempo, a escrever romances. Ela não acreditou. Talvez eu próprio não acreditasse firmemente. Talvez aquilo fosse apenas uma forma, embora profunda e sincera, de tranquilizar o meu cansaço de momento. E, contudo, durante dois anos, longos e negros como quando o tempo não era medido, deixei, efectivamente, de escrever romances, senão por mim, por ela própria, pela nova dor que tombara no meu espírito, muito mais forte, muito mais violenta do que a outra e do que todas as outras que eu já sofrera e havia de sofrer futuramente.

*

A Selva. foi publicada em princípios de Maio de 1930, andava eu, de novo como enviado de O Século, em viagem pelos Açores. Fraga Lamares, meu editor e meu amigo, enviara-me do Porto dois ou três exemplares, brochados á pressa, antes de eu partir.

Não constituía, porém, uma alegria esse que eu levava comigo, todo vistoso na sua capa, sobre a mesita do camarote. Era um tear de apreensões e tanto, às vezes, me inquietava vê-lo, tanto ele ensombrava a luz cromática e fresca das ilhas aonde aportávamos, que acabei por escondê-lo nas trevas duma maleta.

Eu temia, sobretudo, que o livro se tornasse fastidioso pelas suas longas descrições da floresta, esse era, entre muitos outros, um problema estético que desde o princípio me deixara sempre insatisfeito.

As selvas, fechassem elas o seu mistério nas vastidões sul-americanas ou verdejassem, mais permeáveis à luz solar, na Ásia, na África, na Oceânia, representavam, desde há muito, um assunto maculado

literariamente. Maculado por milhentos romances de aventuras, onde a imaginação dos seus autores, para lisonjear os leitores fáceis, se permitira todas as inverosimilhanças, todas as incongruências.

Eu pretendera fugir à regra. Pretendera realizar um livro de argumento muito simples, tão possível, tão natural, que não se sentisse mesmo o argumento. Um livro monótono porventura, se não pudesse dar-lhe colorido e vibração, mas honesto, onde o próprio cenário, em vez de nos impelir para o sonho aventuroso, nos induzisse ao exame e, mais do que um grande pano de fundo, fosse uma personagem de primeiro plano, viva e contraditória, ao mesmo tempo admirável e temível, como são as de carne, sangue e osso. A selva, os homens que nela viviam, o seu drama interdependente, uma plena autenticidade e nenhum efeito fácil — era essa a minha ambição.

No desdobrar duma greve, com alvorotadas marchas, rúbidos estandartes, gritos, muitos gestos e protestos, um operário lançava a sua bomba em Belém do Pará. E, fugindo às buscas policiais, ocultava-se, hoje aqui, amanhã ali, ao sabor inquieto das circunstâncias, na cidade cuja luxuriante arborização exalava uma poesia forte, verde e cálida, mas de todo indiferente ao homem perseguido; depois, corajosas fraternidades davam-lhe a mão e ele evadia-se para o interior da Amazónia, para a floresta virgem. Assim começava A Selva. Mas estas movimentadas cenas pareceram-me ainda demasiado romanescas para a obra que eu desejava fazer. E, ao seu lado; outro inconveniente se levantava. A personagem assim apresentada tinha ideias já formadas sobre a injusta organização do mundo em que vivia e, naturalmente, veria o mundo em que ia viver com uma atitude moral preconcebida, com um espírito apenas de confirmação; o que diminuiria, para quem não aceitasse as cores do seu horizonte, o sentimento de verdade naquilo mesmo que era verdadeiro. Preferi, portanto, uma figura evolutiva e, ao chegar ao final do segundo capítulo, rasguei tudo quanto tinha escrito — e recomecei.

Havia em mim o desejo de dar uma síntese de toda a selva do Amazonas e, não só por isso, mas pela força da própria experiência pessoal, todos os argumentos que imaginava começavam, invariavelmente, quase involuntariamente, na foz do grande rio. Porque era assim; os heróicos cearenses e maranhenses que o operário foragido iria encontrar já nos recessos da floresta, em luta com a natureza, surgiriam à nova personagem logo à sua entrada nas terras embrionárias. O depoimento começaria, portanto, sobre o primeiro centímetro do Calvário.

Ao reiniciar o livro, eu tinha frequentemente a sensação de me encontrar numa torre altíssima, erguida como posto de vigilância, sobre a embocadura amazónica, um delta mais complicado no seu desenho do que os traços, em forma de leque, que as vassouras deixam na terra de alamedas e jardins. Atrás de min, alargava-se o Atlântico, cujo rumorejar dir-se-ia um riso surdo, irónico, com uma baba de desprezo pela minha ambição a refazer-se constantemente, espumosa e branca, sobre a crista das suas ondas; em frente, o outro mar, um mar verde, que se estendia por milhares de quilómetros, desde ali até às longínquas fronteiras do Peru e da Bolívia, severo, misterioso e imóvel.

Essa incomensurável visão da terra desmesurada, que as árvores escondiam e eu aspirava dominar, concentrando-a na diminuta superfície dum livro, indo mais longe na pretensão do que os jívaros, que nesse mesmo mundo de sombra reduziam as cabeças humanas ao tamanho dum objecto de algibeira, ora me sussurrava esperanças, ora, desalentando-me, me dava piedade por mim, tão pequeno, tão insignificante perante ela me sentia.

A própria febre com que trabalhava, essa espontaneidade veemente que em certas noites enchia pedaços e pedaços de papel durante o curto tempo que concedia ao romance, aumentava, por vezes, as minhas dúvidas. Era então que os efeitos fáceis, que eu rejeitara sempre, voltavam a desafiar-me, simultaneamente aliciantes e sarcásticos. Bastava estender os braços, colhê-los a mãos cheias e tudo se tornaria mais seguro ou, pelo menos, mais cómodo. Por que não seguir o caminho dos outros, por que não permitir que a imaginação fosse, de brida solta, para além das muralhas que eu lhe havia anteposto na terra virgem, na terra onde tudo, afinal, mais do que verdadeiro parecia imaginado? Porquê essa persistência em me servir duma arma de tão incerto resultado, quando a eficácia das muitas outras que se me ofereciam se encontrava, de há muito, comprovada?

Eu recusava-as, porém, tão teimoso e firme como o mundo vegetal que metia fundo as raízes, em frente de mim. Mas, justamente, porque repelira todas as transigências, todas as cenas convencionais, tudo quanto estava receitado para uma leitura fácil, eu enchia-me de apreensões, enquanto vagueava de porto em porto dos Açores, sobre a reacção que este livro provocaria.

Quando, por fim, regressei a Lisboa, soube, ainda no cais, que ele fora, apesar de tudo, bem acolhido. A natural satisfação que essa notícia me trouxe durou, porém, algumas horas apenas. Diana de Liz adoecera gravemente e eu esqueci por completo o livro. Dias depois, perdia-a para sempre e esta obra, escrita ao calor da sua ternura, transformou-se numa recordação muito mais trágica ainda do que todas as outras que lhe haviam dado origem. Dir-se-ia que A Selva, drama dos homens perante as injustiças de outros homens e as violências da natureza, estava destinada a ser, desde o princípio ao fim, para o seu próprio autor, uma pequena história, uma pequena parcela da grande dor humana, dessa dor de que nenhum livro consegue dar senão uma pálida sugestão.

(Da edição comemorativa de A Selva, 1955)

FERREIRA DE CASTRO

A selva

I

FATO[4] branco, engomado, luzidio, do melhor que teciam as fábricas inglesas, o senhor Balbino, com um chapéu de palha a envolver-lhe em sombra metade do corpo alto e seco, entrou na «Flor da Amazónia» mais rabioso do que nunca.

Ter andado de Herodes para Pilatos, batendo todo o sertão do Ceará no recrutamento dos tabaréus receosos das febres amazonenses e tranquilos sobre o presente, porque há anos não havia secas, e afinal, depois de tanto trabalho, de tantas palavras e canseiras, fugirem-lhe nada menos de três! Que diria Juca Tristão, que o tinha por esperto e exemplar, quando ele lhe aparecesse com três homens a menos no rebanho que vinha pastoreando desde Fortaleza? E o Caetano, que ambicionara aquele passeio por conta do seringal e assistira, roído de inveja, à sua partida? Rir-se-iam dele… Quase dois contos atirados por água-abaixo!

No topo da escada, esbatendo-se na penumbra, surgiu o abdómen e logo o rosto avermelhado de Macedo, proprietário da «Flor da Amazónia»:

— Então, senhor Balbino?

— Nada!

— Sempre falou com o chefe da Polícia?

— Falei com o secretário.

— E que disse ele?

— Tudo uma malandragem! Ah, bom tempo em que havia aparelho e tronco! Então, esta canalha andava mesmo metida na ordem! Hoje, não se prende ninguém por dívidas e dizem que já não há escravos. E os outros? Os que perdem o que é seu? Vem um homem a fazer despesas, a pagar passagens e comedorias e até a emprestar dinheiro para eles deixarem às mulheres, e depois tem-se este resultado! Lhe parece bem? Ora diga, senhor Macedo: lhe parece bem?

— Lá, bem não me parece, não... Mas o senhor não faz uma ideia do sítio

para onde eles tenham ido?

— Que ideia vou eu fazer? Sei lá! E a polícia é isto que se vê! O que mais me custa é que esses caipiras malditos me tenham comido por tolo!

— Ora! Isso tem sucedido a muita gente boa! Não é a primeira vez…

— Ao Chico de Baturité, a esse mulato mesmo sem vergonha, eu adiantei umas pelegas para ele se vestir e lhe tirei a barriga de misérias, porque aquela gente vive lá num chiqueiro. E foi assim que ele me pagou! O que vale é que o «Justo Chermont» larga amanhã. Porque se demorasse mais, o resto do pessoal era capaz de pôr-se também nas trancas.

Ia a dependurar o chapéu no cabide, mas deteve-se, preocupado, a ruminar a ponta do charuto.

— Ó senhor Macedo… Sim, o senhor é que me podia fazer um servicinho…

O dono da «Flor da Amazónia» olhou para ele:

— Estou às suas ordens…

— Era dizer a eles, como quem não quer a coisa, que não é qualquer matuto que ganha mandioca na cidade. Não vá mais algum dar às de vila-diogo[5] ...

— Está muito bem. Conte comigo. Logo, ao jantar, já trato disso.

— Obrigado. Mais vale prevenir do que remediar…

— Já se vê! Já se vê! — concordou Macedo.

— Bom; agora me deixa ir tomar um banho. Estes tipos dão cabo de mim.

E sumiu-se no corredor sombrio da hospedaria, de soalho enodoado e paredes transpirando imundície.

Macedo encaminhava já os passos em direitura à cozinha, para investigar o andamento do jantar, quando a existência do sobrinho, com o seu peso morto de inactivo, lhe sobreveio no espírito. Encontrava, finalmente, uma solução. Parou, hesitante e com as pálpebras semicerradas. «Lá bom não era, porque o corte de seringa e as doenças não deixavam ninguém pôr pé em ramo verde… Mas, que diabo! Se não aparecia outro emprego e se ele não podia estar ali a sustentá-lo toda a vida!»

A imagem da irmã, esquecida em Lisboa, velha e doida por aquele filho, entibiou, por momentos, a sua decisão.

Macedo reagiu. Não, não podia ser! Muito já ele tinha feito! Outros, com mais posses, não fariam tanto! Empregara-o duas vezes e estava a dar-lhe cama, mesa e roupa lavada desde que o vira de novo sem trabalho. Que culpa tinha ele de que a borracha se desvalorizasse e os patrões que lhe arranjara despedissem

empregados? E não era caso de morte! Havia muitos que iam para os seringais e gozavam lá perfeita saúde. Alberto era inteligente e, se não se deixasse engazupar, talvez aquilo até lhe fosse um bem…

Decidido, arrepiou caminho, arrastando-se em andar lento e pesado, fazendo ranger as velhas tábuas, corredor em fora.

Brilhavam na penumbra a sua calva e a calça branca que subia, em curva larga, para o ventre. Boas arrobas de carne fofa, sedentária e doentia, detiveram-se junto à porta de um dos quartos interiores, dando volta à tranqueta. Não se via nada.

— Ó Alberto! Estás aí?

— Estou.

— Estavas a dormir?

— Não; fechei o postigo porque lá de baixo vinha mau cheiro.

Rumorejou um corpo que devia saltar da cama, uns passos rápidos soaram na escuridão e logo, atrás da portinhola que se abria, entrou no recinto uma fosca claridade. Iluminou-se então, no quarto miserável de hospedaria, com a cama de ferro a insinuar existências parasitárias e o travesseiro liso, de quartel, um jovem alto e magro, cabelo negro e olhos amortecidos, denunciando vida indolente. A calça dançava-lhe na cintura e os ossos adquiriam forte relevo no tronco seco e nu. Sentou-se no rebordo do leito e começou a vestir, apressadamente, o casaco do pijama.

— Desculpe…

— Não faz mal; está à vontade.

— É que fazia um calor…

Macedo enfiou nos suspensórios os dedos grossos e felpudos e encostou-se ao postigo, com a mais benévola das expressões que o sobrinho lhe conhecia.

— Não soubeste, hoje, de nada?

— Não. Estive com o Agapito. Disse-me que não se esquecia, que ia ver…

— Ora! De promessas estamos nós fartos! É bem verdade que tudo está mau e cada dia é maior o número de caixeiros sem emprego. E o pior é que não vejo que isto possa melhorar. A borracha cada vez desce mais. Vão arrebentar muitas casas por aí… Olá se vão. Por isso eu me lembrei. Sim, foi apenas uma lembrança... Se tu não estiveres de acordo, paciência! A falar verdade, já não sei o que hei-de fazer… Já não há empenhos que valham!

— Mas o que é?

— Eu tinha pensado… É que está aí um seringueiro. — O Balbino; aquele que anda sempre com um charuto na boca — que foi ao Ceará buscar pessoal para o rio Madeira. Mas, ontem, fugiram-lhe três homens. Ora, eu pensei. Sim, talvez falando com ele, tu pudesses…

Mais uma vez Macedo se deteve, vacilante, a contemplar o sobrinho e quase admirado de não ter sido ainda interrompido.

— Pelo menos por agora ficavas arrumado…

— Para eu ir para o seringal?

— Se tu quiseres, está bem de ver. É cá uma ideia minha…

Com a mão, o rapaz pôs-se a alisar, em silêncio, as rugas da calça.

— Para o rio Madeira, disse o tio?

— É. O seringal chama-se o Paraíso.

— Rio Madeira... Rio Madeira... Não é lá que há muitas febres?

— No rio Madeira…

— Em todos os seringais há muitas febres... — interrompeu-o, finalmente, Alberto.

Macedo contrariou-se, mas resistiu, encarcerando e substituindo as palavras de exaltação que ferviam dentro dele.

— Tu és senhor da tua vontade, claro — disse, mal disfarçando o nervosismo. — Faze o que entenderes! Cá por mim… Mesa onde come um, comem dois. Mas tudo aqui está mau. Tu bem o sabes… Há dois meses que andas desempregado e não há sequer esperanças de te colocares. E quem sabe lá onde isto vai parar! Quem nos diz que não se vai de mal a pior e que daqui a um ano ainda te encontras à boa-vida? Não é por mim, bem entendido, que assim falo; é por ti. Quanto às febres, não digo que aquilo lá seja uma delícia, mas todos os dias chegam aqui seringueiros do Madeira, do Purus e até de Acre, sãos como um pêro. É questão de sorte.

Alberto levantou os olhos, analisou, um instante, a expressão do tio — e compreendeu. Era verdade tudo quanto havia pensado sobre a protecção que o parente lhe dava; certificava-se das suspeitas que tinha tido, dos mil pequenos indícios interceptados, agora e logo, sobre o estado de espírito de Macedo.

— Está bem, tio; irei! — disse pausadamente.

Pressentindo que as suas intenções haviam sido detectadas, Macedo tentou minorar o ambiente.

— Lá contra a vontade, não! Tanto mais que eu ainda nem falei ao homem.

— Pode falar-lhe. Não é contra a vontade. Irei — declarou Alberto, atiçado de repente pelo orgulho.

Calaram-se os dois, num silêncio incómodo, mas o ruído de um alguidar de água, que alguém despejava no saguão, pareceu reanimar subitamente a voz de Macedo:

— Bem, desde que é esse o teu desejo. Vou ver o que o Balbino diz.

— Que é que eu iria fazer lá?

— O que irias fazer?… Não sei. Cortar seringa, talvez não, porque é duro. Mas os seringais têm sempre um escritório, um armazém… Vamos a ver. Vamos a ver o que se arranja. E não te aborreças, pois aquilo, para quem tem sorte e juízo, são terras onde se enriquece em pouco tempo. Até já.

Saiu, fechando mansamente a porta.

Alberto levantou-se, encheu de água, no lavatório, as mãos em concha e levou-as ao rosto, uma, duas, muitas vezes. Sentia um calor aflitivo, quase febre, ante o novo rumo que a sua vida ia tomar.

Não o atraíam esses rios de lendárias fortunas, onde os homens se enclausuravam do Mundo, numa confrangida labuta para a conquista do oiro negro, lá onde os ecos da civilização só chegavam muito difusamente, como de coisa longínqua, inverosímil quase. Quando desembarcara em Belém, ido de Portugal, a borracha ainda tinha altas cotações e exercia profundo sortilégio sobre todos aqueles que davam ao dinheiro a maior representação da vida. Muitos dos empregados no comércio, vendo a pequenez dos seus ordenados, face à dos escritórios que se afirmava na Europa, desertavam dos balcões e embrenhavam-se Amazonas acima, ansiando maior recompensas ao trabalho, onde quer que ela existisse. Algumas vezes também o haviam tentado essas estradas líquidas que cortavam a selva imensa, mas sempre um pavor instintivo, amálgama do que se dizia de febres, perigos e de vida bárbara e instável, o detivera em Belém. Era, então, a Amazónia um ímã na terra brasileira e para ela convergiam copiosas ambições dos quatro pontos cardeais, porque a riqueza se apresentava de fácil posse, desde que a audácia se antepusesse aos escrúpulos. Com os rebanhos, idos do sertão do Noroeste, demandavam a selva exuberante todos os aventureiros que buscam pepitas de oiro ao longo dos caminhos do Mundo. E como não era na brenha espessa que se encontrava, para os ligeiros de consciência, a aurífera jazida, quedavam-se os ladinos em Belém ou Manaus, a traficar com o esforço mitológico dos que, entre todos os perigos, se entregavam à extracção da borracha.

Fora assim que seu tio enriquecera e tinha já duas quintas em Portugal; fora assim que pobretões sem eira nem beira se transformaram, dum instante para o outro, em donos de «casas aviadoras», tão poderosas que sustentavam no dédalo fluvial grande frota de «gaiolas». Aos que desbastavam a saúde e a vida no centro da floresta, vendiam por cinquenta aquilo que custava dez e compravam-lhes por dez o que valia cinquenta. E quando o ingénuo conseguia triunfar de toda essa espoliação e descia, sorridente e perturbado pelo contacto com o mundo urbano, a caminho da terra nativa, nos confins do Maranhão ou do Ceará, lá estava Macedo com os colegas e as suas hospedarias, que o haviam explorado na subida e agora o exploravam muito mais ainda, com uma intérmina série de ardis, que ia da vermelhinha, onde se começava por ganhar muito e se acabava por perder tudo, até o latrocínio, executado sob a protecção do álcool.

De um dia para o outro, o seringueiro de saldo, que suportara uma dezena de anos na selva, em luta com a natureza implacável, para adquirir os dinheiros necessários ao regresso, via-se sem nada — e sem saber até como o haviam despojado. De novo pobre, com a família e a terra, preocupações constantes do seu exílio, a atraírem-no de longe, ele sufocava, uma vez mais, as saudades, a dor do tempo perdido, e regressava ao seringal, tão miserável como na primeira hora em que lá aportara.

Todos os cais de Belém a Manaus falavam desses dramas anónimos, dos logros feitos à gente rude que ia desbravando, com desconhecido heroísmo, a selva densa e feroz.

Entretanto os espoliadores, na embriaguez da súbita abastança, acendiam charutos com notas de Banco e estadeavam a sua fortuna com a prodigalidade que marca o aventureiro. Não formavam sociedade; enriquecidos, demandavam o ponto de origem, dando lugar a novo tropel de ambições por satisfazer. A vida decorria nos botequins, nos encontros fortuitos dos que não têm família nem raízes agrilhoadoras. Com os mestres em expedientes, buscando rápidos lucros, vinham também, atraídos pelo fanal doirado, mulheres de todas as esquinas do Planeta, tornando-se Belém e Manaus édens do meretrício cosmopolita. Mas todo esse «Eldorado», onde a Manoa fantástica de Juan Martinez se volvera em realidade, se alimentava do sangue que rudes párias convertiam em oiro, no centro misterioso da floresta.

Um dia, porém, a *Hevea brasilensis*, levada sub-repticiamente por mãos britânicas, desdobrara a sua nacionalidade, entregando também a seiva enriquecedora em terras de Ceilão. Ferida pela emigrada, a borracha da Amazónia deixara de ser meio de elásticas fortunas, limitando a perspectiva das

ambições. Era prata e não oiro o que se colocava agora no outro lado da balança.

Mas ninguém, ninguém, se dava por conformado dentro dos estreitos aros da nova verdade. A recordação do esplendor ainda tão próximo incitava os ambiciosos, tornando-os mais febris, mais dinâmicos e esvaziava-os dos últimos escrúpulos. Deliravam na luta, para recolher o caudal antes que ele se esvaziasse totalmente sob a catástrofe que se avizinhava.

Era a confusão, era a loucura, um esbracejar de náufragos que não se afaziam à ideia de viver sem a antiga opulência. De nítido ficava apenas o drama obscuro do seringueiro, na selva cúmplice e silente.

A revelação da senda espinhosa, ouvida a desenganados, que ele conhecera meses antes, quando o Alto Amazonas era ainda uma possibilidade e uma miragem, e o que observara ali mesmo, na própria hospedaria do tio, haviam afastado de Alberto a hipótese de ele vir a trilhar, um dia, o caminho fascinador.

Mas agora, ao sentir a humilhação do seu estado em casa do parente, o amor-próprio impelia-o para o novo desígnio, deixando-lhe apenas um ressaibo, de onde a distância já extraíra o ódio, para a origem involuntária das suas dificuldades e vexames — o regime republicano — que ele combatera na pátria longínqua.

«Por onde andariam os outros? O Vasconcelos, o Gonçalo, o Meireles... Ainda estariam em Espanha? O Meireles era rico e assim custava menos pegar em armas. Mas os outros... Mas ele...»

Faltava-lhe o ar, como se no quarto o bafo ardente dum forno lhe crestasse a garganta e lhe pusesse murmúrios nos ouvidos. Vestiu-se apressadamente e saiu para o corredor, logo para a saleta desbotada da hospedaria, com o sofá desconjuntado, rota a palha das cadeiras e na parede dois calendários da «Booth Line» — dois navios empenachados de fumo.

Estava ali um jornal da manhã e os seus olhos caminharam, distraidamente, pelas colunas do noticiário. Nada fixava do que lia, a perturbação continuava e, por fim, ele quedou indeciso. A cidade atraiu-o, um momento, perante a ideia de que em breve a deixaria; mas renunciou a sair, ao lembrar-se de que o tio não lhe comunicara ainda a decisão de Balbino. A janela constituía um refrigério e ele encostou-se ao peitoril, procurando adivinhar, entre os muitos vapores que dali se viam, aquele que o levaria. Debruada, ao fundo, pela linha verde e irregular da floresta, a baía do Guajará mostrava-se cheia de «gaiolas», uns de cano fumando os últimos carvões da viagem, outros de bandeira desfraldada, assinalando a partida. Ao seu lado, os «pontões», velhos barcos a que haviam extraído o

coração mecânico, que o tempo fatigara irremediavelmente, estavam paralisados para sempre, sem mastros onde flutuassem alegres galhardetes, tristonhos na condena de servirem apenas de depósito a tudo quanto os outros, pintadinhos de fresco, respirando juventude e velocidade, para eles lançavam.

Eram tantos que a intuição de Alberto para nenhum pendia. Vindo de Vale de Cães, após o repouso e cura do estilo, ou de regresso do Alto Amazonas, havia sempre um «gaiola», de tez amarelada, a descer a âncora na água tranquila e suja, perto das alvarengas atracadas ao costado de outros navios. Toda a Amazónia, de imensurável grandeza, possuía ali a sua sala nobre, a sua grande porta para o Mundo — e por ela entravam, imponentemente, os transatlânticos de vasta tonelagem, que da Europa se dirigiam a Manaus ou, mais audaciosos e confiantes na profundidade do rio, levavam o espadanar das suas hélices até Iquitos. Contrastavam pelo casco acolchetado até acima, pela cor e perfil solene, com a garridice infantil dos «gaiolas», abertos de lado a lado e oferecendo em cada recanto escápulas para redes de dormir. Até no lançar do ferro, que os de longo curso faziam com rumor forte e imperativo, os «gaiolas», amestrados em paragens imprevistas, ao sabor dos caprichos da sonda, em romarias de seringal para seringal, marcavam espírito ligeiro e moço, atirando a âncora como se soltassem uma risada.

Mesmo na sua decadência, era ainda a borracha que movia tudo aquilo, os navios de diferentes portes e os rebocadores de agudos silvos; os guindastes de compridos braços e as vagonetas sobre os carris brunidos ao longo dos cais, com um vaivém constante dos estivadores entre a beira da água e a fila dos «galpões», vastos armazéns; e à borracha começava Alberto a sentir-se também incorporado, com uma sensação de fábula, agitado de curiosidade e de temor. A única sugestão romântica, paradoxalmente baseada na trivialidade doméstica, nas quotidianas necessidades dos habitantes, vinha-lhe das asas das «vigilengas», as lestas canoas que abriam no mar as suas velas e corriam a trazer o peixe a Belém, ziguezagueando entre os vapores fundeados na baía.

Principiava a anoitecer e lá de baixo, da porta da hospedaria, situada mesmo em frente do porto, muito mais próxima do que as casas das prostitutas, elevava-se um rumor de vozes em tímido conciliábulo. «Deviam ser os seus companheiros de viagem, eram eles, sem dúvida, pois na pensão do tio não havia agora outros hóspedes» — pensou Alberto, debruçando-se mais na janela, para os ver. Parados sobre o passeio, conversando, vinham certamente recolher-se para o jantar, após as surpresas que a cidade oferecia aos seus deslumbrados espíritos de sertanejos. Todos de cor, mulatos uns, mais carregado o escuro nos

outros, iam da juventude até os trinta e cinco anos, até os quarenta — idade máxima concedida ao seleccionador para o recrutamento, já que nos seringais não tinham lugar os fracos ou os inúteis. Vestiam tecidos leves, brins e riscados e o chapéu de palha, de forma citadina, mal se lhes dava na cabeça, habituada aos largos e flexíveis carnaúbas.

Sumiram-se por fim na hospedaria, sempre em parolice amigável, e pouco depois Alberto ouviu-os subir a escada.

Macedo não tardou a aparecer na saleta, com voz ressumando vitória:

— Está tudo arranjado!

— Tudo?...

— O homem leva-te. Estive agora a falar com ele. Custou, porque eles preferem cearenses, mas lá arranjei a coisa.

Fechou a porta atrás de si e, baixando o tom, acrescentou:

— O que tu tens é de pagar a despesa do outro. Do que fugiu…

— Do que fugiu?...

— Sim. É para o Balbino se justificar lá no seringal. Assim, é como se tivessem fugido só dois…

— Mas eu…

— Acho melhor não fazeres questão. Uns mil réis a mais ou a menos… É que o homem teimou em que só te levaria se tu pagasses a conta do outro. Eu também não acho bem, mas que queres? Ele não deseja perder tudo…

— E que é que eu vou lá fazer, tio? Ele não disse?

Macedo embaraçou-se:

— Tu vais... Sim, eu já te preveni que o homem prefere cearenses... Foi difícil arranjar... Eu bem queria que tu fosses como empregado. Mas ele respondeu-me que para já, não; que depois se veria; que o que precisava era de seringueiros…

— Ah, eu vou, então, extrair borracha?

— Por um tempo… Até te arranjarem lá coisa melhor. Eu recomendei-te bem!

E, temendo um súbito desânimo, confortou:

— Mas não te aflijas por isso! Depois de lá estares e de verem de quanto és capaz, estou certo de que te arranjam coisa melhor. De mais a mais, muitos donos de seringal começaram por seringueiros. Quantos tenho eu conhecido aqui! A questão é uma pessoa ter sorte e esperteza! O diabo não é tão feio como o pintam. É verdade: quantos anos tens agora?

— Vinte e seis.

— Vinte e seis? Foi isso mesmo que eu lhe disse. Mas como não tinha bem a certeza… Vinte e seis anos! Quem mos dera! Estás uma criança! Podes ter um grande futuro. Aquilo são terras para a gente ir com essa idade, quando se é novo…

Alberto quedou-se em silêncio, com os olhos pensativos fixos no velho sofá.

— Quando é a partida? — perguntou depois, como que alheadamente.

— É amanhã à noite, no «Justo Chermont». Tens alguma coisa a tratar?

— Não. Nada…

II

QUANDO o grupo chegou ao embarcadoiro, o «Justo Chermont» vivia as suas últimas horas de prisioneiro do cais. Os olhos da malta negrusca, subitamente especada por ordem do condutor, vasculharam o barco de lado a lado, varando-lhe os dois conveses, ambos encharcados de luz; a de cima, discreta, muito suave; a de baixo, a jorrar, iluminando os negros porões. Iam em faina intensa as vagonetas e os guindastes, todos conduzindo para bordo a carga que o «Justo Chermont» devia transportar. Ouviam-se vozes fortes de comando, baques surdos, ruídos díspares — e, ao longo da muralha, entre sombras e claridades, havia o mesmo movimento rumoroso junto dos outros vapores atracados. Mas, no meio de todos eles, o «Justo Chermont», orgulho da Amazon Rivers antes dos «vaticanos» de proa de cetáceo, pesados e ronceirões, tinha solene primazia, com as duas chaminés altivas e comprimento invulgar, que o tornavam admirado onde quer que passasse.

O convés superior, reservado aos passageiros de primeira classe, apenas ao centro se fechava por curta fila de camarotes; a popa abria-se dum lado a outro e jantar ali, na longa mesa onde branquejava a toalha e rebrilhavam cristais de copos e garrafas, ou adormecer embalado numa rede, sob a brisa tépida das noites amazonenses devia ser regalo de truz, inesquecível por muito que se vivesse.

Já lá se encontravam, ainda de chapéu na cabeça, entre malas e baús, muitos dos ditosos que iam fruir a volúpia daquela instalação: proprietários de seringais, funcionários do Estado e ricos bolivianos de volta à terra nativa. Em derredor, os gestos, os movimentos dos que se iam despedir — os últimos sorrisos dos que pouco depois chorariam.

Balbino, feitas as indagações e sempre temeroso de que se lhe escapasse mais algum dos aliciados, surgiu declarando que podiam embarcar. E os seus olhos inquietos envolviam o rebanho, numa contagem rápida e tranquilizadora.

Os novos habitantes do Paraíso foram descendo, em friso, a prancha que ligava o cais ao navio. Alguns adequavam motejo ao receio dos outros, quando

eles estendiam o braço para o companheiro da frente, em solidariedade pueril de caminhantes em corda bamba.

Lá dentro, como se aproximassem da escotilha quando uma lingada descia, o mestre fê-los deter com voz rude e imperiosa. Quedaram-se um momento hesitantes, depois viraram para a esquerda, seguindo Alberto, que ali descobrira refúgio. O convés, ao contrário do de cima, era húmido, sujo e escorregadio. Dir-se-ia que visco fluido e repulsivo se exalava de toda a parte, estendendo-se sobre a pele, furando até os poros.

— Fiquem aqui, que logo que o vapor acabe de carregar se armam as redes — disse Balbino, antes de subir para instalar-se na primeira classe.

Estavam já ali outros tabaréus ignaros, gente destinada a vários seringais do Madeira, lá longe, onde o mistério insinuava bom futuro. Alguns levavam as mulheres e os filhos e, mesmo antes de aninhar-se, davam a sensação de promiscuidade — farraparia, miséria errante, expressões mortiças de sofredores.

Flutuava um cheiro de redil e as primeiras náuseas sacudiam Alberto, incipiente naquelas andanças, quando surgiu, com passos curtos, olhos perscrutando à direita e à esquerda, o corpo gordalhucho de Macedo.

Descoberto o sobrinho, avançou todo vivaz e resoluto:

— Não vim logo, porque tive de ver as contas. Sempre havia uma diferença a meu favor, mas é pouca coisa. Nem vale a pena incomodar, por isso, o Balbino. O diabo da Margarida engana-se quase sempre…

E reparando na situação de Alberto:

— Vocês aqui estão mal.

Percorreu, com o olhar, os derredores e, falho de solução, consolou:

— É sempre assim. Enquanto o navio não larga, ninguém pode acomodar-se à sua vontade. Eu, antes de sair, hei-de falar ao Balbino para ver se ele consegue que te dêem comida de primeira. E coragem, rapaz!

Como Alberto se quedasse impassível, acrescentou:

— Olha que eu tenho visto muito homem embarcar nas tuas condições e voltar, lá em cima, podre de rico.

Alberto teve um vago sorriso e continuou silencioso, a vista detida no negro portaló, agora bem iluminado.

Era cada vez maior a faina. Marinheiros e moços de convés sepultavam, ininterruptamente, caixas, fardos e barris nas largas escotilhas, pois os «gaiolas», abastecedores da selva amazonenses, ao partir transportavam nos seus porões,

mesmo nas baleeiras de salvação, até nas casas de banho, em toda a parte onde existisse um palmo a ocupar, os produtos mais diversos, os objectos mais imprevistos.

Macedo quedou-se ainda uns momentos a conversar, sempre com aquela voz que parecia querer suprimir toda a tristeza do presente, para só confiar nas alegrias do futuro. Considerou depois ser já boa hora de retirar-se e abriu, perante a incómoda mudez do sobrinho, os braços robustos:

— Bom, adeus! Estimo que sejas feliz. E serás, não tenho dúvidas. Vou agora ver se falo com o Balbino.

— Obrigado.

— É verdade! Participaste à tua mãe?

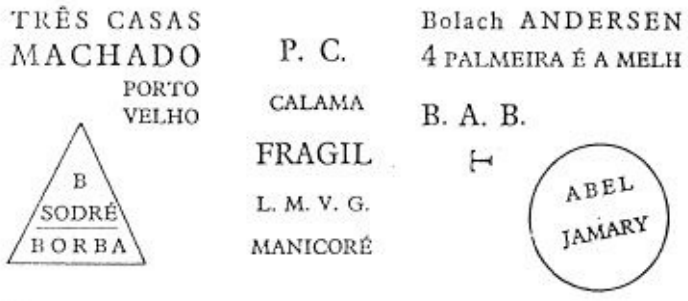
— Sim; escrevi-lhe hoje.

— Bem, bem. E se precisares de alguma coisa de cá, é só mandares dizer. Tu, mais ano, menos ano, estás aí caído com bom dinheiro. Adeus! Adeus!

E abalou, entremetendo com dificuldade o seu abdome no magote dos cearenses.

Alberto ficou ainda aturdido, ao lado da gente desconhecida — toda ela de atitudes provisórias no ambiente estranho.

Vibrou, com mais intensidade do que o ruído dominante, o apito dum rebocador; depois, no cérebro de Alberto cruzaram-se palavras desconexas, frases soltas — «Si, siô, eu já fui»; «É pró Humaitá, onde tá o doutô Bacelá»; «Ó Mundica, num mexa aí» — enquanto nos seus olhos se colavam as letras pintadas nas caixas e barricas que os porões iam tragando:



Chegavam, esbaforidos, mais passageiros. Na terceira, a caterva humana. apertava-se e tripulante que quisesse romper o grupo tinha de eleger os cotovelos como argumento.

Todo o rebanho, porém, se humilhava, incerto nos passos a dar e evocando, ainda com terror, a viagem do Ceará até ali.

Já se via, na bocarra dos porões, o ângulo das caixas e, pouco depois, emudeciam roldanas e guindastes, fechando-se as escotilhas.

Lá de cima, de um dos canos do barco, desceram dois apitos, seguidos logo por uma campainha ambulante que dava a visitas e intrusos o sinal de partida.

Cruzavam-se agora pernas lestas, muitos dos que estavam a bordo volviam ao cais e todo o navio se alvoroçava nesse instante último da largada.

Com o encerramento dos porões, ganhou-se mais superfície e um e outro sertanejo começou a amarrar a sua rede.

A sereia do navio tornou a fazer-se ouvir — três silvos de despedida que abafaram o choro de uma criança, vindo de algures, incomodamente.

— Prancha dentro!

Também na proa se davam ordens para o cais, onde agora se soltavam as amarras e uma fila de parentes e amigos dialogava, em voz alta e muitos gestos, com os que estavam a bordo, O «Justo Chermont», atestadinho até mais não poder, expondo nos conveses tudo o que não lhe coubera nas entranhas, iniciava a sua nova viagem ao Madeira. A manobra da desatracação era lenta, porque o comandante Patativa, quanto mais fama adquiria de mestre no ofício, mais cauteloso se mostrava; a hélice enrodilhou, por várias vezes, a água à popa, por várias vezes também se deteve, não fosse o barco avançar muito e bater no cais, ou descair e amolgar-se na proa do gaiola atracado um pouco abaixo.

Finalmente, o «Justo Chermont», flechado por acenos e adeuses dos que ficavam, foi-se distanciando na indiferença da noite tropical. E ainda ao longe deixava ver, dependurados num dos flancos da terceira e iluminados por detrás, dois sangrentos bocados de carne — reserva da copa até a morte de outro boi.

Os passageiros cuidavam de se instalar, numa rápida adaptação ao novo meio. Em breve, cá em baixo, em redor de Alberto, as redes cruzavam-se tanto, tanto, que dificilmente se caminhava por entre elas.

Desejos, ideias, sensações eram apenas murmurados, porque ainda ninguém estava senhor de si e, na ânsia de conquistar espaço para dormir, haviam-se tresmalhado e avizinhado membros de rebanhos diferentes.

Um cão ladrava para a sombra dos pontões que o «Justo Chermont» ia ladeando, na baía adormecida.

— Chó, Matuto! — Mas a voz do dono fê-lo variar apenas de intenção e pôs-se a uivar tristemente.

Alberto afastou-se, para encostar-se à amurada, mais além.

Aquela longa viagem, duplicando a distância que até ali o separava de

Portugal, a interrupção dos seus estudos, a derrota das suas doutrinas e os ásperos baldões já sofridos, tudo agora muito nítido perante a maneira como fora admitido por Balbino, deprimiam-no tenazmente: «Sem futuro definido, entregue apenas ao arbítrio das circunstâncias, talvez não conseguisse mesmo regressar.»

A sua epiderme contraía-se sob a força do asco que o convés imundo lhe causava. Sentia-se inadaptado, estranho ali, quase inimigo das vidas que o cercavam, aparentemente alheias a tudo quanto não fossem imposições do corpo e aderindo, resignadas, a todas as contingências.

Magoava-o a facilidade com que outros recrutados dormiam tranquilamente — um sono que era, para o egoísmo dele, quase uma afronta.

E sorria, depreciativamente, ao pensar no apostolado da democracia, nos defensores da igualdade humana, que ele combatera e o haviam atirado para o exílio. «Retóricos perniciosos! Queria vê-los ali, ao seu lado, para lhes perguntar se era com aquela humanidade primária que pretendiam restaurar o mundo. Via-se o que tinham feito! Tudo na mesma, sempre a mesma violência, a demagogia até. E ainda havia os que queriam ir mais longe no desvario, destruindo fundo os caboucos sociais, desmoronando uma obra construída e cimentada pela velha experiência dos séculos. E para quê? Para quê? Possuíam alma essas gentes rudes e inexpressivas, que atravancavam o Mundo com a sua ignorância, que tiravam à vida colectiva a beleza e a elevação que ela podia ter? Se a possuíssem, se tivessem sensibilidade, não estariam adaptados como estavam àquele curral flutuante. Mas não. Mas não. Era o seu meio e, se as transplantassem, ficariam tímidas, desconfiadas e murchas, como bichos selvagens nos primeiros dias de jaula. Ele e os seus, declarados inimigos da igualdade, defensores de elites, eram bem mais amigos dessa pobre gente do que os outros, os que a ludibriavam com a ideia duma fraternidade e dum bem-estar que não lhe davam nem lhe podiam dar. Só as selecções e as castas, com direitos hereditários, tesouro das famílias privilegiadas, longamente evoluídas, poderiam levar o povo a um mais alto estádio. Mas tudo isso só se faria com autoridade inquebrantável — um rei e os seus ministros a mandarem e todos os demais a obedecer. O resto era fantasia maléfica de sonhadores ou arruaceiros. Ah, se os outros estivessem ali!»

Belém tornara-se já um clarão longínquo, poalha luminosa fixada no espaço. O cão emudecera e ouvia-se, nitidamente, a proa do navio cortando a água da baía, numa lenta aproximação da mancha negra da floresta.

Na casa das máquinas soaram horas, que ele, ignorante dos toques convencionais de bordo, desistiu de contar. Procurava agora, acocorado debaixo das redes, roçando as curvas dos corpos deitados, a sua mala, perdida entre a frandulagem dos sacos, paneiros e baús sertanejos. E, quando a descobriu, pôs-se a abri-la devagarinho, muito devagarinho, até que se irritou com a imobilidade dos companheiros e deixou cair a tampa com súbito fragor. Ninguém se mexeu. No extremo da proa cirandavam ainda moços de convés, mas indiferentes, como os dorminhocos, aos gestos dele.

Quedou-se, depois, com a rede debaixo do braço, a considerar onde devia prendê-la. Estava tudo cheio. A malta ocupara todos os varões, entrançara-se, aconchegando-se; e muitos dos que dormiam roncavam, como se estivessem em casa!

Enervado, com lágrimas nos olhos a gritarem a sua impotência, arremessou a rede sobre o oleado da escotilha — e de novo se encostou à amurada.

E foi só madrugada alta que a frescura da atmosfera, acalmando-o, lhe deu poder de conformação para ir resignadamente inventar, entre a teia das outras redes, uns palmos vagos onde pudesse armar a sua.

Manhã nascente, ainda a cabeça pedia mais sono como recompensa da longa vigília e já a marinhagem, entregue à azáfama da baldeação, obrigava todos eles a saltarem para o convés, cruzado em várias direcções por agulhetas e esfregadores.

O «Justo Chermont» ia agora na baía do Marajó, encrespada que nem um mar e de margens tão distantes que se perdiam a olho nu.

Ao longe, em rumo contrário, navegava outro «gaiola» — um rolo de fumo no ar e o amarelo dos cascos avivando-se sob o sol forte, vibrátil e deslumbrante que subitamente se derramara no enorme oval líquido. Depois de saber que toda aquela água não era pertença do oceano, mas sim o corpo da imensurável aranha hidrográfica da Amazónia, vinha-lhe o assombro da vastidão, do que pesa e esmaga pormenores e, pela sua grandeza, se recusa de começo à fria análise.

O «Justo Chermont» cabeceava sobre ondas de dorso atlântico e fundo regaço; e o outro navio, que singrava a distância, dir-se-ia, por vezes, subvertido, ficando na superfície abrangida pelos olhos apenas os mastros. Surgia de novo, primeiro o cano, depois a linha do convés, para de novo também submergir, num jogo que estarrecia os espíritos profanos. As canoas, balouçando-se à esquerda e à direita, eram como gigantescas aves mortas, arrastadas pelo vento, com uma asa distendida para o céu. E tudo coberto de sol, o implacável sol dos trópicos,

que se colava à água, se filtrava na primeira camada e fazia movimentar no convés, conforme as voltas do leme, as sombras de bordo.

A travessia demorou algumas horas. E sempre, sempre, nas pupilas de Alberto, aquela grandeza inabarcável. Depois, a linha pardacenta, que se via ao longe, foi-se aproximando, crescendo, alastrando, mudando de cor. Era verde agora e já se verificava, nitidamente, o recorte do arvoredo. O «Justo Chermont» seguia entre duas margens — terra baixa, terra em formação, arrastada das cabeceiras e detida ali, partícula a partícula, ora a esconder-se na água, ora a expor ao sol a sua capa de lama, submissa à vontade das marés. Cobria-a densa vegetação que se entrelaçava, dir-se-ia com frenesi, numa ciclópica muralha de troncos, ramos e folhas. Eram miríades de variedades, roubando-se mutuamente o carácter, confundindo-se, fraternizando em abracadabrante luxúria vegetal. Árvore que pretendera desgrenhar a cabeceira mais acima da das irmãs, fora seguida por tão copiosa multidão de lianas e parasitas, que dentro em pouco o seu desejo se tornara vaidade inútil. Quase não se vislumbravam os caules, as plantas rasteiras, os arbustos, os «tajás» e os cipós, tudo ocultavam, tudo fechavam, inexoravelmente. Os olhos não iam para lá da margem, da cortina espessa que resguardava as salas interiores, as clareiras — se, porventura, existiam. Alguns fustes mostravam as raízes contorcionadas no declive que vinha, escorrendo vasa, da crosta onde se emaranhava aquele mundo de pesadelo até a água barrenta que o «Justo Chermont» sulcava.

E sempre a mesma coisa. Sempre a mesma coisa. Às vezes, o interminável valado recortava-se, no cimo, em curvas caprichosas, em rendas esmeraldinas, por onde o sol se filtrava, caindo em desconhecidas profundidades; outras, fechava-se em linha plana, como se por lá houvesse andado a tesoura colossal de imaginário jardineiro.

Os olhos leigos de Alberto só etiquetavam as palmeiras, de diversas espécies e alturas, que abriam aqui e ali, entre a ramagem da vizinhança, o seu grande leque.

Alguém pronunciou um nome:

— Os estreitos de Breves…

O mestre, dado o passageiro ser bem posto e falante, explicou-lhe que tinham sido dois irmãos portugueses, possuidores duma roça no local, quem fornecera o nome àquela teia de «paranás» — líquidos corredores, sobre a terra ainda inconsistente, que os navios singravam para encurtar caminho. E não se admirasse ele: dali em diante encontraria muitos nomes de Portugal baptizando

as cidades que se miravam no rio imenso. Era Santarém, era Alenquer, Óbidos, Borba e Faro — onde o «Justo Chermont» não chegava, e que pena! que pena! porque lá todas as mulheres, mesmo as casadas, gostavam de fazer o seu jeitinho.

Já Alberto conhecia, da sua estada no Pará, aquelas saudades toponimizadas que os colonizadores portugueses levaram, outrora, a longínquas plagas, juntamente com arcaicas peças de artilharia e uma soma formidável de ambições. Mas, agora, a recordação desse tempo remoto, que a distância cobria de fausto e de heroísmo, afagava-lhe o espírito, numa íntima vingança contra a indiferença que os cearenses e até os moços de convés, todos uns rudes párias, manifestavam pela condição de civilizado que ele creditava a si próprio.

Quando estudava na universidade, o passado monárquico de Portugal surgia-lhe apenas como exemplo político a ressuscitar, em oposição aos republicanos, que apregoavam outros métodos, vida nova para todos e liberdade. Agora, porém, as façanhas que a história atribuía aos ancestrais doiravam-se fortemente, fazendo-o vibrar como se fossem pertença sua, como se houvessem sido cometidas por ele próprio, para que se pudesse orgulhar delas muitas gerações depois e com elas fabricar um bálsamo para a desdita.

Com as suas palavras, o mestre despertara-lhe a antiga coragem. Voltava a sentir-se superior ao meio em que se encontrava, os olhos baixando puerilmente, sobre o vinco das calças e a finura das mãos, cuidadas através de todas as vicissitudes.

Pouco após surgia no convés um caldeirão fumegante, que dois criados traziam pelas alças, ao lado dum terceiro equilibrando sobre os braços, de encontro ao peito, alta rima de pratos, todos de folha, velhos e amolgados.

Os cearenses moveram-se, formaram roda junto do negro panelão e, com rosto alegre e ditos jocosos, iam recebendo o seu almoço, aquelas duas gadanhas de carne seca e feijão preto que o copeiro distribuía a cada um.

Alberto simulou não ver. O novo olor que se espalhara no convés açulara-lhe ainda mais o apetite, mas ele resistiu-lhe e decidiu não imitar os outros, que estendiam, em homenagem à fome, os míseros pratos.

Continuava a importuná-lo a promiscuidade em que a vida se realizava ali, a igualdade em que todos se fundiam, como se cada um não tivesse o seu temperamento, as suas predilecções, a autonomia que ele desejava para si. Pois que o tio lhe havia dito que falaria a Balbino para lhe fornecerem comida de primeira classe, esperaria.

Vendo-o assim tão quieto e solitário, de encontro à amurada e olhos vagueando lá para fora, um dos cearenses, tomando-o por inexperiente ou acanhado, acercou-se e ofereceu-lhe um prato cheio.

— Muito obrigado. Não tenho vontade de comer.

Era um preto. Vexado pela recusa e avareza de palavras e já arrependido da sua fraternidade, morreu-lhe o sorriso que trazia nos lábios grossos, encolheu levemente os ombros e voltou ao rancho de onde partira, justamente quando uma pequena simpatia, acabada de nascer, se pôs a seguir-lhe os passos.

Para olvidar as discordâncias do estômago, Alberto procurou interessar-se novamente pelo espectáculo das margens, sua inquietude, seu deslumbramento e seu espanto. O «Justo Chermont», buscando a parte mais pro funda do estreito, ia beirando a terra. Vinte metros ou menos ainda o separariam do cordame de raízes que se entrançavam no barranco, vítimas de forte erosão. Por vezes mesmo, os ramos de gigantescas árvores, de onde se levantavam de repente asas assustadas, roçavam os camarotes de primeira classe ou espanejavam o rosto de quem se debruçava na amurada, provocando exclamações e gargalhadas dos felizes que haviam sido poupados. Mas essa imensa vegetação, cerrada e multíplice, continuava a não permitir, apesar de tão próxima, que vislumbrasse a sua profundidade. Sugeria, porém, a existência de rincões em eterna sombra, de criptas vegetais onde o sol jamais entrava, terra mole e ubérrima, lançando por todos os poros um tronco para o céu — um mundo em germinação fabulosa, alucinante e desordenada, negando hoje os princípios estabelecidos ontem, afirmando amanhã uma realidade que ninguém ousaria antever. E entre o raizame, que formava altas e largas cavernas, na superfície balofa da lama que ainda não se solidificara e de folhas apodrecidas, esvoaçavam insectos de infinitas variedades e coleavam, surdamente, répteis monstruosos — olhos verdes de mortal fascinação e formas do mundo pré-histórico.

De quando em quando, a linha da selva recolhia-se e ia debruar, mais além, um pequeno campo aberto no matagal a fogo e a terçado — o «sítio» onde dois ou três caboclos haviam fundado o seu lar.

Era sempre uma barraca coberta de folhas de palmeira e de soalho erguido um ou dois metros acima da terra, fixando-se em estacas, para que as águas do rio, nas grandes enchentes, passassem por baixo sem atingir corpos e haveres naquele isolamento profundo. Ao lado, um «girau» — estrado onde sorriam, dentro de velhas latas, humildes plantas floridas. Um mamoeiro, duas ou três touças de bananeiras, às vezes uns metros de mandiocal, uma canoa balouçando-

se no porto — e mais nada. Atreito a vida sedentária, o caboclo não conhecia as ambições que agitavam os outros homens, já Alberto o soubera em Belém. A mata era sua. A terra enorme pertencia-lhe, senão de direito, por moral, por ancestralidade, da foz dos grandes rios às cabeceiras longínquas. Mas ele não a cultivava e quase desconhecia o sentimento da posse. Generoso na sua pobreza, magnífico na humildade, entregava esse solo fecundo, pletórico de riquezas, à voracidade dos estranhos — e deixava-se ficar Pachorrento e sempre paupérrimo, a ver decorrer, indiferentemente, o friso dos séculos.

Um caminhito, serpeando no barranco, ligava a sua cabana à velha piroga. Nos dias de boa disposição, ele embarcava e seguia rio acima ou rio abaixo, chape, chape, o remo preguiçoso espadanando a água, até que uma das margens oferecesse entrada para lago onde existisse pirarucu. E quando os movimentos do peixe deixavam brilhar, num relâmpago, os aparentes rubis das suas escamas vermelhas, o caboclo soerguia-se, esguichava a saliva negra do tabaco que vinha mascando e despedia o arpão. Sentava-se depois, tranquilamente, enquanto o pirarucu, ferido e preso à canoa pela corda da farpa, a arrastava através do lago, em louca correria de barco-automóvel. Se o trajecto não se fazia rente à margem, sob galhos que obrigassem a baixar rapidamente a cabeça, o algoz só voltava a mexer-se quando a vítima, cansada do esforço, se rendia para sempre.

Cortado o grande peixe em mantas, secas no «girau» e vendidas na cidadezita mais próxima as que sobejavam da papança quotidiana, o caboclo adquiria sal, farinha e cachaça — e enquanto a provisão durasse vivia descuidado e não voltava a trabalhar. A cachaça, para uso diário, e um baile, de quando em quando, para desentorpecer as pernas, em qualquer barraca das margens, constituíam as suas únicas aspirações.

O resto era a solidão imensa, uma vida encastoada na selva, alheia a todas as inquietações do Mundo, uma vida tão à parte, tão obscura e ignorada que Alberto ficava a pensar num retiro de misantropos.

Quando o «Justo Chermont» passava, a família inteira vinha especar-se no cimo do barranco, a admirar o fugitivo sintoma da civilização, enquanto um dos garotos descia a segurar a canoa, não fossem as ondas do navio desprendê-la e a corrente arrastá-la, ao bubuiar rio abaixo.

De longe a longe, Alberto surpreendia também quatro ou cinco cruzes rústicas apodrecendo entre erva alta, nos pontos mais elevados da margem. A visão perdia-se rapidamente, abafada pela selva que avançava sobre o pequeno cemitério, a espalhar a vida sobre a terra da morte. Contudo, essas necrópoles

humildes, onde não existiam mármores nem solenes epitáfios, constituíam o único elemento romântico daquelas solitárias paragens.

Mas Alberto acabou por fatigar-se. Há muito tempo já que ouvia tocar, lá em cima, na primeira classe, a campainha anunciando o almoço. Deviam mesmo ter acabado de comer, pois da amura superior chegavam até ele vozes que dialogavam nessa indolência de quem põe, com um charuto, epílogo ao repasto e vai fazendo aprazivelmente a digestão.

Balbino tardava; ter-se-ia esquecido, não viria, talvez. Sobretudo, a ideia de olvido humilhava Alberto. Os seus olhos já não se preocupavam com a paisagem; estavam atentos à escada que ligava os dois conveses e, de tanto pensar no almoço, o apetite avolumara-se de modo obsessivo. Cigarro sobre cigarro, para ludibriar o tempo e o despeito, já o estômago, suportando sucos inúteis, reagia com náuseas ao tabaco. Mas ele confiava ainda e ia entretecendo sucessivas hipóteses sobre as suas refeições. «Sentá-lo-iam à mesa dos passageiros de primeira ou mandar-lhe-iam a comida para ali? Lá em cima é que se devia estar bem. Ali, entre aquela gente promíscua e sórdida, amoldável a todas as circunstâncias, o almoço ou o jantar, por muito bons que fossem, não lhe dariam prazer.»

E quedava-se, de novo resignado, a aguardar Balbino, a vê-lo já chegar, a vê-lo apertar-lhe a mão e dizer-lhe: «Faça favor… Venha comer.» E não seria apenas a morte da fome; era a consideração que o gesto do outro lhe daria entre o rebanho, a desforra daquela indiferença que tornara a envolvê-lo após haver recusado o prato que lhe oferecera o negro.

Mas Balbino, ao descer, horas depois, não transformou em realidade nenhuma das recalcadas admissões. Passou por ele com um «Boa tarde» seco, quase altivo, e foi abranger, num olhar sagaz de capitão, o grupo dos contratados. Via-se que a sua visita se realizava para tranquilidade dele próprio e não pelos outros, pelos que se comprimiam cá em baixo, no convés viscoso e nauseabundo. Dois ou três cearenses aproximaram-se humildemente e alguma coisa lhe pediram, porque o gesto da sua mão foi negativo e as palavras breves e terminantes.

Com o desejo de se fazer lembrado, Alberto colocou-se no caminho que ele devia percorrer para alcançar de novo a escada. O expediente tornou-se, porém, inútil: Balbino passou hirto, todo austero e silencioso, afastando os olhos quando encontrou involuntariamente os do faminto.

Um instante depois, dele só existia, no convés da terceira classe, o odor do

seu charuto — um odor forte que a brisa se apressou a levar dali.

Alberto sentia impulsos de morder as próprias mãos, de despedaçar fosse o que fosse, transformando em energia a sua debilidade. A humilhação dava-lhe cóleras mesquinhas, desejos vis e ignaros. E a crise só terminou ao fechar do dia, quando, com a fadiga do espírito, se adensou a tristeza da vida ali e a imperativa realidade.

Na penumbra dos corredores começaram a esboçar-se os que iam formar cortejo junto ao caldeirão fumegante onde se racionava o jantar. E ele foi também estender o seu mísero prato de folha à colheraça que o copeiro manejava, dum modo quase automático.

III

A SUBIDA lenta, quinze dias bem puxados de Belém ao Paraíso, impacientava Alberto, moroso em adaptar-se ao meio.

O «Justo Chermont» ora enfiava pelos estreitos «paranás», tão ocultos nas margens que o barco dir-se-ia penetrar na própria floresta, ora despachava para o céu os rolos do seu fumo em pleno centro do rio. E então, se os olhos se dirigiam para a frente, a saída tornava-se tão misteriosa como o fora a entrada — tudo selva, selva por toda a parte, fechando o horizonte na primeira curva do monstro líquido. As suas veias mais pequenas, que davam passagem a grandes transatlânticos e na geografia europeia figurariam como rios primordiais, só se revelavam plenamente às pupilas mestras dos «práticos» — os pilotos da assombrosa trama fluvial, que principiava em Salinas, debruçada sobre o Atlântico, e ia terminar, para a navegação brasileira, nas fronteiras do Peru ou da Bolívia, após quarenta dias de viagem. Os olhos inexperientes não encontravam referência nessas margens aparentemente sempre iguais, na vegetação que se repetia, senão na espécie, no entrançado, despersonalizando o indivíduo em prol do conjunto, único que ali se impunha. Cada curva se parecia com outra curva, cada recta com a recta antecedente; onde não existia barraca ou cidade, o espírito quedava-se, perplexo, a formular a pergunta íntima: «Já passei aqui ou é a primeira vez que passo aqui?»

Contudo, os práticos do labirinto, humildes na profissão exercida naquele princípio de mundo, conheciam o curso enorme em todas as direcções e pormenores e, quer sob o dia rútilo dos trópicos, quer em cerradas noites, a sua voz ia indicando surdamente, ao marinheiro do leme, a rota a seguir. Muitas vezes, numa só hora, tornava-se necessário andar da margem direita para a esquerda, no centro do rio ou juntinho à terra, porque o canal tinha caprichos de serpente e era versátil como uma mulher. Onde, há um ano, a sonda marcava profundidade para a maior quilha do Mundo, já hoje se erguia uma praia, esplêndida para a desova das tartarugas no Estio. A terra inconsistente, que se greta nos barrancos, parte e cai aos milhares de toneladas, abalando a solidão

com o pavoroso rumor do seu mergulho, cria todos os dias novos obstáculos à marcha dos navios. Mas nem isso, nem os grossos troncos desprendidos das margens nativas, que flutuam na corrente e amolgam ou furam as proas descuidosas, perturbavam os pilotos do Amazonas, subtis na previsão das dificuldades e com memória de prodígio.

De quando em quando, o «Justo Chermont» desembocava em trecho amplo e os olhos de Alberto corriam de norte a sul, num abraço à vastidão luminosa. E, mais do que navegando num rio, lhe parecia que singravam em lago de remotos confins. Nem sempre se divisava a outra margem e, se surgia, era um simples pespontado negro, na linha do horizonte. A água dir-se-ia subir, subir em esplanada, para ir despenhar-se em longínqua, imponente e imaginária barragem. Nas árvores mortas que arrastava, preguiçosamente, pousavam belas pernaltas, algumas adormecidas sobre uma só perna e o bico longo semi-oculto no colo; outras, de longas asas abertas, ensaiando um voo que nunca tinha início — um voo que era como uma saudação litúrgica ao Sol radioso dos trópicos.

Ainda mais adornos povoavam a água barrenta, grossa e vagarosa na sua marcha como a lava descendo dos vulcões: era o mururé, era a aninga, o muri, as ilhas de canarana que se soltavam das margens — um interminável viveiro de plantas aquáticas e vagabundas, perante as quais são pobres e tristes todos os nenúfares orientais. Esta, levava as folhas coladas à água, formando ninho verde e macio; aquela, erguia as palmas para o céu, deixando que a luz lhe trespassasse o recorte fantasioso — e iam outras ainda, que vogavam ligadas entre si, constituindo plinto errante de garças melancólicas.

De longe a longe, a brenha rarefazia-se, perdendo altura, esfarrapando-se e entregando-se de todo ao sol, até recuar a descoberto e oferecer aos olhos vasta planície. Por lá andavam, de focinho no chão, incontáveis manadas, nas quais abriam, por vezes, sinuosas veredas os cavalos corajosos dos vaqueiros.

Mas logo, vencidas pelas palhetas mais duas ou três milhas, a selva vinha novamente debruar as margens e tão opulenta, tão exuberante se mostrava, que dir-se-ia reconquistar ali tudo quanto perdera na terra calva.

Contudo, ao panorama magnificente sobrepunha-se no espírito de Alberto, perturbado por essa própria grandeza inédita, que tanto contrastava com a mesquinhez e imundície do convés, a ânsia de chegar ao seu destino.

Santarém, de velhas casas a humilharem-se entre as novas, a igreja antiga, seguida pelo adro, a indicar o suave declive onde se plantara a cidade, foi a primeira pausa na viagem, quase um período de festa. Moleques e adultos,

negros, mulatos e caboclos, invadiram o navio, em ruidosa venda de frutas e de cuias de vários tamanhos e feitios. Exposta nos convés a novidade, ou ainda oferecida lá de baixo, das canoas atestadas, travaram-se fortes regateios, porque os invasores, como os judeus, pediam vinte por aquilo que nem dez valia na opinião dos compradores.

As cuias, célebres por darem frescura e fino sabor à água que por elas se bebesse, atraíam Alberto, que em Belém nunca as vira com tanta fantasia decorativa. Fruto grande e redondo, os nativos serravam-no pelo meio, extraíam-lhe a polpa inútil e nas duas metades da casca, submetidas a tratamentos, gravavam a branco sobre o fundo negro caprichosos arabescos, alguns impondo-se já por uma intenção de arte.

Vendo a curiosidade de Alberto, a sua gravata às riscas, o fato[6] passado a ferro, os vendilhões, tomando-o por abastado, desprezavam os cearenses e, na terceira classe, só a ele perseguiam. Tanto porfiavam, tanto, que o espectáculo imprevisto, de começo uma distracção, se lhe tornara molesto. Dominado pelos intrusos, pelos seus constantes movimentos, suas vozes pertinazes, o convés mudara rapidamente de fisionomia. E Alberto sentiu então, pela primeira vez, uma vaga solidariedade com os cearenses, a solidariedade egoísta e secreta dos viajantes de comboio[7], ao verem irromper no seu compartimento novos passageiros. Quando, enfim, os vendedores saíram e o barco recomeçou a marcha, pareceu-lhe que algo fraternal se exalava em seu redor, algo que lhe era restituído.

Mas dali para cima não houve dia em que o «Justo Chermont» deixasse de lançar o ferro ante pequena cidade ou de atirar a amarra a uma ribanceira, íngreme acesso a algumas raras casas, melancolicamente isoladas na orla da selva.

Primeiro fora o embarque, numa fazenda da margem direita, de bois que ainda pastavam sossegadamente o capim ribeirinho quando o vapor acostou. Lançavam-nos com um voo apenas da corda, tão eficaz como a dos gaúchos nas pampas do Sul, e conduziam-nos para o declive do barranco, onde os ia buscar, pelos chifres, o anel forte do guindaste de bordo. Subitamente elevados, davam meia volta no ar e sempre suspensos entravam no navio, pousando no convés da terceira, entre escouceamentos e arremetidas. Alguns, de tão irrequietos durante o transporte aéreo, perdiam a córnea revestidura da armação e ficavam apenas com o cerne, oferecendo à impiedade das moscas duas curtas hastes sangrentas,

duas pobres hastes já inofensivas.

De madrugada, Alberto acordou com o mugido lamentoso de muitos deles. Descerrando os olhos, ainda estremunhado, viu ali mesmo, a alguns metros apenas da sua rede, dois vultos agindo numa cena de pesadelo. Dir-se-iam demónios vermelhos, todos encharcados de sangue, manobrando grandes facas sobre grosso volume, meio imerso na sombra. Um deles deteve-se um instante, ergueu o busto e pôs-se a assobiar vagarosamente. O convés estava quase todo no escuro: só de longe, do lado da casa das máquinas, chegava até ali uma difusa luminosidade, que contornava agora, no ar, grandes quartos dum boi, carne ainda palpitante, carne onde a vida estremecia ainda, levada dum lado para outro.

Alberto esfregou os olhos para afastar a visão sinistra e deitou a cabeça fora da rede. Não, não era sonho. O copeiro e um criado tratavam calmamente do almoço no navio. A rês por eles abatida fora esquartejada no chão, sobre a sua própria pele aberta, e era o sangue escorrido ao longo do convés que impelia os outros bois, após terem-no cheirado, a carpir ruidosa e tristemente a morte do companheiro.

Manhã nascida, o «Justo Chermont» fundeava de novo.

— Que é?

— Alenquer.

— Ah! — e deixou-se ficar na rede, a desfrutá-la, enquanto não surgiam as vassouras odiosas da baldeação.

Veio depois Óbidos, onde o rio, tomando o desenho duma ampulheta, se estreitava para se alargar de novo mais além. A terra crescia em colina, única divisada até esse momento na imensa planície florestal, que não subia, dias e dias de caminho, mais de cinquenta metros acima do nível da água.

Lá em riba espreitava, de entre o arvoredo, uma velha fortaleza, pronta a varar as proas que outrora demandassem, em ar de guerra, a garganta verdejante; cá em baixo estendia-se a povoação alegre, o seu «trapiche» e os seus «curumins», que em vez de cuias, como em Santarém, vendiam doce de tamarindo, fantasiosamente bordado com açúcar branco.

Alberto surpreendia-se ante a prodigalidade com que os homens do mando distribuíam categorias: qualquer daquelas cidades, embora simpáticas na sua modéstia, não igualava sequer uma vila da Europa. As ruas estavam forradas de capim e não era difícil contar, por maioria, as casas cobertas de folhas de palmeira. «Cidade porquê? Erro grosseiro dos colonizadores portugueses ou simples valorização tributária, feita por políticos brasileiros? Chamando-se

cidade àquilo, o que se devia chamar ao Rio de Janeiro?» De súbito ele visionava, por imperiosidade do próprio espírito, imensas urbes rompendo do mundo fabuloso, nessas margens onde agora só existiam humildes povoados ou apenas selva, fechada em sombra e mistério.

A sua vida de isolado enchia-se de puerilidades, de monólogos interiores que a via-sacra ia sugerindo. Ainda dera apenas uma simpatia: ao Filipe do Pinheiro, que trazia agregado ao seu nome o da povoação maranhense onde nascera e lhe havia oferecido um prato de feijoada no primeiro dia da viagem. Palrador e folgazão, amigo de ser útil, tinha quase sempre nos lábios um sorriso de solicitude e uma mentira inofensiva. Suprimia, como todos os seus conterrâneos, muitos *rr*, deixava em silêncio sílabas sem conta, acentuava outras arbitrariamente e entretinha Alberto com histórias de «curupiras» e de caçadas aventurosas.

— Uma vez, no Acre, tava eu memo cum o rife no ombro a fazê pontaria…

— Mas tu já tiveste no Acre? — interrompeu um dos parceiros.

— Intão num tive? Inté me aconteceu…

Todos juravam que ele nunca saíra de Pinheiro, mas a imaginação de Filipe era facilmente absolvida.

Alberto não tardou, porém, a fatigar-se de seguir aqueles longos trotes pelas veredas da superstição e da fantasia. E ainda faltavam onze dias! Cada manhã ele descontava, com alegria, a noite que se esvaíra; cada tarde, o dia a menos no rosário infindo. «Por muito mau que fosse o seringal, era decerto melhor do que a vida vivida ali.»

A Parintins sucedeu Itacoatiara e, na outra margem, indicada por um dos tripulantes, a bocarra do rio Madeira, onde voltariam após escalar Manaus, já perto.

A ideia da chegada à capital do imenso estado alvoroçava todos os passageiros. Seria uma pausa na subida fastidiosa, seria o prazer de encontrar, enfim, uma verdadeira cidade a fulgurar no meio da brenha, uma cidade onde o homem impusera à natureza virgem muitas das conquistas do seu espírito. Mesmo aos senhores da primeira classe, que já a conheciam, a proximidade de Manaus excitava-os. Excitava-os mais do que a regata mecânica em que o «Justo Chermont» agora se empenhava com um outro «gaiola» saído do Madeira e que, embora intrépido, acabara derrotado, por ser pequeno.

Pouco depois começaram a surgir numerosas ilhas de água negra na água barrenta do Amazonas, grandes nódoas que se multiplicavam de momento a

momento, alastrando como se de óleo fossem. O curso transformara-se num tapete enorme de duas cores movediças — uma a desvanecer-se e a outra a intensificar-se, vitoriosamente.

Alberto quedara-se a ver esse fenómeno que o rio Negro produzia ao fundir-se no Amazonas, repetição, em miniatura, daquele que o Amazonas lhe dera, lá em baixo, ao afogar-se no Atlântico. Mas Filipe veio interromper-lhe a admiração:

— Vancê vai a terra, im Manaus?

— Não sei ainda. Provavelmente vou. Porquê?

— É qui eu queria i cum vancê. Na terra qui a gente num conhece, quanto mais home fô, mió.

— Está bem. Iremos juntos.

À medida que se acercavam da cidade, os entusiasmos, as curiosidades e as impaciências cresciam mais; soavam alegres tons nas vozes dos cearenses e alguns deles já haviam mesmo trocado as blusas remendadas pelas dos dias domingueiros nos sertões.

Mas, às dez da noite, lançada a âncora do «Justo Chermont», Balbino desceu à terceira e, receoso de novas fugas, reuniu o bando inteiro para lhe dizer, rude e autoritariamente, que não autorizava ninguém a desembarcar.

— Ninguém! — E seus olhos vieram, num adejo seco de vergastada, do último plano, onde assomavam, por detrás das cabeças dos parceiros, pupilas resignadas de cearenses, até o primeiro, onde se encontravam Alberto e Filipe.

De andar seguro e rosto severo, Balbino voltou-se e iniciou a ascensão da escada. Antes, porém, que as suas pernas tivessem desaparecido, Alberto, revoltado contra o veto, exclamou em voz alta, para que ele ouvisse, para que também ele fosse vergastado:

— Eu desembarcarei!

E ficou-se a olhar para a escada, aguardando que Balbino descesse, a requerer explicações. Mas os sapatos que subiam detiveram-se, indecisos, apenas alguns segundos, para logo desaparecerem sobre o último degrau.

Alberto volveu-se então para o magote, que o contemplava com surpresa, e repetiu desdenhosamente:

— Eu desembarco, sim!

Afastou-se para o lado do portaló, os dedos a esfarraparem o cigarro, o ombro à procura do suporte para o seu enervamento.

Atrás dele, o grupo desfazia-se e trocavam-se comentários, que lhe chegavam em fragmentos: «O carcamano é valente…» «Valente? Eu aposto em como ele não vai a terra…»

Ia a voltar-se para encarar quem punha dúvida na sua resolução, que era firme, mas logo se deteve numa atitude de orgulho juvenil. Tanto como aquele que cerceava a liberdade, indignava-o a alma submissa dos que acatavam, silenciosa e passivamente, a ordem iníqua. «Iria! Iria, custasse o que custasse!»

Manaus era um clarão radioso na noite amazonense. A sua poalha luminosa erguia-se até muito alto, empalidecendo as estrelas que espreitavam lá de cima. E a baía estava também povoada de luzes, congestionada de gaiolas, cujos contornos se reflectiam nas águas negras e profundas. De quando em quando — chape, chape — passava perto dali um escaler conduzindo passageiros de outros navios fundeados. Eram vozes que se perdiam na noite, vultos que regressavam do prazer ou partiam à sua conquista — esboçando-se aqui e acolá nas estradas de luz que riscavam o ancoradoiro. Tudo parecia voluptuoso e cheio de cálido mistério: a terra ignorada, a cidade a visitar, a rameira apetecida, um gelado ao ar livre — a juventude desejando o que existia e o que inventava para sua fascinação e tormento.

Alberto vasculhou a carteira, depois o bolso do colete, em contagem de notas e moedas. «Não chegava para a noite… Iria de manhã, apenas para ver a cidade.»

A baía continuava a ser, para todos eles, uma miragem deslumbradora, onde estremeciam fantásticos mundos de luminosidades e de sombras: ao espelharem-se na água, as vigias pareciam dar acesso a oníricas profundidades e as linhas dos barcos adquiriam expressões de palácios orientais. Dum dos navios ancorados chegava o som roufenho dum «harmonium» — persistente e monótono como uma cantilena da própria neurastenia.

Não entrara ninguém, mas naquela noite dir-se-ia haver menos espaço na terceira do «Justo Chermont», como se a luz que iluminava o portaló ocupasse lugar também.

Alberto deitou-se, sentindo-se provisório, agora mais do que nunca, no entrançado de redes, onde todos dialogavam, esgotando o tempo, como se essa noite fosse realmente excepcional, ao mesmo tempo reprimida e acrescentada à vida deles.

De manhã, ao lado dos escaleres que vendiam frutas, goiabada e bebidas, surgiram outros a oferecer transporte para terra, que passageiros da primeira

classe já utilizavam, porque o navio não atracaria aos cais flutuantes. Alberto debruçou-se na amurada e perguntou para fora o preço da travessia. Quase todos os cearenses lhe seguiam os gestos e as falas, curiosos de saber se ele realizaria a sua decisão.

— Quatro?

— Quatro mil réis — repetiu lá de baixo o poveiro, requeimado pelo sol.

«Quatro para a ida e quatro para a volta… oito. Chegava!»

Fez sinal para o escaler atracar, corrigiu a aba do chapéu e começou a descer, pronto a insurgir-se contra nova proibição de Balbino, se ele a articulasse. Mas não, pôs o pé no bote e sentou-se, sem que de lá de cima, do convés superior, viesse palavra alguma.

Ziguezagueando entre as proas e as popas dos outros «gaiolas» fundeados, o escaler acercou-se dos cais flutuantes — enormes caixas de ferro e ar comprimido com que a cidade se defendia do nível inconstante das águas.

Alberto desembarcou, percorreu o suave declive e quedou-se, já na praça maioral, de mãos nos bolsos e olhos no ar. A cidade surgia-lhe alacremente aberta ao sol, sem prédios negruscos que falassem de épocas remotas, nem ruas escusas de tempos idos. Limpinha, ataviada de árvores por toda a parte, dir-se-ia orgulhosa da sua pouca idade, que a livrava de fístulas e cicatrizes, menos no leito das ruas, onde os automóveis que passavam tinham balanceios de alto mar. À esquerda, por detrás do renque do arvoredo, erguia-se um luxuoso pavilhão; a «Bolsa Universal», que o fascinava grandemente. Lestos criados transportavam, para o aperitivo das onze horas, bandejas com garrafas de uísque e de vermute, baldes com gelo e copos refulgindo à luz já forte da manhã. Mais adiante, outro bar, outro, outro e outro, índice da cidade brasileira que mais álcool sorvia e onde os negócios eram tratados, como cinquenta anos antes, às mesas dos botequins.

Com a tentação na boca e os dedos no bolso, sobre as poucas moedas que lá restavam, Alberto enfiou na longa rua comercial que perto da praça se abria. Como no Quinze de Novembro, em Belém, ali se enfileiravam grandes casas aviadoras — as casas que abasteciam os seringais do Alto Amazonas. Algumas deixavam entrever, ao fundo de compridas e soturnas lojas, os seus lotes de borracha, escuras bolas que iam sendo cortadas ao meio, metidas em caixas e endereçadas a firmas americanas e europeias, longínquas importadoras. Em amos e subalternos ele identificava muitas expressões patrícias, pois no tráfico e lucros daquela riqueza só turcos e judeus faziam concorrência aos portugueses.

Vista assim parecera-lhe mesquinha quando chegara ao Pará, ainda pletórico dos sonhos de estudante, dos visionados triunfos no foro, logo que terminasse o seu curso de Direito, que a paixão ideológica interrompera. Mas agora, ante a perspectiva do seringal, invejava tristonhamente aqueles que rabiscavam nos escritórios ou presidiam, com as mangas da camisa arregaçadas e um lápis na mão, à pesagem da borracha. Às seis horas da tarde, às sete, quando muito, porque o trabalho no comércio já não avançava pela noite fora, como no tempo do seu tio, estariam livres, não teriam mais que aturar os patrões e podiam ir para onde quisessem!

A ideia, apenas formulada, impôs-se rapidamente, dando-lhe súbita coragem e pressentimento de vitória. Num instante idealizou a volúpia que fruiria se pudesse desdenhar a protecção de Macedo e desprender-se de Balbino. A um, mandaria a notícia do seu êxito, para que sentisse bem a bofetada; ao outro, abandoná-lo-ia como a um cão tinhoso, pois que de mais não era digno.

Excitados os nervos com essa hipótese, começou a observar os estabelecimentos, esperando que a intuição lhe indicasse, por sugestões exteriores, aqueles em que devia entrar.

Uma placa amarela, junto à porta de amplo edifício, renovou-lhe a confiança, deu-lhe mesmo quase a certeza:



Ouvira já falar naquela firma. O comendador Aragão era célebre em toda a Amazónia, pela sua enorme fortuna, vastidão de negócios e curiosa biografia. Fora dos que viera de tamancos, rude, analfabeto, as nádegas juvenis sempre expostas aos Pontapés dos superiores nessa época, ainda não muito distante em que o comércio português, dentro e fora da metrópole, se caracterizava por vida autoritária e rotineira. Casando a humildade com a esperteza, de marçano ascendera a caixeiro e, mais tarde, o amo, tendo de ir curar o fígado a Portugal, entendera que a melhor forma de não ser desfalcado pelos empregados, enquanto estivesse ausente, era fazer de um deles seu sócio. Aragão levara o negócio a grandes prosperidades e quando, anos depois, o abandonou, foi para se dedicar a outro mais rendoso. À mercearia sucedera um escritório de comissões e consignações — Porta aberta para todas as grandes fortunas, nesse tempo em que não era simples metáfora chamar-se oiro negro à borracha.

Aragão possuía já algum crédito e o que faltava veio depois. Em breve, a sua casa era a que mais navios mantinha nos braços do Amazonas e a que maior tonelagem reservava nos barcos que partiam para a Europa e para a América do Norte E agora, quer em Manaus, quer no Pará onde também a sua fama chegava, estimulavam-se os marçanos, sempre que choramingavam pelos maus tratos recebidos, com o exemplo edificante do comendador Aragão, homem quase fabuloso.

Todo esse passado de luta e de sofrimento convencia Alberto de que o opulento triunfador compreenderia a angústia do seu caso e o resolvesse eficazmente. «A um homem rico como ele não importava, decerto, dar um ordenado a mais ou a menos. E como era comendador, devia também ser monárquico».

De qualquer lado que examinasse a pretensão, encontrava-a sempre defendida por uma série de circunstâncias muito mais favoráveis do que as do combate que travara em Monsanto. «Ele havia de comover-se».

Entrou.

— O escritório é no primeiro andar — disseram-lhe.

Tomou a escada e subiu, o coração acelerado e os nervos em vibração de quem se prepara para lance decisivo.

Lá em cima, ao «guichet», a cabeça que o atendeu pôs em dúvida o deferimento.

— Não sei se o senhor comendador poderá recebê-lo…

— São dois minutos apenas; é caso urgente.

Houve passos lá para dentro e, momentos depois, o guichet voltou a abrir-se.

— Que deseja?

Agora, a cabeça que inquiria era solene — as faces secas, duras todas as linhas.

— É V. Exa. o senhor Comendador? — perguntou Alberto, duvidoso ante aquela expressão que traía a imagem por ele criada do rico comerciante.

— Não. O senhor comendador está muito ocupado e manda perguntar o que o senhor deseja.

Alberto hesitou.

— É assunto particular… para tratar só com ele. É urgente; são dois minutos apenas.

— Vamos a ver. Mas o senhor comendador está hoje muito atarefado…

O postigo tornou a ficar vazio, mas agora aberto, servindo de moldura à máquina de escrever, que se via lá dentro.

Novos passos e, ao fim da divisória, abriu-se uma porta, deixando vislumbrar o nariz do grave medianeiro:

— Faça favor. Mas tem de demorar tempo nenhum que o senhor comendador não dispõe de tempo…

— Não demoro nada — prometeu Alberto, entrando no escritório.

Foi dobrando ângulos de carteiras e secretárias entre a música seca das dactilógrafas, até que o outro lhe disse:

— É aí.

Alberto estendeu o braço e empurrou suavemente a porta pronunciando um «dá-me licença?» humilde.

— Entre.

À mesa preta, farta de papéis, sentava-se um homem de faces gordas, bigode branco e larga calvície. Devia ser baixo e possuir vasto abdome, ao que enunciava o tronco, sobre cuja camisa se cruzavam uns suspensórios de cor… ao lado reluzia o cofre e, em pequena prateleira o telefone, com a lista dos assinantes dependurada numa escápula. Nas paredes, as fotografias dos navios da casa, em molduras doiradas.

— É o senhor comendador?… — balbuciou Alberto.

— Sou. Que deseja? — perguntou, sem levantar os olhos, sem indicar a cadeira que junto da mesa se oferecia e sem deixar de examinar os seus papéis.

Ante o frio acolhimento, todo o discurso que Alberto havia tecido se baralhou, perdendo lógica e sequência as palavras de efeito que pensara dizer. E, na confusão do instante, disparou o seu melhor argumento, aquele que supusera decisivo no ânimo do comendador:

— Eu sou um exilado político. Sou monárquico e tomei parte na última revolta de Monsanto, de que vossa excelência; decerto, ouviu falar…

Como Aragão não se mostrasse pressionado, nem disposto a abandonar a papelada, repetiu:

— Como disse a vossa excelência, sou monárquico… De Monsanto tive de fugir para Espanha e de lá vim para aqui…

O comendador, pressentindo incómodo, quebrou, enfim, o seu silêncio:

— E que é que deseja?

— Encontro-me sem recursos… E como sei que vossa excelência é um

coração generoso e tem uma grande casa comercial, vinha pedir-lhe um emprego… Qualquer coisa me serve — acrescentou apressadamente, vendo o gesto de enfado que Aragão fazia. — Não quero grande ordenado; apenas o suficiente para eu poder viver…

— É impossível! — exclamou o comendador, quase gritando. — Todos os dias me fazem pedidos desses: Nem que eu fosse dono de todo o comércio de Manaus, podia empregar toda a gente que me recomendam. Compreende?

— Eu tenho algumas habilitações; fiz o quarto ano de Direito e já estaria formado se não fosse ser monárquico…

— Pois isso é que é o mal! Os senhores, em vez de terem juízo, andam sempre lá aos tiros e às revoluções, que até nos causam vergonha!

— Mas o senhor comendador não ignora o que tem sido a República…

— Ora! Ora! Tanto faz uma coisa como outra. O que cada um devia era tratar de si, pois todos são portugueses!

Mudou de tom:

— Não. Não pode ser. Eu não preciso de empregados. Com a actual crise da borracha, o que eu precisava era de despedir alguns que tenho a mais.

— Está muito bem, senhor comendador. Desculpe tê-lo incomodado — disse Alberto, com dignidade:

— Espere aí.

Levou o braço roliço e felpudo, de manga arregaçada, ao casaco que estava dependurado nas costas da cadeira; e de um bolso extraiu algumas notas, das quais separou uma de cinco mil réis, a mais pequena.

— Pegue lá.

As faces de Alberto coloriram-se e pareceu-lhe vacilar o chão que ele pisava.

— Eu não vim pedir-lhe uma esmola, senhor comendador; vim pedir-lhe trabalho.

Surpreendido, Aragão olhou-o, de mau modo. E ele saiu, formalizado.

O negociante recolheu o dinheiro e dispôs-se a continuar a sua tarefa. «Vá lá a gente querer fazer bem! Eu já tinha idade para ter juízo.»

De novo na rua, os nervos a arderem, Alberto deambulou até que uma outra imagem se veio sobrepor á de Aragão. Como se portaria Balbino depois da desobediência, do exemplo de rebeldia que ele dera aos seringueiros, infringindo a proibição de vir a terra?

A ideia de represália, agora que não possuía outro recurso, agora que Aragão

lhe demonstrara estar Manaus, para os que não tinham emprego, tão difícil como Belém, anulava-lhe toda a alegria do trânsito em cidade desconhecida.

Renunciou a ver de perto o teatro Amazonas, famoso em todo o Norte do Brasil, com sua cúpula orgulhosa, que lhe sugeria, quando a vislumbrara de bordo, velha perspectiva de Constantinopla, encontrada nas páginas duma revista.

Lentamente tomou o caminho do porto. Passavam carros eléctricos [8], automóveis e carroças, muitas carroças, em cujos condutores reconheceu também vozes de portugueses. «Todos iam arranjando a sua vida, menos ele! E quem sabe? Quantos outros haveria que nem uma carroça…»

No cais, lá estavam os escaleres dos poveiros, com um pouco de água a estremecer no fundo e encharcados de sol.

Embarcou num deles, o espírito mole perante o destino e pronto a submeter-se a todas as circunstâncias, num deixa -ir de tronco arremessado à corrente, como esses que encontrara durante a subida do rio.

Quando o bote se avizinhou do «Justo Chermont», os primeiros olhos que se cruzaram com os seus foram os de Balbino, que o fitava longa e friamente, lá de cima da primeira classe.

Imaginou, então, uma vasta série de conflitos, de que o outro seria autor e ele a vítima.

Mas não. Entrou a bordo com a mesma facilidade com que saíra. Da amurada, os cearenses entretinham se a pescar, com um alfinete transformado em anzol na ponta dum barbante, pequenos e escuros peixes que fervilhavam, em bando, junto do navio. Umas simples migas os atraía e quando algum, mais frágil, se deixava içar, era estrepitosa a recepção entre o rebanho encarcerado.

Filipe veio colher impressões:

— Intão? Qui tal é a cidade?

— É bonita.

Não contente com o laconismo, Filipe insistiu:

— E a respeito de muieres?

— Também as há por lá bem boas.

Alberto afastou-se, cerrando o diálogo, quase desejoso de que Balbino surgisse para liquidar o episódio e ele saber com o que podia contar…

IV

NEM a sua subalternidade de afluente, de simples braço do gigante, tirava ao Madeira grandeza e imponência. O «Justo Chermont» navegava há quatro dias já e anunciavam-se ainda mais quatro ou cinco antes que a veia colossal deixasse de oferecer trânsito à quilha do barco. ao seu lado, tomando-lhe a dianteira, por irem em rota directa, passavam, causando o assombro de Alberto, navios de alto mar, vindos dos Estados Unidos a Itacoatiara, e dali a Porto Velho, tranquilos como se andassem em água onde a sonda não encontra fundo. E tão longe cresciam as margens, que a cantilena dos guaribas, ao ecoar a bordo, parecia vir de outro mundo.

Os grandes rios de Portugal, o Tejo e o Douro, comparados com aquele, faziam sorrir Alberto. Cada pequeno «igarapé» que desaguava no Madeira, cujo nome ninguém lhe sabia dizer, tinha mais largueza do que o Vouga, o Cávado, o Ave ou o Guadiana, de existência decorada nos primeiros bancos escolares e agora evocados com saudade, pela sua água de azul puríssimo e suas curvas românticas, que os amieiros debruavam, melancolicamente.

Ali tudo perdia as proporções normais. Olhos que enfiassem, pela primeira vez, no vasto panorama, recuavam logo sob a sensação pesada do absoluto, que dir-se-ia haver presidido à formação daquele mundo estranho.

A terra ia crescendo e a mata fechando-se cada vez mais. Já não se viam, como nos arredores do Marajó, os troncos das árvores a penetrarem na vasa que as correntes e as marés traziam e alimentavam, nem longos períodos de calvície, aproveitados para a indústria pastoril. Terra livre que se encontrasse, fora limpa a ferro e fogo pelo braço humano, no seu primeiro contacto com a selva dominadora.

As margens ofereciam agora, no meado do Verão, uma altura enorme e eram barro gretado, desvendando raízes e caindo aos pedaços, iam corroendo tudo aquilo, assoreia aqui, draga acolá, numa faina silenciosa e constante. Algumas casas de Manicoré, que certamente tinham lançado outrora os seus alicerces a muitos passos da margem, estavam agora debruçadas sobre o abismo e outras já

haviam nele tombado, deixando da sua existência vagos escombros apenas.

E, para cima, o drama repetia-se sempre: descolavam-se íngremes ribanceiras, arrastando na queda algumas nesgas da floresta, bosques que depois flutuavam, destroçados, ao sabor da corrente e que teriam sugerido ao lusitano Melo Palheta o segundo nome do rio.

Mas essa madeira de raiz à vela, antes mesmo de ter dado crisma à via condutora, assassinara o português audacioso que por ali se aventurou, em catequese e extermínio dos selvícolas que na brenha tinham pátria livre. Saíra do Pará a flotilha dos calhambeques quando o século XVII iniciava os seus primeiros passos; e navega, navega, ora a pano enfunado, ora a remo bem batido, entrara, após muitas semanas de admiração, esforço e receio de ciladas, na boca do Madeira, larga de quilómetros. Comandava-a, com toda a altivez, João de Barros Guerra, capitão-mor do Pará, onde a metrópole distante intensificava o seu poderio, desejosa de obter projecção no vasto território que mais se adivinhava do que se conhecia.

Do assombro que nas almas lusíadas, audazes, cobiçosas e rudes, erguera aquele mundo embrionário, que séculos depois ainda espanta e amedronta, não ficara linha nas crónicas. Mas soube-se, que indo Barros Guerra beirando uma das margens do rio — um olho no leme, outro na terra, não fosse surdir da maranha ribeirinha a flecha certeira e envenenada do índio — grande árvore se desprendera e caíra, esfrangalhando a embarcação e dando morte ao desbravador. A selva virgem parecia querer assim castigar aquele que ousava violar o seu mistério.

O rio, de novo fechado à insaciedade lusitana, só em 1723 volta a encontrar excursionista temerário. Francisco de Melo Palheta. Transposta a foz, ele vê em cada árvore que desce, escura, sem folhas já, metade da raiz escondida na água e outra metade ao léu, um inimigo — o defensor mudo e erradio daquelas paragens incognoscíveis. A proa do seu barco foge-lhes de instante a instante. Mas são muitas, atrás de uma outra vem, a mais pequena é logo seguida por outra maior, como se a sua marcha lenta de vagabundas obedecesse a uma vontade oculta. Vendo esse destacamento da selva, Melo Palheta, conhecedor do perigo que os troncos escondiam sob a aparente inofensividade, exclamou um dia:

— Rio Cayary? Não. Rio da Morte… Rio da Madeira.

Prudente na sua audácia, o lusíada foi remontando sempre o curso que parecia interminável — um mês atrás de outro, um esforço sobre outro esforço. Em cada

curva que fechava a perspectiva desenhava-se e crescia, subitamente, uma interrogação. Tudo era brenha e tudo era dado admitir para além do que não se via. O estranho, vindo de outro cenário, com a sua ambição, subia o mundo ignorado, entregando-lhe a vida. Não sabia sequer se poderia descer. Mas, vencido o abaulado da margem, outra esteira flúvia se escortinava e se via o já visto. Era sempre a mataria, a mataria e a água em amplitudes de pasmar a quem não concebesse que nos oceanos pudessem também crescer bosques mitológicos. Luz forte, crua, veemente, só irisada à hora dos crepúsculos sangrentos, que dir-se-iam a anunciação de novo nascimento da Terra, ardia sobre tudo quanto se enxergava, dando alvas projecções às grandes e impuras toalhas líquidas. Do arvoredo marginal levantavam-se, despertados pelo invasor, grasnos estrepitosos e asas de todas as cores, que logo iniciavam remígio deslumbrante. Animais escuros, pardos, cor de mel, antas, capivaras, veados e pacas, que refocilavam nos taludes, sorvendo na terra o sal que os frutos lhes negavam, quedavam-se, de focinho no ar, a ver subir as canoas, ignorantes ainda da ameaça que elas representavam.

Às vezes, na ascensão lenta e penosa, singrava-se entre crocodilos, tão corpulentos alguns que Palheta os tomava por troncos caídos seguindo o seu caminho de nômadas.

À noite, os lusíadas atracavam, acendendo uma fogueira na margem e ficando um de atalaia, porque a selva rugia e nenhum deles estava convencido de que as feras dali não fossem iguais às da África.

Dir-se-iam, porém, isentas de presença humana aquelas solidões imensuráveis. Não fora a certeza de que os portugueses haviam pago com a vida todo o descuido tido desde a pata enlameada que a Amazónia fundia no Atlântico lá em baixo, perto de Santa Maria de Belém, nos últimos esconsos descobertos, e eles abalam na terra virgem, em pesquisa de riquezas de fácil captura, que as margens escalavradas não ostentavam. Mas pressentia-se, por detrás do cortiname glauco, olhos que não se deixavam ver a espiá-los atentamente, furtando aos arcabuzes os corações que pulsavam na terra até esse momento livre.

De quando em quando, outras artérias desembocavam na maioral, que as tragava em silêncio. Ante os dois caminhos repentinamente abertos, as proas vagarosas hesitavam, receando meter por aquele que não desse continuação lógica à derrota iniciada. Mas feito com mestria o exame e assomada a curiosidade à nova bocarra, prosseguiam na via captora, deixando a captada para outra excursão.

Evocado dali, Portugal era uma quimera, não existia talvez. Pequeno e lá longe, os que o levavam na memória não estavam certos se viviam em realidade ou se sonhavam com as narrações dos que tinham voltado das descobertas. Vendo os contrastes que se agigantavam de dia para dia, a própria personalidade deles entrava em dúvida e todo o passado se esfumava momentaneamente, tudo lhes parecia ilusório. Eles seriam, porventura, uma alucinação sobrevivente de alguém que morrera pensando em fábulas bíblicas, em mundos pré-históricos, e, quando menos o esperassem, desvanecer-se-iam totalmente, como espectros de pesadelo. Só o perigo, mais temido do que em outra parte, por usar máscaras desconhecidas, os reconduzia à realidade, humanizando-os ante eles próprios.

Um dia, o leito plano do rio ergueu-se em açude, a floresta criou ondulações e a água silenciosa passou a rugir, à luz do sol e na pânica mudez da noite, com força e constância insuspeitadas. Era um despenhadeiro líquido, alto de muitos metros; mas, explorados os arredores, viu-se que o Madeira continuava, amplo e mansarrão, para além desse degrau tumultuoso. Não surpreendeu os expedicionários o súbito empecilho. Já se sabia no Pará que a Amazónia não era só as grandes esteiras de superfície lisa, que desciam suavemente, em declive quase imperceptível, de São José da Barra até o mar. Portugueses arrojados, idos muito além do forte mandado construir no Rio Negro pelo seu rei, haviam trazido notícia de que a terra, à medida que crescia em altura, formava escadaria para as grandes massas líquidas. E, assim, o que na bacia do monstro era serenidade, tornava-se rumorosa agitação na sua cabeceira e na de alguns dos outros rios que nele vinham incorporar-se, engrossando-o enormemente.

Melo Palheta mandou os seus homens arrastarem as canoas pela encosta acidentada do Madeira e, do outro lado da catarata, de novo se lançaram à viagem de exploração. Mas a essa queda de água outras e outras se seguiam: a selva virgem perdera o seu silêncio e trovejava agora, ininterruptamente. Venceram os aventureiros os dezoito patamares que o rio obrigava a subir para se alcançar o aglomerado hispânico Exaltación de los Cayubavas; e se eram muitos ao partir, as febres e os trabalhos fizeram com que chegassem poucos, sãos e salvos, ao destino variável.

Mas não ficaram por aí as velhas rotas traçadas pelos lusitanos ao longo do Madeira. Em 1741 dois outros se arriscaram em sentido inverso ao que Palheta tomara. Desceram o Guaporé, dando exemplo a um terceiro, José Barbosa de Sá, que pouco após fazia o mesmo caminho, atirando, com humildade, para a cinza da história, o fardo da sua vida. Seis anos mais tarde, D. João V ordenava que João de Sousa Azevedo e João Gonçalves de Azevedo subissem, no novo

reconhecimento, até Mato Grosso, pelo rio onde Barros Guerra perdera a vida e Melo Palheta esgotara a sua capacidade de assombro. Toda a Amazónia e ainda outra boa parte do Mundo eram cruzadas, então, por esse amálgama humano de heróis, de ambiciosos e de ladrões. Aves de glória e de rapina, indómitas e infatigáveis, erguiam alto o seu voo e adejavam para longe. Na corte, entre macios confortos e deleites de selecção, mal se ajuizava dos sacrifícios que uma ligeira penada da ordem redigida sobre vagas informações trazia aos nomeados. Mas a ambição de riquezas e de lustre ao regressar e, ainda, a atávica inquietação da aventura, impulsionavam para feitos ímpares esses sobre quem incidia a régia vontade, igualmente gulosa de bens materiais, que esbanjava em seguida.

Por todas aquelas brenhas insondáveis andara a ousadia portuguesa e a selva, lesta em apagar qualquer estigma, dificilmente ocultava, séculos depois, a passagem dos violadores.

Alberto vira ainda, em Santo António de Borba, a muitos meses de Portugal, restos de cantaria ida de Lisboa, para convento que não passara jamais de aspiração a realizar. E lá para cima, no Guaporé, o desmantelado forte do Príncipe da Beira, ruínas duma soberania longínqua, ferro podre, bronze com azinhavre, falava de 203 dias de viagem através da floresta, que tantos levaram os construtores da barricada, do Pará ao lugar onde o rei de Portugal queria ostentar canhões com a sua coroa. E essa artilharia, agora desfeita, devorada pela ferrugem, fora conduzida através das cachoeiras, numa primeira, titânica e muda batalha com os elementos que se opunham à vontade dominadora do lusíada.

Esvaíram-se, porém, os séculos e à exploração audaciosa sucedera o trabalho organizado, o esforço já não para descobrir mas para corrigir a selva triunfante e inexorável. Os portugueses retiraram-se das breves solidões e os seus descendentes, não menos ambiciosos, mas já sem o arroubo da temeridade, instalaram-se nas cidades. Eram agora comerciantes e da brenha conheciam apenas o produto da labuta dos que lá agonizavam. A bordo do «Justo Chermont» só Alberto marcava a existência da nacionalidade.

Prancha cá, prancha lá, em obediência ao destino de mercadorias e passageiros ou ainda por chamada, feita com três tiros de rifle, de qualquer seringal não incluído na rota, o navio, cada vez mais leve, apitou um dia para Humaitá, onde existia outro português — aquele que fundara o burgo. Mas negociava também, entre turcos e judeus, com um braço a menos, barba branca e uma venera de comendador.

Informados, há muitos dias já, de que o Paraíso ficava ali pertinho, sendo

necessário apenas dobrar a curva à vista, os cearenses, entrouxada a farraparia e os utensílios, não cabiam em si de impaciência.

Alberto, irmanado pelo mesmo nervosismo e já com relações, graças ao espalha-brasas do Filipe, confraternizava com muitos deles, agora que se ia libertar do imundo convés.

Humaitá era, como Borba e Manicoré, uma povoação modesta, baptizada em homenagem à vitória do Brasil sobre o Paraguai. O capim atapetava as ruas, às casas de telha sucediam-se as de palha; tinha a sua capelazita e, por orgulho, os paços do concelho, onde ainda dava cartas o português fundador.

Postos no barranco caixotes e barricas e desembarcado um senhor da primeira, o «Justo Chermont» desatracou. Alberto viu de novo a alva mancha do casario, a escuridade das barracas e o perfil humilde do templo, branquejando lá em cima. «Como seria? Que iria suceder?»

A curiosidade e a emoção enovelavam-se perante a ideia de que ele se acercava, enfim, do único desvão que a vida lhe oferecera na imensa vastitude do Mundo.

O navio rumou de Humaitá para a margem direita, dobrando ponta onde outrora existira terra limpa e agora alastrava cerrada a capoeira. Entre o emaranhado rasteiro, uma só árvore expunha ao sol a sua copa grande e redonda; e dir-se-ia, sobre o topo do barranco, uma sentinela da floresta próxima, teimosa em não renunciar jamais ao espaço que lhe roubavam.

— O Paraíso! Cá está o Paraíso!

Seguiram o braço que se lhes estendeu, todos os olhos da leva, ansiosos por fixar o sítio desconhecido para onde os conduzia a esperança dum futuro imediato com melhor e mais abundante pão.

Era ainda, ao longe, um risco azuláceo-claro a emergir da muralha verde da erva.

Buscando o canal, o «Justo Chermont» mais uma vez trocou a margem direita pela esquerda e só depois convergiu a sua proa ao novo porto.

O seringal desvendava-se agora totalmente: em linha recta erguiam-se três barracas, logo dois casarões de madeira e telha. Um, resvés à terra, que devia ser pasto das águas em ano de enchente grande; o outro, muito comprido, ladeado por uma varanda, fixava-se em paliçada, para se libertar das inundações. Pelo porte, tamanho e pinturas, indicava a residência do amo e sede da exploração do seringal.

Desde Três Casas, Alberto não avistara outro tão importante, situado num

vasto campo, que terminava, já na margem do rio, à sombra de três palmeiras, altas, nobres e solenes.

Antes mesmo de o navio quebrar o silêncio da tarde dominical com os apitos da convenção, já no cimo da ribanceira se aglomeravam vultos humanos, cada vez mais numerosos. Via-se, nitidamente, eles saírem das barracas ou descerem da varanda e acercarem-se das palmeiras, dialogando uns com os outros.

O vapor diminuíra a marcha e aproximava-se vagarosamente. O portaló fora aberto, a prancha assomava já. Distinguia-se agora a cor dos que estavam em terra, os pretos e os mulatos, as suas blusas de riscado, as calças de brim azul, o largo chapeirão de carnaúba e os pés descalços ou enfiados nuns sapatos estranhos — uns sapatos como Alberto nunca vira. Entre eles andava, inquieto, um cão branco que ladrava não se sabia para onde e logo vinha refugiar-se atrás dumas pernas despreocupadas.

Mas a voz forte do comandante Patativa, que na proa dava ordens para a manobra, pôs em suspensão todas as atenções.

Atirado o cabo para terra, um daqueles homens apanhou-o, amarrando-o à palmeira mais grossa. Depois ouviu-se o ruído do gancho, enrolando a corda, até o casco do navio estar prestes a encostar ao barranco.

— Prancha fora!

Já o imediato descia e vinha colocar-se à boca da escotilha, com o livro de cargas sob o braço e o sobrescrito dos «conhecimentos» na mão.

Os que esperavam o barco, juntavam-se agora no extremo da prancha, atirando, numa súbita intimidade, chufas fraternais aos que iam desembarcar.

A chegada de «brabos», os novos legionários que o Ceará e o Maranhão enviavam à selva, provocava sempre risos e chocarrices daqueles que já se tinham estreado na vida da terra insubmissa e de costumes singulares. E se o recém-vindo se melindrava, humilhado pela recepção imprevista, os algozes folgazões não o largavam mais, deleitando-se em persegui-lo com todas as facécias que podiam inventar contra a sua inexperiência. Enervava-os, inconscientemente, que alguém acreditasse ainda naquilo de que eles já descriam; e os remoques só terminavam depois de o «brabo» se ter familiarizado com os segredos da vida local e resignado ao extermínio das suas próprias ilusões.

A leva de Balbino, debruçada na amura, à espera de ordens para desembarcar, recebia, surpreendida e aparvalhada, as estranhas saudações que lhe enviavam de terra.

— Olha! Olha! Aquele não pode nem com um galão à cabeça!

— Ai se tu pensas que isto aqui é como em Baturité!…

Alberto recolheu-se antes que o alvejassem. De novo se sentia chocado por aquela humanidade de hábitos rudimentares, cujo convívio, ainda apenas imaginado, o incomodava antecipadamente.

Mas já o grupo implicante se bipartia, respeitoso, para dar passagem a um homem vestido de branco e de panamá na cabeça, que cumprimentava para cima, repetidas vezes, como se a bordo tivesse muitos amigos.

Atravessou firmemente a prancha e quedou-se um instante, lá dentro, a falar com o imediato.

Adivinhando-lhe a categoria, Alberto perguntou ao mestre quem era a personalidade que tantas vénias desfrutava.

— É o Juca Tristão — elucidou o outro. — É o seu patrão…

Baixo e com o sangue negro, graças a sucessivos cruzamentos, já insinuando apenas a sua remota existência, o dono do Paraíso, de mãos papudas rebrilhando anéis, mal disfarçava, sob o sorriso que lhe abria as faces largas, o olhar duro e enérgico, agora sombreado pelo chapéu.

À chegada dum seu empregado, hirto num dólman de mescla, Juca Tristão interrompeu a palestra com o imediato:

— Estão aqui os conhecimentos, Binda. Veja isso com o nosso Meireles. — E subiu, familiarmente, a escada que dava para a primeira classe.

Pouco se demorou. Desceu entre Balbino e o comandante e logo, a uma palavra sua, a leva foi desfilando a caminho da prancha, com ordens de esperar destino aglomerada no barranco.

Balbino ia contando os homens e dando explicações a Juca Tristão. Alberto pensava, olhando de longe a sena, nos navios negreiros de outrora, ao desembarcarem escravos em plagas longínquas, quando a voz rude do pastor lhe recordou que também ele fazia parte do rebanho:

— Você!

Tinham já saído todos. A prancha estava livre e o marinheiro, de caixa aos ombros, aguardava apenas que ele passasse para ir depor o volume em terra.

Alberto evocou a sua mala.

— Lá irá ter — disse, secamente, Balbino.

Pelo olhar que lhe dirigia de quando em quando, Alberto compreendeu que ele falava a seu respeito com Juca e não seria, naturalmente, por bem.

O episódio de Manaus continuava a parecer-lhe justificação para maus tratos e perseguições — agora mais do que nunca.

Lá fora, os desembarcados encolhiam-se, sempre humildes e submissos, entre os velhos seringueiros que surgiam, naquele primeiro contacto, não como homens nascidos na mesma terra e trilhando a mesma via-dolorosa, mas como inimigos a quem nada comovia. De sério, só o que lhes interessava: a notícia, veementemente esperada, do último preço da borracha. Nenhum dos «brabos» o sabia e quando balbuciavam a ignorância mais acirravam a mordacidade.

No barranco iam-se acumulando caixotes, sacos e barris, barris, barris, porque a cachaça era como morfina na vida áspera do seringueiro.

Finalmente, com Balbino atrás dele, Juca Tristão saiu do navio. E dirigindo-se a um homem que Alberto não havia ainda notado entre os que se encontravam no barranco, ordenou-lhe:

— Ó Caetano. Leve-os todos para o barracão velho.

Balbino, entretanto, ia cumprimentando, com a rasa dum «tu» impregnado de superioridade, os seringueiros que se reuniam ali. Um deles, porém, quis mais do que a saudação. Quando Balbino lhe perguntou: «E tu, Firmino como vais?», ele deteve-lhe o passo e pretendeu saber se a borracha tinha subido ou descido. Logo os outros se juntaram à sua volta, à espera também da resposta.

— Desceu, desceu, rapaz.

— A quanto?

— Está a cinco mil réis. Tens que puxar pelo machadinho, mas sem fazer mutá. É que diz?

— Eu nunca fiz mutá, «seu» Balbino. E que diz? Sobe ou não sobe?

— Deve subir. Pois decerto que deve subir!

Apesar das palavras de fé, quando Balbino voltou a tomar a esquerda do amo, os seringueiros fecharam o seu grupo, num grande desalento.

Havia ruído o sonho que os trouxera. A goma-elástica, em sucessivas desvalorizações, mal dava agora para a farinha de mandioca e o quilo de jabá que eles adquiriam ao domingo, quando vinham aviar-se no barracão da margem. Mesmo aos que tinham, após muita labuta e economia, obtido algum saldo, ia-se-lhes ultimamente tudo quanto haviam ganho, pois os comestíveis forçados suplantavam em valor o que eles produziam. Com dificuldade se tirava já alguns metros de riscado, para blusa nova, ou um litro de cachaça desanuviador de tristezas, porque Juca Tristão não queria ver aumentar a dívida daqueles que não podiam liquidá-la. E sempre más notícias por cada navio que

chegava do Pará ou de Manaus!

O regresso à aldeia nativa, lá longe, no sertão do Ceará ou do Maranhão, passara de certeza a dúvida e de dúvida a incredulidade. O que havia eram «estradas» que não davam mais de dois galões, quando davam, e duas voltas diárias para, no fim do mês, se apresentar somente três peles de borracha e alguns quilos de sernambi, que já não valiam nada. E ainda aqueles matutos banzados, que subiam agora o barranco, eram capazes de julgar que voltariam depressa à terra, ricos como os primeiros que tinham pregado tigelinhas nas seringueiras virgens do Amazonas!

Mas já um dos «brabos», escorregando na borda da ribanceira com o saco que trazia às costas, fecundava gargalhadas e atraía para o bando todos os murmurantes.

À frente, Caetano indicava o caminho, junto à cerca de arame farpado que defendia, de vacas e cavalos, o casarão de Juca e o terreno que o cercava. Passaram debaixo de grande mangueira, onde refocilavam porcos, e entraram, por fim, no velho barracão que Alberto enxergara de bordo.

Era uma vasta quadra, húmida e sem soalho, exalando forte cheiro a bafio e tendo, num dos ângulos, ferrugento «boião», inútil já para defumar borracha.

— Fiquem aqui — disse Caetano, afastando-se e deixando Alberto a considerar a sua voz, que tanto se assemelhava, pelo tom voluntarioso, à de Balbino.

Maranhenses e cearenses puseram no chão os baús, sobre eles as sacas e, libertos do seu peso, ficaram a olhar para fora, indecisos e perturbados.

Logo o grupo dos seringueiros, tomando uma das portas, começou a indagar de cada qual a terra onde nascera, entregando-se uns e outros a animadas evocações quando havia coincidência de berço.

Sempre receoso de que o atingissem com os escárnios já ouvidos, tanto mais que a sua alvura e porte urbano chamavam inquietadoras curiosidades, Alberto foi encostar-se a outra ombreira, estendendo a vista a quanto o cercava.

Para trás, alongava-se o «sítio», com o seu alto cajazeiro, seguido logo de muitas goiabeiras, uma verde malta de umbelas, onde esvoaçavam periquitos; esse «sítio» que ia terminar na linha sombria da floresta, rente a quatro cruzes de madeira. «E se ele também morresse ali?» A voz dos seringueiros e dos «brabos», já fraternizados na recordação de pessoas e cenários deles conhecidos, entristecia-o mais ainda. «Só ele não tinha ali ninguém que conhecesse Lisboa e, se morresse nesses dias, nem a sua mãe o saberia…»

Um vulto feminino, vislumbrado atrás da janela que deitava para a varanda da casa maioral, ao atrair-lhe os olhos esfarrapou-lhe a angústia. Mas a visão logo se desvaneceu, ficando apenas os vidros a ocultarem, com o seu brilho, o que lá dentro existia.

Supôs que seria a mulher de Juca e pensou que também para ela, com seu tipo citadino, a vida esgotada ali não teria encanto algum.

O «Justo Chermont» voltava a silvar, afastando-se lentamente. Da ponte de comando, Patativa saudava Juca Tristão, que correspondia, acenando-lhe da varanda. Debruçados na amurada da primeira, alguns passageiros contemplavam o seringal com tédio e resignação, sem trocar entre eles uma só palavra; e cá em baixo, na terceira, três bois, com a cabeça de fora do barco, remoíam a sua canarana, pachorrentamente.

Binda surgiu ao cimo do barranco, precedendo longa fila de pretos e mulatos, que traziam às costas as mercadorias desembarcadas.

A partida do «Justo Chermont» abrira na alma de Alberto uma nova amargura, um súbito e contraditório amor ao navio, não pela sua terceira, mas por algo de imponderável, de indefinível que ele representava, quando acostado ao porto. Parecia-lhe que ficava agora mais só; mais isolado do Mundo. E quedou-se a segui-lo com a vista, a seguir as duas chaminés que iam fumegando rio acima, mas que em breve e sem ele fumegariam também rio abaixo, para Manaus e Belém — sobretudo para Belém, que ficava apenas a quinze dias de Portugal…

— Com licença!

Era Caetano que volvia para especar-se no meio da casa e dali escolher, com os olhos, os homens a emparceirar.

— Você! — Com o dedo, indicou espadaúdo cearense que se aproximou, obediente, humilde e silencioso.

Voltando-se para um dos seringueiros, Caetano acrescentou:

— Este vai contigo para Popunhas. Vá! Andem lá para cima! — Fixou um terceiro: — Tu! vais com aquele para o Laguinho.

E assim foi emparelhando a «brabos» e adaptados que iam saindo, lado a lado, da quadra e dirigindo-se para a escada do outro barracão.

Durante o acto, quatro ou cinco vezes os olhos de Caetano procuraram Alberto, mas outras tantas se retiraram sem decisão alguma. Quando, porém, dos recém-chegados só ele se encontrava ali, disse-lhe friamente:

— Venha comigo.

A cerrar o friso, os dois foram palmilhando o estreito carreiro que seguia por baixo da varanda, ao longo do casarão.

— Por aqui faz muito calor? — arriscou Alberto.

Mas o outro, soberbo da sua categoria, fingiu não ter ouvido.

Logo que chegaram à escada, Caetano abandonou-o e, tomando a varanda, foi consultar, de voz já macia, Juca Tristão:

— Que se deve fazer daquele português ou lá o que ele é?

— Espere aí… Ó Balbino! Balbino! — E quando o solicitado se aproximo: —, Ó Balbino: aquele homem que você trouxe…

— Qual homem? Ah! É o português que me recomendaram em Belém.

Caetano viu despenhar-se o momento de vazar o despeito que lhe havia causado a escolha de Balbino para ir ao Ceará.

— Não compreendo como você trouxe uma peste dessas. Já é sabido que carcamano e marinheiro só são bons para regatão…

Balbino descobriu o dínamo que gerava aquelas palavras e atalhou imediatamente:

— Qual o quê! É que você não conheceu o comendador Gonçalves, de Pasto Grande. Era português e nos seus princípios cortava seringa como um cearense. Depois, aquele homem custou-me muito barato. Foi só a passagem… Não lhe paguei hotel, não lhe emprestei dinheiro… nem coisa nenhuma. Eu já contei a «seu» Juca o que aconteceu.

— Eu, pelo que tenho visto… — quis teimar Caetano.

Mas Juca Tristão estrangulou a discordância:

— Bom. Vai-se experimentar o homem. Para onde há-de ele ir?

Para o Buiassú? Para o Laguinho?

— Eu achava melhor ele ir com o Firmino, que é cabra escovado, para Todos-os-Santos — alvitrou Balbino. — E eu logo vejo o que ele dá.

— Está bem. Diga isso ao Firmino, Caetano.

Pouco depois, um mulato, com larga cicatriz na barriga da perna, que a calça arregaçada deixava ver, colocava-se ao lado de Alberto.

— Venha comigo.

Atravessada a porta, encontraram-se entre os que aguardavam despacho, aglomerados junto ao balcão. Atestavam as prateleiras do armazém os riscados e os brins, para a faina quotidiana; o H. J. inglês, para os que tinham saldo e gostavam de brilhar nas festanças dos caboclos; sapatos de verniz e botas de

elástico, quase escondidas sob os chapéus de palha, já amarelecidos de tanto esperarem comprador; sabonetes e frascos de pachuli, que também havia quem não se dispensasse de levar aos bailes um lenço perfumado. Mais acima, os castelos das conservas, o leite condensado, pílulas de quinino, elixires e boiões de unguentos, tudo coberto pelas garrafas de uísque, de conhaque e de vermute, que estavam ali só para vista, pois eram esvaziadas unicamente por Juca Tristão e seus amigos.

Em baixo, na mesa envernizada de gordura, expunha-se o fardo do jabá, carne seca nas estâncias do sul que ia servindo, mesmo crua, para Binda entreter a boca, enquanto pesava e media o requerido pelos fregueses. Sob o balcão, alinhavam-se as caixas do arroz, do feijão e do café, enquanto lá ao fundo se vislumbrava, pela segunda arcada das prateleiras, a torneira de metal, que fornecia petróleo, e a de madeira, que esguichava a cachaça apetecida, tudo gingando sobre funis e medidas luzidias.

No escritório, que abria um postigo para ali, sentava-se Juca Tristão de caneta em punho, registando os abastecimentos que os seringueiros lhe pediam e diminuindo sempre os daqueles que tinham dívida grande na casa.

— Um paneiro de farinha? Não pode ser! Levas só dois litros.

— Mas que vou eu comer, seu Juca, na semana?

— Não sei. Deves mais de seiscentos mil réis. Trabalha!

— Trabalhar mais, eu? A mim nunca seu Alípio ou seu Caetano me apanharam na rede. Bem puxo pela estrada, ela é que não dá.

Juca Tristão não respondia. Quando o seringueiro tinha saldo, vendia-lhe tudo quanto ele desejasse; fosse loucura rematada ou objecto inútil, tudo dava mais lucro do que passar-lhe, no futuro, um saque para ser trocado por bom dinheiro na «casa aviadora», em Manaus. Mas se o trabalhador, por curta estada ali, por doença ou preguiça não conseguira resolver a dívida inicial, que rebentasse de fome, pescasse Que caçasse, pois não lhe forneceria nada para além do valor da sua produção. «De sem-vergonhas que tinham morrido antes de liquidar o débito ou que fugiram como cães, sem que ninguém os apanhasse, havia largo cadastro no seringal, a demonstrar quanto eram perigosas as transigências impostas por dó do coração.»

— Então sempre vai o paneiro, patrãozinho?

Juca dava-lhe a nota onde lançara os dois litros de farinha e o mais que concedera — e, sem outras explicações, atendia o novo seringueiro.

Dali se vinha ao balcão, onde Binda, decifrando o papel, ia fornecendo o que

lá estava escrito.

Mas com os «brabos», ignorantes ào que era e não era indispensável, Juca Tristão procedia de maneira diferente. Ele próprio organizava a lista do aviamento; o boião para defumar, a bacia para o látex, o galão, o machadinho, as tigelinhas de folha, todos os utensílios que a extracção da borracha exigia — e mais um quilo de pirarucu e uns litros de farinha, pois nos primeiros dias nunca um brabo sabe como se caça a paca e a cotia ou se pesca o tambaqui.

Aquele era sempre o «talão grande», ao qual se juntavam posteriormente as despesas da viagem e mais empréstimos que prendiam por muitos anos ao seringal, em trabalho de pagamento, o sertanejo ingénuo.

Alberto viu-se com o seu na mão — setecentos e vinte mil réis parcelados por seis ou oito linhas — e depois, sobre o balcão, meia dúzia de coisas que lhe pareceram não valer um pataco. Atribuiu a engano a soma alarmante, mas o rabo do olho, atirado à nota do vizinho, descobriu nela uma quantia igual, repetida em quantos papéis se estendiam para Binda.

Minguava valor ao comprado, mas pesava muito para ser conduzido só por ele. Firmino veio, porém, abrir a sua serapilheira — duas alças presas aos ombros e formando vasto alforge — para recolha das tigelinhas e mais aviamentos que lá pudessem caber. O boião levá-lo-iam nas mãos e Alberto que pedisse, por sua vez, outra serapilheira, que ele lha adaptaria ali mesmo, enquanto o diabo esfregava um olho.

Era quase noite quando o mulato deu tudo por terminado e convidou Alberto a iniciar a marcha para o interior da selva.

— E a minha mala?

— Quando for um boi ao Igarapé-assu, o bicho carrega ela e você, depois, vai buscá-la.

Outros «brabos» e seringueiros aguardavam ainda na varanda ou no armazém que lhes chegasse a vez de ser «aviados».

Todos riam agora: os novos, perdendo a estranheza os antigos, deleitados com o cavaqueio. Alberto não compreendia a sensibilidade dos que encontravam horas normais naquele tempo que para ele decorria com sentido provisório e alvoroçado. Tudo aquilo tinha já o invólucro do que se recorda para toda a vida com tristeza e mal-estar. E quando Firmino, ante a sua imperícia, o ajudou a colocar a serapilheira nos ombros, sob os sorrisos que caíam da varanda, sentiu-se ridículo, assim de gravata e sapatos de verniz, com aquele alforge a dançar-lhe nas costas. O alívio só veio quando, passados a sapotilheira e o cocho, onde os

cavalos comiam, começaram a ladear, fora de vistas humilhadoras, o igarapé que cortava o seringal em grande extensão.

— Aqui é onde mora seu Juca.

Estavam perante outra face da casa, onde já não chegava a alegria da varanda. Numa das janelas debruçava-se um busto de mulher, os olhos fixos no bananal que se erguia, cercado de jurubebas e embaúbas, na margem oposta do igarapé.

Firmino tirou o chapéu e Alberto imitou-o, surpreendido por aquele rosto de outonal beleza e vaga melancolia, ali onde tudo dir-se-ia elementar e inacabado.

Ela mal correspondeu à saudação e os seus olhos continuaram vogando longe, como que abstractamente. «É decerto, a mesma que eu vi há pouco», pensou Alberto.

— Quem é esta senhora?

— É Dona Yáyá, do gerente.

Iam agora sob a ramagem do jenipapeiro, onde dois urubus, vendo o rifle de Firmino, levantaram voo com o mau grado do madraço que tem de se pôr a salvo no meio do melhor das sestas. Depois, foi toda a orla do sítio com as suas goiabeiras, os seus limoeiros de fruto redondo, que não sugeriam, como os de Portugal, seio de fêmea virgem — e, por fim, a abertura da mata, onde dançavam sombras.

O varador era estreita senda que não daria passagem a um automóvel, pequeno que fosse; e cortavam-no, aqui e ali, grossas árvores que tinham caído e apodreciam sem que ninguém as removesse. Dum lado e outro, a selva. Até esse instante Alberto vira apenas as suas linhas marginais; surgia, agora, o coração.

Surgia com um aglomerado exuberante, arbitrário e louco, de troncos e hastes, ramaria pegada e multiforme, por onde serpeava, em curvas imprevistas, em balanços largos, em anéis repetidos e fatais, todo um mundo de lianas e parasitas verdes, que faziam de alguns trechos uma rede intransponível. Não havia caule que subisse limpo de tentáculos a expor a crista ao sol; a luz descia muito dificilmente e vinha, esfarrapando-se entre folhas, galhos e palmas, morrer na densa multidão de arbustos cujo verde intenso e fresco nunca esmorecia com os ardores do estio. Primeiro era a folhagem seca dos gigantes, que cobria o chão, putrefazendo-se em irmandade com troncos mortos e esfarelados, dos quais já brotavam, vitoriosas para a vida, folhitas petulantes como orelhas de coelho. Alastravam, depois, as largas palmas de tajás e de outra plantaria, de tudo quanto vinha nascendo e ocultava a terra onde as árvores sepultavam as raízes. Crescia a mata até a altura de dois homens, posto um sobre o outro, e só

então os olhos podiam encontrar algum espaço em branco, riscado, ainda assim, pelos coleios dos cipós que iam de tronco a tronco, dando ponte a capijubas e demais macacaria pequena, que não quisesse saltar. De lá, para cima abriam-se as umbelas seculares e constituíam série interminável os seus portentosos cabos. E era aí que a luz dava um ar da sua graça, branqueando e tornando luzidio o pescoço de algumas árvores mais altas e restituindo, pela transparência, as asas de milhares de borboletas, as suas verdadeiras cores de arco-íris fantástico.

De longe a longe, uma palmeira muito esguia e clara subia, num arranco de foguete, para olhar a selva por cima do ondeado em que terminava todo o arvoredo. E eram, então, quatro palmas solitárias lá no alto, como se quisessem fugir dos homens — dos homens que, apesar de tudo, lhes iam roubar o cacho saboroso, de onde extraíam o açaí.

A princípio, ainda os olhos fitavam o revestimento deste e daquele tronco e de outro, e outro, e outro, mas depois abandonavam-se ao conjunto, porque não havia memória nem pupila que pudesse recolher tão grande variedade. Só de frutos que não se comiam e se corrompiam na terra, porque nunca ninguém se arriscara a saber se davam apenas volúpia ou se envenenavam também, havia mais espécies do que todas as que se cultivavam em pomares europeus. Somente a colectividade imperava ali, o indivíduo vegetal despersonalizava-se e era amesquinhado pelos vizinhos, tanto, que apesar de Firmino ter já nomeado centenas, restavam muitos milhares ainda no anonimato. De quando em quando, golfando por súbita abertura, o sol iluminava um inverosímil claustro.

E por toda a parte o silêncio. Um silêncio sinfónico, feito de milhões de gorjeios longínquos, que se casavam ao murmúrio suavíssimo da folhagem, tão suave que parecia estar a selva em êxtase.

Às vezes, era certo, uma imprevista e pânica restolhada de folhas e de asas levava Alberto a parar, agarrando-se instintivamente ao braço do companheiro.

— É uma inambu — disse Firmino, sorrindo daquele temor.

Mais adiante, ruidoso lagarto, correndo subitamente sobre a folhagem morta, de novo o galvanizava.

Mas o silêncio volvia. E, com ele, uma longa, uma indecifrável expectativa. Dir-se-ia que a selva, como uma fera, aguardava há muitos milhares de anos a chegada de maravilhosa e incognoscível presa.

No ar passavam bandos palradores de papagaios e maracanãs; agora e logo o grito agudo de outra ave — grito de pavão em parque abandonado — caía de árvore distante e vinha reboando até cá abaixo. Mas tudo isso era relâmpago em

dia de sol, porque o silêncio e a expectativa voltavam com rapidez, numa imposição que parecia ser eterna.

— Isto faz medo! — confessou Alberto.

Firmino sorriu de novo:

— Agora não é nada. Quando os índios chegavam até aqui, então é que um homem tinha de andar sempre com um olho à frente e outro atrás.

— Ah, mas aqui houve índios?

— Houve e há. Você não sabia mesmo?

E vendo o gesto negativo de Alberto:

— Lá em Todos-os-Santos, para onde nós vamos, ainda os cavalheiros vêm passear…

— São mansos?

— Mansos? Ui, minha gente! A estrada que você vai cortar era do Feliciano. O mês passado, os índios vieram ao encontro e levaram a cabeça dele. É por isso que a estrada está sem freguês e você vai para ela. E aqui há uns quinze dias foi um estrago em Popunhas. Os parintintins chegaram e, como não tinham cabeça para cortar, foram à roça e quebraram tudo.

Ante a estupefacção do «brabo», Firmino continuava a sorrir. Mas Alberto, admitindo ser tanto perigo um motejo à sua ignorância do meio, nada perguntou.

Erguia-se agora, à margem do «varador», alta gruta de raízes, que uma só árvore abraçava. Templo imaginário de povo que inspirasse a sua estética arquitectónica em esquisitos monumentos orientais, oferecia a quem nele se recolhesse postigos inumeráveis, portas de linhas irregulares e salas onde seis homens podiam estender a toalha e almoçar, ou puxar de cartas para jogo que ludibriasse as horas, em longos dias de chuva.

— É uma sapopema — explicou Firmino, vendo Alberto a observar o raizedo enorme, que se espalmava em lâminas, grossas como paredes, e se retorcia também decorativamente, em cordame manuelino. — Se um dia você se perder, bate neste pau, que logo algum seringueiro lhe responde.

Tirando da bainha o seu facão, o mulato deu com ele algumas pancadas no monstro vegetal. O som repercutiu-se nas galerias interiores e, em eco surdo, foi traspassando a selva e alarmando o silêncio por léguas que dir-se-iam sem fim.

Recolhido o terçado, Firmino voltou aos índios ferozes:

— É nestas sapopemas que os parintintins se escondem quando vão frechar um seringueiro. Nós vamos a passar, eles dão um assobio e quando voltamos o

peito para eles — zás!

Alberto não quis melindrar Firmino, mas desagradavam-lhe os seus irónicos sorrisos; e, para os evitar, implantou outro assunto.

— Para onde vão os homens que vieram comigo?

— Vão para os centros que há por aí. Para o Laguinho, Paraisinho ou Buiassú… para onde houver estradas sem seringueiros.

— E esses lugares são muito longe de Todos-os-Santos?

— Muito longe, não, mas só mateiro sabido pode ir dum lado para outro lado. É preciso atravessar igapós, lagos e restingas. Parece que nunca vão acabar. De cada centro sai um varador para o barracão de seu Juca.

— E quantos homens tem cada centro?

— Ih! É conforme as estradas. Todos-os-Santos, depois que os índios levaram a cabeça de Feliciano, tem dois: eu e o Agostinho; agora, com você, três. Igarapé-assu, uns dez. Popunhas, uns cinco. Laguinho não tem mais de quatro. É conforme. — E, reparando na luz do dia, acrescentou: — Vamos, vamos! Senão, temos que andar por essa noite fora.

A selva escurecia rapidamente. O entrançado inferior diluía-se, perdia contornos e volumes na negridão que sobrevinha. Os recantos onde residia eterna sombra ampliavam-se, envolvendo e tragando caules grossos e centenários. O verde rasteiro fora já absorvido; cá em baixo só pardejava a folhagem que a morte desprendera. A luz beijava agora apenas as franças mais altas, que se mostravam, finalmente, em toda a fantasia do seu recorte, sob um céu de azul morno e baço.

O silêncio tinha, enfim, uma síncope. A selva começava a falar no olvido da noite. Surgiam, por toda a parte, rumores estranhos e imprecisos — um rala-rala sem nexo a encher os ouvidos de Alberto.

Não dava melancolia o lusco-fusco; abafava apenas, como se fosse um cobertor imensurável estendido sobre a mata.

Firmino preveniu:

— Cuidado, seu moço!

Alberto olhou. Tinham encontrado de novo o igarapé, agora revelando uma ponte rústica e perigosa, de dois toros a ligarem as margens e meia dúzia de tábuas presas com cipó.

Quando, do outro lado, retomaram o varador, já a senda adquiria escuridão de túnel. Firmino ajoelhou-se, pousou o farol em terra, tirou-lhe a chaminé, passou

os dedos sobre o morrão do pavio; e, riscando um fósforo, acendeu-o. Depois, a sua mão trouxe da sarapilheira a garrafa de cachaça, que ele ofereceu a Alberto.

— Muito obrigado.

— Só um porre…

— Não, não.

Mas como Firmino insistisse ainda, levou o gargalo aos lábios, correspondendo à cortesia. Retirou-o logo. Desde que se embriagara, em criança, com aguardente, repugnava-lhe tudo quanto cheirasse à perturbadora.

Firmino, porém, demorou a garrafa na boca. E quando se ergueu, soprando com volúpia o ardor, agarrou no farol e pôs-se a marchar à frente.

Andaram mais uma hora, mais duas, zape-zape, no caminho intérmino, com aquela luz mortiça que fazia brilhar elásticas sombras nos troncos das árvores, criando ângulos, galerias e planos imaginários onde eles passavam.

Cansado da marcha, de perguntas e respostas, Alberto calara-se. O peso dos utensílios e dos mantimentos fazia-lhe doer os ombros, marcando cada passo por vivo incómodo. Mas resistia sem queixa, como se o amor-próprio houvesse de tirar, da rude lição, uma íntima desforra. Às vezes fechava os olhos, no desejo de ir assim, semidormindo em pé, pela selva além. Logo a ideia dos troncos mortos, que se atravessavam no caminho, forçava-o a abri-los, ferindo as pupilas na luz do farol. O seu pensamento não tinha continuidade, fragmentava-se, tudo atraia e tudo abandonava à fadiga mental. Era Balbino, era o tio Macedo, a velha cantaria de Borba, o perfil de dona Yáyá e o fardo de carne seca na loja de Juca Tristão. «E se fosse verdade?» Se os índios existissem e ele tivesse sido mandado para Todos-os-Santos por vingança de Balbino? Vinha, depois, Portugal, com Maciel, a Universidade, a fuga para Espanha e a mãe. «Se ela soubesse o que ele sofria agora, morreria de desgosto!»

Subitamente, Firmino deteve-se, voltou-se para trás, fixou os olhos nele e pôs o ouvido à escuta. Em seguida, exclamou:

— São eles!

— Eles, quem?

— Os do Igarapé-assu. Vamos depressa, senão os cabras vão rir-se de nós. Saíram depois e chegam primeiro.

Alberto queixou-se, finalmente:

— Eu não posso mais. É muito peso e não estava acostumado…

Firmino pôs-se a tartamudear:

— É… é… Mas eles vêm chegando… — Depois, numa resolução: — Dê cá algumas tigelinhas, que eu meto-as aqui, na minha serapilheira. No Igarapé-assu deixamos isso em casa do Chico e amanhã você vem buscar.

Alberto compreendeu a luta do companheiro que não queria sacrificá-lo nem ser vencido pelos outros seringueiros — e comoveu-se. Era a primeira delicadeza que encontrara desde o início da trilha dolorosa.

— Já basta. O senhor não pode com mais. Eu levo o resto. Vamos!

Não ouvia nada, mas como Firmino repetisse «Já vêm perto!», «Já vêm perto!» — não quis que ele fosse escarnecido pelos outros. E apertou o passo, em marcha sudorosa, ao longo da selva em murmuração.

Por fim, o mulato parou. E com um «Já tamos» tranquilizador, dobrou-se e puxou para si, agarrando uma corda, a canoa que se balouçava na frente deles, sobre a água escura onde a luz do farol criava um trémulo e ilusório caminho.

Embarcaram e Firmino, abrindo riso de triunfo «Agora os cabras têm de esperar que o Luís traga a montaria», — meteu a proa à outra banda, onde informou:

— Estamos no Igarapé-assu. Daqui a Todos-os-Santos é um instante.

De novo em terra, detiveram-se à porta duma cabana que gravava no chão o seu rectângulo luminoso.

— É aqui que mora o Chico.

Alberto não entrou. Deu a Firmino a serapilheira que ele lhe pedia e encostou-se, de olhos cerrados e os sentidos em frangalhos, ao primeiro tronco que topou. Compreendeu, vagamente, que alguém vinha à porta para o ver, mas não descerrou as pálpebras.

Dali em diante, Firmino teve de levá-lo por um braço e de o incitar, de quando em quando:

— Já estamos perto… Só falta meia hora… Só falta um quarto de hora… Estamos a chegar mesmo… É aqui.

Na barraca, à falta de rede, deixada por olvido dentro da mala, na sede do seringal, Firmino ofereceu um velho lençol. Com o casaco dobrado em quatro, Alberto fez um travesseiro e, sem forças sequer para ter pena de si, estendeu-se sobre as paxiúbas duras e adormeceu rapidamente.

V

— VAMOS! Vamos, seu moço! São horas! — E Firmino, debruçado sobre ele, agitava-o delicadamente, por um braço.

Alberto estremunhou, as mãos fechadas esfregando os olhos, a boca num grande bocejo.

— An? Que é?

— São horas de ir para a estrada.

Levantou-se. Doía-lhe o corpo, pesava-lhe a cabeça e tinha sono ainda. Ficou perplexo um instante, a olhar em redor de si.

Pelas quatro paredes da barraca entravam lâminas de luz, que se cruzavam sobre ele, como numa alegoria teatral.

— Se quiser lavar a cara, a água está ali fora.

Seguiu Firmino. Na noite anterior em nada reparara. Agora tudo lhe interessava. A barraca ia tomar piso a meio metro acima da terra e no espaço só se viam as estacas que a suportavam. paredes e soalho eram de paxiúba — tronco de palmeira que dente de machado ora resvala, ora acerta, tinha partido em tantas ripas quantas aconselhava a grossura do caule. Por dentro esfibrar-se-iam em dois meses, se estivessem no chão; por fora, uma rijeza luzidia que nem bala de revólver seria capaz de as traspassar.

Presas por cipó ao esqueleto da casa, já que resistiam, entortando-os, aos pregos mais valentes, as paxiúbas, se ali houvesse frio, matariam com pneumonias a todos os habitantes. Mas nos trópicos havia apenas a temer a luz, que se introduzia por todas as frinchas e os seringueiros aproveitavam como despertador natural. Somente em cima a intrusa não penetrava, porque no tecto sobrepunham-se vastos ramos de palmeira, de folhas penteadas a um só lado, para que em dias de chuva a água escorresse até o beiral.

A barraca tinha duas divisões: uma, onde Alberto dormira, alardeava no chão, por baixo das redes, uma esteira e, ao canto, um baú. A segunda, de mais estreiteza, era sala de estágio e recepções — outra esteira, dois caixotes vazios,

para assento, e, dependurados na parede, os rifles. Dava ainda para uma alpendrada, aberta de todos os lados e onde velha lata de petróleo, cortada numa das faces e com um buraco na parte superior, servia de fogareiro[9] à cafeteira, agora a ferver. Também ali se exibiam duas panelas requeimadas, alguns pratos, o sal, o embrulho da farinha e, bamboleando-se no tecto, o pirarucu que Firmino trouxera na véspera. Quase ao fim, entre outras utilidades, Alberto encontrou a lata da água e a bacia, onde meteu a cabeça para a lavagem desanuviadora.

Firmino oferecia-lhe já uma chávena[10] de café fumegante, e outro homem, que dormia numa das redes quando ele chegara, aprontava-se, atraído pelo dejejum habitual.

— É o Agostinho, que também corta aqui uma estrada. E este é seu Alberto, que vem aprender a cortar seringa.

Era baixo, cobreado o rosto bexiguento, com um farto bigode sobre os lábios grossos. Trazia já o rifle a tiracolo, pronto a desandar mal tivesse sorvido o café.

Alberto limpou rapidamente a sua mão, para apertar a que Agostinho lhe estendia.

— Muito prazer…

Não sabia porquê, simpatizava mais com Firmino, que lhe pedia agora:

— Vamos depressa, seu Alberto! Vamos depressa! — E reparando-lhe nos pés: — Você não vai com esses sapatos, senão os estraga todos. Vou ver se tenho uns ali.

Firmino entrou, para volver com umas rudimentares botas iguais às que calçava, feitas de simples latex seco sobre uma forma de madeira, único artefacto ali fabricado com a riqueza que eles extraíam.

Alberto enfiou-as, sorridoso e obediente.

— Estão muito bem. Muito obrigado.

— Você não deve trazer o seu «paletot». Vem um espinho danado, uma folha de inajá e fica com um rasgão que nem que fosse de faca. Assim, assim, enquanto não tem blusa. Tire também o colete e a gravata, que atrapalham um homem e lhe dão calor.

Agostinho já havia saído e, sintetizada a veste, Alberto dispôs-se a seguir Firmino.

Posto o carnaúba e empunhado o rifle, o mulato palmilhou à frente, a indicar caminho. À porta, Alberto deteve-se. Nada que fechasse a palhota: para não ficar

escancarada, apenas o «japá» — uma esteira presa por cordéis. Sorriu-se, então. «Não havia que roubar; mas se existissem os tais índios, a barraca não estaria, com certeza, assim…»

— Ande! Ande, seu Alberto!

Desceu e, cem metros além, que mais não possuía a clareira, já estavam na mata. A «estrada» não tinha a largura do varadouro percorrido na véspera; trilho quase imperceptível, sobre folhas mortas e raízes, dobra aqui, endireita ali, verga a cabeça acolá para evitar galhos e cipós, ia ligando, no mistério da floresta, uma seringueira à outra.

Amanhecia, e a luz fosca que despertara Firmino branqueava agora a selva nas alturas, baixando rapidamente através das ramagens e iluminando as salas aéreas que por vezes se escortinavam entre a multidão vegetal. A meio, porém, dos fustes anciãos, onde já chegavam os chapéus novos dos infantes, essa grande claridade solar, marchando para a terra, encontrava a oposição da ramaria que ali se fechava espessamente em mancha ainda negrusca.

Por toda a parte havia uma orquestra invisível, feita de aves trinando melodias diferentes, que se diluíam frequentemente num ritmo tão suave que era quase o silêncio verificado, na véspera, por Alberto, mas agora mais vivo, mais alvoroçante e integrado no esplendor da manhã.

De quando em quando, como se alternassem, subia pelas narinas, perturbando o olfacto, um cheiro forte de húmus em combustão, de troncos e folhagem apodrecendo no solo negro e húmido; ou então errava, por largos trechos, um aroma de ignorado jardim, perfume original e precioso como nunca o recolheram os frascos caprichosos da França.

Adivinhava-se a luta desesperada de caules e ramos, ali onde dificilmente se encontrava um palmo de chão que não alimentasse vida triunfante. A selva dominava tudo. Não era o segundo reino, era o primeiro em força e categoria, tudo abandonando a um plano secundário. E o homem, simples transeunte no flanco do enigma, via-se obrigado a entregar o seu destino àquele despotismo. O animal esfrangalhava-se no império vegetal e, para ter alguma voz na solidão reinante, forçoso se lhe tornava vestir pele de fera. A árvore solitária, que borda melancolicamente campos e regatos na Europa, perdia ali a sua graça e romântica sugestão e, surgindo em brenha inquietante, impunha-se como um inimigo. Dir-se-ia que a selva tinha, como os monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores, que espiavam de todos os lados. Nada a assemelhava às últimas florestas do velho mundo, onde o espírito busca enlevo e o corpo frescura;

assustava com o seu segredo, com o seu mistério flutuante e as suas eternas sombras, que davam às pernas nervoso anseio de fuga.

Vista uma légua parecia ter-se visto tudo. Só a água, presa nos lagos ou deslizando nos rios e igarapés, quebrava, com a abertura de clareiras, o emaranhado aparentemente uniforme. E, contudo, havia ali uma variedade vegetal assombrosa, com milhentos indivíduos diferentes a confundirem-se e a engalfinhar-se mutuamente, como numa raiva surda, — eviterna, mas quase sempre com a mesma expressão Daquela bárbara grandiosidade e da sua estranha beleza, uma só forte impressão ficava — a inicial; que nunca mais se esquecia e nunca mais também se voltava a sentir plenamente. Solo de constantes parturejamentos; obstinado na ânsia-de-criar, a sua cabeleira, contemplada por fora, sugeria vida liberta num mundo virgem, ainda não tocado pelos conceitos humanos, vista por dentro, oprimia e fazia anelar a morte. Só a luz obrigava o monstro a mudar de fisionomia, revelando as suas pesadas atitudes, mas persistindo sempre no seu ar enigmático.

Às vezes, sim, por entre janela natural, engrinaldada de lianas, Alberto divisava, como uma constelação na noite, grande copa florida — pétalas enormes que ali eram amarelas e, um pouco mais além, de outra cor e diverso recorte. Que espírito portentoso, amo ignorado daquelas solidões, se iria deleitar ante essa súbita apoteose, em volta da qual esvoaçavam, irisados, insectos sem conta?

Junto duma sapopema, Firmino deteve-se para anunciar:

— Foi aqui que os índios mataram o Feliciano. Esconderam-se aí dentro e quando o moço passava…

— Mas, então, os tais índios existem?

O mulato, não encontrando imediatamente a razão da pergunta, virou-se para Alberto, a fixá-lo nos olhos.

— Ah, você pensou que eu estava brincando? Olhe você acolá. Está, vendo lá, espetado um bico de frecha? Foi uma das que eles não acertaram…

O dedo de Firmino indicava o tronco onde a ponta negra duma seta se cravava, dois metros acima da terra. Era um pedaço de madeira convexo e dentado na extremidade, deixando ver ainda, dependurada, a fibra que o prendera à haste.

— Está vendo? — E como Alberto, perante aquilo, se calasse: — Logo lhe mostro, lá na barraca, as frechas que tirámos do corpo do Feliciano. Os bichos meteram-se aí, e, quando ele passava, deram um assobio… Feliciano já tinha

visto, na outra semana, uma pequena árvore retorcida, que é o sinal que os parintintins deixam quando querem espantar seringueiro. às vezes também metem um bico de frecha na estrada e cobrem-no com folha seca, que é para nós nos espetarmos e ficarmos envenenados. Feliciano decerto se voltou para eles, mas não teve tempo de dar ao gatilho. Os parintintins lhe mandaram tanta frecha que, quando eu vim ver, parecia que se havia depenado aqui uma arara. Depois lhe cortaram a cabeça e a levaram.

— Para quê?

— Eles levam sempre a cabeça dos civilizados. É para espetar num pau e dançar à volta dela. Fazem uma festa para provar que ganharam e que são valentes. Mas vamos, vamos, que já é tarde! Amanhã você vê isso.

Quatro passos adiante, Firmino parou de novo. Estavam perante uma árvore com alto saiote de ferimentos e cicatrizes. De tão martirizada, a sua casca desenvolvera-se mais na parte inferior do que em cima, como para se defender; e dir-se-ia postiço esse revestimento de rugas negras e de golpes ainda mal sarados, de onde brotavam filamentos de «sernambi».

— Isto é que é a seringueira?

— É, é, Você ainda não conhecia?…

Firmino meteu os dedos por entre algumas plantas e de lá tirou um utensílio, com a forma de machado pequenino. Pôs-se nos bicos dos pés e começou a lição:

— Olhe, você. Pega-se no machadinho e se usa assim… Está vendo? Assim, que é para não arrancar a casca e não fazer mal ao pau. Quando se arranca a casca, os empregados vão fazer queixa de nós a seu Juca.

Estendeu o braço para um arbusto seco e degolado, onde se borcavam, enfiados uns nos outros, cinco minúsculos vasos de folha, mais estreitos na base do que na boca.

— Isto são as tigelinhas. Se espeta elas na seringueira, pelas bordas. Assim… É preciso ter cuidado para que a folha fique bem segura, senão a tigelinha cai e o leite escorre todo para fora. Está compreendendo?

Em cinco pontos diferentes, todos à mesma altura, em volta do tronco, Firmino golpeou a árvore.

— Cada seringueira leva tantas tigelinhas conforme for a grossura dela. Uma valente, como aquela piquiá que você está vendo ali, pode levar sete. Uma assim como esta, leva cinco ou quatro, se estiver fraca. Corta-se de cima para baixo e, quando se chega a baixo, o machadinho volta acima, porque a madeira já

descansou. Seringueiro malandro faz mutá, mas aqui é proibido.

— Que é isso?

— Vamos andando, que eu já lhe explico. Mutá é fazer um girau com galho de árvore e ir cortar a seringueira lá em cima, junto à folha. A princípio ela dá mais leite, mas depois morre.

A mancha, até agora obscura, da plantaria rasteira e dos arbustos que prolongavam a sombra em que a terra vivia, adquirira já o seu verde natural. A luz conseguira, enfim, traspassar o cerrado e acendia agora as suas vistosas lâmpadas em todos os desvãos. E não era só claridade flutuante, como pó bem peneirado; era sol que fabricava jóias refulgentes nos troncos das árvores — anéis e diademas que matavam o ar soturno das princesas da floresta. Aquecia e ia-se tornando mais enigmático o silêncio. Alberto contemplara já, por várias vezes, o rifle que o companheiro levava às costas.

— E onde é que moram os índios?

A pergunta veio desgarrada, quando Firmino largava da quarta seringueira.

Examinando a palma da mão, que sofrera ao colocar a última tigelinha, o mulato elucidou a curiosidade receosa:

— Moram na taba, lá para os fundões do mato. Ninguém pode chegar lá, nem sabe onde é. Quando apanham um homem vivo, levam-no com eles e nunca mais lhe dão liberdade. Se diz que um fugiu ao fim de vinte anos, mas estava tão velho que quando chegou ao seringal já não conhecia ninguém.

— Mas como é que eles vêm aqui, se moram tão longe?

— Parintintim é bicho danado! Quando a água baixa, no Verão, só ficam na taba as mulheres, as crianças, a velhada e o tuxaua, que é o chefe deles; os outros vêm por aí fora. Fazem taperis, que são duas folhas de ubim em cima de quatro paus nas margens dos igarapés e ali dormem e comem, enquanto não chegam ao centro onde estão os civilizados. Se diz — não sei — que vêm também algumas mulheres e alguns «curumins», trazendo às costas um jamaxi com as frechas. Eles põem o dedo grande do pé na ponta do arco e vão esticando a corda e frechando até dar cabo dum homem… Às vezes, vem o filho do tuxaua, para aprender a ser valente e herdar o capacete de penas. Olhe você: aqui é que começa a volta da estrada. Toda a estrada dá uma volta e vem ter ao mesmo sítio. Às dez horas, nós estamos chegados de novo aqui para ir tirar o leite.

Pousou o balde de folha que havia trazido da barraca e prosseguiu na andança.

— Você precisa também dum rifle, seu Alberto, para quando andar sozinho.

Um homem não pode andar aqui sem bala. Se mata o chefe de batalhão, os índios fogem. Há três anos, matou-se um. Tinha quase o dobro da minha grossura e era vermelho como malagueta. Aquilo é que são homens fortes!

— Mas os índios vêm cá todos os anos?

— É conforme. Às vezes, se passam muitos anos sem eles virem; outras, vêm a seguir. Depois que eu estou aqui, já vieram três vezes; uma a Todos-os-Santos e duas a Popunhas. Quando não têm cabeça de civilizado para dançar, vêm buscar uma… — E Firmino mostrou todos os dentas, num sorriso que a Alberto pareceu um esgar trágico. — Quando não há cabeça de homem, levam de criança, de cachorro e de gato, de tudo que aparece. Deitam fogo à barraca e arrasam a mandioca e o canavial. Não podem ver um civilizado…

Desejando ocultar o seu medo, Alberto hesitava em formular perguntas, mas não conseguia dominar-se:

— E porquê? Não sabe?

— Porque os homens civilizados tomaram conta da terra deles. Isto aqui, antes de ser dos bolivianos que deixaram o seringal a seu Juca, era dos parintintins. Eu estou aqui até pagar a minha conta; depois, vou logo a correr para o rio Machado. Nunca um homem está descansado, porque os parintintins são traiçoeiros…

— Mas nunca procuraram amansá-los?

— Ui! Houve um coronel — o coronel Rondon ou lá o que é — que mandou outro militar com gramofones e espelhos, mas ele não pôde fazer nada. Aquilo é bicho que só deixará de ser ruim quando desaparecer. Eu, se encontro algum, mato-o logo! Estar com palavras boas para eles levarem a minha cabeça, não é comigo!

Alberto tinha o cérebro a escaldar, o coração em palpitações desordenadas. Já por mais de uma vez julgara ver o rosto do inimigo assomando entre a folhagem e, a cada nova sapopema, o seu receio aumentava: «Se eles estivessem ali?»

Firmino, tranquilo pelo hábito, ia de pé leve e braço decidido, pára aqui, pára acolá, em volta de cada seringueira, o machadinho em riste e a mão a prender as tigelinhas.

A selva era, agora, um jogo fantástico e espectaculoso de sombras e claridades. O sol, onde encontrava furo, derramava-se em cataratas por entre o arvoredo, a branquear irregularmente os troncos, galhos e folhas e dando transparência aos rincões obscuros. No próprio chão, ao longe, vislumbravam-se, por esta e aquela fresta, grandes toalhas de luz, sobre as quais se banqueteavam

asas multicolores. À esquerda e à direita, surgiam constantemente galerias, salões e criptas, de colunas e cúpulas arbitrárias, que não se assinalavam a outras horas do dia, quando a floresta parecia una sob o domínio da sombra. Assim iluminada, causava menos terror, perdendo grande parte do mistério, denso e mórbido, que exalava ao cair da tarde.

Subitamente, porém, Firmino deteve-se, fez um gesto rápido a Alberto e, tirando o rifle do ombro, apontou-o para a frente. Um tiro soou.

Com tremulinas nos olhos e as pernas a amolecerem-lhe, Alberto empalideceu. Para maior perturbação, o mulato, desvanecida a ténue coluna de fumo, deu em correr, deixando-o especado ali. Quis acompanhá-lo, embora julgasse doidice varrida caminhar sobre o inimigo, mas não pôde mover-se, como muitas vezes lhe acontecia quando sonhava; e nem a súbita lembrança do seu destemor em Monsanto o encorajara inteiramente no mundo desconhecido que o envolvia.

Firmino deteve-se um pouco mais além, a examinar a terra, as folhas dos arbustos e a espreitar para dentro da selva. Mas procedia com tanto sangue-frio, que a coragem regressou aos nervos do amedrontado.

— Escapuliu-se! Vamos! — gritou de lá.

Alberto aproximou-se.

— Que foi?

— Uma anta. Deve ter apanhado bala, mas não deixou sangue.

Era do tamanho dum novilho.

— E come-se?

— Se se come! É da melhor carne que tem o Amazonas. Há quem goste mais de paca e de cotia. Mas, para mim, não há nada como anta e veado: Você vê este lugar de ferida que eu tenho aqui na barriga da perna? Foi por gostar de anta. Eu tinha posto armadilha, porque ela, quando vai comer à fruteira ou focinhar no barreiro, faz sempre o mesmo caminho. Pus o rifle no pau rachado e um barbante do gatilho a outro pau, para quando o bicho passasse a bala lhe dar mesmo no peito. Mas a anta, nessa noite, não veio, e eu, de manhã, fui ver se ela estava lá estendida. Já não me lembrava bem do sítio da armadilha e rocei com a perna no barbante. Pum! A bala me levou a carne que falta aqui…

Haviam recomeçado a marcha. Ansioso por terminar a experiência daquele dia, Alberto procurava descobrir a volta da estrada de que Firmino falara. Mas, na constante semelhança do que ia vendo, todas as curvas dir-se-iam pequenas e de caminho que vai para longe, jamais se fechando sobre o ponto de partida.

Pouco depois, porém, o mulato voltou-se e perguntou:

— Você tem fome?

— Eu…

— Se tem, damos um salto à barraca e comemos o pirão. Mas se não tem, tiramos agora o leite e logo vamos para casa, de vez.

— Como quiser. Podemos ir tirar o leite… Mas a barraca está perto?

— Está. Aqui é o fim da volta.

Alberto admirou-se. Não havia dado por isso. Era, contudo, verdade, porque lá estava, no chão, o balde que Firmino deixara. Tinham já passado ali e ele não reconheceria o lugar sem o aviso do companheiro. «Quando tivesse de vir sozinho, perder-se-ia, certamente...» Mas uma vaga satisfação diluía-lhe o mal-estar: «Já faltava só metade…»

Firmino dobrou-se, agarrou o balde, pondo-se a trilhar de novo a senda que já haviam percorrido. E, ante a primeira seringueira, deu a segunda parte da lição:

— Olhe, seu Alberto. Tira-se a tigelinha assim... Quando está alta, com cuidado para o leite não nos cair em cima do nariz… Depois se derrama no galão. Está vendo? Mete-se dentro a ponta do dedo — assim — e se dá uma volta no fundo para tirar todo o leite. Quando se acaba, se metem as tigelinhas umas nas outras e se põem todas de boca para baixo, em cima deste pau, como estavam quando nós viemos cortar. Compreendeu?

— Compreendi. Obrigado.

— Você vai ver como eu faço para diante e logo aprende. Tirar o leite é fácil. O que é difícil é cortar sem arrancar cascas.

— O Firmino quanto tempo levou a aprender?

— Eu? Uns quinze dias… Já não me recorda bem.

— Está aqui há muito?

— Há seis anos. Quando cheguei ao seringal, ainda a borracha se comprava a dez e a doze mil réis.

— Então muita gente enriquecia…

— Se comprava a doze mil réis, mas era a seu Juca. A nós, ele dava cinco. Mesmo assim, houve negro que arranjou saldo. Pouco… Umas pelegas para queimar lá no Ceará e voltar logo pelo mesmo caminho. Mas, depois, a borracha começou a baixar, a baixar… Hoje, está a cinco e seu Juca paga a metade. Eu não sei bem; eles, às vezes, dizem que ela está a cinco e lá em Manaus está a sete ou a oito. Assim um homem não levanta o cangote. Eu tenho estado sempre a

dever. Não há maneira de me livrar daquela conta! Quando seu Alípio foi ao Ceará buscar pessoal, me disse que um homem enriquecia logo que chegava aqui. Eu acreditei naquelas lorotas e, afinal, ainda não paguei a passagem. Eles, assim que nós chegamos, já não dizem mais coisas bonitas. Vendem tudo muito caro, que é para o seringueiro não arranjar saldo e ficar toda a vida nestas brenhas do diabo. Mas eu, logo que pagar a minha conta, vou para o Machado ou para o Jamari. Não é que eu tenha medo dos índios, porque um homem morre em toda a parte; mas é que isto aqui já não dá nada. Estrada dum galão ou galão e meio, não é futuro. No Machado, ainda se tiram três e quatro galões e se podem fazer duas ou três peles por semana. Todos têm medo das febres que há lá. Eu não tenho medo nenhum. Se morrer, morri. Se não morrer… o que eu quero é voltar para o Ceará. Sempre que penso na minha terra, sinto uma coisa, aqui, na garganta…

— O Firmino tem lá família?

— Tive, tive. Minha mãe morreu o ano passado. Ih, meu Deus, o que eu chorei! Nunca imaginei que um homem chorasse tanto. Eu escondia a cara na rede para o Feliciano e o Agostinho não verem.

Suspirou, recolheu o látex de outra seringueira que tinha vez no caminho:

— Eu gostava dela! Era uma velha boa, o que se pode dizer boa! E o que mais me custa é que eu ouvia sempre as palavras que ela me disse quando saía para estes sítios: «Meu filho: Até ao Dia de Juízo! Nunca mais te vejo!» Parece que a pobre adivinhava… O remorso comia cá dentro, porque nunca mandei um tostão à velha. Que ia eu mandar? Desde que vim para o seringal, nunca vi a cor do dinheiro… Também tive um irmão. Não sei se é vivo, se morreu. Queria vir, como eu, para o Amazonas. Eu lhe escrevi dizendo que não viesse, que as coisas estavam más. Mas ele não acreditou e foi para o Acre, levado por um homem que apareceu, lá no sertão, com conversa fiada de fortuna, que é mentira. Aqui não há fortuna… Primeiro que cearense levante cabeça… ui! E às vezes não levanta nunca… Cuidado, seu Alberto, com esse espinho! Os danados pregam os espetos nos pés e é uma dor de endoidecer para os tirar.

Alberto abriu o passo sobre o obstáculo e Firmino calou-se. Caminharam, silenciosos, de seringueira a seringueira. Por fim, já longe da última palavra, Alberto perguntou:

— Ainda falta muito?

O mulato olhou em redor, numa quebra da sua abstracção:

— Muito, não. Menos de metade. — E calou-se de novo.

Anda, anda, a folha do balde a luzir-lhe perto do joelho, dir-se-ia alheio ao ambiente, perdido em outros distantes labirintos. Depois, como se resolvesse dar sonoridade ao íntimo monólogo, recomeçou:

— Também tinha lá uma cunhatã, a Marília, de quem eu gostava mesmo… Não era bonita, mas quando um homem gosta não repara se é bonita, se é feia. Eu vim para o seringal mais por amor dela do que por outra coisa. Pensava arranjar saldo e voltar logo para casa. Mas a moça me esqueceu e, há dois anos, meu irmão me mandou dizer que ela tinha casado com um safado de lá. Fiquei danado e pensei meter-lhe um terçado na barriga, quando voltasse. Depois aquilo me passou. A Marília tinha razão… Eu nunca mais voltava e se ela me estava esperando, ainda hoje não tinha homem. Eu mesmo não sei se voltarei ou não… Mas gostava de voltar. Não fazia mal que eu morresse depois. A todo o homem que sai do sertão e demora a arranjar saldo para voltar, sucede a mesma coisa. Se é casado e deixou dois ou três filhos, vai encontrar cinco ou seis e a cabeça dele não pode passar pelas ombreiras da porta… Se deixou noiva, pode procurar outra moça, porque aquela já não lhe pertence…

— Em toda a parte acontece o mesmo — consolou Alberto.

— Você também deixou mulher em Portugal?

— Eu… Ora essa! Não. Nem mulher, nem noiva. Deixei apenas a minha mãe. Mas sei que em toda a parte é assim.

— Eu tenho pena de seu Alberto. O seringal não é para um homem com a sua pele. Você veio também para enriquecer?

— Não, não! — protestou Alberto. E sentiu-se puerilmente vexado, assim de calça e de camisa, sem gravata e sem casaco, mais desarmoniosamente vestido do que o próprio Firmino, com a sua andaina rudimentar.

— Então como diabo veio você para esta brenha?

— Coisas da vida…

O mulato não insistiu. E essa discrição, com a delicadeza que revelava, levou Alberto à reciprocidade nas confidências.

Falando de si, evocando o que fora bom e até o que lhe fora doloroso, parecia-lhe que o tempo decorria mais lestamente e o caminho se encurtava.

De novo em Todos-os-Santos, Firmino preveniu:

— Agora vamos para o defumador.

Era também uma barraca e ficava ali mesmo, por detrás do canavial. A princípio, Alberto nada viu. O recinto estava cheio de fumo ácido e a primeira sensação que ele teve foi a de que ia asfixiar. Pouco a pouco, porém, lobrigou

Agostinho sentado num caixote e tendo a seus pés o boião — um daqueles utensílios que, na véspera, tanto o intrigara. Funil a que extraíssem a parte mais fina e voltado de boca para baixo, ou porta-voz de folha, por ele saía grossa fumarada. O ar entrava para os caroços de palmeira em combustão por um orifício aberto na parte inferior. E, sempre que havia chama, novos caroços eram atirados para a boca cimeira, porque somente fumo se desejava que ela vomitasse. Ao lado, fincada pelo rebordo em quatro espeques, estava a bacia de zinco, com o fundo coberto pela mancha branca do látex. Devagar, Agostinho estendia para ela a pá que tinha na mão, sobre a pá derramava, servindo-se de pequena cuia, uma parte do líquido e levava-a, em seguida, para o buraco fumegante. A seiva da seringueira, ao contacto com o fumo, secava, mudando rapidamente de cor. Do níveo leitoso passava ao castanho e tomava consistência que era já elasticidade. De quando em quando, na pá, que se vestia de capa cada vez mais grossa, formava-se uma bolha, mas logo o dedo esperto do seringueiro a estoirava, dando liberdade ao ar.

Enquanto os olhos do «brabo» examinavam aquele novo trabalho, Firmino acendera o seu boião.

— Se você quer descansar, pode ir para a barraca, que eu vou lá ter. Pode aprender isto em qualquer dia.

— Obrigado pelo seu cuidado. Já vou. Mas como é que tiram a borracha da pá?

— Se tira cortando por aqui com o terçado, quando a pele está grande. A pele vai descendo pelo cabo e a pá sai pelo corte. Depois eu lhe mostro.

Alberto retomou o ar livre. Sentia vertigens, as pernas dobravam-se-lhe. Dirigiu-se à barraca, fez das mãos duas conchas, encheu-as de água e levou-as à testa. Abotoou depois o colarinho, pôs a gravata, tacteando muito o nó, à falta de espelho; vestiu o casaco e veio sentar-se à porta. Sentia-se mais digno assim.

Firmino chegou com uma exclamação irónica:

— Ui, minha gente! Seu Alberto vai para o baile?

— Porquê?

— Não estrague o seu terno, seu moço! É melhor vestir uma blusa minha, enquanto não vou ao Igarapé-assu buscar as suas coisas. Ela não é nova, mas está lavada.

E ante os agradecimentos do comovido por aquela solicitude imprevista, Firmino entrou e, pouco após, chegava até Alberto o cheiro do pirarucu assado.

— Pode vir, que o pirão já inchou.

Sentaram-se os dois na alpendrada e a eles veio juntar-se Agostinho. Na tigela crescia a farinha de água e por cima estendia-se, muito acarvoada, uma lasca de pirarucu, que lembrava a Alberto o bacalhau da terra nativa. A cada fêvera[11] que metia na boca, Firmino juntava rubra malagueta, sem se olvidar da anta que vira de manhã:

— Se eu a tenho morto, havia de dar que fazer aos dentes dois dias inteiros ou mais! E eu que gosto tanto!

Concluído o almoço, anunciou:

— Agora, seu Alberto, vou ao Igarapé-assu buscar a sua mala.

— Eu vou também…

— Para quê? Se eu sozinho não puder com ela, trago um boi ou um cavalo. Você está com cara de falecido que foi desenterrado… Vá, vá-se deitar, que os seus arranjos cá vêm ter.

Alberto viu-o partir, alto de estatura e as longas pernas desengonçadas pelo hábito de vencerem os obstáculos da selva. O largo carnaúba, que era sombrinha aberta sobre o cabelo em caracóis, as calças arregaçadas, deixando as canelas nuas entre os joelhos e os artelhos, onde vinham fechar-se os sapatorros de borracha, davam-lhe vulto de caricatura, de personagem de teatro-bufo que andasse, de carabina ao ombro, a divertir espectadores invisíveis. «Mas bom rapaz… Mas esplêndido rapaz…», pensou Alberto, enternecidamente. E de novo se sentou à porta da barraca, os pés descansados sobre os degraus, os olhos a observarem os derredores.

O casinhoto erguia-se numa pequena clareira, aberta a machado, no seio verde da floresta. À cabana sucedia o girau, feito também de paxiúbas, onde floresciam plantas dentro de velhos caixotes, que Alberto admitiu serem ternura de Firmino, pois Agostinho não tinha cara de quem se importava com coisas delicadas. Mais adiante estavam os pés de mandioca, os de macaxeira e o canavial, tudo em alguns metros apenas, que nos seringais, era sabido, a agricultura não fascinava ninguém. A ocultar-se por detrás das falhas, abria-se a cacimba, minúsculo poço de onde se extraía a água para a sede, para a cozinha ou para o banho, derramando-a com uma cuia sobre a cabeça ou sobre os ombros, conforme Firmino ensinara a Alberto.

E mais nada. O resto era a selva, com a sua vida sombria, ali pertinho, muito pertinho, fechando-o num anel estrangulador. Sentia-se-lhe a existência pesada, enigmática, numa vigília que dir-se-ia constante ameaça, um pânico jacente. Fatigados da muralha, os olhos tinham de procurar no céu um pouco de lonjura e

de enlevo.

De devaneio em devaneio, Alberto pensou na próxima chegada da sua mala, com os livros, as roupas e os objectos — algo de si próprio, que constituiria a única satisfação no presente. Mas de novo a selva se lhe impunha. Lá estava, solene, com o seu multimilenário segredo, a atraí-lo, a atormentá-lo, achegando-se cada vez mais, cada vez mais, à medida que o sol se tornava horizontal.

«Não, não era de admirar que os índios pudessem seguir, escondidos a bom recato, todos os gestos de quem se encontrava na barraca», considerou Alberto. E a ideia de que não havia nenhum limite estabelecido para o tempo que ele seria obrigado a passar ali ainda mais o deprimiu moralmente.

VI

ESGOTADOS os quinze dias da tradição, Alípio, Balbino e Caetano puseram-se a trotar por centros e varadouros, em análise aos progressos da nova récua de «brabos».

Firmino estranhara já que houvessem passado duas semanas sem nenhum deles ter posto pé em Todos-os-Santos, se não pelo estrangeiro, que ainda era cedo para verificar a sua adaptação, por ele próprio e por Agostinho, sujeitos, como todos os outros, a aturada vigilância.

— Mas se você não trabalhar, que têm eles com isso? — perguntara Alberto.

O mulato rira-se daquela inocência:

— Que têm eles? Ah, seu moço, bem se vê que você é mesmo «brabo»! Está ouvindo, Agostinho? Que têm eles se nós não trabalhamos? Se nós não trabalhamos seu Juca ganha menos, porque é borracha que deixa de vender e demora mais a receber a conta que nós lhe devemos. Percebe? É para a gente não ficar na rede que seu Caetano, seu Alípio ou seu Balbino se apresentam aí quando não se espera e, se nós estamos de perna estendida, dizem coisas que um homem não gosta de ouvir e, depois, vão fazer queixa a seu Juca.

— E que pode ele fazer?

— Que pode fazer ele? Quando vamos, no domingo, ao barracão comprar que comer e que beber, seu Juca não vende nada e ainda nos chama malandros. E um homem que arranja fama de malandro pode trabalhar toda a vida que nunca mais a tira de cima das costas. O pior é quando nós estamos tremendo com febre e chega seu Balbino ou seu Caetano. Nunca acreditam aqueles homens que nós estamos doentes mesmo e dizem que é preguiça. Não sei como eles não vieram cá desde que você chegou. Aquilo é que seu Juca tem andado pau de chuva nestes quinze dias…

E como nos olhos de Alberto surgisse uma interrogação, Firmino explicou-lhe:

— Seu Juca, quando não tem cá a mulher e filhos, passa as noites a jogar o

solo e a beber porres de bebidas finas. Os dias são para curar a bebedeira e os empregados ficam lá a servir de parceiros…

Aquela tarde, porém, mal haviam terminado a defumação, ouviram tropear e logo Balbino lhes surgiu por detrás do canavial. Nunca Alberto lhe vira expressão tão cerrada e dura. Dirigiu-se a Firmino:

— Boa tarde. Então?

— Cá vamos indo, seu Balbino. E o senhor passa bem?

— Esse «brabo»?…

— Está cortando a estrada que foi do Feliciano. Eu estava à espera de ordem para ir de novo cortar a minha.

— E que tal?

— Ele já entijela bem e vai andando no corte dos paus. Seu Balbino não vai ver?

— Vou. — E, fazendo gala do seu domínio, sem mais palavra se afastou em direitura à vereda.

— É capaz de você amanhã já ter de ir sozinho… — aventou Firmino.

— Não me importo. Mas sem rifle…

— É verdade. Você precisa dum rifle. Diga a seu Balbino, que ele lhe pode mandar um do Igarapé-assu.

— É caro?

— Ui, muito caro! Quinhentos mil réis e mais. Em segunda mão é que é mais barato. Mas só quando morre algum seringueiro.

Atravessaram o terreiro. E como ali estivesse presa a égua que trouxera Balbino, o mulato avançou para ela, passando-lhe a mão pelo dorso, em longa carícia. Estremeceu a pele do animal, a sua cabeça voltou-se negligentemente para quem assim o afagava e logo tornou a roer as ervitas do chão.

Entraram, por fim, na barraca e, tendo Firmino abatido uma cotia, entregaram-se à sua extirpação. Pouco depois Alberto enxergou, atrás do canavial, algo de muito estranho, que o deixou estupefacto. A égua fora levada para ali e junto dela estava Agostinho, trepando num caixote, com a roupa descomposta.

Não quis acreditar. Abriu muito os olhos e fixou melhor. Não, não era ilusão.

— Firmino! Firmino… Olhe… — murmurou, no seu espanto.

O mulato riu em catadupa e gritou para Agostinho:

— Aí, seu cabra escovado!

Alberto quedou-se a contemplá-lo, sombria e severamente.

Vendo aquela expressão reprovadora, Firmino inclinou a cabeça e disse com voz sumida:

— Não há mulher… Que vai um homem fazer aqui?

— É horrível! E horrível!

— Também seu Alberto irá, um dia, laçar vaca ou égua…

— Eu? Não diga isso! Proíbo-lhe que me diga isso, ouviu?

— Você verá, seu moço, você verá… Deixe chegar o dia…

As suas mãos pararam na limpeza da cotia, como se repentinamente se alheassem do que faziam.

Alberto abandonou a alpendrada, vencendo o impulso de esbofetear o companheiro. Lá dentro, deixou-se cair na rede, a lutar com o asco que lhe incendiava os nervos… «Não havia mulher… Porcos! Miseráveis!» Como a bordo sentiu-se novamente diferente e de todo separado daqueles homens, pelo nojo que lhe provocavam. Não poder fugir dali; fugir de tudo aquilo, libertando-se do pesadelo!

Acabou por estranhar o silêncio da barraca. Nem ruído de passos, de facas ou de pratos — nada.

Suspeitando também de Firmino, levantou-se e dirigiu-se à cozinha. Firmino não estava lá. A água fervia na panela, trazendo à superfície pedaços de cotia.

Alberto voltou a deitar-se. Pouco depois, ouviu entrar Agostinho e mais tarde Firmino. Por fim, a voz do mulato chamou-o para almoçar. Não foi. Que não, que não tinha vontade. E, só de pensar nas mãos que haviam preparado a comida, vinham-lhe náuseas à garganta, num espasmo sufocante.

— Seu Alberto está… doente?

Era o vulto de Firmino, recortando-se junto à sua rede, através do mosquiteiro.

Alberto olhou-o, um momento. Estaria a rir-se dele? Respondeu-lhe secamente:

— Não, não estou. Mas não quero nada.

— Veja você bem, que as febres, às vezes, começam assim… — Falava tão sincera e fraternalmente que Alberto desorientou-se. «Era bondoso ou era indigno esse homem que, depois de ser repugnante, se volvia tão compassivo e delicado?»

— Não tenho vontade. Mas não estou doente. Quero é que me deixem

sozinho.

Já do terreiro a voz de Balbino chamava por ele. Levantou-se e correu à porta, para não se fazer esperar.

Firmino ia atrás e Balbino, ao vê-lo, disparou:

— Como é que você deixa esse homem estragar todos os paus?

— Eu…

— Não pode ser! Isto não é cortar seringa nem nada e ele já tem tempo de saber! Esses portugueses e carcamanos, quando estão lá na cidade e precisam de nós, não têm vergonha nenhuma e fingem de mansos para os trazermos. Depois se tornam malandros e são traiçoeiros como surucucu.

Alberto enrubescera e as suas mãos fecharam-se com o veemente desejo de castigar o insulto. Mas Balbino, encostado à égua, tirou o rifle que trazia às costas e lentamente pô-lo de través sobre o dorso do animal, com uma naturalidade deliberada. E prosseguiu:

— Mas para mim não há malandro nem sem-vergonha que me ponha o pé no cangote! Quando eu voltar, quero ver como as coisas vão. Um homem tem pena desses bichos que dizem que sabem fazer tudo e depois estragam os paus, que até parece de propósito. Entendeu Firmino? Até à volta…

Ergueu o rifle, levou o pé ao estribo, montou e partiu em ostensiva atitude de quem não teme desafronta alguma.

Alberto ficou imóvel, de encontro à porta, o olhar fixo no chão e no cérebro um vácuo enorme. Os raciocínios perdiam continuidade e lógica, sobrepondo-se, amalgamando-se confusamente, enquanto um insecto de muitas pernas, a deambular na parte do terreiro que os olhos dele abrangiam, parecia-lhe que vagueava sobre as suas próprias pupilas, ao sabor da indignação abafada.

— São todos assim! Julgam que levam o rei na barriga e, afinal, são homens como nós. Eu queria ver se ele cortava bem seringa se fosse «brabo» como você — comentou Firmino, no silêncio que se herdara.

Alberto volveu a si.

— Eu sei o que é. Ele quer vingar-se.

— Ah, ele tem razão de queixa de você? Logo me pareceu que aquelas palavras não andavam sozinhas… Mas que foi?

Agostinho achegou-se também para ouvir o episódio de Manaus e os dois concordaram ser um acto revoltante proibir alguém de ir a terra, quando o navio chega a uma cidade.

— O pior é que ele nunca mais deixa a você descansado…

— Vamos a ver… Perdido por um… — murmurou Alberto, com o amor-próprio ainda mais ofendido agora, ao evocar as humilhações, do que quando as sofrera.

Veio de novo o silêncio. Firmino, encostado à parede, limpava as unhas com uma farpa tirada das paxiúbas. E Agostinho, sentado no caixote, embrenhava-se no fumo do seu cigarro.

Depois, Firmino reagiu:

— Bem. Vamos à vida! Você quer vir, seu Alberto?

— Aonde?

— Ao igapó. Vou estender o espinhel para os tambaquis e ver se agarro também uns escudos.

Alberto aceitou imediatamente, ansioso de esganar a obsessão, de se distrair, de se esquecer de si próprio.

Firmino trouxe da alpendrada a corda com os anzóis, enfiou no ombro a correia do rifle e afivelou o cinto onde se prendia o terçado.

— Então vamos lá?

Os dois partiram.

Ali pertinho, meia dúzia de passos andados, o igapó surgia, quedo, miasmático e pavoroso. Era, primeiro, uma língua de água que se estendia por entre os troncos, deixando marcadas em alguns deles as suas maiores subidas e envolvendo a outros galhos rasteiros, até morrer na terra empapada, onde jazia uma pequena ubá. Mais além, sob o sortilégio da luz, essa água apodrecida ora se apresentava negra, ora dum esverdeado limoso e, alargando o leito, espraiava-se pela grande mata, até se perder de vista. Viera para ali na enchente invernal, alagadora de quase toda a selva, e quando, no Verão dos trópicos, o rio descera de nível, ficara prisioneira. No seu fúnebre silêncio alimentava enxames de mosquitos, que tornavam penosa a vida do homem, e ia cosendo ramos, folhas mortas e mais resíduos da brenha. Dessa mórbida e lenta infusão lhe provinham as cores letais. E a floresta estava cortada por muitos pântanos semelhantes, largos e compridos como trechos de rios encarcerados, que o arvoredo cobria, misteriosamente.

Dir-se-ia impossível ali outra vida que não fosse de monstro terciário, mas Firmino, ao embarcar na canoa, feita de velho tronco cavado ao centro, afirmara que se pescavam vários peixes saborosos naquela podridão.

Sentado à popa, com o seu remo, que era hélice e leme também, o mulato foi

impulsionando a ubá para o estranho caminho. Dobrada a curva, ilusória, por um grupo de troncos sugerida, abriu-se, ao pasmo de Alberto, intérmina galeria, de tão cerrado dossel que a navegação parecia feita em túnel destinado à barca de Caronte. Aos lados, os caules, arbitrariamente dispostos e de todas as alturas e diâmetros, serviam de colunas desordenadas à cúpula verde e espessa. Da galharia e liames que se entrançavam por cima, num tal afã de vida que dir-se-ia secreto anseio de mútuo jugulamento, desciam, em ornamentação de pesadelo, longos fiapos, raizedos inverosímeis, da cor do café moído. A água morta fora dando, ali, uma outra expressão à selva, impondo o negro, o amarelo, o castanho e festonando a gruta de estalactites vegetais.

De quando em quando, Firmino, com os olhos espertos sempre alerta, volvia à direita ou tornejava à esquerda, fugindo de ramo saliente onde se enroscavam grandes serpentes ou se ocultava o tapiú, o taxi, o favo das cabas — vespas de cuja mordedura Alberto já conhecia a dor insuportável.

Depois, onde eram maiores os ramalhos e mais limpa a superfície, o mulato deteve a piroga. Agarrando um dos frutos que levava para isca, atirou-o ao igapó. Chape!

Fora um ruído pequeno, mas que ali ecoara mais do que grande volume tombado no rio largo e desimpedido. E antes mesmo de o fruto mergulhar, Alberto viu, num relâmpago, surgirem à tona sôfregas bocas de peixes.

— Aqui está bom! Vamos pôr o espinhel.

Era branca e delgada a corda onde se prendiam outras mais curtas, providas de anzóis e sementes de catauari. Amarradas as extremidades a dois troncos, a maioral ficou estendida, em ligeira curva, à flor da água, enquanto para o fundo desciam as suas tentações. E Firmino remou de novo, sempre para além, sempre mais para além, sempre mais para além — «seu Alberto ainda não viu nada; lá onde estão os cascudos e as traíras é que é de um homem se benzer!»

Meia hora bem remada, — «se baixe, seu Alberto, olhe o ramo que lhe tira os olhos» — e a ubá meteu a proa a uma das margens de terra húmida, enfolhada e pardacenta.

— É aqui?

— É perto. Num instante chegamos lá.

Puseram-se a andar sobre a folhagem morta, que alarmava a floresta com o range-range da pisadura: Depois Firmino voltou-se, levando o dedo aos lábios:

— Schiu! Agora, devagarinho…

E mais adiante sussurrou:

— Olhe, olhe.

Por uma fresta da selva vislumbrava-se uma pequena clareira — o chão negro, lamacento e sobre ele pernaltas de deslumbrante plumagem. Alberto reconheceu logo a garça nívea e delicada, a jaburu tristonho e a magoari pensativo, como se houvesse despegado de um templo oriental — e outras mais entre tantas outras que só memória prodigiosa identificaria na variedade imensa, Algumas, já saciadas e preguiçosas, modorravam ao sol, com uma perna sob a asa e o bico recolhido no peito veludoso. Outras, de berrantes cromatismos, desarqueavam o pescoço longo; estendendo-o para terra, bicada aqui, bicada ali, os olhos redondos luzindo muito à cata do que quer que fosse. Mas havia ainda mais asas: asas que desciam, muito abertas, em furta-cores de apoteose, após um voo lento por cima da clareira. Lá estavam também os urubus negros a denunciarem putrefacção, o pescoço depenado e a cabeça de cínicos devoradores de cadáveres.

Indicando as aves esbeltas, mimo de beleza na solidão imperante, Firmino interrogou, colocando o rifle em linha de disparo:

— Quer que mate uma?

— Come-se?

— Para comer não vale a pena gastar bala…

— Então não mate. — E, rompendo a galharia, Alberto aproximou-se.

Pressentindo-os, os urubus ladinos foram os primeiros a pôr-se em fuga e logo todas as asas de novo se abriram quebrando o silêncio com o estrépito do levante.

O cenário metamorfoseara-se. O que era de longe beleza, concha de luz e moldura de policroma tela, era de perto fealdade e imundície.

Na água presa, como a do igapó, na concavidade da terra e abandonada pelas outras, que se tinham escoado mal o rio dera em vazar, ficara apenas um charco; onde se recolheram quantas vidas por lá deambulavam. A princípio, dava alegria aos olhos topá-la assim no meio da selva, a oferecer à luz solar a face lisa e brilhante. Vinham, então, os patos bravos e as marrecas multicolores chafurdar ali e as próprias onças traziam os filhotes a dessedentar-se. Caldo de todas as culturas e gordo, por isso, em manjares invisíveis, os prisioneiros não sentiam o cárcere e viviam em crescimento e abastança, despreocupados ante os contrafortes que os cercavam por todos os lados. Mas, com o Verão, o sol ardia mais e o que fora um metro de profundidade, era agora, só dois palmos. A poça começava a secar e os reclusos a morrerem. A água tornava-se para sempre

negra, exalava cheiro fétido, que ia empestando os arredores, e já nem onças, nem pacas, nem veados acorriam ali a matar a sede. A superfície reluzia, agora, a escama dos cadáveres e, no céu, os urubus iam riscando os seus adejos sombrios. Tudo aquilo se corrompia e fermentava, vendo-se já no fundo os galhos enlamaçados, as folhas que apodreciam e as espinhas dos que mais depressa asfixiaram. Mas a vida prosseguia entre aquele lixo da morte. Na sua ânsia louca de criar, que a levava a silogismos perturbantes, abalando o siso de botânicos e zoólogos, a selva dera existência a seres que brotavam da própria podritude: E fervilhavam, agora, no lodo em que se transformara a água cativa. Vermes? Não. Traíras; cascudos e acarás, peixes da lama, peixes negros de óssea revestidura, que era como uma couraça, e, ignorantes dos grandes cursos, -130— se compraziam em espadanar no fétido tremedal. Deslizavam também, ondulando para abrir caminho nessa vasa pestilenta, os temerosos puraqués, que tinham sete fôlegos de gato e pele viscosa de enguias.

Firmino aguçou a ponta de pequena vara e com ela fisgou um.

— Não lhe toque, seu Alberto!

— Porquê?

— Vai ver…

Despiu a blusa, numa das mangas envolveu o cabo do seu facão e com a lâmina roçou de leve o dorso do puraqué.

— Agora, toque aqui… Mas só com um dedo — e indicava o espigão do terçado, que aparecia, na extremidade da madeira. Alberto obedeceu e logo se sentiu percorrido por um forte choque eléctrico.

Firmino sorria e explicava:

— Este bicho é assim. Se um homem tem o coração fraco e lhe toca dentro de água, pode ir para o outro mundo…

Com o tronco nu e as costelas a desenharem-se sob a tez mestiça, Firmino estendeu os longos braços, mergulhando-os no atoleiro.

— Cuidado! — gritou Alberto.

— Não faz mal. Deste lado não há mais puraqués.

As mãos trouxeram, misturados com lama, dois cascudos, que lutavam por desprender-se.

— Você vai comer isso?

— Se vou! Até você vai gostar. Depois de se lhe tirar a pele, a carne é amarela como farinha de água e é o que se pode chamar boa!

Atestada a serapilheira, Firmino limpou as mãos com um punhado de folhas verdes e enfiou de novo a blusa.

— Vamos?

A claridade que lhes alumiava o passo era já um hibridismo da luz solar com o palor da Lua. Tudo estava difuso, os troncos dir-se-iam engrossados por uma camada de sombra, que subia das raízes até as frondes. Tudo se apardaçava e não causaria surpresa que em cada árvore surgissem dois trémulos braços, implorando auxílio, e milhões de bocas clamassem que o mundo ia acabar. Mas quando Alberto e Firmino alcançaram a piroga, já lá em cima a Lua ia doirando, suavemente, a cabelugem do arvoredo. A ubá deslizava devagar, porque agora, na noite enluarada, os olhos tomavam por sombra o que era tronco e por água os reflexos lunares. Dir-se-ia um sonho maravilhoso, uma cripta de encantamento, que a imaginação criara para deleite e espanto de curiosidades esgotadas.

A água negra tornara-se senda de oiro, onde a ramaria desenhava vultos estranhos e alucinantes. O luar descia, peneirando-se por entre a folhagem adormecida, pincela aqui, pincela acolá, cobrindo de jóias extravagantes os troncos e os seus rebentos. De quando em quando, um rasgão, um jacto doirado que ligava o igapó ao céu, marcava nitidamente a verdadeira altura da selva. Em redor do espelho iluminado, as sombras mostravam-se diáfanas e a água, sob os galhos ribeirinhos, sugeria profundidade abissal. E sempre, sempre, a miragem deslumbrante da floresta copulada pela luz de quimera. Para a frente, dir-se-ia não haver caminho; a vista detinha-se nos fustes mais grossos, onde o luar se ia esbatendo, como se tudo ali findasse. Mas quando a proa avançava para o obstáculo, a selva rasgava-se de novo, a ilusão repetia-se, o mundo fabuloso continuava.

E silêncio. Um silêncio de boca enorme que se abrira para soltar grito pânico e ficara muda e estarrecida para toda a eternidade. Se Firmino suspendesse o remo, o igapó pareceria uma fantástica necrópole de sereias e tritões.

Os dois homens iam também silenciosos.

Subitamente, porém, Alberto interrogou:

— Então aqui não há mulheres?

— Firmino respondeu com a humildade de quem desejava absolvição para a cena repugnante da tarde:

— Não; não há. Para seringueiro sem saldo, não há…

— Porquê?

— Porque seu Juca não quer.

— Ora essa!

— Seu Juca é quem manda buscar os «brabos» ao Ceará e lhes paga as passagens e as comedorias até aqui: Se eles viessem com as mulheres e a filharada, ficavam muito caros. Depois, se um homem tivesse aqui a família, trabalhava menos para o patrão. Ia caçar, ia pescar, ia tratar do mandiocal e só tirava seringa para algum litro de cachaça ou metro de riscado de que precisasse. E seu Juca não quer isso. O que seu Juca quer é seringueiro sozinho, que trabalha muito com a ideia de tirar saldo para ir ver a mulher ou casar lá no Ceará.

— Ah, já compreendo.

— É uma desgraça! Alguma mulher que há, é de seringueiro com saldo, que a mandou vir com licença de seu Juca. Mas são mulheres sérias e, se não fossem, o homem lhe metia logo uma bala no corpo e outra no atrevido. Aqui é assim. Se aparecesse uma mulher sozinha, todos nós nos matávamos uns aos outros por causa dela. Mas não aparece… Qual é a mulher sozinha que tem coragem de vir para estas brenhas? Aqui há tempos, morreu no Laguinho o João Fernandes, que era seringueiro velho e tinha saldo e mulher. A viúva puxava para mais de setenta anos e não quis viver com outro homem, nem fazer o seu favor aos que lhe iam bater à porta… Um dia, todos os seringueiros do Laguinho, já convencidos mesmo de que por bem não iam lá, pegaram na velha e levaram ela para o mato e ali foi o que se sabe. Quando a deixaram, estava morta, porque o primeiro lhe tinha apertado o pescoço para lhe tirar a resistência.

— Que miseráveis! Parece impossível!

— Estão todos na cadeia, em Humaitá. Mas não diga isso, não, seu moço… Você não sabe o que isto é. A princípio; se se faz uma coisa feia, se fica com nojo de si… Mas depois!…

— Então em Humaitá não há mulheres?

— Dizem que há uma preta e uma mulata. As outras têm dono. Mas quem vai lá? Só os seringueiros de saldo podem ir, mas esses têm mulher e não precisam. Os outros, não vão porque seu Juca tem medo que eles não voltem e não os deixa ir. Uma vez, dois cearenses se meteram numa montanha e foram lá. Como não tinham dinheiro, levaram uma pele de borracha e a venderam a um carcamano. Mas seu Juca soube e mandou dizer às autoridades que os prendessem, porque eles lhe tinham roubado a canoa.

— E depois?

— Estiveram quinze dias na cadeia. As autoridades lhes bateram tanto que

lhes partiram os dentes e, no fim, os trouxeram de novo para o seringal. Todos os dias seu Balbino ia, com o rifle, pô-los fora da rede e eles tinham que trabalhar sem que seu Juca lhes vendesse nem um litro de farinha. Eu, agora, tenho medo que o Agostinho se venha a comprometer…

— O Agostinho? Mas porquê?

— Ele anda sem juízo por causa duma cunhatã do Lourenço. Lourenço é aquele caboclo velho que vive no lago do Igarapé-assu. A moça não tem mais de nove anos e Agostinho quer casar com ela. Foi pedi-la ao pai e o caboclo disse que não, que nunca se tinha visto uma coisa assim. Agostinho anda de beiço caído e é capaz de fazer uma asneira…

— Ele disse-lhe alguma coisa?

— Não, mas eu lhe leio nos olhos. Depois… Já estamos!

Acercou a piroga dum tronco enluarado, meteu a mão na água e de lá tirou a corda do espinhel, que se agitava movida por força oculta.

— Ih, minha gente! Vamos para o fundo com tanto tambaqui!

Pouco a pouco, foi recolhendo os braços da armadilha, cada um trazendo preso à extremidade peixe grande e prateado, que espadejava com violência. Alberto comparava-o à corvina dos mares patrícios e mais uma vez se admirava de ser possível tal vida na água estagnada do brejo.

— Há aqui outras qualidades de peixe?

— Há, mas este é o melhor.

Novamente em marcha, a escamaria dos tambaquis tornava-se argênteo tesouro no regaço estreito da ubá. Para as aquietar, Firmino abrira-lhes a cabeça com um só golpe do seu facão. E o sangue escorrente era, na rota luzidia, fio líquido de rubis, ardendo sob o luar.

Por fim, o silêncio quebrou-se: um urro longo e repetido, exalado de boca que estava perto, alarmou a solidão e foi-se expandindo por todos os recantos do paul. A terra estremecera, como se fossem de vulcão as goelas que gritavam.

Apanhado sem aviso, Alberto saltou na canoa, fazendo-a balançar.

— É uma onça?

Firmino sorria, deleitado:

— Eh, seu moço, que nos mete no fundo! Não é onça, não. E sapo-boi que está a desenferrujar a garganta…

E descrevendo o bicharoco, foi remando com frenesi, que era já tarde de mais para se andar no igapó.

Fiapos e limos secos pareciam agora tranças de oiro, que sílfides fugidias tivessem deixado presas ao arvoredo. Dir-se-ia que o génio da noite, de onanística visão, se comprazia em criar imensa gruta transparente, ímpar e assombrosa, onde se fabricava medo e sugeria, ao mesmo tempo, a ideia da morte como uma volúpia. Embruxado pelo ambiente, Alberto viu, pouco a pouco, as escamas de prata alongarem-se e, com elas, mãos invisíveis irem modelando um corpo feminino, esbelto e nu. E agora os olhos dele transportavam adormecida mulher, que uma nesga de luar envolvia cariciosamente, como um véu diáfano.

Havia ouro, espelhos e sombras por toda a parte, mil formas de alucinação flutuando na água morta ou suspensas dos ramos mais altos, diluidamente enforcados. E sempre o luar pintando a folhagem, doirando os troncos e descendo aos poços aéreos formados entre as árvores, para que a Lua mirasse a sua cara redonda.

A Alberto apetecia-lhe que Firmino se pusesse a cantar. Mas ele calara-se, como se o espectáculo também o enfeitiçasse; e apenas o sapo-boi, de urro longínquo, ia dando nota de vida à selva iluminada.

— Já chegámos.

Remou com mais força e a velha piroga foi bater em terra, desequilibrando Alberto no seu banco, quase o fazendo tombar.

Firmino cortou uma vara, nela enfiou os tambaquis pelas guelras e, pela alça, a serapilheira.

— Você leva essa ponta aos seus ombros, que eu ponho esta nos meus.

Um à frente, outro atrás — «pesa para burro, seu Alberto» — os dois atingiram, dentro em pouco, a barraca.

Agostinho havia-se já deitado, deixando para eles o resto do jantar.

— Ainda sinto a cotia pular cá dentro. Coma você. Eu vou tirar a tripa ao peixe — disse Firmino.

Quando Alberto terminou e quis auxiliá-lo no amanho dos tambaquis, ele opôs-se:

— Não é preciso. Você não sabe fazer isto. Vá-se deitar, que eu cá me arranjo sozinho.

E como Alberto insistisse, acrescentou, como num protesto:

— Você está besta, seu moço! Com essas mãos de doutor! Vá-se deitar, ande, que bem precisa!

Logo mudou de tom.

— Como seu Balbino não disse nada, eu amanhã lhe acompanho para cortar a sua estrada. Depois, vou cortar a minha e você tira sozinho o leite dos seus paus, que não tem que saber. Assim, seu Balbino não pode dizer que eu não lhe mostro como as coisas se fazem ou que me aproveito de você para não trabalhar.

— Mas, dessa maneira, o Firmino tem o dobro do serviço…

— Não faz mal! O que eu não quero é discussão com aquele cara de genipapo maduro. Quando eu deixar você sozinho na estrada, lhe empresto o meu rifle.

— Obrigado, mas não aceito. Para eu ficar com ele, fica o Firmino desarmado…

— Não pense nisso! Quando um homem tem de morrer, não serve de nada o rifle. Depois, eu me escapulia melhor dos parintintins do que você.

— Não quero.

— Tem que querer. Me entregaram vivo, seu Alberto e vivo há-de ficar enquanto eu puder.

Alberto vibrou sob o impulso de abraçar o rude invólucro daquele espírito generoso e simples, ali no meio duma natureza complexa e impiedosa, que dava aos homens constantes exemplos de desumanidade.

— Obrigado, Firmino. — E havia lágrimas na sua voz.

VII

CRENTÍSSIMO de que o estrangeiro seria sempre a parte débil do colega mais feliz, Caetano deitou para trás das costas o cansaço da jornada que já fizera e galopou para Todos-os-Santos.

Atarracado no fato[12] de mescla, as pernas gordas mal se arqueavam sobre o ventre da montada, que ele esporeava a cada momento, ansioso por chegar e confirmar as suspeitas — a sua voluptuosa e doce vingança.

Saído do Laguinho mal o dia abrira o olho, atravessara rapidamente Popunhas e Janaíra, vencendo léguas após léguas e espalhando o alarme na floresta, com as desvairadas patas do cavalo.

À sua passagem, os seringueiros madraços, que ainda se encontravam nas barracas, davam desculpas da demora e partiam sem tardança, receosos de que ele voltasse novamente.

Mas não. Só o caminho a percorrer o interessava nessa manhã. Junto dos seus calcanhares esvoaçavam moscas famintas, atraídas pelas feridas que as esporas rasgavam no ventre do alazão. Mas também ele se sentia esporeado sempre que imaginava a felicidade de Balbino, viajando no Ceará por conta do patrão, ou recordava os seus desdéns, escutados por Binda no dia anterior e logo transmitidos como prova de amizade.

No Igarapé-assu mal chegara aos lábios, sem desmontar sequer, a xícara de café que Nazário, o mais próspero dos aviados do seringal, lhe oferecera. Desembestara logo por ali fora — «muito obrigado, compadre; até à vista» — pois queria volver à sede no mesmo dia, para dar conta ao amo do muito ou pouco que observasse.

Manhã quente, de lumes acesos em todos os meandros da selva, quando o cavalo estacou em Todos-os-Santos, com espuma entre as pernas e baba grossa nas rédeas, Caetano saltou, lesto, para terra e seus olhos puseram-se em indagação à vida que por ali existisse.

Ninguém! Era uma solidão absoluta. Pelas alturas em que ia o Sol, os

seringueiros deviam andar na segunda volta, a recolher o látex precioso. A barraca, desprendida a esteira que servia de porta, dir-se-ia abandonada há muito tempo já. Caetano empunhou o seu terçado e, escolhendo uma das melancias que amadureciam junto do canavial, golpeou-a, tirou uma fatia e foi-se, a sugá-la, para a estrada de Alberto.

A primeira seringueira, examinada devagar, com o desejo de encontrar acção daninha, só acusou inexperiência e falta de segurança na mão que lhe extraía a seiva. A quinta, porém, iluminou de triunfo os olhos do examinador. O machadinho que a ferira não tinha firmeza: resvalara aqui, torcera acolá, fazendo saltar nacos de casca e pondo a nu a carne viva. E dali em diante, árvore sim, árvore não, agora quatro a seguir, depois mais três, mais duas e mais vinte, os defeitos multiplicavam-se, fazendo sorrir Caetano.

Entendeu mesmo ser inútil dar outros passos à conquista de mais provas. Contente, tornou à barraca, montou e de novo se pôs a galopar, finalmente de regresso: No Igarapé-assu. mais uma vez o compadre Nazário, ouvindo o rumor do cavalo, veio à porta, em oferta de comes e bebes, mas ele passou a toda a brida, acenando, de longe, escusas e agradecimentos. As murmurações de Balbino, que Binda lhe revelara, impeliam-no e picavam-no que nem serpentes, esvaziando muito a fundo o bolsilho venenoso.

Anoitecia quando o alazão, a pingar suor, se deteve perto do tamarindo, junto ao cepo onde se limpava o peixe, na sede do seringal.

Caetano tirou-lhe os arreios, restituiu-o à liberdade e logo entrou no barracão. Juca não estava ali. Encontrava-se na cerca; assistindo ao tratamento do gado — veio dizer-lhe o cozinheiro.

Era sábado, início de pausa no labor, e os legionários da selva começavam já a chegar, trazendo às costas a serapilheira vazia e, no ombro, enfiada num pau, a bola de borracha colhida durante a semana.

Receoso de que Balbino surgisse, dificultando-lhe a acção, Caetano largou da varanda, atravessou a cozinha e o quintal, onde vicejavam crotons, pimenteiras de frutos que eram como cerejas frescas de Junho e mangueiras que enchiam de folhas mortas um velho e melancólico tanque abandonado. Espantou galinhas e perus, ao passar junto dos viveiros onde eles cresciam para gáudio de Juca Tristão, e foi abrir, já debaixo dos enormes taperebazeiros, e porta que dava para o curral. Era um vasto quadrado de terra, aqui húmida, acolá escarolada e toda ela defendida por longas achas sobrepostas horizontalmente, entre pares de outras que guardavam verticalismo de prumo. Dentro, ora aglomerando-se, ora

em mútuo atropelo e sempre em fuga ao laço que Alexandrino manejava, estavam mais de duzentas vacas e bois e ainda as crias que se escondiam entre as pernas adultas e amedrontadas. Das hastes, a corda passava, em volta traiçoeira, por uma das patas. E então, puxa, puxa, o animal, sem um dos seus pontos de firmeza, aquietava-se, entregando-se à cura. Mas, se ainda assim, se mostrava insubmisso, Alexandrino derrubava-o. E a ferida ficava exposta. Não havia arranhão, simples picada sangrenta que, dias depois, com ovos de moscas e outra bicharia, não se transformasse em chaga profunda, onde remexiam vermes de cadáver. Às vezes, eram tantos, tantos, que formavam à superfície um cerrado de cabeças, como favo de abelhas em embrião. A carne viva ia cedendo a essas outras vidas, que a perfuravam num trabalho oculto de toupeiras, levando consigo a destruição, o sofrimento e essa resignada tristeza que se via nos olhos dos animais, como se eles próprios dessem conta do mal que os emagrecia lentamente. As próprias feridas dos homens alimentavam, por vezes, aqueles seres repulsivos, até a intervenção do nitrato de prata. Raro era o habitante da terra de absurdas existências que não levava no dedo grande do pé um verme branco, engordando em silêncio, sob a pele que se conservava fechada, como se o quisesse proteger e nada de anormal escondesse.

Numa pequena bacia, Alexandrino derramara mercúrio em pó e creolina. E, com a massa assim obtida, ia cobrindo, servindo-se duma faca, à laia de espátula, as feridas das vacas e dos bois.

Juca presidia à operação, interessado na defesa do seu gado, quando Caetano surgiu em cumprimentos efusivos.

— Então como vai isso? Agora, aquela, a malhada, Alexandrino…

A noite veio, porém, dar adiamento à cura. E só então Caetano, esquecido já das chagas que ele próprio abrira no ventre do seu cavalo, pôde obter a atenção do amo.

Regressaram os dois, lado a lado. Juca Tristão mordiscando a ponta do charuto, antes de o acender; ele, abanando as mãos ao longo do corpo e pensando por onde devia começar. Encontrou, por fim:

— Corri hoje o Laguinho, Popunhas, Janaíra e Todos-os-Santos, a ver como os «brabos» trabalham…

— E então?

— Tudo bem. Os homens já estão sabidos. Menos o de Todos-os-Santos. Aquilo é uma desgraça! Se continua assim, os paus não aguentam e daqui a três meses está tudo morto. É cada ferida que até dá raiva!

— Quem é ele?

— É aquele carcamano que Balbino trouxe do Pará.

— Ah, já sei.

— Não compreendo como Balbino carregou com uma peste daquelas. Está estragando toda a estrada. Eu queria que seu Juca visse! No tempo de Feliciano se tiravam dois galões…

— E que lhe disse você?

— Não lhe disse nada. Queria primeiro ouvir seu Juca. O dinheiro que esse homem custou é dinheiro perdido. Não percebo como Balbino se deixou assim enganar. Eu, no lugar dele, não o trazia…

Juca Tristão deteve-se, já com um pé no primeiro degrau da escada:

— Não pode ser! Eu também não acredito em marinheiros e carcamanos para cortar seringa. Amanhã, lhe falo a esse homem. Não pode ser! Você fica encarregado de o vigiar. Todas as semanas vai a Todos-os-Santos. Ouviu?

*

No dia seguinte, domingo de repouso e fornecimento, quando Alberto e Firmino chegaram ao barracão já a varanda estava povoada de seringueiros. Eram caras de diferentes cores e corpos de todas as estaturas, uniformizados apenas pelas blusas de riscado e calças de brim, invariavelmente azul. Aguardavam que Juca Tristão se sentasse à escrivaninha e Binda fosse para a loja entregar-lhes os mantimentos. Alberto já conhecia muitos deles, companheiros de bordo, elos da mesma cadeia que prendia, ali braços e ambições. Contudo, a sua presença motivava ainda comentários. Sentia que se riam dele e o irmanavam a sírios e judeus que iam de porto em porto, furtivamente, trocando bugigangas por borracha, sempre perseguidos pelos donos dos seringais, que não toleravam a concorrência dos «regatões».

A nova, porém, de que naquele dia se entregavam as contas-correntes, fê-los rapidamente esquecer a figura do estrangeiro. Era velho hábito de Juca Tristão dar aos seringueiros, quando se iniciava a safra ou se aproximava o seu fim, uma nota das compras que eles tinham feito e da borracha que haviam produzido — tudo somado e depois deduzido, até se totalizar a dívida, essa dívida que raramente se fechava. Aos «brabos», sobretudo, crentes ainda em melhores dias vindouros, a conta interessava, pois cada um ia visionando o breve regresso à família.

Estavam eles a futurar quanto deviam e não deviam, quando surgiu na

varanda, enfiando logo para o escritório, um homem alto, cinquenta e tantos anos já esbranquiçados no bigode e na cabeça — o primeiro homem branco que Alberto via no seringal. Calçava chinelos e vestia pijama às riscas, que deixava entrever os cabelos negros do peito: Cumprimentava todos os seringueiros à sua passagem e todos eles se descobriam respeitosamente.

— Quem é?

— É seu Guerreiro, o guarda-livros, que fica de gerente quando seu Juca vai ao Pará — informou Firmino.

Binda abria já a porta do armazém, dando entrada aos grupos alvoroçados. Lá estava, antes do balcão, a larga balança onde cada um, chegada a vez, ia depositando a borracha extraída durante a semana, com a esperança ou a desilusão, a alegria ou a tristeza, reguladas pelo seu fiel.

Juca instalara-se à escrivaninha, escutando a voz de Binda, que lhe gritava, pausadamente:

— Manuel da Costa, de Popunhas, doze quilos da fina e três de sernambi…

Rabiscadas as quantidades, Juca repetia:

— …e três de sernambi.

— Belisário do Riachão, do Laguinho, nove da fina e quatro de sernambi.

— … e quatro de sernambi.

Depois, era a cena habitual. Juca fixava o seringueiro e logo a sua voz se tornava ríspida:

— Dois litros de cachaça? Nem um! Tu, que fazes mais sernambi que borracha fina!

— É que o leite coalha, não sei porquê…

— Coalha porque não tens cuidado! Levas meio litro e, se continuas assim, não levas nem mais um porre! Olha a tua conta! Um conto e oitocentos mil reis! E ainda querias mais?

Voltava-se para outro:

— Cinco litros de farinha? Comendo tanta farinha arranjas uma barriga de moleque que come terra. Não pode ser! Enquanto não tiveres vergonha e tirares saldo… Pega lá.

— Só dois litros, patrão? Mas, assim, morro de fome…

— E… Tu não podes morrer de fome e eu posso perder o meu dinheiro!

Vendo o amo agastado, o mulato quedara-se de cara aberta num sorriso néscio, com a dentadura à vista e o todo a querer mostrar submissão.

Mas entre os párias havia grande solidariedade sempre que se tratava de cachaça. Por um gole da bebida que estrangulava a tristeza nas longínquas solidões, seriam capazes de palmilhar léguas e léguas da floresta ou de entregar, por um litro, o produto de muitos dias de labor. Aqueles, porém, que estavam em vésperas de ter saldo e eram mais beneficiados por Juca, dividiam a sua cachaça pelos menos felizes, tanto que ao romper da segunda-feira nenhum deles guardava já dois dedos no fundo da garrafa. Até o novo domingo, todo o resto da semana se volvia em impaciência, semana negra como a água do igapó, dias longos em que a amargura sufocava e a boca exigia o ardor da esquece-sofrimentos. A embriaguez periódica era a única evasão do espírito, o único facho na longa noite da masmorra verde.

Quando Alberto se encostou à escrivaninha, com Firmino ao lado, Juca Tristão olhou-o severamente de alto a baixo:

— Você me está a dar cabo da estrada! Se não tinha jeito para cortar seringa ou se não queria, não viesse para cá, que ninguém cá precisava de você. Não se acredita que um homem que vem de Portugal seja mais bestalhão do que um cearense. Só lhe digo uma coisa: se você continua a matar os paus, eu não lhe vendo nem mais um litro de farinha!

— Não é má vontade, senhor Juca... — murmurou Alberto, açaimando os nervos e impondo-se uma serenidade que lhe faltava. — Eu creio que dentro de poucos dias… Nem é preciso até inteligência; é uma questão de prática… A casca da seringueira engana muito. O machadinho resvala quando menos se espera…

— Isso são lorotas! Por que é que os outros «brabos» já não fazem o mesmo? E você veio ao mesmo tempo que eles.

— Estranham menos. Como sou estrangeiro…

— E eu é que tenho de perder! Ó Firmino: tu vais com este homem mais três dias na estrada dele, ouviste?

— Sim, patrão.

— Se não aprende desta vez, você já sabe!

Semicerrou as pálpebras e mudou de voz:

— Vamos lá a ver! Está aqui a sua conta. Que é que você quer?

— Eu queria três litros de farinha…

— Três litros de farinha…

— Um quilo de pirarucu…

— Um quilo de pirarucu…

— Meio de açúcar…

— Açúcar…

— E queria também um rifle…

Juca Tristão deixou de rabiscar.

— Um rifle? Você é sem vergonha mesmo ou está a mangar comigo? Um rifle! Você sabe quanto custa um rifle?

— É por causa dos índios. Em Todos-os-Santos, como o senhor não ignora…

— Qual índios nem meios índios! Um seringueiro que não tira uma pele de borracha por semana e que ainda estraga os paus, a querer um rifle!

Prevendo a catástrofe, Firmino puxava pela blusa de Alberto. Juca Tristão acrescentou:

— Os índios não vêm ao centro no Inverno. E o outro Verão ainda está muito longe. Ainda agora o rio começa a encher. Trabalhe, trabalhe e depois falaremos. Tome lá. — E meteu-lhe na mão a nota dos comestíveis que ele havia pedido.

Vendo Alberto excitado, Firmino agarrou-o por um braço e, dando a sua vez a outro seringueiro, trouxe-o cá para fora.

— Me espere aqui. Não se deve contrariar seu Juca. Ele não dá mais e fica com o olho em cima de nós. Eu estava mesmo a ver que você deitava tudo a perder. Eu lhe dou o meu rifle.

Alberto encostou-se à grade da varanda, com o raciocínio em suspensão, vexado e atónito.

Em derredor, os seringueiros analfabetos, depois de Binda lhes ter lido as contas, entregavam-se a exclamações de desânimo ou a calcular o tempo que gastariam a pagar a dívida. «Ainda se a borracha subisse!» «Qual! Não sobe mais! Deu-lhe urucubaca!» «Sobe! Eu ia jurar que sobe…»

Lá dentro repete-se o diálogo de há pouco, agora entre um «brabo» de Popunhas e Juca Tristão, que lhe negava também um rifle.

Uma frase trouxe Alberto à realidade:

— Eu não vim aqui para perder a vida, seu Juca!

— Nem eu para perder o meu dinheiro! Saia, saia já da minha vista!

Alberto viu o seringueiro entrar na varanda com os olhos raiados de sangue e os lábios entumecidos de cólera. Dirigiu-se aos companheiros, em queixa e desabafo:

— O patrão não me quis vender um rifle… Como está aqui, onde os índios

não chegam…

— Também a mim não quis!

— Também a mim.

— … Mas, se eu morrer, ele perde mais. Perde toda a conta…

Riram-se. O irado acabou sorrindo também. Gente humilde, facilmente resignável, só se preocupava agora com as revelações das contas.

Alberto lembrou-se da sua e desdobrou o papel. Lá estava a despesa da viagem, do Ceará ao Pará, do homem que fugira em Belém; lá estava a sua passagem no «Justo Chermont», o machadinho, a bacia, as tigelinhas, o balão, os metros de riscado — tudo. «Um conto e setecentos e quarenta…»

Firmino falava, de novo, ao lado dele:

— Ande! Ande!

Entraram na loja, receberam os comestíveis e ouvida a negativa de Binda: — «Não, não há carta para você», desandaram do balcão.

Os seringueiros já haviam esquecido tudo. Cá fora ia animada a galraria, enquanto as garrafas de cachaça andavam de mão em mão, emborcando-se discretamente, por detrás dos pilares da varanda, sobre as bocas sôfregas e insaciáveis. E, entre os que se deleitavam, coxeava a figura alta e esquelética do negro Tiago, velho de muitos anos, colhendo aqui um trago, outro ali, nas vasilhas daqueles com quem não cortara ainda relações.

Só Firmino, saboreada a sua dose, não se mostrava mais expansivo do que nos dias anteriores.

— Vamo-nos chegando, seu Alberto?

Abalaram ao decair da tarde, com Firmino cada vez mais ensimesmado, que a cachaça tornava-o, ao contrário do que sucedia nos outros, soturno e pensativo.

— Você vai ver, agora, o que é um pagode de caboclo. Não é muito bom, porque tem poucas mulheres. Mas, mesmo assim, nós nos divertimos — dissera, ao saírem do barracão, para logo cair em silêncio. Respondia às perguntas de Alberto; mas em seguida abandonava a palestra, como se o peso da serapilheira lhe tirasse o dom da fala. Marchava à frente, devagar, porque o baile só começaria depois de todos os bacuraus terem pousado no capim e era muito cedo ainda para que isso ocorresse.

Atrás, vinha a algazarra dos que se dirigiam também para casa de Lourenço — a grande atracção daquela noite morna da selva.

— Todos os seringais são assim, Firmino?

— Assim… Como?

— Como este. Com patrões como seu Juca…

— Patrão pior, patrão melhor, o seringal é sempre a mesma coisa. Num, se tira mais leite — lá no Jamari e no Machado e parece que também no Acre —, noutro, se tira menos… No resto, tudo é igual.

Calou-se de novo. Mas Alberto reagia. Justamente aquele silêncio dava-lhe vontade de falar.

— Seu Juca também percorre os centros?

— Às vezes…

— Eu creio que ele está mal informado. Certamente foi o Balbino quem o envenenou. Eu sei que ainda não corto bem, mas não me parece que esteja a matar as seringueiras… Se seu Juca, em pessoa, fosse ver, seria talvez outra coisa…

— Não diga besteiras, seu Alberto. Ainda seria pior! O ano passado, antes de os índios matarem Feliciano, seu Juca esteve em Todos-os-Santos…

— E então?

— O Feliciano estava com dor de barriga e ele disse que era preguiça. E, no domingo, não lhe vendeu nada para comer… Nada.

Cresciam as sombras na floresta. O sol retirava-se, apagando os seus faustosos lustres, e cada vez ecoava mais a voz dos seringueiros que vinham atrás. Firmino acabou por contagiar Alberto, levando-o a uma mudez sentimental.

«Se sua mãe soubesse o que aquilo era! Se ele não lhe houvesse mentido nas suas cartas!» Visionava-a com o vestido negro da viuvez, precocemente envelhecida, as costas já a abaularem-se e sempre confiando nele, ansiosa por vê-lo feito «senhor doutor», cumprindo os desejos do marido e os seus próprios de ter um filho que desse brilho à família.

No trilho de sombras e claridades, voltavam a adquirir sonoridade as palavras longínquas e amadas, tantas vezes repetidas, no tempo em que ele andava a tirar o curso: «Já te faltam só três anos… Já te faltam só dois anos…»

Empardecia o céu e a terra começara a escurecer quando a barraca de Lourenço surgiu a fechar-lhes o passo. Era o único tecto que se cravara nas margens, longas de muitos quilómetros, do Lago-assu, que ia enegrecendo também. Soltas na vasta superfície líquida, flutuavam as vitórias-régias, de que Alberto tanto ouvira falar: enormes ninfáceas redondas, de fundo plano e rebordos, pareciam verdes pandeiretas, com uma exuberante flor ao centro, e

pela sua estranha forma sugeriam bandejas rituais deixadas por um cortejo de oferendas a um remoto deus aquático.

À noite, o lago tornava-se difuso, etéreo e a sua cálida brisa dir-se-ia um bafo de morte, varrendo os fantasmas que andavam a roubar as constelações dos trópicos — jóias fabulosas e trémulas que ali se reflectiam. Mas, de dia, era aço brunido, vidro faiscante. Abria-se em grandes amplitudes, prateado à superfície, irisado um pouco mais acima, sob uma neblina transparente, só visível porque esmaecia o verdor das margens distantes.

A sua condição de caboclo dava a Lourenço privilégios ímpares em todo o seringal. Dos párias masculinos e válidos só ele não se entregava à extracção da goma elástica. Era uma regalia muito antiga, que a sua raça conquistara, não por força activa, mas por indolência inata. O Mundo cifrava-se, para ela, numa barraca, numa mulher e numa canoa, e merecia-lhe sorrisos de piedade os homens que vinham do Ceará, do Maranhão, mesmo de Pernambuco, desbravar a selva virgem, sofrer todas as vicissitudes, tormentos sem conta, apenas pela ânsia de uns tostões a mais.

O caboclo via-os chegar, tão infelizes e desprotegidos, como diligentes e cobiçosos, via-os, com indiferença, ocuparem a terra dele, como se tudo aquilo lhes pertencesse e estivesse ali para seu regalo. Mas o tempo decorria e os que, de começo, espalhavam energias, acabavam mostrando depauperamentos, os que haviam trazido expressão de futuros vencedores, arrastavam-se depois como vencidos, e por um que regressava ao ponto de partida, quedavam ali, para sempre, centenas de outros, esfrangalhados, palúdicos, escravizados ou mortos. A selva não perdoava a quem pretendia abrir os seus arcanos e somente esse homem bronzeado, de cabelo liso e negro, que nascera já renunciando a tudo e se comprazia numa existência letárgica, junto de copiosas riquezas, entrava naquela vida fácil.

Quando D. Santos Mercado, vindo da Bolívia com a sua operosa ambição, descera o Beni e as cachoeiras do Madeira para fundar o Paraíso, já os ancestrais de Lourenço viviam numa ilhota, próxima da outra margem do rio.

Escolhido o sítio, o boliviano mandou roçar um quilómetro de mataria e, com homens recrutados longe dali, pôs-se a explorar a mina vegetal. Sabia-se que lá em frente existiam duas casas de caboclos e sua filharada — mas já nesse tempo eram gente à parte, que um abismo líquido separava do novo dominador. No Verão atiravam, por desfastio, algumas sementes de tabaco à terra e, em havendo folhas largas, com elas faziam grosseiros charutos ou entaniçavam-nas para

migá-las depois. O resto, davam-no os rios e os lagos. D. Santos Mercado não sabia mesmo se eles eram muitos ou se eram poucos e nessa ignorância regressou à Bolívia, depois de enriquecer e vender a outrem o seringal. Um dia, porém, a ilha começou a desfazer-se. Hoje, três ou quatro árvores tombavam na corrente, amanhã cinco ou dez metros de terra, as águas, mudando o curso, iam levando tudo e já ameaçavam as barracas quando o pai de Lourenço se meteu na sua canoa e, atravessando o Madeira, pela primeira vez desembarcou no Paraíso, a solicitar hospitalidade a D. Sisino Monteiro, o novo proprietário.

Não havia inconveniente. Pelo contrário, existiam até vantagens: o pirarucu que os caboclos iam permutar em Humaitá, por sal, farinha e cachaça, seria trocado ali, com lucro para o seringal. O pai de Lourenço instalou-se no lago grande e o seu vizinho foi para Popunhas. Já no reinado de Juca Tristão, Lourenço ficou órfão e casado com uma das cunhantãs que outrora viviam na ilha desaparecida.

Era simpático com a sua cara[13] larga, bigode caído, luzidia cabeleira solta ao vento. Como quase todos os caboclos, sempre que fazia pesca vultuosa, grandes pirarucus ou peixe-boi inacabável, dava festança rija, apagando a tristeza dos desiludidos e adquirindo, na troca dos produtos, uma bugiganga que enlevasse a sua única filha — o seu poema de ternura.

Quando Firmino lhe apresentou Alberto, ele abriu o seu mais humilde sorriso e mostrou-se tímido enquanto não se convenceu de que o estrangeiro, apesar da sua cor e da sua pronúncia, tinha situação igual à de todos os outros.

Como o soalho de paxiúba, levemente ondulado e de junturas irregulares, dificultasse as danças no interior da barraca, Lourenço construíra uma larga alpendrada, cuja terra batida marcava o maior esforço de toda a sua vida. Em redor, velhos caixotes e pequenos toros de madeira serviam de assentos. E a luz mortiça do farol, dependurado no tecto, balouçando ao menor sopro de brisa, esboçava apenas os corpos, cobrindo-os de trémulas sombras. As vestes perdiam os contornos, as pernas formavam, por vezes, uma única mancha obscura e só os dentes e os olhos dos negros brilhavam. Dir-se-ia que faltava o ar.

Mas já se encontrava lá muita gente, outra chegava de instante a instante, de canoa ou por terra, ao longo das veredas da selva.

O caboclo ia da direita à esquerda em ofício de hospitalidade, distribuindo chávenas de café e tigelinhas de chicha, extraída de milho fermentado, conforme a arte dos bolivianos, e essas duas bebidas, sobrepostas à cachaça domingueira, tomada durante a caminhada para ali, a todos bem dispunha e dava quente

efusão.

Pedro Surubi sentou-se e fez gemer, na penumbra, o seu acordeão.

— Anda, minha gente! Vamos alargar a barriga para jantar! — incitou o caboclo.

Ninguém se enlaçou. Os homens aproximaram-se, fazendo muro em redor da alpendrada — o cigarro na boca, os olhos em observação. As mulheres estavam sentadas, inventando súbitas conversas e fingindo-se alheias à razão que as trouxera, conforme mandava a cerimónia no início de todos os bailes. Aquela polca nunca tinha pares. Pedro Surubi interrompeu-a a meio, cuspinhou a ponta do cigarro e pôs-se a fazer outro, lentamente. Envolvia-os, agora, tépido silêncio. Uma garota surgiu à porta da barraca e logo se encostou à ombreira, para não perturbar a mudez geral.

Fleumático à força, por sentir sobre ele todos os olhos, Pedro Surubi acendeu o novo cigarro e voltou a enfiar os dedos nas alças do acordeão. Começou outra polca.

— Então, minha gente? — E Lourenço deu o exemplo, indo bailar com a negra Vitória.

Os homens precipitaram-se e, quando lhes faltaram mulheres, ligaram-se entre eles, para o rodopio voluptuoso. Eram vultos de lanterna-mágica na luz vaga e oscilante do farol — formas indecisas que se movimentavam na sombra, tendo de nítido apenas as cabeças com seus lábios húmidos de luxúria.

Alberto compreendeu que Firmino só não fora bailar também para não o deixar sozinho.

— Por que não vai?

— Depois… Tenho tempo. E seu Alberto não dança?

— Eu, não, mas vá você. Por mim, não deixe de ir.

— Depois… Depois…

Quando o acordeão se calou e as damas voltaram a sentar-se, Alberto contou-as.

— Você tinha-me dito que no seringal não havia mulheres e só aqui eu vejo cinco…

— Se estão todas! Só falta a branca do gerente, que nunca vem aos forrós, e a dona Tita, de seu Alípio. Aquela cabocla baixa que você está vendo, é a mulher de Lourenço, a negra, que está ao pé, é nhá Vitória, que lava a roupa de seu Juca, de seu Guerreiro e de seu Binda e é mãe do Alexandrino, aquela picada das

bexigas, é de seu Nazário, do Igarapé-assu, a outra, que traz jasmim cheiroso na carapinha, é do Chico do Paraisinho, que tinha salário e vive aqui há vinte anos. Mandou buscar a mulata ao Ceará e, depois, nunca mais saiu daqui, porque ficou outra vez a dever. Todas têm dono, seu Alberto e os donos têm rifle… E mesmo que não tivessem! Você já sabe quantos homens há no seringal…

— E aquela pequena que está encostada à porta?

— Aquela moça é a filha do Lourenço. É com ela que o Agostinho quer casar…

— Com aquela? Mas se é ainda uma criança!

— Quando um homem não tem mulher…

— Não diga isso, Firmino.

— Se não for para Agostinho, para outro há-de ser. A mocinha já tem muitos focinhos atrás dos passos dela como tamanduá-bandeira cheirando os formigueiros…

— É por isso que o Agostinho não veio?

— É. Ele está zangado com Lourenço, que lhe negou a moça…

Pedro Surubi voltou a tocar.

— Vá, Firmino, vá também.

— Depois, depois. Por enquanto não tenho vontade.

Ora a um, ora a outro, as cinco mulheres davam um pouco do seu contacto e do seu calor perturbante. Dilatavam-se os olhos masculinos, os lábios intumesciam-se, a lascívia ia em onda alta, abrangendo todos os elementos e emprestando a alguns dos rostos súbita expressão de loucura. De quando em quando, uma sombra deslizava na grande sombra da noite, despia-se à beira do lago e atirava-se à água. O banho era o poder moderador. Voltavam com o cabelo a escorrer, gotas nas orelhas, as pestanas molhadas, e enfiavam de novo para a alpendrada — para a tentação, para o abismo. Várias monstruosidades estavam ali em hipótese, em íntima admissão, e seriam imediatas realidades se a frouxa luz do farol se apagasse de vez.

A chicha e a cachaça começavam por estimular, tornando justificáveis, nos cérebros incandescidos, todas as aberrações, depois amolengavam-nos, apresentando-lhes como facilidade vindoira, o impossível e como breves certezas as mais indizíveis esperanças. E era essa ilusão que continha os famintos. Os seus braços, que se arqueavam, com gesto de posse definitiva, sobre o busto das cinco mulheres, acabavam por abrir-se em renúncia, sempre que o acordeão emudecia.

Gostavam, porém, de saborear o veneno até à última gota. Só quando o nascimento do dia impunha o dever, eles se retiravam, exaustos, para irem despender já não as derradeiras energias, mas a sua lembrança, ao longo da senda que ligava, na floresta, umas seringueiras às outras.

Ao acordeão veio juntar-se, após o jantar, a viola do Chico Safado e então a alegria transbordou, excitou-os ainda mais, dando às pernas movimentos desvairados e aos olhos um súbito delírio.

Contagiado, Firmino avançou também, levando nhá Vitória, de carapinha esbranquiçada pelos anos, tão esbranquiçada que dir-se-ia postiça na semiobscuridade imperante.

Mas, terminada a polca, Alberto viu-o aproximar-se dele, triste, com os lábios caídos, os olhos murchos. E nunca mais quis dançar.

A fumarada do pavio enegrecera a chaminé do farol, tornando a luz ainda mais débil e mais lúgubre. Era um baile de misteriosos vultos que se efectuava agora na vasta alpendrada. Os homens que dançavam, adivinhavam-se mais pelo lume do cigarro, queimando a obscuridade, do que se viam.

— Quando seu Alberto quiser ir… — propôs Firmino.

— Eu, por mim, estou satisfeito. Já sei como é. Mas você só dançou uma vez… Podemos ficar mais um bocado.

— Não, não. Vamos embora. Gosto muito de dançar, mas hoje não tenho vontade… As pernas não me puxam.

Puseram-se a marchar na noite. Alberto, fatigado pelas emoções do dia, Firmino, de passo firme, como se tivesse forças, ao contrário do que dissera pouco antes, para trilhar o Mundo inteiro. E ambos calados. A luz do farol ia mordendo os troncos, engolfando-se nos desvãos e criando inesperadas abóbadas. As sombras elevavam-se até às margens mais altas, contorciam-se em teias as formas, encolhiam-se, ampliavam-se, sempre tremulantes e sempre elásticas.

Alberto pensava, na sua conta, no que podia acontecer, no que não aconteceria talvez jamais — fila de hipóteses tão interminável como aqueles troncos de todos os tamanhos que o farol ia arrancando à negridão da selva. «Dez quilos por semana, trinta mil réis… Cento e vinte no fim do mês. Mas as despesas? As despesas… E o Inverno, em que não se fazia quase nada? Quantos anos, quantos, para pagar a dívida, mesmo que tivesse sorte e saúde!»

VIII

O RIO começara a encher. Era um dilúvio anual que vinha do Peru, da Bolívia, dos contrafortes dos Andes, veios que borbulhavam, blocos de gelo que se derretiam, escoando-se da terra alta, regougando nas cachoeiras e destroçando, de passagem, tudo quanto se lhes opunha. Dir-se-ia que o Pacífico galgara a cordilheira e viera esparramar-se, em fúria ciclópica, do lado de cá. Minava, abria novos caminhos, contorcia-se nas enseadas, engrossava com as chuvas e ia sempre, sem descanso, a caminho dos pontos baixos. Caído nas esplanadas, perdia em violência o que ganhava em imponência. Já não era enxurrada, singra aqui, torce ali, correndo pelos declives e cantando nos despenhadeiros. Era um volume pesado, barro líquido que marchava em grandes amplitudes, levando na face lisa, que já não tinha murmúrios nem rugidos de cataratas, todos os destroços que fizera. Parecia, assim, ter saído dum mundo reduzido a escombros. Os cursos subiam logo, tragando praias estivais, salvando altos barrancos e fazendo das ilhas verdes náufragos tristes e amarrados.

Subiam mais, subiam sempre, engolindo raizedos nus, galhuças ribeirinhas e estendendo-se por baixo das barracas dos indígenas. A terra encharcava, então. O manto aluvial, descendente do bíblico, invadia lentamente, soturnamente, a selva arrepiada. Era pela boca dos igarapés, pelas gretas das margens, sobe, sobe, avança, transborda, mil línguas que se bipartiam aqui para se unirem de novo além, numa surda persistência de extermínio. Hoje, um palmo, um metro, amanhã, um quilómetro depois e, por fim, léguas sem conta — toda a gleba traspassadinha, como se a selva não fosse mais do que floresta submarina, trazida por artes mágicas à superfície de nunca visto oceano.

A água morta dos igapós, presa na brenha durante o Verão, ressuscitava, movimentava-se novamente, perdendo a sua cor de limo negro ao contacto com a outra, que vinha ligar-se a ela e expandir-se por toda a parte.

Os lagos deixavam de possuir contornos, não mais ourelas nem grande monóculo reluzente, por onde a terra via o céu. Era tudo água suja, mar tranquilo, calvo ao centro e semi-cobrindo, por extensões imensas, enormes

árvores que adquiriam duplicidade de anfíbio.

E até os tremedais, que tinham secado no estio e haviam sido apenas podridão, se transformavam agora em campos de excursões para os peixes que exigiam variedade cenográfica.

Só aqui e ali, olho de paca ou de cotia, de anta ou de veado, descobria, para refúgio, magra restinga onde a invasora não levara ainda o seu domínio invencível. Terra limpa que ficava à vista, era tijuco, era lama onde o gado imprimia fundo as suas quatro patas e os homens gretavam os dedos dos pés.

Vivia-se em cima de água, que se via pelas frinchas do soalho, fincado sobre espeques, e os caboclos que no Verão amarravam a canoa a quinhentos metros de distância, lá ao fundo da ribanceira, tinham-na agora junto à porta. E chovia, chovia.

A enchente durava meses e, em anos de maior volume, nas planícies da bacia nem um redil ficava. Desafiando o aluvião, os fazendeiros mais precavidos erguiam logo «marombas» — estrados amplos onde o gado passava, sem movimento, todo o tempo da invernia. Mas era, quase sempre, trabalho inútil, pois até ali, muitas vezes, o caudal o perseguia. Bois e vacas, primeiro com as patas, com o ventre depois, mergulhados no inimigo, acabavam por tombar de inanição e ser lançados ao rio, para gáudio de piranhas e candirus.

Trepava a água às viçosas plantações, depenando toda a terra que braços fortes tinham roçado para a obra da criação. E os mais desprevenidos viam até ir na corrente, desfeito com vigor daninho, o lar que haviam fundado ao alcance da intrusa. Era a desolação e era a pobreza que a grande toalha impura trazia nas suas dobras.

Para cima, no Purus, no Juruá, no Solimões ou no Alto Madeira, existia mais terra firme, mais restingas, onde os animais procuravam asilo. Mas não era menor a perturbação causada aos homens que lá habitavam e tinham de ignorar sempre, por muitos anos que vivessem, as posições definitivas.

Em Todos-os-Santos, só muito penosamente Firmino, Agostinho e Alberto conseguiam trilhar agora a vereda que ligava as seringueiras umas às outras. O igapó estendera-se até junto do canavial e grande parte do caminho era percorrida com os pés dentro de água, cada passo uma hesitação, pelo receio de se pisar touça, de espinhos ou mal ainda pior. Regressavam encharcados e com as calças a escorrer lama.

No Igarapé-assu, no Laguinho e em Popunhas a enchente ordenava os mesmos sacrifícios e, dentro em pouco, já tudo seria em vão. Os braços deixar-

se-iam cair, improdutivos e vencidos pelo surdo adversário, e quatro ou cinco meses, descontados no anseio de regresso, arrastar-se-iam, lentamente, para as vidas que não viviam.

Alberto tinha a sensação de se encontrar num cárcere, sem pena fixada, sem dia marcado para a abertura da porta. Eram as cifras seu tormento, elos da corrente que ali o prendia ao tempo e o levava a íntimas inquirições: «Um conto, setecentos e quarenta mil réis… Dois anos? Cinco anos? Ou toda a vida?»

Essa falta de prazo tornava-se obsessiva. Não se adaptava. Sentia-se sempre provisório, desejoso de partir e desesperava— se ao verificar que ainda há pouco chegara. Era outro o meio, outra a terra e outros os seres. Nada se criara ali para o comprazer, nada lhe falava das pessoas com quem convivera, dos seus antigos costumes, das coisas que amara. Era um mundo à parte, terra embrionária, geradora de assombros e tirânica, tirânica! Nunca árvore alguma daquelas lhe dera uma sugestão de beleza, levando-lhe ao espírito as grandes volúpias íntimas. Ali não existia mesmo a árvore. Existia o emaranhado vegetal, louco, desorientado, voraz, com alma e garras de fera esfomeada. Estava de sentinela, silencioso, encapotado, a vedar-lhe todos os passos, a fechar-lhe todos os caminhos, a subjugá-lo no cativeiro. Era a grande muralha verde e era a guarda avançada dos arbustos que vinham crescer em redor da cacimba e, degolados pelo terçado de Firmino, brotavam de novo, numa teima absurda e alucinante. A selva não aceitava nenhuma clareira que lhe abrissem e só descansaria quando a fechasse novamente, transformando a barraca em tapera, dali a dez, a vinte, a cinquenta, não importava a quantos anos — mas um dia! Seria pelo esgotamento das seringueiras, seria pela intervenção dos selvagens, chacinando os desbravadores, seria por outro motivo — mas seria! A ameaça andava no ar que se respirava, na terra que se pisava, na água que se bebia, porque ali somente a selva tinha vontade e imperava despoticamente. Os homens eram títeres manejados por aquela força oculta, que eles julgavam, ilusoriamente, ter vencido com a sua actividade, o seu sacrifício e a sua ambição.

Alberto relera todos os livros que trouxera, escrevinhara as suas emoções de desesperado em todo o papel em branco que encontrara e conhecia já, pelas costas, todas as cartas do baralho com que enchia algumas horas da negra solidão. A barba crescia-lhe durante a semana, só ao domingo encontrando navalha nas mãos de Alexandrino, lá fora, no Paraíso. Desleixar-se: o cabelo desgrenhava-se livremente sobre os olhos amodorrados no rosto magro e oblongo, e calças e blusas, todas engelhadas, falavam de renúncia à estética física, que tanto preocupara a sua juventude em Portugal. Não valia a pena! Não

valia a pena!

Nada havia a fazer. Para trás, o Igarapé-assu, só alcançável agora de canoa, navegando sobre a trilha onde no Verão choutavam cavalos. E quem tava lá? Os mesmos párias, os mesmos prisioneiros da selva, com uma vida sempre igual, todos à espera do meio litro de cachaça que Juca Tristão, com ar de esmola, lhes vendia ao domingo. Agostinho e Firmino amavam a sua convivência e, de quando em quando, escapavam-se para lá. Ele acompanhava-os, para não ficar sozinho na barraca, embora Firmino jurasse que os índios não abandonavam a maloca, por falta de transportes, desde que a floresta escondia as raízes na água. Eram tardes quase sempre tristes, fizesse sol ou chovesse, a escutar os Cearenses, os seus sonhos derrotados, os seus amores interrompidos — todo o carinho, todo o coração lá longe, na distante terra da nascença. Sabia já de cor a história deles e às vezes, de regresso, sentado no meio da canoa, ecoavam de novo no seu espírito frases que lhes ouvira. «Era um capanga valente capaz de espantar a António Silvino». «Naquele ano de seca, eu deitei a boca ao tijuco para ver se ainda chupava umas gotas de água. Depois, não pude mais e bebi urina de cavalo». «Eu vi o meu tio Alfredo endoidecer de sede e correr, correr atrás de nós, com os braços abertos, que até parecia uma alma penada. Nós vínhamos a fugir do sertão e ele caiu e lá ficou a estrebuchar, enquanto os urubus não deram cabo dele».

De tão nítido, Alberto via também o espectáculo que as palavras sugeriam. O vulto aloucado de sedento, correndo atrás do êxodo, colava-se-lhe nas pupilas como uma obsessão. E lá estava a bracejar, aberta a boca, desvairados os olhos, trémulo, roto, empoeirado, cobrindo com a nua angústia, estampada na terra ardente, a galeria vegetal por onde a canoa singrava.

A pensar nas bravas gentes, Alberto enternecia-se e agora compreendia-as melhor. Já eram outras para ele, assim vestidas com farrapos dramáticos que a Europa ignorava. As imensidades nevadas e as areias dos desertos haviam já florido em muitos jardins literários. Desconhecia-se, porém, o drama do Ceará, que a todos ultrapassava. Nos desertos, até as feras eram raras, no sertão, viviam homens. Lares fecundos, gleba cultivada, cada palmo que desabrochava era sempre uma esperança de futuro melhor. De dia suava-se no trabalho e à noite um violão gemia sob o feitiço do luar. Havia-os tão agarrados ao terrunho, que cuspiam com desdém sempre que lhes surgia, a desafiar a ambição, algum Cearense enriquecido nas brenhas do Amazonas. Qual! Eram lorotas, conversa fiada, pois muitos morriam lá com febres. Mas, um dia, a terra nativa escaldava a palma gretada dos pés. Os rostos amofinavam-se e entrava o desassossego.

Alguns, mais crentes, apresentavam ainda argumentos e exemplos de outros anos em que o mal não se desenvolvera. Escutavam-nos de olhos baixos, em silêncio, todos desejando neles acreditar. O sol, porém, queimava cada vez mais: as fontes já haviam perdido a melopeia, transformando-se em tristes lacrimários. A terra começava a arder. Secavam primeiro as plantas, iam-se depois os arbustos; e árvores velhas, que estavam na memória de muitos que à sombra delas tinham brincado, punham-se a murchar também. Vinha a aflição, o terror. Nos córregos, outrora múrmuros, só se ostentavam agora limos ressequidos e todas as bocas clamavam em vão pela água que não existia. Caíam mortos os animais, outros volviam-se furiosos e sempre, sempre, o sol dos trópicos a dardejar sobre a terra em brasa os seus raios fatídicos. Um bafo ardente de morte percorria todo o sertão. A própria Lua crestava e já não eram modinhas que ouvia ao som dos violões. Agora, somente gritos de angústia subiam dos pobres casebres até ela e se espalhavam pelo céu, a implorar clemência aos deuses indiferentes.

Dava-se, então, o êxodo, mais trágico e numeroso do que o dos antigos hebreus nos domínios da cristandade. Eram caravanas sem fim ao longo da terra em fogo. O sertão ficava abandonado, com suas planuras ígneas e lombas a arderem também. Quem entrasse nele, a trote largo de cavalo, só encontraria destroços, restos das vidas que se foram, esqueletos mirrados e, para além, na linha sangrenta do poente, lá ao fim da terra esburgada, a ameaça de não volver.

Partiam muitos, quando soava o rebate para a fuga, mas muito poucos chegavam à beira do mar redentor. O pó do caminho ia cobrindo, todos os dias, corpos exânimes de velhos e de crianças, que os abutres, mais tarde, viriam devorar. As mães, por vezes, não resistiam a essa marcha aterradora e quedavam-se debruçadas sobre os filhos primeiro em choro forte, depois com os olhos fixos numa torturante obsessão. Quando a morte se apiedava, já para elas o Mundo há muito tinha morrido.

Cada nuvem que se formava era uma promessa, um castelo de esperanças irisadas lá no alto. Mas logo as ameias errantes se desfaziam e o céu voltava a ficar límpido, muito límpido, sem que um só pingo de chuva caísse daquele azul tão puro sobre a terra tão incandescida. De novo desiludidos, os retirantes, vergados ao drama intenso, esfarrapados, sedentos, famintos, alcançavam, um dia, a capital do Estado, que se mirava sobre a riba atlântica, e dali partiam, ainda uma vez, para outra odisseia. Uns, rumo ao sul, à terra roxa de São Paulo, onde floria o café, outros, quase todos, cabeça voltada ao Amazonas, esperando que a selva fosse mais generosa para eles do que havia sido para tantos dos seus vizinhos. Era a conquista da fonte que o sertão lhes negava. Era a troca da terra

que matava por falta de água, pela terra que matava por ter água em excesso.

Mas ninguém podia ir por seu pé. Pobres de tudo, menos de coração terno, deixavam-se definhar por carência de passagem. Chegavam então os enviados dos seringais, que lhes conheciam as vicissitudes e os levavam em grossa récua. E se não os encontravam em Fortaleza, porque o ano fora ameno, iam recrutá-los mesmo dentro das suas casitas rústicas, por todas as várzeas e colinas do romântico sertão. A ameaça de nova seca e o desejo dum pecúlio, modesto que fosse, submetiam-nos aos engajadores.

Mas, lá longe, mal chegados à Amazónia, o que queriam era voltar. Mesmo os que se haviam arrastado em êxodo, deixando, durante o trajecto, os pais velhinhos em delírio, ou mortos os filhos de tenra idade, não pensavam noutra coisa além do sertão distante. Todas as riquezas da selva e toda a imensidade da sua rede botânica, que compensava os longos dias de sede, e desvalorizavam quando eles as punham em confronto com o pobre lugarejo em que tinham nascido. A brenha estava cheia da alma humilde do sertão e era ela quem rompia e quem chorava na maranha interminável.

A vê-la, a ouvi-la e a evocá-la, Alberto comovia-se e já não julgava por bem seus assomos de altivez e seu orgulhoso isolamento no convés do navio. Mais do que as gentes, o trabalho e o meio ambiente o desalentavam agora.

Para além da barraca não havia o recurso duma excursão desanuviadora, uma boca compreensível que ludibriasse as horas. As «estradas» lançavam a sua curva a oito ou dez quilómetros e do que estava mais adiante nada se conhecia. Era a selva virgem e infindável, pertença teórica dum senhor que media as propriedades apenas na margem do rio. Os fundos, tivessem cinquenta léguas ou cinquenta mil, tornavam-se-lhe indiferentes desde que não se pudesse levar lá os extractores de borracha. Legalmente, todas essas profundidades indesvendadas tinham por dono Juca Tristão, admitindo duas rectas imaginárias e paralelas saindo do Madeira até Mato-Grosso, mas, em realidade, outro amo existia, invisível, feroz, enigmático como a própria selva e que se comprazia em dançar, agitando o seu capacete de plumas, em volta da cabeça degolada do invasor. E outro pé humano não trilhara ainda essas bravias solidões, tão pavorosas e desconhecidas como no princípio do Mundo.

Uma tarde, ao regressar do trabalho, Alberto e Firmino não viram a canoa no igapó. Entraram no defumador e também lá não se encontrava Agostinho.

— Aquilo é que já não pode andar com a água na estrada e foi caçar ou pescar — aventou Firmino.

Alberto pensou que as águas não haviam crescido bastante nas últimas horas, para que a extracção da borracha fosse suspensa assim de repente, e preguiça não era decerto também, pois Agostinho envaidecia-se, justamente, de nunca faltar à sua «estrada». Admitiu que os índios o tivessem morto, mas logo arrecadou a hipótese, para que Firmino não visse nas suas palavras um sinal de medo. De mais a mais, o companheiro, sabido de todos os perigos da selva, mostrava-se muito calmo e a própria maneira como assobiava não parecia abafar qualquer cuidado, o que era bom sintoma.

Defumado o látex, recolheram à barraca e preparavam-se para almoçar quando Agostinho entrou. Trazia a cara transtornada, os olhos sinistros, os lábios singularmente entumecidos. Com ele veio também algo de indefinível, que se dissolvia no ar e o corrompia, deixando a flutuar uma densa inquietação.

Agostinho recusou, sombriamente, a comida que Firmino lhe oferecia e à sua pergunta — «Não foi hoje cortar?» — respondeu com um breve «não», tão breve como um ponto final.

Firmino quedou-se a contemplá-lo, mas já ele lhe dava as costas e se dirigia para o dormitório. Sobre as paxiúbas estendeu a serapilheira e nela foi acumulando alguma roupa, objectos de seu uso, a rede e o mosquiteiro. Procedia rapidamente e Firmino, que havia encolhido os ombros, com simulada indiferença, ficara de novo em expectativa, sempre à espera de justificação.

Mas Agostinho persistia na sua mudez e, com o gesto nervoso de quem esqueceu pormenor de valia, desembainhou o terçado e foi lavá-lo na lata da água. Estava cheio de sangue.

— Que foi que lhe sucedeu?

— Não foi nada — disse, com a mesma voz surda e breve de há pouco, deixando que a interrogação se mantivesse no ar.

Logo enfiou nos ombros as alças da serapilheira, pôs o rifle a tiracolo, o chapéu na cabeça e ficou meditativo um instante, no meio da barraca. De repente descerrou os braços e caminhou para o amigo:

— Adeus, Firmino!

E enquanto eles se abraçavam, Alberto desviou os olhos, para não se incomodar ainda mais com as lágrimas que iam baixando pelo rosto de Agostinho.

— Adeus, seu Alberto…

Abalou e os dois, encostados à porta, viram-no tomar a direcção da selva virgem e desaparecer entre a folhagem, deixando a clareira sufocada pelo mesmo

ambiente que pesava na barraca.

— Que terá acontecido? — perguntou Alberto.

Com o olhar fixo, cismaticamente, no emaranhado por onde Agostinho se sumira, Firmino tardou a responder:

— Coisa boa não foi… Mas se metendo por essas brenhas, ele vai morrer com certeza. Como vai passar com a terra cheia de água?

Havia-lhes esmorecido o apetite. Entre hipóteses, sempre trágicas, que outras não insuflava a atmosfera, mordiscaram o naco de carne seca e depois Firmino resolveu ir, em investigação até o Igarapé-assu.

A canoa parecia não andar e a viagem longa como nunca. Mal desembarcaram, dois seringueiros afastaram-se do magote que se encontrava no terreiro de Nazário e interrogaram-nos nervosamente:

— Onde é que ele está? Onde é que ele está?

— Quem?

— O Agostinho.

Toda aquela gente se aproximava, rodeando a Firmino e Alberto.

— Não o viste?

— Mas que sucedeu?

— É que matou o Lourenço!

Menos surpreendido do que os outros, Firmino hesitou um instante:

— Foi para o mato… — respondeu, por fim.

— Por onde?

— Por essas brenhas fora… Por onde havia de ser?

— Eu não disse que foi ele? — exclamou Nazário, com ar de vitória. — Se eu o vi passar para o lago e depois voltar com cara de quem matou homem!

Os comentários coruscavam indignação. Com a sua vida à parte e liberalidade de desinteressado, o caboclo tivera sempre a estima dos que habitavam nas margens do lago ou mesmo longe dali, uma velha simpatia que brotava agora em lamentações e ódio ao assassino. Agostinho abrira-lhe a cabeça a golpes de terçado e decerto o apanhara à traição, escondendo-se atrás duma árvore, junto da qual o cadáver fora encontrado. Lourenço não teria gritado sequer, porque, se o houvesse feito, ouvir-se-ia, tão perto das barracas o acto se consumara. Ao regressar da «estrada», o Afonso topara-o ali, coberto já de insectos, que se deleitavam com o sangue coagulado.

Alberto e Firmino acercaram-se. Lourenço jazia sobre uma esteira, no

pequeno terreiro, e do crânio fendido saía a massa encefálica. Mão piedosa havia-lhe limpo o rosto. Tinha os olhos abertos, como que parados num último assombro, e os curiosos mais propensos à afeição reconstituíam ainda, no último jeito dos seus lábios, a ternura, feita de ignorância e de renúncia, com que recebia os seringueiros em dia de sorte no lago. Aos pés, a mulher contorcia-se em altos gritos e sobre o peito a filha ocultava a boca soluçante.

Alberto quedou-se a observá-la. Era dez réis de gente, corpito por desabrochar, braços franzinos, aos quais se ofereceria uma boneca — e só um cérebro desvairado pensaria que ela tinha também um sexo.

De regresso, com Firmino a repetir entre duas chapinhadas do remo — «Eu já esperava, eu bem dizia que o Agostinho não andava bom!» — Alberto ia monologando intimamente, como outrora, quando era estudante e visionava as grandes causas em que demonstraria o seu talento: «Senhor juiz! Senhores jurados! A piedade é a mais nobre manifestação humana! Mas esse homem, matando nas condições que acabais de ouvir, revelou o mais hediondo dos caracteres e não a merece. Não conspurqueis, portanto, o nobilíssimo sentimento da piedade, absolvendo quem nunca a teve! Imaginai, se vos é possível fazê-lo sem horror, uma sociedade constituída por indivíduos como o réu…»

«Senhor juiz, senhores jurados…» A lembrança desses mudos exercícios retóricos, quando de noite caminhava sozinho nas ruas silenciosas que o levavam a casa, trouxera-lhe de novo a sua angústia de pária. Antegozava, então, o êxito de advogado jovem que se impõe rapidamente, que se imporia, sobretudo, na acusação dos grandes crimes, com adjectivos de violência e combate que melhor se ajustassem ao seu temperamento.

Agora, porém, haviam-se desfeito os sonhos de triunfo, tudo falhara e ele sofria como se as suas próprias ideias fossem realmente, como o queriam os adversários — um crime a espiar! Evocava o assassino, evocava o meio em que vivia e a imaginada eloquência morria-lhe no cérebro, deixando uma herança incómoda.

Quando chegou a Todos-os-Santos, os seus olhos correram para o lugar onde Agostinho havia desaparecido. Dir-se-ia que ele não partira totalmente, que algo dele, invisível mas sensível, ficara ali colado à ramagem, pegado à sombra, para sempre.

Não podia fitar esse ponto sem pensar na existência do criminoso, que saíra não se sabia para onde, levando o errante mistério dos seus passos para o mistério da selva impenetrável.

No dia seguinte, ao extrair o látex das seringueiras, o confrangimento persistia em Alberto, como se ao lado da vereda onde caminhava se encontrasse um morto, o próprio Lourenço, e as apodrecidas folhas que cobriam o chão guardassem as pegadas do matador ao evadir-se. Por onde teria ido? Se soubesse que Agostinho pisara, durante a fuga, a mesma terra que ele próprio ia pisando agora, levantaria os pés como se ali houvesse fogo ou se enroscasse uma cobra peçonhenta.

Era um mal-estar muito diferente do que lhe produzira Firmino, no primeiro dia e nesse mesmo trilho, ao confirmar-lhe a existência dos índios. Por onde teria ido? Alberto reagiu: «Que tinha ele a ver com isso? Agostinho era um indivíduo rude, sem nenhuma identidade consigo, um delinquente comum, mais odioso do que muitos outros».

A dualidade voltava, porém, a estabelecer-se. Não só o crime o importunava agora, mas também o seu consórcio com a vida que era imposto ali a todos eles e com aquelas profundidades selváticas onde Agostinho fora buscar impunidade e que só por si metiam medo. «Como poderia resistir, como poderia sobreviver aos perigos, às lutas e aos sofrimentos dessa partida desesperada através daquele mundo inextrincável?».

À tarde, Firmino propôs a Alberto, mais para distrair o seu mutismo do que por ele próprio, também deprimido, irem os dois caçar na restinga. Ao saber que o refúgio dos animais ficava do lado oposto àquele onde Agostinho desaparecera, Alberto concordou alvoroçadamente.

Tomaram os dois a canoa, remando primeiro sobre o varadouro alagado. Depois Firmino aproou à esquerda, roça aqui os troncos, enleia acolá nas lianas, as mãos quebrando os galhos ou por eles puxando, já que os remos se tornavam, por vezes, inúteis.

— Espere aí um momento… — pediu Alberto.

Estendeu o braço e apanhou a flor. Quanto valeria aquilo em Portugal! E a mata estava cheiinha delas! Eram orquídeas preciosas, de recorte singular e surpreendentes cores, cataleas de pétalas tersas de lírio, que tinham algo de sexo virgem e fascinavam como uma ilusão. Parasitárias, as raízes que lhes davam vida prendiam-se, como tentáculos, a caules de seiva rica e nunca mais desfaziam o abraço. E o drama não era único. Metade da selva vivia da outra metade, como se a terra não bastasse para o império vegetal e fosse necessário sugar as árvores que chegaram primeiro. Não havia ramagem que não alimentasse, com o próprio sangue, o seu parasita — as grinaldas estranhas que a

envolviam. O apuizeiro, de vasta bibliografia, levava mais longe o despotismo: a princípio, era semente anónima caída sobre uma forquilha, depois, raiz bamboleante e humilde, procurando a medo o chão distante, e por fim devorava toda a árvore, até ficar sozinho. Na sua mudez, aquele mundo vegetal tinha cruéis egoísmos, ferocidades insuspeitadas e tiranias inconfessáveis. Viver! Viver, à sua custa ou à custa de outrem, era a ânsia de todo o ramo, de toda a folha, por mais despersonalizados que se apresentassem aos olhos de quem os via.

Com a catalea na mão, Alberto contemplou, um instante, a sua blusa de riscado. Não tinha botoeira, seria acto grotesco prendê-la ali. E, contudo, se a houvesse adquirido outrora, num florista do Chiado, subiria a rua envaidecidamente, alegre por ostentar a flor exótica. A recordação da cidade longínqua, panóplia dos troféus da sua juventude, de novo o entristeceu.

— Olhe a cabeça, seu Alberto! Tem maribondos!

Abaixou-se rapidamente e, passada a ramaria, que fechava o caminho, os seus olhos volveram-se, ainda um momento, para a catalea. Atirou-a finalmente à água. E ela quedou-se a flutuar, as pétalas abertas, a haste mergulhada — uma estrela acendida na superfície negra.

Mas, para diante, existiam mais, muitas mais. Era um jardim suspenso, cores de aguarela no verde imperante — surpresa com que a floresta aligeirava a sua densa monotonia. Faziam-no pensar em lábios carnudos de mulher, teimavam em sugerir-lhe órgãos secretos femininos, e ele arrancava ao sonho pares excitados, que as colheriam voluptuosamente.

Firmino, de orelhas à escuta, remava agora com lentidão, evitando todo o ruído. Subitamente, porém, um animal que se atirava à água, espadanando para longe, quebrou o silêncio.

— Eh, bicho danado — exclamou, então, o mulato. E, com duas remadas fortes, foi encalhar a ubá na ponta da restinga.

Era uma língua de terra emergindo do dilúvio, espapaçada nas bordas, coberta ao centro de folhagem e troncos mortos, que apodreciam na humidade, promiscuamente. Todos os animais que os caçadores teriam vaidade em matar e muitos outros que ninguém ousaria comer, vinham aglomerar-se ali — único abrigo que a selva lhes oferecia quando as águas avançavam em posse de muitos meses. Só os macacos, saltadores em ritos de ramo em ramo e acrobatas, por distracção, em todas as lianas, encontravam no Inverno liberdade para excursionar. Os outros estavam encarcerados, umas centenas naquela restinga,

mais duzentos ou trezentos nos metros de terra firme que se erguiam alguns quilómetros além — entristecidos e famintos dentro do aro líquido que os prendia inexoravelmente. Estava a paca loira e de olhos noctívagos, a anta corpulenta, saborosa e míope também perante a luz solar, a cotia, pequena e lesta como a lebre e de grito alarmado, sempre que sentia presença humana, o tamanduá-bandeira, de cauda em estandarte e saudoso do manjar que lhe forneciam os formigueiros, altos como guaritas de castelos, o tatu, com a sua couraça esbranquiçada e focinho agudo de perfurador de todas as terras, o veado espantadiço e a onça carnívora, o mais feliz de todos, pois só tinha de escolher, entre os companheiros de prisão, aquele que mais lhe apetecesse. Estavam outros, muitos outros e, de quando em quando, a contemplar a Arca de Noé, vinham espreitar lá de cima e rir-se da desgraça alheia, com a petulância que lhes davam os seus movimentos livres, o quatipuru, e capijuba, os barrigudos e os pregos.

Sentindo os importunos, os mais decididos dos exilados atiraram-se à água e lá as balas de Firmino foram deter, pum-pum sobre pum-pum, esbelto veado que nadava entre as sombras dos troncos. Os outros, sábios em mimetismo, apardaçavam-se na folhagem ou ocultavam-se no âmago das árvores apodrecidas. Mas também lá Firmino os ia buscar, introduzindo no buraco a ramagem duma vara, até os encurralar na extremidade do esconderijo. E, então, o seu terçado, depois de cavar no tronco morto, dava-lhes o golpe de misericórdia.

Não era necessário levar reserva para muito tempo, num dispêndio inútil de sal, pois a carne em breve se putrefazia pela acção do calor e os animais, vítimas também da selva, que lhes dera a vida e lhes precipitava a morte, não fugiriam dali. Firmino podia vir, oito, quinze dias, um mês depois, podia vir com todo o seu ripanço, enquanto as águas não secassem, lá os encontraria sempre — e sempre prontos a servirem-lhe de almoço ou de jantar.

Contudo, apesar de o fundo da canoa estar já coberto de cadáveres ensanguentados, o mulato, com um sorriso de ironia, voltou a empunhar o rifle e procurou, entre a galharia cimeira, algo que Alberto não tinha divisado ainda.

Ao tiro respondeu, lá de cima, um rugido alarmante, um arreganho de dor e ferocidade.

Firmino disparou de novo e, então, despenhando-se de ramo para ramo, veio estatelar-se cá em baixo uma onça enorme.

— Que sussuarana bonita, hein, seu Alberto?

A fera contorcia-se em paroxismos, os olhos fuzilantes, as garras rapando o solo, o ventre a subir e descer, em respiração desesperada, e a dentuça à mostra, num esgar que era ameaça e sofrimento.

— Também se come onça?

— Se come, mas eu não gosto. A carne é dura e se desfia toda na boca.

E novamente sorrindo, envaidecido:

— Seu Alberto não a tinha visto?

— Não.

— Se você vem sozinho e ela estava com filhos, era comido sem dar por isso…

— Mas a onça também é perigosa?

— Ui! Quando está com filharada ou anda no cio, com macho ao lado, se atira a um homem e o faz em pedaços, se ele não foge. Mas quando não está, assim é ela que pega a correr, com medo de bala. Senhor Alberto não ouviu ela gatinhar pela árvore acima quando nós chegámos? Não? Eu ouvi logo que a montaria tocou na restinga. Mas deixei-a para o fim… Às vezes é perigoso, porque ela salta, com medo, e vem cair em cima de quem está cá em baixo… Vamos?

A fera arquejava, agora suavemente, e o branco das suas presas desaparecia sob o sangue em gorgolões. Encontrava-se estendida sobre um dos lados, com o olho esquerdo cheio de terra e o direito a embaciar-se, pouco a pouco.

Firmino e Alberto retomaram a canoa, empreendendo o regresso. A mata começava a farfalhar com o vento que lhe crespava as franças mais altas. Uma grossa nuvem comera o Sol e a ela outras se vieram juntar para a marcha vagabunda. Lentamente perderam todos os seus contornos de palácios fantasiosos e o céu tornou-se pasta cinzenta, sem revérberos nem coloração alguma. A selva vestira-se de outra luz, luz baça e sufocante de antemanhã que se deteve na operação da nascença. O ar pesava e a brenha escurecia. Rumores que andavam longe, estoiravam agora sobre a cabeça, fazendo tremer tudo. E a água negra era constantemente riscada pelas serpentes de fogo que rabiavam no céu e ela reflectia.

— Vamos apanhá-la no caminho, seu Alberto — vaticinara Firmino, vendo que se tornara inútil a força com que ia dando ao remo.

Já não era triste litania que a selva agora entoava; um uivo forte, perene e agoirento, viera substituir, entre fustes e umbelas, a monótona cantilena. A brenha uivava, ramalhava, contorcia-se sob o vendaval que conduzia para longe

a sua música épica e desesperada. Toda a terra se arrepiava, voavam milhões de folhas desprendidas e não havia na maranha um só ramo que não se agitasse. Estreitavam-se e tremiam as copas exuberantes, parecendo, no seu desgrenhamento, não presas mas correndo na mesma direcção do vento, com louca velocidade. Era um concerto cada vez mais alarmante de instrumentos desvairados e cada vez também o vento mostrava frenesi maior. A água plácida no igapó pusera-se já a ondular, porque a ventania rompera, enfim, a muralha do entrançado e viera soprar cá em baixo a sua ária estentorosa. E, de quando em quando, lá, nas alturas, o bombo da orquestra infernal fazia-se ouvir com fragor. Multiplicavam-se as bichas que iluminavam, por súbito clarão, o manto pardo em que tudo se embrulhara. Nunca Alberto vira, em mundo já trilhado, maior fúria dos elementos turbilhonantes. Sob as rajadas, a selva cada vez arfava mais, rangia por toda a parte e dir-se-ia prestes a destruir-se a si mesma no imenso clamor. Era fantástica e alucinante no sinistro ulular, a que só punha breve pausa o estampido do trovão abalando toda a terra. Depois, de algures, rebolando com secura, chegava o alarido forte de grande tronco rachado de alto a baixo pelo raio, num estralejamento brutal que parecia rasgar os nervos em pânico dos que o ouviam e se prolongava em ecos medonhos. Os trovões sucediam-se e relâmpagos cruzavam-se numa doida apoteose de fim de mundo falido. E, agora e logo, vinha de longe, surdamente, a música grave de colosso que a tempestade tombara na velha selva endemoninhada.

Caíram uns pingos grossos e depois a bátega desabou. Firmino, olho à direita, olho à esquerda, descobriu por fim, um abrigo e foi encalhar a piroga entre dois velhos troncos. Lá estava, mais além, a sapopema entrevista.

— Depressa, seu Alberto, senão fica mesmo como um pinto!

Saltaram e, a correr, foram refugiar-se na gruta de raízes. Era, como tantas outras que atravancavam a selva, uma peanha monumental, ora retorcida em cordas, ou levemente achatada, a grande árvore que lá em cima rugia. Tinha abóbada caprichosa, formada por grandes tranças e terminando em funil. Uma só arcada lhe dava acesso, mas, por entre o arvoredo, várias frestas deixavam entrar a luz fosca da tarde.

Sentado onde encontrara maior protuberância, e de cócoras, Firmino, puseram-se os dois a fumar. A princípio a chuvada fora detida pelos regaços da folhagem, mas agora tudo escorria, tudo transbordava e trémula cortina de arames líquidos fechava a perspectiva.

Alberto pensava em Agostinho, tentando situá-lo, nesse instante talvez

Perdido nas tremendas solidões sob aquela borrasca que parecia amedrontar os próprios recantos que produziam medo.

Firmino ainda lançou um comentário sobre o temporal, mas, como Alberto não lhe respondesse, calou-se também. Crescente indolência, sobre um fundo pacífico de irremediabilidade, lhes amortecia a fala. Era uma angústia densa, uma tristeza espessa, ver a selva enervada pela invasão pluvial — toda a folha luzidia, pinga, pinga, marulha e estremece. Dir-se-ia fofa a terra no seu húmus formidável, hostis todos os galhos e mesmo quem estava seco sentia a alma molhada. A humidade furava da epiderme até às vísceras emergindo em banho frio os próprios sentimentos. Nem cara colada à vidraça, em longas horas invernosas, sofreria a compacta monotonia da selva sob a chuva. Sempre, sempre, os mesmos caules escorrentes, as mesmas frondes rumorejantes, o solo apardaçado, as goteiras aos milhões e, para além, o obstáculo multiforme que não deixava passar os olhos. Vinha de cima, de baixo, de todos os desvãos, de todos os rincões, a melancolia que a tudo traspassava. Agora, a selva não fabricava terror; não tinha expectativa, não se encontrava em suspensão; desvanecera-se, por momentos, o seu mistério e não se interceptavam já estranhos conciliábulos. Era um monstro que estava ali, pesado, inofensivo, a bramir um sofrimento que não despertava piedade. E, contudo, nunca, como então, sugeria a vontade de morrer.

A luz esmorecente ia levando em ascensão a terra já enegrecida. O alumbramento crescia sem cambiantes, adensava-se em lastro e deixava-se de ver a chuva tocar o solo. Serenavam as copas sob o banho aluviónico e a tormenta uivava já ao longe. Só persistiam a chuva e aquela taciturnidade, que não derivava de ramos mudados ou de folhas amarelas de Outono, como na velha Europa, pois árvore que ali se cobrisse de folhagem, estava vestida para toda a vida e, sem a enchente, não se daria mesmo pela mudança das estações. A tristeza brotava desse verde eterno e sempre igual, que ia, que sufocava com a sua pertinácia e exuberância. Perante ele, Alberto amolecia sob funda sensação de vida irrecuperável. Das várias hipóteses entretecidas ao ritmo monótono da chuva, só lhe advinha impotência, o fardo da sua dívida e o desespero de ver todos os caminhos fechados. E seria assim, um ano, e outro. Como Firmino, que estava ali há seis anos; como o Chico do Paraisinho, que estava há vinte.

IX

MORTA a ilusão pelo contacto diário com a miséria, o último bando chegado caiu em desalento e tornou-se tão madraço como aqueles que ali sepultavam as ambições há muitos anos já.

A borracha entrara em declive, descendo cada vez mais, e o Verão, reabrindo as trilhas da selva, não trouxera aos seringueiros nenhum calor de estímulo. Custava-lhes até a quebrar, por tão fraca recompensa, a inércia a que os forçara, durante meses e meses, a longa invernia. Sem perspectiva de emancipação, modorravam no cárcere verde, pescando ou caçando quando o estômago o exigia e furtando-se, sempre que a vigilância se ausentava, à extracção da borracha, ingrata e desvalorizada.

Esmorecido o trabalho, não havia outro meio senão esporear os resignados com a visita diária de um fiscal a cada centro. Mas Balbino, Caetano e Alípio, isentos de ubiquidade, não podiam abranger, as horas em que era útil levantar os dorminhosos, toda a vasta extensão do seringal. Consultando-se sobre quem devia aumentar a hoste, Juca deteve o pensamento em Binda, que os seringueiros respeitavam por ser ele quem lhes aviava os alimentos e a cachaça.

Eleito o novo inspector, ficava a pesar ainda a escolha do substituto. Folheando na memória o registo dos habitantes, só um se destacou com mais probabilidades de competência, e veio marchando, do fundo obscuro da selva, até à luz do primeiro plano. Involuntariamente, o amparavam, de longe, o merceeiro que numa esquina de Belém fornecia comestíveis à família de Juca Tristão e todos os outros balcões da capital paraense onde trabalhavam empregados lusitanos.

Posto o caso, durante o jantar, ao siso do guarda-livros, ele afirmara sem detença:

— Me parece muito bem. Os judeus e os portugueses nasceram para o comércio.

Ficou tudo resolvido. E, no domingo seguinte, mal Alberto entrou no barracão, Binda preveniu-o:

— Seu Juca lhe quer falar. Venha comigo.

Enfiando no escritório, os dois roçaram a escrivaninha onde se extraíam as contas das vendas, empurraram segunda porta e quedaram-se, por fim, num recinto quadrado. Tinha duas janelas ao fundo, emoldurando os crotons do quintal, um cofre novo, a estante, uma carteira alta com o «Razão» aberto sobre ela, como missal no altar, o copiador e um calendário na parede — «B. B. Antunes & C — Comissões e Consignações, Manaus e Belém». Ao canto, estendia-se longa mesa cheia de papelada, na qual se debruçava Juca Tristão. Do seu charuto, pousado no cinzeiro, elevava-se ténue coluna de fumo.

Com um olhar considerativo, Juca examinou Alberto de alto a baixo, como no dia em que o increpara por golpear mal as seringueiras, e depois interrogou-o:

— Que habilitações tem você?

— Habilitações…

— Que sabe de comércio?

— Eu estive a estudar Direito e tinha quase concluído o meu curso quando… — respondeu Alberto, feliz pela declaração que julgou valorizá-lo e evitar-lhe novas humilhações.

Mas Juca interrompeu-o, cortando-lhe a ilusão:

— Não é de doutor que se precisa aqui. Sabe você fazer contas-correntes?

— Sei, sei! Estive empregado; em duas casas aviadoras do Pará. Na de Sequeira & Mendonça, que talvez conheça, e no Amaro Abreu, Limitada.

— E Por que saiu?

— Porque, com a crise da borracha, tiveram de despedir empregados e como eu era o mais novo…

— E de balcão?

— De balcão…

— Tem prática?

— De balcão… não. Mas creio que poderei aprender facilmente… — E como adivinhasse as intenções do amo, ficou imóvel e anelante, preferindo agora tudo à vida na barraca, lá longe, na soledade da brenha.

Juca Tristão pegou no charuto, puxou para si alguns dos papéis que estavam sobre a mesa e quebrou o curto silêncio:

— Quanto deve este homem, Binda?

Alberto olhou ansiosamente aquelas mãos que se puseram a folhear um dos livros e aquela boca que informava, como se pronunciasse uma sentença:

— Um conto e oitocentos e trinta e cinco…

Juca meditou um momento.

— Está bem. Você vem cá para o barracão, já que não dá nada a cortar seringa. Depois se vê quanto pode ganhar. Traga as suas coisas lá do centro e se apresente amanhã. Ouviu?

— Ouvi, senhor Juca. Muito obrigado.

— Ó Binda, depois você ensina a ele como se faz. E diga ao João que tire os caixotes do quarto do corredor.

Alberto saiu tropeçando no cesto dos papéis, a alma iluminada, todo ele perturbado por aquilo que lhe parecia um começo de redenção.

Cá fora esperavam-no, perscrutantes, os olhos esbranquiçados de Firmino.

— Então, seu Alberto? Que foi?

— É que eu já não corto mais estrada! Venho amanhã para cá, para o escritório e para o armazém…

— Ah! — Firmino tentou sorrir e esconder a súbita tristeza. — Ainda bem, seu Alberto. Aquilo não era trabalho para você.

Iniciados os fornecimentos, Alberto não se achegou ao balcão, como das outras vezes. Quedou-se a estudar de longe as prateleiras, seus frascos, pacotes e lataria, para melhor se desembaraçar quando cirandasse lá por dentro, em substituição de Binda. Agora e logo, os olhos baixavam-lhe até Firmino e, com o desejo de volver a Todos-os-Santos, para arrumar as suas coisas e retornar definitivamente, nunca lhe parecera tão longa a demora do companheiro a aviar-se.

Quando, enfim, ele ergueu a serapilheira e os dois saíram para a varanda, Alexandrino preveniu-os de que o boi preso sob o cajuzeiro se destinava a trazer, no dia seguinte, a bagagem de Alberto.

Espalhada a nova de que o «marinheiro» passaria a influir na cachaça, na farinha e no jabá, os cearenses deram-se a fecundar, com palavras de simpatia discretamente lisonjeiras, futuras condescendências do eleito de Juca Tristão, que lhes parecia agora ter mais sorte do que todos eles.

Era cedo ainda. Mas Firmino, adivinhando a pressa de Alberto e mais humilde do que em qualquer outro dia, sempre com aquela tristeza fixada no rosto, foi desprender o boi e iniciar o regresso.

Levando o animal atrás deles, por uma corda que o amarrava através da perfuração feita na extremidade das suas narinas, os dois avançaram para a

floresta, lado a lado e ambos silenciosos. Alberto exultava intimamente. «Do mal o menos… Do mal o menos... Cá fora, no barracão, havia o espaço livre do Madeira, para desafogar os olhos, a casa não era de paxiúbas, era de boas tábuas, e via-se passar os navios, ia-se a bordo, sentia-se que a civilização existia, embora longe dali. Tudo era melhor, muito melhor, comparado com a vida na barraca — levantando às cinco e correndo de seringueira a seringueira, no meio da brenha, que guardava em cada recanto a ameaça duma flecha mortal».

Acabou por notar o mutismo de Firmino:

— Que diz a isto?

— A quê?

— À minha vinda para a loja e para o escritório…

— Eu lhe digo que é mesmo bom para você. Seu Juca fez muito bem.

Permanecia em Alberto o desejo de expandir a satisfação que lhe dava a sua próxima mudança, quando Firmino acrescentou, com voz melancólica e resignada:

— Agora vão ficar, lá no centro, duas estradas sem seringueiros…

Alberto estremeceu. Sim, era verdade, dali em diante Firmino seria a única existência humana na clareira de Todos-os-Santos. Noites e dias a sós consigo, sepultado na solidão, sem ninguém que o distraísse, sem ninguém partilhando a mesma vida, os mesmos perigos, sozinho e remoendo sempre os mesmos pensamentos, em condena e persistência de doido varrido. Teria de falar alto, para ele somente, se quisesse certificar-se de que não perdera a voz; e, por companheira, possuiria apenas a selva inquietante, que se debruçava quase sobre a barraca, a atestar o seu domínio. A selva e a possibilidade de os índios o surpreenderem isolado.

Tentou consolar Firmino, evitando que o tom das palavras revelasse a sua própria dúvida.

— Certamente seu Juca manda para lá novos seringueiros. Ele não quer, decerto, ter as estradas ao abandono…

— Qual! Com a borracha a dois mil réis, onde vai seu Juca buscar pessoal?

Sob a sua alegria morta, Alberto pôs-se a desfiar promessas de amizade e de todos os auxílios que ia imaginando apressadamente. Falava com ternura, ansioso por encontrar afirmações precisas, soluções verosímeis, que convencessem Firmino e tranquilizassem a ele próprio.

Nada, porém, lhe ocorria de concreto para além do seu desejo de lavrar esperanças num terreno que parecia feito para dificultá-las e fosse mesmo estéril.

Chegados a Todos-os-Santos e recolhido o boi no defumadouro, os dois gastaram, no trato daquelas horas derradeiras, gentilezas que até ali jamais haviam usado. A barraca tinha agora, para Alberto, um sentido provisório, perdendo a muralha verde a temerosa influência que exercia sobre ele. Via-a já com outros olhos, como se pertencesse a uma época nublosa e distante a vida que ali vivera. O seu espírito já se instalara muito longe da clareira, restando lá somente o corpo, em chamada, uma vez e outra, à parte que se fora e que só acudia ao apelo para inquietar-se com a demora. Parecia-lhe que cairia em desespero se viesse contra-ordem e que nunca mais encontraria resignação para adaptar-se de novo àquela clausura. As próprias árvores alteravam a expressão habitual, esmorecendo o seu verdor e tornando menos perturbante o seu mistério. Já não era para lhe estarrecer as pupilas que as sombras da floresta cresciam assustadoramente, como na véspera, como em todos os dias anteriores. A prendê-lo em aros sentimentais, só existia ali aquele Firmino de vulto esguio, rosto comprido, olhos e dentes brancos, o cabelo encaracolado e nos lábios um traço amargo de tristeza.

Acabaram por não aludir mais à nova situação que os separava agora. E falavam muito, muito, com receio de que o silêncio dissesse o que eles pretendiam calar. Firmino repetia, conscientemente, episódios já conhecidos de Alberto e ouvia, com risos exagerados, as anedotas que ele narrava do seu tempo de estudante.

Por fim, metido na mala o que andava à solta, apagaram o farol e deitaram-se. Fingiram adormecer logo, mas quer um, quer outro, sentia que o companheiro estava acordado e a pensar na mesma coisa. A mudez ia gritando todas as palavras do drama que eles tentavam subjugar.

Alberto recordava o diálogo com Juca e parecia-lhe que ele próprio fora mais humilde, na voz e nos gestos lisonjeiros, do que havia sido com o tio Macedo, mesmo com o Aragão, como se a miséria e os vexames padecidos lhe houvessem deteriorado a dignidade; e essa admissão agravou de repente o seu mal-estar.

De manhã, muito cedo, Firmino foi o primeiro a levantar-se:

— Seu Alberto… Seu Alberto…

— An?

— São horas…

— Ah, muito obrigado.

— Enquanto você se arranja, eu vou fazer o café.

Na alpendrada, realizadas as abluções e já de chapéu na cabeça, Alberto

sorveu o líquido fumegante. Firmino ajudou-o depois, na luz turva do amanhecer, a pôr a mala sobre o boi. E, quando tudo ficou pronto, abriu os braços e rompeu a chorar.

— É para seu bem, seu Alberto, mas eu tenho pena de ficar sem você…

— Também eu, Firmino! — E abraçou-o, confundindo com as dele as suas lágrimas fraternais.

*

O quarto, ao fim do corredor que partia da varanda, dava para as traseiras do barracão. Mas era um encanto, com a sua amplitude, o seu isolamento, a janela aberta sobre pequeno quintal, onde viviam um jasmineiro florido, um alto pé de alecrim e crotons de várias cores. Descia-se para os dez metros de terra vicejante por uma escada de madeira e, lá no fundo, quase ocultos entre a ramagem, estavam dois grandes barris, onde se podia tomar banho sempre que chovesse e eles ficassem cheios com a água vinda do algeroz. No chão, duas tábuas, para que os pés não se enlameassem ao descalçar-se, e mais além, sob o barracão, inúmeros caixotes vazios, com a palha das embalagens junto deles.

Ao largar a mala, João dissera:

— Este é o quarto das visitas, mas como há muitos anos não vem cá ninguém e agora não há outro…

— Era a primeira vez que as circunstâncias lhe sorriam desde que ele saíra do Pará.

Armou a rede, dependurou roupas, pôs sobre a mesa tudo quanto teria uso imediato e, arrumada num canto a velha mala, veio debruçar-se à janela. Sentia-se bem ali. Do lado de lá do corredor estavam o escritório e a loja, mas ninguém, decerto, se encontrava a trabalhar, porque de bulício só havia a chilreada dos periquitos, ao longe, nas goiabeiras. Em baixo, estendera-se ao sol um gato pardo e, através da cerca, viam-se numerosas pimenteiras com o vermelho quente dos seus frutos.

A lembrança da terceira classe do «Justo Chermont», sempre imunda, sempre viscosa e escorregadia, e a da barraca de Todos-os-Santos, sem conforto algum e com a permanente ameaça dos índios, tornava deleitosa a nova habitação, com as suas paredes sem fendas e longo espaço para o mosquiteiro. Tão aprazível se mostrava o oásis, que Alberto tentara, por duas vezes já, abandonar a janela e apresentar-se ao serviço e, por outras tantas, se deixara ficar.

Mas alguém bateu à porta. Correu a descerrá-la e na sua frente encontrou

Binda, que lhe perguntava:

— Já está pronto?

— Estou.

— Então venha comigo…

Entraram no escritório. Binda deu-lhe as indicações preliminares e depois abriu, sobre a carteira, o livro das «contas-correntes»:

— De três em três meses se tira uma conta para cada freguês. Aqui, no «deve», está o que ele comprou; aqui, no «haver», a borracha que trouxe. É preciso copiar tudo neste papel e depois fazer a diminuição, pondo no fim o total que o seringueiro deve ou que tem de saldo. Está vendo? Assim… Ora pegue nesta folha e experimente.

Alberto triunfou na prova. Veio em seguida, na massa do copiador arcaico, a arte de trasladar cartas e pedidos que se faziam para Manaus e Belém; a fixação dos preços com que chegavam ali as mercadorias, já incluído o transporte; a passagem, para as «contas-correntes», das notas que Juca Tristão lançava no borrador, em domingos de fornecimento aos seringueiros — todo o trabalho do escritório, menos o do «Razão» e do «Diário», porque nesses, apressou-se Binda a dizer, só o guarda-livros podia tocar.

Em tudo Alberto mostrou conhecimentos e facilidades de adaptação; e comprazia-se já no êxito do exame, quando o leccionador[14], avançando para a porta, o desconcertou:

— Bom; amanhã, você começa com isto. Com as contas, que é do que se tem mais pressa. E, agora, vai lavar umas garrafas e engarrafar um barril de vinho para seu Juca.

— Sim, senhor Binda… — E Alberto ficou-se um momento a olhá-lo.

— Vamos.

Varanda em fora, quase ao seu fim Binda deteve-se e abriu a porta. Era um recinto comprido, sem janela, povoado de caixotes semiabertos, deixando ver latas de azeitonas e de outras conservas, garrafas de uísque, de vermute e de champanhe; e, espalhados no chão, os carapuços de palha que as tinham protegido. Também ali se aglomeravam barris de cachaça e de vinho, caixas de petróleo e de pólvora — tudo que não cabia na loja ou não fora ainda empratelleirado. A um canto estavam as garrafas vazias, cobertas de poeira, uma escova para lavá-las e um arrolhador automático.

— Você pega nelas e as leva para a beira do rio, nessa coisa.

Alberto considerou que Binda experimentava, com aquela imprevista tarefa, a submissão dele; e, abafando o súbito mau-humor, resignadamente lhe obedeceu.

A margem do Madeira tinha ainda, nesse começo de Verão, um barranco curto e enlameado, onde a canarana brotava. A terra cedia sob os passos e ervita que se topasse era viveiro de mucuins — insectos quase invisíveis na sua pequenez de bico de alfinete, mas que se tornavam quezilentos desde que à pele humana aderissem. As mãos percorriam a parte onde havia ardor, os olhos procuravam a origem da comichão e nada encontravam a justificar o incómodo, porque o intruso só se tornava vermelho e só oferecia volume ao tacto depois de se dilatar com o sangue que chupava à vítima.

Lá em baixo, recolhidas no igarapé, alinhavam-se as canoas do seringal, de vários tamanhos e idades — as pequenas, para tarrafear peixe miúdo ou ir buscar o correio ao navio que parava sobre rodas, apitando constantemente; as maiores, quase tão grandes como batelões, para as viagens a Humaitá em transporte de cargas. E porque os seringueiros davam, de quando em quando, em fugir dali, como quem se evade duma prisão, todas elas se encontravam amarradas umas às outras com grossas correntes e sólidos cadeados, de tal forma que ou se arrastava o conjunto, não adiantando jamais caminho, ou ter-se-ia de arruidar tanto no despegamento de proas e de elos, que o intento seria logo denunciado. Livre, apenas a montada em que o negro Tiago ia cortar a canarana para os cavalos — quatro velhas tábuas que não suportavam dois homens e desconjuntar-se-iam se se desse uma remadela mais forte do que essas que o valetudinário dava.

Ao lado, flutuava o banheiro-casinhoto assente sobre dois troncos de cedro e coberto de zinco. Ligava-o à terra uma estreita prancha e aí Alberto se instalou; metendo na água as garrafas e nelas introduzindo, pelo gargalo, a escova que as libertaria das camadas de pó e das manchas do último vinho albergado.

Mas à quezilia dos mucuins, forçando-o a desviar as mãos para as canelas, em coça-coça que já abrira sangue, outra se veio juntar: o pium, menor do que uma pulga, mas esbranquiçado e volátil, que lhe caía em enxames sobre o rosto e orelhas, numa obstinação desesperante.

Fugindo à praga, Alberto entrou no banho, resolvido a prosseguir a lavagem sob aquele abrigo. No soalho havia um buraco quadrado, onde se metia a cuia e se tirava a água para se derramar sobre o corpo. Alberto sentou-se e ia a introduzir ali uma das garrafas, mas de súbito deteve-se, com olhos grandes, em observação. Na água ziguezagueavam duas cobras e uma delas, sentindo presença estranha, assomou à superfície a sua cabeça de olhitos vivos e

redondos. Os nervos de Alberto crisparam-se com essa sensação de asco, de medo e incompatibilidade existencial que sempre lhe Produzia a visão de índios. A abundância de serpentes constituía um dos terrores da selva que mais o perturbavam. Existiam tantas, tantas, desde a longa surucucu Esbranquiçada, à pequena cascavel de cauda sonante como um guizo, ambas de mordedura fatal, que Alberto não fixara ainda o nome de todas elas; e, ignorando as que ferravam sem perigo de vida e as que eram venenosas, a todas igualmente receava.

A maior, a gigantesca sucuriju, vivia também na água, como aquelas que ele estava vendo. «Cobra Grande» lhe chamavam em muitas lendas amazónicas, de que era personagem principal, senhora de variados poderes mágicos. Tão monstruoso tamanho alcançava, que Alberto vira, quando do baile, a pele seca de uma delas a servir de algeroz ao longo da barraca de Lourenço. A sucuriju emergia, à socapa, por entre as folhas da canarana, nas margens dos rios, e dum só golpe se lançava sobre cães e vitelos descuidados. Com seus anéis implacáveis transformava carne e ossos numa pasta, que engolia vagarosamente, antes de remergulhar para as profundezas fluviais de onde saíra. E numerosos indígenas afirmavam ter visto algumas devorarem até bois inteiros, quedando-se a flutuar enquanto não se desprendiam os chifres da vítima, retidos pelos ângulos da sua boca descomunal.

Como essa rainha das águas, as cobras terrestres, embora, de muito menor corpulência, eram mestras em lembrar pesadelos a quem as entrevia. Não se trilhava a floresta sem as encontrar frequentemente, a denunciarem a existência de sarças virgens, fojos obscuros, húmidas locas propícias a todas as criações do terror Enrolavam-se sobre elas próprias, voltas e voltas sobrepostas, como calabres de bordo, ou deslizavam sub-repticiamente entre as plantas rasteiras, fazendo tremer aqui uma folha, além uma outra e imprimindo no chão o ondeado da sua marcha se atravessavam lamaçais. Estas prendiam dois anéis num alto ramo, abriam curva larga e iam prender outros dois mais adiante, num comprimento e elasticidade inverosímeis — aquelas abraçavam-se ás árvores, deixando apenas a cabeça a bambolear-se, com a mesma atitude da sua irmã bíblica fascinando as carnes apetitosas de Eva.

Nos recessos da selva, Alberto tinha visto lianas que pareciam serpentes e serpentes que dir-se-iam lianas. Vegetal ou animal, tudo quanto, lá em cima, se enlaçava de galho para galho, num verde de limo escorreguento, sugeria o mesmo visco, o mesmo mundo de veneno e de pavor. Algumas estendiam-se sobre os velhos troncos caídos, meio corpo escondido no farelo podre, o resto exposto ao sol, em modorra voluptuosa; outras abalavam numa correria doida,

fura à esquerda, fura à direita, todas assarapantadas sobre a folhagem morta, quando as amedrontava a aproximação humana. E muitas vezes, no seu desvairamento, roçavam involuntariamente as próprias pernas do transeunte que ia, à semelhança delas, fugindo também. Então, num ápice se detinham, erguiam a cabeça — e ferravam.

Se o terçado, tão rubro como ferro saído duma forja, queimava a tempo o lugar da mordedura, abria grande ferida, de cicatriz para sempre indelével, mas neutralizava o mal. Na loja de Juca Tristão havia também panaceias para o caso e até os formulários de homeopatia indicavam remédios contra os ofídios. Às vezes, porém, era demasiado tarde quando o seringueiro demandava socorro. Ao extrair o látex ou a caçar, de olhos fitos farejando ao longe, tocara de Passagem na dorminhoca, que se ocultava entre as folhas, e quase não sentira picada vingativa que dela recebera. Alçava a perna, atribuía a espinho a parte atingida e prosseguia no seu andamento. Quando, finalmente, a realidade se desvendava, já tudo se tornara inútil. Muitas das cruzes que apodreciam por detrás do barracão do Paraíso, haviam sido cravadas em sepulturas de homens que tombaram assim.

Mas a selva ainda tinha mais defesas. Alimentava, para arrelia e tormento humano, legiões aladas e rastejantes de insectos, que nenhum engenho conseguia exterminar de vez. Era uma luta perene com a traição, com o quase impalpável, que vinha, em silêncio ou zunindo, mordia, envenenava e fugia, saciado e triunfante, dando lugar a outros mais famintos, a hordas que não terminavam jamais. O homem debatia-se no vácuo. E impotente perante inimigo tão minúsculo, batia em si mesmo, na ânsia de esmagar o importuno, que já ia longe, que era subtil e incapturável como a própria brisa.

No solo fértil, alegre por oferecer duas colheitas em cada ano e que só aguardava a queda das sementes para romper logo em imoderada vegetação, quase tudo quanto o braço humano fecundava o destruíam as formigas. Chegavam, um dia, uma atrás da outra, em comboio sem fim, e plantação que vicejasse, que fosse mimo e esperança, em breve só ergueria Para o céu os talos desnudados. O que o dilúvio periódico não levara, devoravam-no as ladras — como se a brenha, em todas as suas manifestações, quisesse demonstrar que outra vida, além da sua, não era ali admitida, que só a sua vontade podia imperar ali. Até grandes árvores, vestidas com pompa, se despiam duma noite para a outra, sob a vaga roedora e invencível: As folhas, cortadas em pequenos triângulos, marchavam para o formigueiro longínquo, muito direitas, muito aprumadas, umas após outras, como se fossem por seu pé, pois dum só lado se viam as infatigáveis condutoras, quase confundidas mimeticamente com o

escuro da terra que as protegia. Algumas dessas formigas, tragando semente venenosa, morriam e secavam, de penas ao ar, sob a luz equinocial. Mas nem aí tinha pausa a vida portentosa da selva. O grãozito que assassinara, germinava dentro do cadáver e, um dia, uma pequenina liana brotava do insecto morto — primeiro húmus animal, de novo triunfo vegetal. Outras, de dimensões e de cores como a Europa nunca vira, faziam de mão ou pé onde tocassem uma geradora de dores insuportáveis. Possuíam labirintos de quilómetros e de quando em quando edificavam à superfície exóticos castelos de barro, altos como um homem.

«Talvez estas não sejam perigosas» — admitiu Alberto, sempre com aquelas outras imagens da selva nos olhos, perante as duas pequenas cobras que rabiavam, dir-se-ia que jovens e felizes, na água enquadrada do banheiro. Tão forte era, porém, a sua aversão por todas as serpentes que preferiu entregar-se às ferroadas dos piuns lá fora; e, arrastando a caixa das garrafas, veio acocorar-se novamente sobre a prancha: Lava, lava, a pele das mãos engelhara, a coluna vertebral queixava-se da demorada curvatura, mas ele prosseguia sempre.

Perto, encostados à margem ou singrando rio abaixo, rio acima, o dorso de serra à tona, em evoluções pelo alimento quotidiano, viam-se numerosos jacarés. Sabia-os inofensivos: «Se te aproximas, dou-te com uma garrafa na cabeça». Tornou a olhar o casinhoto: «Ali, não; ali é que eu nunca tomarei banho. Mesmo que tenha de carregar, Para os barris do quintal, toda a água de que precise, quando não houver a da chuva».

De novo com a caixa ao ombro, empreendeu a subida do barranco. Lá em cima, na varanda, apareceu-lhe João a dizer-lhe que largasse aquilo e o seguisse, para almoçar. Tornejaram, pelo lado de fora, as habitações de Juca Tristão, até à porta da cozinha. Numa das cabeceiras de grande mesa estava pequena toalha com o seu prato; na outra, muitas travessas vazias. Pela janela aberta entrava um ramo do tamarindo, com as vagas ainda por amadurecer. E de outra sala chegavam até ali as vozes de Juca Tristão, de outro homem e de uma mulher. Almoçavam. Ouvia-se o tinir dos talheres e de quando em quando abriam-se curtos silêncios, impostos pela trituração.

O cozinheiro, com barba de muitos dias, calvo, gorducho, simpático na sua bonomia, manejava as colheraças, punha a comida nas travessas e levava-as lá dentro, solícito e alegre.

Às vezes, Juca gritava-lhe:

— João! A pimenta?

Ou paternalmente:

— A farinha, João.

Pressentia-se tranquilidade e bem-estar entre os três que dialogavam. A Alberto, porém, os pedaços tropeçavam-lhe na garganta. Iniciara a curimatã, mas demorava tanto a comê-la que o cozinheiro estranhou:

— Não gosta?

— Gosto, mas não tenho vontade.

A mesa, que adivinhava lá dentro, com toalha branca, cristais e vinhos, enquanto ele comia na cozinha, ainda de mãos engelhadas pela água onde lavara as garrafas, provocava-lhe nova humilhação. «A sua mãe, para quem ele era tudo no Mundo, choraria, decerto, se o visse ali», pensou e sentiu-se mais vexado ainda. «Ela, coitadita, que até se envaidecia se algum dos vizinhos, para lhe ser agradável ou disfarçando a ironia, o tratava prematuramente por «senhor doutor»! E que diria o pai, se ainda vivesse, com aquele seu orgulho de velho general, que o lugar-tenente do rei exilado recebia de quando em quando, ouvindo-lhe respeitosamente as sugestões para a restauração da monarquia? Com uma severa ideia de classes, habituado a ser obedecido e servido, sem pensar nos que lhe obedeciam e serviam, que diria ele se o visse ali, naquela mesa, como outrora a criada lá de casa? A criada era um ser à parte. Ela e mesmo os homens que trabalhavam na quinta do Minho onde a família ia passar o verão, aquela quinta, pequena mas tão simpática, que o pai herdara e depois vendera, quando os seus frequentes auxílios às conspirações monárquicas lhe criaram dificuldades de dinheiro, porque dava mais do que podia, mais até do que davam muitos que eram ricos».

Alberto visionava-o à hora matinal em que ele, antes de sair de casa, muito erecto na sua farda, apurava o bigode, retorcendo-lhe as guias em frente do espelho, um bigode como já então poucos usavam. Era na sala familiar, a dois passos da porta, que realizava todos os dias essa operação, cercado pelas oleografias de batalhas antigas que ornavam as paredes, com homens traspassados por lanças, cavalos empinados e grandes bandeiras desfraldadas. «Se não fosse a sua generosidade, sempre que se tratava de ressuscitar a monarquia, ou se houvesse aceitado gordas situações em bancos e poderosas companhias, à sombra da república, como alguns fizeram, o pai não teria deixado, ao morrer, apenas o seu montepio de austero militar e ele não se encontraria agora ali, a sofrer a vida dos miseráveis e dos escravos. Mesmo para os outros que haviam lutado em Monsanto e eram ricos, o exílio numa cidade como Paris ou como Madrid, onde viviam, decerto com boas amantes, seria

muito diferente do que era para ele».

De cara sem ruga de enfado, João levava agora a cafeteira e as chávenas [15] para a sala. Seguindo-lhe os movimentos de servo, Alberto associou-os aos da velha criada da casa paterna, que sempre tolerara pacientemente os seus caprichos de filho único e sempre, até o fim, o tratara por meu menino. Essa recordação incomodava-o agora, pela primeira vez e dum modo que até aí desconhecia: «Eu próprio tratava a Maria como um ser à Parte».

Na sala de Juca Tristão houve um rumor de cadeiras e Alberto viu, pela porta entreaberta, Dona Yáyá, de ancas largas e busto forte, sair com o marido.

Levantou-se também.

— Não quer mais nada?

— Não, senhor João. Muito obrigado. — E sentiu uma súbita ternura pelo cozinheiro, como se através dele a veiculasse para a velha Maria, ainda ocupando o seu espírito.

Deu volta por baixo do tamarindo e tomou a varanda mais além. No depósito de mantimentos, meteu a torneira no barril e pôs-se a engarrafar o vinho.

Era quase noite quando colocou a última rolha e veio sentar— se cá fora, sob a sapotilheira.

Ao crepúsculo, o rio, encafuado o troço enorme entre duas curvas, parecia lago grandioso e deslizava com sonâmbula lentidão. De quando em quando, os botos, em folgança ou aventura de amor, assomavam à superfície os lombos luzidios, num rápido corte da água, logo repetido mais além. As piraíbas, vorazes como os tubarões, pavor de todos os que se arriscavam a nadar ali, agitavam muito acima da tona, desvendando totalmente o corpo esguio e antropófago. E mansamente, muito mansamente, assinalando a existência do curso, desciam troncos enormes, detritos negros e plantas aquáticas — grandes pétalas abertas ante a noite que se avizinhava.

De rifle sob o braço e exalando forte cheiro a álcool, Juca Tristão passou junto de Alberto e foi encostar-se a uma das palmeiras. Lançou ao chão a ponta do charuto, levou a arma à cara e largou a disparar, em exercício de pontaria, sobre os jacarés que andavam no rio. Era a sua distracção vespertina. Binda punha-se ao lado dele, às vezes o gerente também aparecia e os tiros ecoavam na outra margem. Se as balas lhe atingiam o lombo, o hidrossáurio prosseguia no seu caminho ou, mais matreiro, ia procurar no fundo um abrigo seguro. Se, porém, lhe acertavam na cabeça, erguia-se num trágico espadanar de dragão, a

cauda dando golpes desesperados, as patas, subitamente descobertas, crispando-se como garras e todo o corpo em contorções de monstro pré-histórico. Submergia finalmente, deixando à superfície uma ilha de sangue. Horas depois voltava à flor da água, mas já de ventre para o ar, hirtas as patas, inerte a cauda e para sempre entregue à correnteza — seu campo de vida e seu errante cemitério.

Nos dias de maior libação de conhaque, Juca não se dava por contente com alvo tão grande e tão fácil.

— Ó Estica! Ó Estica!

O negro Tiago, outrora escravo, agora quase inútil, só a ele consentia que o tratasse pela alcunha que considerava ultrajante. A sua perna coxa, origem do apodo, parecia-lhe desgraça demasiado grande para que os outros ainda se rissem dela. Muitos seringueiros exibiam cicatrizes de golpes de terçado que ele lhes dera, em arremetida desafrontadora. Se estavam longe, a sua boca de sapo, já desdentada e mascando constantemente fibras de tabaco, lançava, com a saliva negra, todas as obscenidades conhecidas, levando o gerente a pedir, em nome dos ouvidos da mulher, que nesse dia não se lhe desse cachaça. Era o maior castigo, o mais duro tormento que lhe podiam aplicar. Só o álcool acendia ainda a sua vida sugada por todas as vicissitudes, aquele corpo alto, escanzelado e capenga de duende negro.

Vivia isolado numa velha barraca, onde entrava a chuva, o sol e o vento. E se, por processos que só ele sabia, obtinha mais cachaça além da ração estabelecida, embriagava-se e passava a noite em interminável gritaria. Rememorava todos quantos o haviam chamado Estica nos últimos dias e insultava-os em altos berros, com uma energia e pertinácia que dir-se-iam já impossíveis na sua idade. A selva acolhia com espanto aquela voz e ia-a repercutindo de desvão a desvão, estarrecendo a noite. Ninguém podia dormir, pois quando se julgava, por um súbito silêncio, que o ébrio entrara enfim no sono, os gritos voltavam de novo e cada vez mais intempestivamente. Nessas horas negras de tumulto, nem as próprias onças se aproximavam, por mais porcos que houvesse na pocilga.

Às vezes Tiago cantava. Eram sempre canções lentas, arrastadas, fatalistas, que enchiam a noite de melancolia, fazendo esquecer a voz pastosa do bêbedo. Canções de escravos, mais toada do que palavras, por ele aprendidas na infância e trazidas para o Brasil no ventre dos negreiros.

Fora na terra maranhense que suportara a escravatura. Conhecera os dias de trabalho sem fim, o chicote do feitor, o tronco, o corpo a escorrer sangue. Depois, já com a Carta de alforria, viera para ali, no tempo de Sisino Monteiro.

O seringal devorara-lhe os últimos dias de mocidade e os anos da plenitude. Vivera a época em que os aventureiros deliravam na conquista fácil da riqueza e ele próprio chegara a vender borracha a dez mil réis por quilo. Mas nunca obtivera saldo. A cachaça levava-lhe grande parte do tino e a sua ingenuidade de escravo redimido levava-lhe o resto. Nunca mais saíra dali. Quando Juca Tristão comprou o seringal já ele se havia tornado um farrapo inútil e risível. Ao novo amo, porém, o negro agradara por se lhe confiar como uma criança, rendendo-se a todos os seus caprichos. Era o único ser que ali podia comungar, largamente, na mórbida indolência da selva. Pela tarde, o seu corpo enorme coxeava ribanceira abaixo e ia cortar nas margens do igarapé braçados de canarana, que em seguida picava cá em cima, sobre a velha mangedoura ao ar livre. Mas isso era apenas uma justificação. Se ele morresse, não teria substituto, a mangedoura apodreceria e os cavalos continuariam gordos, como se ninguém lhes faltasse no Mundo.

— Estica! Ó Estica!

Tiago não costumava responder às primeiras chamadas. Fingia não ouvir.

— Ó Estica!

— Que é que você quer, patrão?

— Traze a laranja.

Então, o despojo humano, com gesto condescendente de quem se submete a leviandade infantil, pousou o terçado no rebordo da mangedoura e avançou ao encontro do amo.

— Aí!

Nunca se habituara, mas já conhecia o ritual. Deteve-se e pousou a laranja sobre a carapinha branca, de estrada ao meio, aberta por uma bala que lhe levara o couro cabeludo, numa tarde em que Juca Tristão não fora feliz na pontaria. Assim parado, de alvo na cabeça e pernas abertas para diminuir a estatura, era como pim-pam-pum de feira, exposto à irrisão do público.

Tinha um sorriso alvar sobre a negridão da boca sem dentes e os seus olhos muito brancos, todas as linhas do seu rosto, dir-se-iam pintados em pano que vestisse um fantoche de palha.

Juca Tristão juntou os dois calcanhares, meteu o rifle à cara e apontou. Só então Alberto compreendeu. E num impulso se levantou, disposto a intervir. Já era demasiado tarde. O tiro havia soado e a laranja desaparecido de sobre a carapinha branca. Juca Tristão baixava o rifle fumegante, em atitude de triunfo, e o negro mostrava agora, na sua cara de espantalho, a dúvida atroz de quem não

sabe ao certo se está vivo ou se está morto…

X

O NOVICIADO de Alberto fora célere e, onde lhe faltava experiência, a intuição acudia-lhe. Caídas as seis, pulava da rede, emergia o rosto na água e, ainda estremunhado, rezinguento, ia ao corredor e à varanda apagar os faróis que durante a noite ali ardiam. Limpava-lhes as chaminés, enchia-lhes de petróleo o bojo e, prontas a darem novamente luz, entrava na cozinha, onde João lhe fornecia a chávena de café. Desprendida do açúcar, seu apetitoso refúgio, vinha, por vezes, nadar à superfície uma enorme «sarará» — formiga loira que deixava na língua o ácido do limonete, se alguém a trincava distraidamente.

Dali Alberto tornava à varanda, onde se debruçava em pesquisa de navio ao longe ou em análise à evolução dos ninhos de japins, que eram como pêras desmedidas, de felpa e fibras entrançadas, e tantos que dir-se-iam os frutos da própria sapotilheira.

Àquela hora, Juca Tristão dormia ainda e o guarda-livros também não dava sinal da sua existência. A varanda encontrava-se deserta e a Alberto agradava passar sozinho alguns momentos, com o espírito a esvoaçar sobre as expressões mais íntimas da terra e o «Nero», todo branco e de rabo curto, a assaltá-lo festivamente.

Mas não se demorava. Um último olhar ao rio e logo se dirigia para o armazém. Se era segunda-feira, sobejava-lhe trabalho a preencher o que se esvaziara no domingo e em arrumações ao que ficara ao deus-dará quando aviara os seringueiros. Nos outros dias, Porém, até a vassourada se dispensava; bastava abrir as janelas e dar uma espanadela.

O cozinheiro e o Tiago apareciam, então, pelo «porre» de cachaça — prometendo-lhe isto e mais isto e mais aquilo Para ele repetir a dose. Comprazia-os e, morto o vício dos dois, entrava no escritório, solitário a essas horas matinais.

Todo o papel que examinava, todo o livro que folheava, constituía, nesses primeiros dias de contacto, papiro revelador dum mundo por historiar.

Estavam ali as facturas, vendendo a Juca Tristão por cinco, o que ele

entregava aos seringueiros por quinze e muitas vezes até por vinte. Estavam as notas da borracha, que se comprava ali por dois e se vendia por cinco e seis na Praça de Manaus.

Alberto sentia uma curiosidade dolorosa ao ler toda essa papelada, confrontando algarismos e inventariando o tempo que cada um trabalhava a mais em proveito do amo. Depois, chamado pela disparidade das situações, quedava-se absorto sobre as cifras da mesada que Juca enviava à mulher — três contos de réis que significavam o preço dos muitos anos que um seringueiro necessitava para o seu resgate. Alberto juntava àquilo as viagens do patrão a Belém, sempre marcadas por grandes quantias recebidas da «casa aviadora», as maiores que se viam em todos os lançamentos verificados — e ficava mais pensativo ainda.

Doíam-lhe essas descobertas, esses números e contrastes. Poder absoluto, por herança ou outro conceito estabelecido, em prol dum só — todos os demais se sacrificavam. Confirmava-se, assim, tudo quanto se dizia sobre a vida dos seringais, desde o Pará à Bolívia e do mar distante até às fronteiras do Peru, onde a sorte dos párias não seria melhor.

Escritos ali, manualmente, ou na cidade, por mecânicas, os papéis ganhavam transparência de vidraça, deixando ver a passagem da récua desgraçada, com Firmino à frente e mais perto do coração.

Às onze, porém, todas as divagações se apagavam, como algarismos sem valor, com a entrada pontual do senhor Guerreiro. De rosto levemente solene, era homem simpático com aqueles cabelos a embranquecerem e sempre metido num dos seus pijamas às riscas, que só variavam na cor e o diferençavam de todos os outros habitantes do seringal, vestidos de mescla ou de brim.

Onde havia dúvida sobre a escrituração, Alberto consultava-o e ele expunha, pacientemente, todo o seu saber.

— Sim, é assim.

Ou:

— Venha cá, que eu lhe explico.

Tinha voz de pausa bondosa, involuntária promotora do respeito que fruía, e trabalhava sempre de pé, junto da alta secretária.

Habitava no extremo do barracão, onde dispunha; para seu conforto, duma varanda privativa e cinco divisões espaçosas. Velhuscas, era certo, e ainda roídas pelo cupim, mas ele, desafiando o calor, mandara vir papel de Manaus e forrara-as de alto a baixo, renovando-lhes o aspecto.

À hora do almoço, a mulher aparecia no escritório a chamá-lo. Se ele,

entregue a soma difícil, não voltava logo a cabeça, ela quedava-se silenciosa, a aguardar momento oportuno para interromper.

Alberto levantava-se, inclinando-se ante o sorriso educado de Dona Yáyá. Perturbava-o sempre aquela presença, que o obrigava à invenção de mil pretextos para levar os olhos, em carícia febril, até o seu corpo outonal.

Branca como o marido, Alberto conhecia-lhe já todas as linhas exteriores e via-a mesmo quando ela estava ausente, via-a na negridão da noite, como se nos panejamentos imaginários e lutuosos incidisse forte projector.

Debalde se recriminava perante a obsessão que destruía escrúpulos, tanto mais fundos quanto era verdade ter descoberto um amigo no senhor Guerreiro. Ou fosse pela cor da sua pele, ou por saber francês e ter leitura, o guarda-livros mostrava-se-lhe afeiçoado no tom paternal do tratamento. E mais duma vez, à hora grata do poente, o chamara para o banco que existia debaixo da sapotilheira, onde o iniciara nos labirintos do charadismo. Com o «Almanaque Luso-Brasileiro» nas mãos esguias, Guerreiro passara das «novíssimas», de mais fácil decifração, às «sincopadas», também não muito difíceis, e depois fora até os logogrifos e enigmas, em que só metiam dente os mestres envelhecidos sobre os calepinos.

Nunca obtivera — disse-lhe — todas as soluções, mas poderia obtê-las, estava disso seguro, se os confrades do Amazonas formassem um bloco igual aos de Pernambuco, que trocavam entre eles tudo quanto decifravam. A princípio, havia julgado que um homem, trabalhando com honestidade, chegaria a campeão. Enganara-se! Por uma circular recebida de atilado pernambucano, convidando-o a ingressar na seita, descobrira imediatamente o logro dos que se empavonavam com o total das decifrações. Como na vida, tudo estava falsificado nas hostes charadísticas. Os que apareciam à cabeça, com atitudes de sabedoria maior até de que a de Édipo, eram uns refinados impostores, que chegavam a pedir ao próprio autor a solução do seu trabalho.

Em mira à simpatia do guarda-livros, Alberto interessara-se e progredia constantemente.

— O charadismo disciplina o cérebro, dá cultura e ajuda a matar o tempo. O que ia eu fazer aqui sem esta distracção? — dogmatizara, um dia, o senhor Guerreiro.

«O que se ia fazer ali sem aquela distracção?» Alberto pusera-se também a folhear dicionários e manuais, novamente decorando a mitologia por inteiro. E não tardou a obter a sua primeira vitória:

— Esta está pronta: A minha parenta, minha senhora, é a primeira figura da companhia. Dois e dois.

— Então?

— Prima-dona!

— Está bem. Mas essa… branco é, galinha o pôs… O senhor precisa de mais difícil…

Quando já não se podia ler, o senhor Guerreiro levantava-se, dava solenemente «Boas-noites» e retirava-se a passo vagaroso. Alberto dirigia-se para a cozinha, onde João o compensava, com abundância e variedade, da tigelinha de cachaça que ele lhe concedera suplementarmente, às primeiras horas da manhã.

Tudo, agora, lhe parecia mais doce, cómodo e suportável. Tinha o quarto bem arrumado, os livros no seu lugar, sobre a mesa o retrato da mãe, sobrescritos e papel em branco para lhe escrever e aos poucos amigos que ainda lhe respondiam. Quando chegavam os navios, todo ele se alvoroçava pela ânsia de correspondência e do mais que se sentia em tombadilhos que vinham de centros civilizados. Só o «Vitória», o «Machado», o «Jamari» e os da Madeira-Mamoré, que passavam de largo, altamente empenachados, o mal-dispunham deveras. Dolorosa esperança, quando dobravam a curva do rio e ainda não se distinguiam as cores das chaminés, perdê-la era renúncia à qual ele não se adaptava. Mas os outros, que fundeavam pelas mercadorias ou simplesmente pelo correio, acendiam sempre nele, fosse dia ou o despertassem, com o seu estrídulo agudo, a horas mortas da noite, entusiasmo de velho marinheiro exilado. E a bordo, muitas vezes, entregava-se à ideia ilusória de que ia viajar também, dali a Porto-Velho, a Santo António depois, por fim de baixada até Manaus ou Pará — que seria a libertação. Já conhecia alguns tripulantes e demorava-se, demorava-se na atmosfera aprazível, conversa aqui, tece pretexto acolá para ficar mais um momento, para ficar até o instante em que da ponte do comando mandarem recolher a prancha. Saltava, então, para o barranco, furtando os olhos ao panorama da terceira classe, onde se aglomeravam novos bandos de cearenses, todos eles em demanda da ilusão que não morria.

Quando, porém, o barco regressava ao porto de origem, as saudades queimavam-no ainda com maior intensidade, ali, de olhos húmidos, junto das três palmeiras, a vê-lo afastar-se lentamente.

Juca Tristão ordenara-lhe que se creditasse, como recompensa ao seu trabalho, cem mil réis em cada mês. Prometeu a si próprio deixar de fumar, ser

parco em todas as despesas, para terminar de vez com aquilo. E a antevisão da partida, ele a bordo, debruçado na amurada, a despedir-se dos que ficavam, aparecia-lhe como a suprema felicidade. Tão suprema que ele duvidava sempre de a poder realizar, Quando, porém, confrontava os primeiros dias que ali vivera com os que vivia agora, sentia-se menos humilhado. A consideração que o guarda-livros lhe demonstrava, contagiara Juca Tristão e, por isso ou por falta de Binda, talvez mesmo porque iria em breve ausentar-se, uma noite o amo perguntara-lhe se sabia também jogar o solo. Que sim, que soubera; devia estar já esquecido, mas recordaria num instante.

— Então sente-se aí.

Tomou, humildemente, o lugar que Binda costumava ocupar. Diante dele encontrava-se o senhor Guerreiro e, ao seu lado, Dona Yáyá. Duas partidas bastaram para lhe clarear a memória e logo se revelou subtil e habilidoso. Mais ainda do que isso o envaideceu e lhe tirou depois o sono, a distinção que o amo lhe fizera, sentando-o à sua mesa. Juca deixara de lhe parecer odioso e repelente. Absolvia-o agora com mais facilidade, procurando compreender o que até aí se lhe mostrara como vida sem justificação.

Mas, ao domingo, os olvidos acabavam e vinha de novo o tormento. Havia, sim, uma outra existência para além da do barracão. A selva não era apenas o quadrado limpo a golpes de terçado e com a casa de Juca ao meio. Fora dali estavam o Firmino, o Chico do Paraisinho, o Procópio, o Joaquim, o Dico, o João Fernandes, os quatrocentos que saíam, todos os sábados, da maranha interminável. Vinham por uns litros de farinha, um quilo de jabá e a garrafa de cachaça que os fizesse esquecer o mundo inteiro e a eles próprios especialmente.

Firmino trazia-lhe puruís, cujo ácido forte ele saboreava com volúpia. E trazia-lhe, sobretudo, a lembrança do que ele não queria lembrar, do que desejava sepultar para sempre na noite dos pesadelos.

«Não, aquilo não estava bem!» Pouco a pouco, a humildade postiça, que vexames e sofrimentos lhe haviam colado, desprendia-se e caía. Já não o lisonjeavam, por se ter a elas habituado, as condescendências de Juca Tristão, que de começo ele recebia com júbilo de escravo bem tratado ocasionalmente pelo dono. À medida que crescia no lugar, ia regressando a si mesmo, de novo sentindo-se merecedor de tudo quanto de agradável lhe faziam: da deferência do senhor Guerreiro, da recente bonomia de Caetano e de Balbino — e de muito mais ainda.

Melhor elucidado, via agora a situação dos seus companheiros com maior

amplitude crítica do que quando moirejava no mesmo plano deles — uma situação que lhe acorria diariamente no próprio escritório, onde o seu âmago se encontrava. E nas horas de solidão, em que a austeridade e a fantasia tanto gostam de dominar, distribuía mentalmente justiça a todos eles, muitas vezes ofendendo, durante esse devaneio, as suas ideias autocráticas, sem da agressão que lhes fazia se dar conta. Se as incoerências se denunciavam, quedava-se perplexo, todo confuso perante a nova inclinação que sentia e lhe provocava amargo conflito em lugar duma consciência apaziguada. E então, buscando o equilíbrio que se lhe negava, discorria que naquela natureza o homem pertencia menos a si próprio do que em qualquer outra parte. Além do amo, com sentimentos variáveis, mas formado do mesmo barro humano, outra potência existia, implacável na sua mudez vegetal, que para a obra de escravidão a Juca se aliava. Mas esse raciocínio também não lhe trazia a paz.

Um dia, chegaram de Três Casas notícias exactas sobre Agostinho. Comunicava o proprietário do seringal amigo que fora ali parar um homem, maltrapilho e escanzelado, em busca de trabalho. Levava com ele a suspeita, pois sabia-se há muito que seringueiro adventício era assassino ou foragido a outro patrão. Apertado com perguntas e espremidas as contradições, acabara confessando o seu ponto de partida. Lá estaria preso às ordens do colega o tempo que fosse preciso; se quisesse, era só mandá-lo buscar; em caso contrário e se a conta fosse pequena tudo se saldaria e o homem ficava lá.

Juca Tristão leu a mensagem, de pé, junto à secretária. Logo a arremessou sobre a mesa, com brusca indignação:

— Responda imediatamente, imediatamente!, que o mande para a cadeia de Humaitá, que é um malandro e um assassino! E depois dê-me a carta para eu assinar.

Alberto agarrou na pena, duas vezes tentou começar e outras tantas se deteve.

Por fim, debruçou-se sobre o papel:

Meu prezado amigo:

"Agradeço-lhe as provas de lealdade que acaba de me dar. Mas o homem de que me fala…”

Juca Tristão interrompeu:

— Diga, diga que se fosse um cabra que fugisse só para não pagar a conta e com a esperança de arranjar melhor seringal, ainda se podia ter pena dele. Mas assim, não! Ouviu?

— Está bem — respondeu-lhe Alberto, com uma voz profunda.

Assinada a carta, Juca quedou-se a explicar ao senhor Guerreiro o que devia fazer ou evitar durante a ausência dele. Demorar-se-ia apenas uns três meses, quatro quando muito, o bastante para ver os progressos do filho no liceu, estar algumas semanas com a família e dar uma saltada à sua fazenda no Marajó, onde já não ia há anos.

— E respirar um pouco! — acrescentou.

Regressaria, decerto, a tempo de encomendar os fornecimentos do Verão seguinte ou talvez mesmo os trouxesse consigo. Se tal, porém, não acontecesse, os pedidos deviam ser pelo mínimo, pois tudo indicava a necessidade de restrições. Quem não produzia, não comia, era uma velha lei que não se podia alterar. E se a borracha descesse mais, dez tostões em quilo por exemplo, que a não embarcasse. Ela havia, fatalmente, de se valorizar e quem, então, a tivesse, rir-se-ia dos pessimistas e especuladores de ocasião. O B. Antunes esperaria e se não quisesse esperar, mudariam de casa aviadora, porque o Paraíso tinha crédito, não era como o Mirari, que estava com a corda na garganta.

Acendeu novo charuto, cuspindo para a janela a ponta que os dentes haviam cortado; e, antes de sair, disse ainda ao senhor Guerreiro que enchesse um saque de quarenta contos, para ele descontar em Belém.

Retirou-se, por fim, e desde essa manhã nunca mais houve silêncio na casa. Para assistir à despedida, Caetano, Binda, Alípio e Balbino abandonaram a floresta e instalaram-se no barracão. Passavam o dia na varanda, a noite com o amo, em partidas de solo e libações de conhaque. A própria comida andava destemperada, porque João não tinha mãos a medir na arrumação de malas e engradeamentos de jabutis e tartarugas, que Juca devia levar para deleite da família.

Somente o senhor Guerreiro mantinha vida normal, entrando às onze no escritório e debruçando-se, às seis, sobre o seu almanaque. Como abundavam agora os parceiros para o jogo, deixara mesmo de ficar com eles na sala de jantar, retirando-se logo que acabavam de comer.

Mas naquela noite ele ficara. Estava lá fora, na varanda, o cadáver dum rapaz. Sempre que ali morria alguém, Juca lembrava-se de que também ele havia de morrer e, acordando de repente as suas velhas superstições, sentia-se infeliz. Se se tratava de seringueiro, despachava-se o corpo, apenas com a rede onde dormia enquanto vivo, para uma cova aberta na orla da brenha — e tudo acabava prestemente. Mas o daquela noite era filho de Nazário, «aviado» no Igarapé-

assu, o melhor que Juca tinha no seringal; e mandava o costume que mortos luzindo alguma categoria fruíssem honras de caixão e sepultura em Humaitá.

Chegara a nova antes do jantar e imediatamente Alexandrino, pondo em acção mais uma das suas habilidades, tomara a serra e o martelo e dera-se a fabricar o esquife.

Ficou pronto pelas nove e Alberto foi buscar o pano negro do estilo. A princípio, todos queriam meter, ao menos, uma tacha: «deixe lá, eu vejo isso», «me chegue aquele martelo e num si incomode», mas, depois, a abundância de braços diminuiu e Juca sentou-se à cabeceira da mesa, tocando a reunir para o solo:

— Vamos lá! Logo o rapaz havia de morrer quando eu estou para embarcar! Até parece agouro…

Embaralhou as cartas, passou-as em seguida a Balbino, para que as partisse, e, já com as suas na mão, repetiu:

— Parece agouro… Ó João! João! Dá-me o conhaque.

Só Alberto e Alexandrino vestiam, agora, a caixa. «Tac… tac… tac…» De pé, ao lado deles, o senhor Guerreiro presidia ao avanço do trabalho. E lá de dentro rompendo todos os silêncios, vinham os soluços do pai que estava a chorar o filho.

Impressionado pela coincidência, sobre o primeiro cálice Juca Tristão bebera outro, outro e outro, e quanto mais o líquido descia na garrafa mais meditativo ele se mostrava, em contraste com os parceiros, a quem o álcool sugeria todas as alegrias possíveis. Piscavam os olhos, a língua desentaramelara-se-lhes e, se não iam mais longe na folia, era só pelo guarda-livros, que mantinha atitude de respeito. Caetano chegara mesmo a estender, por baixo da mesa, a mão gorda e felpuda, dando uma palmadinha na perna de Juca Tristão:

— Deixe isso, compadre! O rapaz morreu porque estava doente. Manilha…

— Mas podia morrer noutro dia… Bolo!

— Foi Deus que assim o quis. Não lhe acontece nada, verá!

— A mim também me parece — corroborou Balbino.

Pouco depois, no meio da conversa, o senhor Guerreiro prevenia, sempre com aquele seu ar grave:

— Está pronto. Podem ir buscar o corpo.

E como lhe parecesse que Alexandrino hesitava, acrescentou:

— Você está com medo, homem? Eu vou lá consigo, Alberto.

Mas já Caetano se erguia em oferta de auxílio:

— Eu ajudo! Eu ajudo!

E enquanto Juca se retirava, para não ver o cadáver, os três saíram e na varanda dobraram-se sobre o vulto negro ali estendido. Alberto agarrou-o pelos artelhos; Caetano, pelos braços. O senhor Guerreiro caminhava ao lado, a dirigir a condução. Mas perto já do esquife, o ébrio descuidou-se, tropeçou e ouviu-se o baque surdo do morto caindo no soalho. Balbino e Alípio levantaram-se rapidamente, ficando transidos ante o corpo de tronco no chão e pernas suspensas grotescamente por Alberto, na atitude dum lavrador atrás do seu arado. Somente o senhor Guerreiro encontrou sangue frio para auxiliar a erguer o cadáver e pô-lo no caixão.

Caetano desculpava-se com voz pastosa:

— Se fosse a um vivo era pior! Ele não sente nada…

Mas adivinhando o incidente, Nazário acorrera à sala, gritando com desespero:

— Meu filhinho! Meu rico filhinho! Ai, meu filhinho!

Debruçado sobre o esquife, afastou a rede que envolvia o morto, entregando à luz o seu rosto definhado, de olhos muito brancos e indiferentemente serenos.

— Nunca mais te vejo, meu filho!

O guarda-livros tirou-o dali. E de regresso consultou, em rápido golpe de vista, a expressão de cada um. Somente Binda lhe pareceu ainda com siso para compreender e agir. Chamou-o de parte e sugeriu-lhe:

— O melhor seria levar já o caixão a Humaitá. Chega e não chega, vem a manhã. E para seu Juca é melhor, porque enquanto o cadáver estiver aqui ele não descansa. Nem ele, nem o pobre Nazário. Ora o Binda é que podia fazer um jeito e ir lá acompanhar o Alexandrino. Que lhe parece?

— Me parece bem. O pior é se chega o navio…

— Se chegar, o Binda despede-se de seu Juca em Humaitá. Vai a bordo antes de voltar para aqui.

O navio chegou, de facto, mal se esbateram no céu as primeiras cores matinais. Juca Tristão, com a queda do cadáver a ecoar-lhe sempre nos ouvidos, ajoelhara-se, pela segunda vez, ante a oleografia de Nossa Senhora da Nazaré e repetia a promessa feita, quando ele apitou ao longe.

João foi o primeiro a surgir na varanda; veio depois Nazário, de olhos fundos, chorosos ainda; por fim, estavam todos, menos Juca, ainda metido no seu quarto.

Sem lentas transições, o fosco da antemanhã tinha-se volvido em luz diáfana, já vibrátil, quando o «Campos Sales» atracou. Os seus dois canos fumegavam devagar e no convés, aberto de ambos os lados, só alguns tripulantes se moviam perante as redes, onde muitos passageiros dormiam ainda.

As palmeiras do barranco seccionavam o barco em três partes, para os olhos que o mirassem da varanda e João ia transportando, sobre as suas costas de lapuz, malas, grades e o mais de que o amo se fazia acompanhar.

Juca vestido de H. J. brilhante e na cabeça um panamá de abas flexíveis. Despediu-se de Dona Yáyá, que não ia à ribanceira, e tomou a frente do cortejo que imediatamente se formou. Atrás, coxeava o vulto fantasmal de Tiago, a mão direita apoiada em alto e tosco bordão.

Junto à prancha, Juca estendeu os braços — «até à volta, lhe escrevo» — e enlaçou o guarda-livros. Teve igual despedida para Balbino e Caetano, Nazário e Alípio — e, de passagem, estreitou a mão de Alberto. Ao negro Tiago acenou-lhe apenas de longe:

— Adeus, Estica!

— Até à volta, patrão! Feliz viagem!

Vencida a prancha e subida a escada que servia a primeira classe, Juca Tristão debruçou-se na amura, já em palestra amena com um oficial conhecido que ao seu lado se encostara. E de quando em quando sorria para o magote especado cá em baixo, em torno do senhor Guerreiro.

Logo que recebeu a bagagem, o «Campos Sales» abalou. Juca acenava de bordo, enquanto o navio se distanciava, lentamente, lentamente, de proa volvida à curva de Humaitá.

Como sempre que um barco se afastava, a angústia renascia em Alberto. Partir, fosse para onde fosse, era anseio inevitável quando aparecia um cano a fumegar no rio.

«Mas ir, como? Como?» Somente Juca Tristão gozava o privilégio de poder ausentar-se dali sempre que assim o entendesse. Era o único que partia, com bom saldo na carteira, subisse ou descesse a borracha. Alberto invejou-o então; uma inveja seca e latente, uma inveja quase ódio. Ao mesmo tempo sentia um forte alívio com a sua ausência. E nos olhos do senhor Guerreiro, encontrados por acaso, julgou ler a mesma sensação. «Não podia ser! Estava enganado, certamente!»

O barco já ia longe; acenaram mais uma vez, mas ninguém lhes correspondeu.

Ao lado deles, sentado na ribanceira, as mãos apoiadas no bordão, que fincava entre as pernas, Tiago chorava em humilde silêncio. Alberto não compreendeu logo aquela dedicação — a única que revelavam todos os olhos presentes. Mas era sincera, sim, porque as lágrimas corriam, em fio, sobre o rosto envelhecido do grande fantoche negro.

XI

AUSENTE Juca Tristão, o senhor Guerreiro entendeu que podia almoçar e jantar nos seus próprios aposentos. Não só era mais prático, agradável e natural, como economizaria as constipações, que em noites húmidas frequentemente o assaltavam, quando percorria a longa varanda duma ponta à outra, para ir à sala do patrão. Havia apenas a dificuldade da cozinha, porque a existente ali era velha e não utilizada há muito tempo já. Mas, chamado o Alexandrino, mestre em mais de sete ofícios, logo tudo se resolveu. Prego aqui, prego ali, remendado o soalho com tábuas novas e também desencardido, João veio encontrar nela campo sem obstáculos para o seu labor. Tinha até mais luz do que a outra, cozinhe, e um sossego maior, sem a arrelia produzida por vacas e bois que iam lá meter o focinho, em mugidos lastimosos, quando se estava a esquartejar alguma tenra vitela.

Considerou ainda o guarda-livros não ser justo submeter Alberto, por mais tempo, a uma situação humilhante. E, naquela manhã inaugural, quando Dona Yáyá surgiu no escritório, a prevenir que o almoço estava pronto, o senhor Guerreiro disse:

— Venha também. Venha almoçar connosco.

Subitamente comovido, Alberto caminhou ao lado deles para a galeria privativa do casal; pequena, envidraçada, agora convertida em sala de repasto. Dava para as traseiras do barracão e dali os olhos abrangiam o sítio inteiro, até a ourela sombria da floresta.

Na mesa encontravam-se já três pratos, demonstrando que o convite não provinha duma decisão repentina. E Alberto compreendia, enfim, porque Dona Yáyá, ao entrar no escritório, o olhara ainda mais sorridente e carinhosa do que nos outros dias.

Sentou-se o senhor Guerreiro à cabeceira e ela em frente de Alberto. Um vaso com flores atestava a presença da mulher. E o tucunaré que João trouxe quase enchia a travessa, sápido e oloroso nas suas cores de gemas preciosas.

A emotividade e a gratidão haviam anulado o apetite de Alberto. A voz

humedecera-se-lhe, ternamente; Juca Tristão, recordado ali por contraste, voltava a parecer-lhe odioso. «Jamais seria capaz duma delicadeza daquelas! Se o convidara para a mesa de jogo, fora por não ter, naqueles dias, outro parceiro. E a atenção com que o tratava, algumas vezes, era, não havia dúvida nenhuma, um reflexo da que via no senhor Guerreiro».

Pelas palavras do guarda-livros, Alberto adivinhava o prazer que também ele sentia. Estava muito melhor assim — afirmava; estava mais em sua casa e já não era, uma ficção a ideia de que possuía um lar. Também no Crato, onde trabalhara antes de vir para ali, tinha casa à parte e até cozinheiro pago pelo dono do seringal. Nunca lhe fora desagradável a convivência de «seu» Juca, mas, quando ele regressasse, havia de lhe falar para que se mantivesse aquela nova situação. Ele mesmo não era obrigado a gostar do que aos outros agradava e, se dispusesse de cozinha própria, podia escolher à sua vontade. Só lhe faziam falta couves, alfaces e outras verduras que tanto apreciava e ali não se cultivavam.

— Podíamos ter uma horta… — sugeriu Alberto.

— Já pensei nisso. Cheguei até a falar ao Alexandrino. Mas ele abriu muito os olhos, como se fosse coisa do outro mundo! Esta gente, em tendo caruru e joão-gomes, está satisfeita…

— Era questão de mandar buscar as sementes. Eu mesmo, nas horas vagas, me entretinha a tratar dos canteiros…

— A minha mulher tem uma verdadeira paixão por tudo quanto é planta.

— Nesse caso, já somos dois! E com o João a auxiliar-nos, não há dificuldades. Eu vivi sempre na cidade e nada sei de horta, é claro, mas não deve ser difícil…

— Não é, não! — apoiou Dona Yáyá.

O senhor Guerreiro declarou, então, pachorrentamente:

— Vou escrever ao meu cunhado, a pedir-lhe que me mande sementes.

Findou o almoço, veio a tarde e o jantar, sem que Alberto tivesse para Dona Yáyá um desses olhares cobiçosos que discretamente lhe lançava quando ela aparecia no escritório. Os seus pés, que mais de uma vez tocaram involuntariamente os dele, sob a mesa, não o haviam sequer perturbado. Todo atento ao senhor Guerreiro e ainda viva a gratidão, a mulher era a amiga que o espírito respeitava e a carne esquecia.

Mas, com o hábito, renasceram as tentações. Nos dias seguintes voltaram-lhe as gulas reprimidas e os seus olhos de macho buscavam a fêmea insistentemente. Sob o pretexto das charadas, demorava-se até muito tarde na galeria

envidraçada, só para estar mais tempo junto de Dona Yáyá. Em horas de maior calma compreendia que lhe era nociva a longa convivência, mas não lhe podia resistir. De manhã, ao acordar, censurava-se e traçava para o futuro mais austero procedimento; logo, porém, que se sentava á mesa, para o almoço ou para o jantar, os projectos de autodomínio faleciam e ficava-lhe apenas a obsessão. Tinha dias de ternura para o senhor Guerreiro que não eram mais do que desejos de ser absolvido; outras vezes, contra a sua própria vontade, quedava-se a imaginar a forma de lhe roubar a mulher.

As soluções surgiram-lhe, sobretudo, quando estava deitado na rede e a imaginação podia galopar, livremente, no silêncio de toda a casa. «Se, um dia, inventasse qualquer razão para afastar dali o guarda-livros? Iria mansamente, tentar Dona Yáyá… Mas não, não! Eram infantilidades, impróprias da sua idade. Ela não estava preparada para ceder e até sentiria desprezo moral por ele».

Outra hipótese vinha, clandestina e sofreada: «E se Guerreiro morresse… Não, também não… Dona Yáyá desesperar-se-ia, porque o estimava deveras, via-se bem. Ela regressaria à casa da sua família, em Manaus, e ele perderia todas as esperanças».

Noite fora, magicando sempre naquilo, muitas vezes as onças, com os seus rugidos, o surpreendiam ainda acordado. Vinham as feras lançar-se sobre os porcos recolhidos na cerca e eles grunhiam desesperadamente, assarapantando mais a noite.

Ladras incorrigíveis, sem pudor e audaciosas, as onças não disfarçavam mesmo a sua presença. Aproximavam-se urrando e toda a casa estremecia, como se rebentasse um vulcão.

Em defesa dos porcinos e para terminar a barulheira, tão incómoda como a de Tiago em horas de embriaguez, o guarda-livros resolveu, um dia, dar-lhes caça de morte.

Saciado o apetite, a onça arrastara o sobejo para a sombra da floresta, deixando pelo caminho largo regato de sangue. Identificado, por Alexandrino, o lugar onde jazia a carniça, às quatro da tarde o senhor Guerreiro, acompanhado de Alberto, foi pôr-se de «tocaia».

Estavam cobertos de folhagem os restos do porco e era verdade cediça que toda a onça, que dispusesse de semelhante provisão, viria saboreá-la por volta das cinco horas.

Segurando os rifles, cada um buscou árvore apropriada e nela a forquilha onde se pudesse escanchar. E nem mais uma palavra ou fumaça de cigarro ao ar

deitaram, porque se tratava de bicho muito ladino e desconfiado.

Decorreu meia hora, outra meia por cima, sem qualquer ruido além do dos papagaios.

No silêncio da terra, imaginar ou evocar era a única distracção. E, como sempre, Dona Yáyá veio para o cérebro do faminto de amor. Tornara-se-lhe, nos últimos tempos, uma visão obstinada, de quando em quando mentalmente possuída com a cumplicidade mórbida da selva.

Mas, além, estava o dono. Por entre as folhas verdes, Alberto lobrigava-lhe parte do pijama às riscas:

«E se o matasse? E se o matasse? Se o matasse… Seria desastre de caça em que ninguém ousaria pôr desconfiança…»

A admissão gelou-o. Dir-se-ia que a forquilha se elasticizava, como se fosse de borracha; e ele teve de segurar-se aos ramos para adquirir a certeza de que não cairia.

Nas suas pupilas passaram Lourenço e a filha, Agostinho e outros mais que tinham biografia sangrenta na vesânica história do sexo. «Como podia ele pensar aquilo? Que animal feroz crescia, assim, dentro do seu próprio cérebro, para lhe alucinar a razão? E tudo indigno dele, a quem tratavam com estima».

Revela a ternura para o amigo, a gratidão pelo seu carinho paternal e a ânsia de ligar, pela voz, a amizade conspurcada.

— Está bem aí, senhor Guerreiro? — interrogou, puerilmente, esquecendo a recomendação de que se mantivesse calado.

— Schiu! — soprou de lá o guarda-livros, de todo alheio aos alicerces daquele procedimento.

A onça chegou mais tarde. Garra aqui, garra acolá, a folhagem quase não rangia sob o seu listrado corpanzil. Assomada à carniça, com uma das patas dianteiras afastou a cobertura e dispôs-se a devorar.

A bala do guarda-livros teve primazia, na partida, como ficara combinado. Alberto disparou em seguida e o felino, duplamente atingido, saltou de banda e, a rugir e em contorções, foi morrer mais além.

Os dois desceram então dos esconderijos, indo o senhor Guerreiro, para melhor significação de vitória, pousar sobre a fera abatida a coronha do rifle.

— Esta não nos acorda mais… O que me falta é paciência para as esperar, senão dava cabo de todas elas! Mas hei-de mandar o Alexandrino.

Anoitecia quando regressaram. As goiabeiras do escampado eram já grandes

espectros envoltos em capas de sombra e o alto cajazeiro lembrava, no seu topo, um esboço de edifício fantasmagórico. O gado recolhia à cerca, cavalos e éguas vagarosas, vacas e bois mansarrões, vitelas que se esqueciam a vadiar no caminho, correndo depois, muito lampeiras, a pôr-se ao lado das mães. Em saudação à noite, que ali caía depressa, em todo o sítio esvoaçavam bacuraus. Amigos do capim, só denunciavam a poisada ao abrir, pela última vez, sobre a erva onde se ocultavam, as asas forradas de branco. E era por esse sinal que as espingardas assassinas, quando andavam em divertimento, encontravam referências para a sua pontaria.

Chegados ao barracão, Alberto foi ao quarto, preparar-se para o jantar. Ao fim do corredor já escurecido divisou, do outro lado do quintal, algumas lâminas de luz saindo pelas frestas do casinhoto que servia de banheiro ao guarda-livros e à mulher. A água que utilizavam vinha do rio, carregada por João, em duas latas dependuradas nas extremidades duma vara, que ele firmava no ombro, como um chinês na sua terra.

A Dona Yáyá era grato, já toda a casa o sabia, tomar banho àquela hora. Muitas vezes, dali mesmo, Alberto ouvira o ruído que ela fazia, ao tirar água do barril com uma cuia e despejando-a sobre o corpo. Nunca, porém, aqueles riscos de luz na negra pele da noite haviam exercido nele, como agora, tão forte poder de imã. Adivinhava a mulher nua, os seios em liberdade, a lânguida carne outonal a adquirir súbita tumescência sob a reacção do banho. Sem acender o farol e ainda de chapéu na cabeça, encostou-se à janela, entontecido e expectante.

Um minuto, outro e outro — e cada vez mais veemente e mais louca a sua imaginação. Vê-la, vê-la, afagá-la com o olhar, possui-la com os olhos, já que não lhe era permitido tê-la de outra maneira!

Tresvairado mendigo de amor, levando a discordância em si próprio, saiu, pé ante pé, para a noite do quintal. Roçou, de passagem, o alecrim, mais adiante as folhas largas dos tajás e, de gatinhas, meteu-se debaixo da casa. Como se dentro dele outro homem, mais frio e mais atento, o guiasse e defendesse, as suas mãos tacteavam cautamente o terreno, não fosse naco de vidro ou velho prego de caixote feri-lo na escuridão. Havia densa humidade e tresandava a bafio; ele, porém, rastejava sempre, sentindo na testa e nas faces as teias de aranha a romperem-se, contraiu-se subitamente ao admitir que as asquerosas tecedeiras, enormes como santolas, poderiam tocar-lhe o rosto com as suas pernas longas e felpudas; mas reagiu e encorajou-se pensando que já estava perto do fim. Em cima, soavam passos vagarosos, facilmente atribuíveis ao andar do senhor

Guerreiro. A escutar-lhes o rumo quedou-se um momento e logo avançou resolutamente. Vencido o apêndice do barracão, onde se instalara a cozinha, de novo se encontrou ao ar livre — e do lado de lá da cerca. Deu volta ao fruta-pão, buscando a treva, e finalmente acercou-se, em loucura de insecto, das frestas que vertiam luz.

Joelhos em terra, olhos sôfregos tentaram emoldurar, na primeira frincha, o corpo desnudado da mulher. Lá estava. Mas viu-o apenas num relance, porque a toalha ia já cobrindo, ora aqui, ora ali, vários rincões da sua nudez. Lobrigava-o de perfil e somente um dos seios se mostrava de forma plena. Enxuta e calçada, Dona Yáyá embrulhava-se no roupão de feltro, enquanto ele se dominava para não arrombar a porta e ir lá dentro, vesti-la, a bem ou a mal, com as suas carícias delirantes. Ela, porém, já saía, dando volta à tranqueta e levando aceso o farol. A luz abriu ilusórias concavidades na cerca, cobriu a árvore da fruta-pão, atrás da qual ele se ocultara, deitando-se sobre a terra, e foi apagar-se na galeria privativa.

Estendido no capim, temendo voltar pelo mesmo caminho e sabendo que não poderia eleger outro, Alberto lutava frouxamente com a força que para o defender lhe lembrava as arrelias, os cacos das garrafas partidas, os pregos enferrujados e todos os demais perigos. Uma força que não se privava totalmente de julgar a ele e a ela própria e lhe dizia agora ser aquilo um acto indigno. A sua voz era, porém, débil, abafada, vinda de tão escuras profundidades como se falasse longinquamente e fosse provisória.

«Sou um miserável e um porcalhão como os outros». Mas, em vez de agravar a censura, que ele se fazia, o exemplo alheio atenuava-a, a igualdade amparava-o mesmo, secreta e indulgentemente. E, desgabando-se, ficava confuso e insatisfeito consigo, com o seu duplo, com tudo; só o resto predominava, com importância sempre latente.

Um tinido metálico, que veio da cozinha até ele, quebrou-lhe de súbito o aturdimento. E de novo se pôs a rastejar sob o barracão, mais uma vez com ideia molestante de que era tão ignóbil como os outros.

Esfriara já quando chegou ao quarto. Mal teve tempo de escovar a roupa, suja de terra, e de se libertar das teias de aranha que lhe festonavam a cabeça e os ombros. ao fim do corredor, a voz de João gritou:

— O jantar, seu Alberto!

Foi. Foi, sempre descontente consigo, receando deixar transluzir, na confusão em que se encontrava, o que tanto pretendia esconder; receando que

adivinhassem a razão do sangue e dos nervos voltarem a aquecer-lhe grandemente as faces, à medida que se aproximava da sala de jantar.

O senhor Guerreiro e Dona Yáyá já se haviam sentado. Saudou-os, tomou o seu lugar, sempre com os olhos a fugirem da tentação. Era, porém, inútil. Tornava a vê-la nua, via-a até mais nua do que a tinha visto, por muito que baixasse as pálpebras. Em vão se esforçava por não se ausentar da conversa do guarda-livros; o espírito voltara ao tumulto e a imaginação enfebrecida ao seu despotismo.

— O senhor não se sente bem? — perguntou Dona Yáyá, vendo-o assim taciturno, com o garfo e a colher a tremerem-lhe ligeiramente nas mãos, quando retirava da travessa a insignificante quantidade de comida de que nessa noite se servia.

Estremeceu. Era um sarcasmo, uma ironia coleando sobre a verdade ou mero interesse cordial e ingénuo?

— Não, não. Estava a pensar nas sementes para a horta.

Pensava justamente nas sementes. Quando as mergulhasse na terra, com Dona Yáyá junto dele, talvez se estabelecesse o contacto desejado. Próximas as duas cabeças e a sós na preparação dos canteiros, sempre encontraria o propósito para ser gota de água mole a vencer a pedra dura. E talvez assim se incendiasse também Por secreta faúlha, o corpo perturbante.

— Estou ansioso de que elas venham — acrescentou, com um cinismo que ele desconhecia em si próprio.

Então, pousando o guardanapo, Guerreiro disse:

— Vou escrever, de novo, ao meu cunhado, para que não se demore a mandar-mas.

Concluído o jantar, Alberto deu escusa para as charadas e saiu a arejar a febre. Mas a obsessão prosseguia. A imagem de Dona Yáyá acompanhava-o, estampara-se-lhe nas pupilas, via-a em toda a rede nervosa e agora sempre nua.

Em volta do farol, suspenso sobre a escada, cirandavam vários insectos fascinados pela luz; e o Nero, espantado, de focinho no ar, ladrava a prestações quando via algum mais corpulento. O olhar de Alberto avançou, distraído, do vulto meio iluminado da sapotilheira, para os das três altas palmeiras que se esboçavam, vagamente, sobre o barranco, mais além. E os olhos detiveram-se alguns momentos na direcção do rio, que deslizava ocultamente na obscuridade, para longe; detiveram-se sem ele pensar porque o faziam.

Mãos nos bolsos, cigarro fumegando ao canto da boca, desceu a escada da

varanda, ladeou o barracão e, pela margem do igarapé, foi lentamente caminhando até às partas da selva. Retrocedeu, para ali voltar de novo, passando e repassando em frente da cabana de Tiago, onde nessa noite só havia silêncio. Sentia necessidade de deambular, desejo de esquecer as imagens que lhe esbraseavam o cérebro; mas por muito que teimasse e fugisse de si mesmo, aquela sede de mulher persistia sempre. Imaginava Dona Yáyá marchando a seu lado, toda receosa de alguém a seguir na busca que andavam fazendo dum sítio onde consumar o amor. A ilusão falecia, para ressuscitar pouco após, com novas sugestões, todas elas turvadas e ardentes. Vinham-lhe das sombras mais densas da noite; que se debuxavam diante dele, sob as copas das goiabeiras, em redor dos grupos de arbustos, mesmo junto das esparsas árvores que contornavam o igarapé. E sempre, sempre a ciciarem-lhe escandecentes hipóteses.

Subitamente Alberto parou. Ao longe, lá onde a selva retomava o seu domínio, exalara-se da terra do cemitério um farrapito luminoso. E logo muitos mais, pequeninas asas de fogo, por breves instantes tremeluzindo no escuro ou fugindo apressadamente; ajudadas pela brisa. Sucessivas flamas, sempre a brotarem do chão, desenvolvendo o mistério da noite, mal se apagavam umas, acendiam-se outras, fugazmente.

Arrefecida a surpresa, condutora de arrepios, Alberto quedou-se a ver a queima do fogo-fátuo. De quem seriam os cadáveres que estavam a arder na sua própria podridão. Do Raimundo de Popunhas, do Atanásio ou desse outro pobre cearense que viera na sua récua e morrera tuberculoso, pouco depois de haver participado na vida mórbida da selva? Seria o corpo de Cunegundo, que fora caindo aos pedaços, devorado pela lepra, e cujos restos Alexandrino atirara, embrulhados numa rede, às goelas negras da cova? Ou seriam todos juntos, em póstuma fraternidade? Qual deles sofrera mais a ausência da mulher e procurava ainda, nessa última sobrevivência, que errava na noite pânica, o corpo desejado para um supremo himeneu?

Já o pirotécnico se fatigara e o cemitério volvera a sepultar-se na escuridão, sem mesmo deixar ver as toscas cruzes de madeira.

A soberania de Dona Yáyá, amortecera e ele sentia-se agora mais calmo. Mais calmo e depreciativo. «Era tudo uma porcaria. A própria natureza era uma grande porcaria». Deprimido e da vida contristado, rumou ao barracão, para se deitar. A brisa não quebrara a mornura da noite e dir-se-ia que mesmo do igarapé se elevava um bafo pesado e quente.

Marchava a passo vagaroso, discutindo com ele próprio. «A vida dava, às

vezes, ainda mais nojo do que a ideia de apodrecermos depois de mortos». Rodeou a cerca onde se recolhiam vacas e bois, éguas e cavalos, olhou alguns instantes para os animais e prosseguiu no andamento. Já perto de casa, lembrou-se da insónia que o esperava e a insinuação, tantas vezes repelida com náuseas indignadas, saiu-lhe de novo ao caminho, Tudo voltou, repentinamente, ao princípio da noite, tudo era agora no cérebro dele, nos nervos e no sangue, como antes do fogo-fátuo. Contornou o cajazeiro, mais adiante encostou-se ao tronco do tamarindo. Ou continuaria a bastar-se a si próprio, ou aquilo viria a acontecer mais cedo ou mais tarde — admitiu com uma sensação de inevitabilidade e olhando ao longe, como se pedisse ao cemitério a repetição da calma que há pouco lhe fornecera. Mas o cemitério, já sem nenhuma flama a identificá-lo, anonimizara-se na terra rasoirada pela noite e tudo nele parecia haver terminado definitivamente. Mesmo a lembrança da sua existência já não impressionava nem esfriava aquela força maior, pouco escrupulosa e estonteadora, que agia em obediência a uma lei secreta e exigente, mesmo se lhe adulteravam os desígnios.

Sentindo-se, ele próprio, com modos de autómato, dirigiu-se ao alpendre onde se guardavam os laços. Palpou as cordas na obscuridade, com os dedos escolheu uma; e cá fora ensaiou-a, abrindo-a e atirando-a várias vezes para um quadrúpede imaginário. E de novo se fundiu na noite morna e cúmplice.

Quando voltou, já se havia desvanecido no seu espírito a ígnea imagem de Dona Yáyá. Mas ele cravava as unhas nas palmas das mãos, salivava constantemente e falava sozinho como nunca lhe acontecera:

— Bolas! Bolas! Não está certo!

Despiu-se logo que chegou ao quarto, pôs a toalha no ombro e, atravessando o pequeno quintal, colocou-se ao lado dos barris. Esgotou toda a água no banho longo e persistente, mas não conseguiu lavar-se da imensa repugnância que tinha por si mesmo.

XII

DE NOVO o rio começara a vazar, Todas as veias da selva levavam as suas águas denegridas ao caudal barrento, que ia emagrecendo dia a dia. Depois da invasão e posse, dava-se agora a retirada e cada manhã o sol tinha na floresta mais um estirão a enxugar. Mas tudo era ainda lama que guardava, bem impressas, as pegadas dos animais que por ela se aventuravam. E se a enchente alcançava, em toda a região amazónica, o nível da tragédia, a vazante não se operava também sem sulcos melodramáticos. Nos braços do Purus, do Juruá, do Solimões e dos muitos outros rios de que só a corografia ou os barcos que lhes tomavam os nomes podiam dar a grande lista, a terra da fortuna passava metade do ano isolada do Mundo. A meio da invernia, os navios subiam carregados de mantimentos e de novos desbravadores, sempre tardos em convencerem-se de que se havia esgotado o úbere imensurável. E, então, eram tudo festas em volta dos «gaiolas» iluminados na noite tropical. Vinham cartas das famílias distantes, cotações de borracha, novidades de outras bandas, objectos supérfluos e novo sortimento de bebidas. Saía-se do coração da brenha só para ver o barco. E os que ficavam nos centros, ao ter notícias dele, vibravam como se se tratasse da aparição do Messias. De porto a porto, a todos levando a alegria, os vapores iam remontando o curso, novamente aberto às proas da navegação. Um, dois meses, gastavam eles na vadiagem — atrás do primeiro, o segundo, e mais outro, e outro, e outro, sempre mais chaminés a subirem as ruas líquidas da selva. Cada um com seu proprietário e seus fregueses especiais, recolhia, ao descer, a borracha extraída durante a safra — bolas negras com letras gravadas, a ferro em brasa, na superfície viscosa. Metiam também castanha, caucho e outras riquezas de que a Amazónia se orgulhava de possuir em abundância. E apita aqui, apita ali, em despedida estridente, olhos que os vissem dobrar a curva próxima só os tornariam a ver no Inverno seguinte. Se algum mais preguiçoso, que subira por último ou se demorara atracado aos seringais, era surpreendido pela vazante, tinha de desarvorar a toda a força, abandonando carregamentos e não respondendo às chamadas — fugindo rio abaixo, sibilando dia e noite, senão

encalhava e ficava estatelado, a hélice ao léu e o casco a enferrujar até à próxima enchente. Muitos «gaiolas» apodreciam assim, meses e meses, com o focinho num barranco ou sobre praias traiçoeiras, esperando que as águas subissem e as chaminés pudessem de novo fumegar.

Durante todo esse tempo, a selva era cárcere sem porta e enquanto as feras, reconquistada a terra nativa, por ela andavam livremente, estavam presos os homens.

Mas no Madeira, não. Por muito que descessem as águas, a sonda encontrava sempre, até o porto de Santo António, liberdade para todas as quilhas. Era a única virtude que o distinguia dos irmãos. Grande rio, os «gaiolas» subiam-no durante o ano inteiro, confiados na sua profundidade e largueza. E, como eles, remontavam também cardumes de peixes variadíssimos. Agrupavam-se por famílias, fervilhando à tona da água, dias e dias, os lombitos luzidios. Vinham de muito longe e iam para mais longe ainda, a escolher, nas cabeceiras, um abrigo propício. Leccionados pelo instinto, buscavam ao longo das margens, em reserva de energias, menor força da corrente. Eram aos milhões, aos biliões e terçado que os golpeasse cortaria, duma só vez, o bastante para encher um cabaz. Avançavam muito juntos, enfileirados no mesmo destino andarilho e, ao atirar-lhes a tarrafa, quando passavam rentes ao Paraíso, João procurava o flanco do cardume impenetrável, porque, se a lançasse no centro, não poderia erguer o peso descomunal. Se se tratava de mandis, era preciso maior cuidado ainda, que eles não só ficavam dentro da rede, mas até exteriormente se prendiam, por obra dos seus esporões serrilhados.

Com a vazante, as tartarugas abandonavam, por seu lado, os igarapés e vinham descendo pacatamente até o curso maioral. Esperavam-nas os caboclos, filosofando na montaria, em frente da confluência. E mais ninguém, senão eles, teria pupila aguda e arte balística, que dir-se-ia inata, para aproveitar exactamente o segundo em que o anfíbio trazia à superfície a óssea cabeça. Retezavam o arco, disparando a flecha certeira para o céu, de onde, após haver traçado uma bela curva caía a prumo sobre o casco, já mergulhado, do ingénuo quelónio.

Mas o rio baixava mais, muito mais. Hoje um palmo, amanhã outro, ia pondo a descoberto as lombas doiradas das praias. Abandonando, então, a foz dos igarapés, o caboclo capturava, na areia, as tartarugas que saíam para desovar.

Uma noite, Alberto seguira também os dois riscos com que elas marcavam a sua passagem no areal. E fora encontrar uma já de volta e espantada, fugindo

penosamente à frente dele, ao sentir a vida em perigo. ele próprio teve medo de a apanhar, o medo repentino de que a tartaruga lhe fechasse sobre a mão a sua boca dura como um alicate.

Do cozinheiro só se via o farol, deambulando solitariamente na praia. Mas João era assaz ladino e experiente para cortar, no momento oportuno, a dianteira do anfíbio alarmado, Apresou-o já perto da água, introduzindo os dedos, num movimento rápido, entre a cabeça e o casco, e firmando o pé no rebordo da carapaça, sobre o rabo. Com os esforços que realizava para se libertar, esgaravatando desesperadamente na areia, a própria tartaruga, assim retida e puxada por cima, se voltava de patas para o céu — um céu inclemente, de todo alheio ao seu próximo destino.

— Chega por esta noite — disse João.

— Quantas?

— Virei três pitiús, cinco tracajás e esta…

— Já não é nada mau!

Postos na montaria, sempre de costas para baixo, os nove bicharocos, o cozinheiro pôs-se a remar. Desciam, mansas, as águas, na beirada com debrum de embaúbas e taxizeiros, que Alberto conhecia bem, por serem, com suas florescências, os únicos cromas ribeirinhos do Madeira. A brisa cálida murmurava na noite estival do equador e, distintamente, luzia o farol que iluminava a escada de acesso ao barracão.

Quando, galgada a ribanceira, ali chegaram, já todos se haviam recolhido e o próprio Nero, deitado junto a uma das portas, dormia a sono solto. No dia seguinte, porém, o senhor Guerreiro felicitara-os pelo êxito da viração. Os pitiús comer-se-iam ao jantar, ficando os tracajás de reserva para a semana vindoura. E talvez mesmo seu Juca, se viesse, como dissera, no fim do mês corrente, pudesse ainda saborear um pedaço de tartaruga.

Estavam os dois na varanda e Alberto lobrigou, lá longe, na curva do rio, grande rolo de fumo a fugir para o céu.

— Um navio…

O senhor Guerreiro afirmou-se, mas os seus olhos cansados já mal viam à distância:

— Deve ser o «Sapucaia».

— Deve ser, deve; tem o cano da Companhia.

— Talvez traga o fornecimento que seu Juca ficou de mandar… — aventou o guarda-livros.

Mas não. Uma vez ante as palmeiras, o barco começou a silvar, em pedido de canoa. Era apenas correio, já se sabia. Quando os «gaiolas» não vinham encostar a proa ao barranco acidentado, é porque só traziam correspondência para o seringal.

Rema, rema, Alexandrino foi recolher, à boca do portaló, as cartas e os jornais. E de novo o «Sapucaia», com os sibilos da despedida, fez voltejar na água as suas quatro palhetas.

Havia, entre o que fora recebido, carta para Alberto. Era de sua mãe e ditosa como nunca. Leu-a ele debruçado na janela do escritório, tendo à frente os crotons e as flores brancas do jasmim; atrás, o senhor Guerreiro, devorando os jornais recém-chegados e a comentar:

— A borracha continua mal… No dia nove, a quatro mil e oitocentos… No dia dez — deixe ver — a quatro mil e novecentos… No dia catorze, desceu, de novo, a quatro mil e quinhentos… E não passamos disto!

Alberto não lhe dava atenção. Prendia-o a carta materna, com a notícia de que os republicanos haviam, enfim, resolvido amnistiar os insurrectos de Monsanto. Ele podia, pois, regressar livremente, quando lhe aprouvesse. Mas que fosse depressa, que ela desejava vê-lo e só seria feliz assim que o tivesse ao seu lado. Concluía afirmando que muitos dos monárquicos exilados em Espanha tinham já voltado e que a amnistia trouxera aos republicanos grandes simpatias.

Alberto leu, releu, os olhos húmidos de emoção, o passado a ressurgir, vivo, vivo e fascinador como nunca.

«Os republicanos… Os monárquicos…» Tudo aquilo lhe soava imprevistamente a oco, longínquo e sem sentido. Arrefecera-lhe a paixão, as suas antigas ideias pareciam-lhe de tempos remotos, dum outro eu que se perdera e esfumara na lonjura. Examinava agora, a sangue-frio, a sua causa vencida e nenhum ódio guardava para os adversários que combatera anos antes. O que desejava, sobretudo, era ver o cenário perante o qual eles representavam. As ruas de Lisboa, as salas da Faculdade, os primeiros condiscípulos, a sua casa e sua mãe… A mãe! Como lhe custaria pouco o acto, outrora inadmissível, de renunciar às velhas aspirações, se tanto fosse necessário, para volver à terra distante! Cada vez sentia menos o domínio das teorias que o haviam forçado a emigrar e parecia-lhe mesmo que sobre elas se iam condensando, de modo ainda mal definido, uma razão diferente e um sentimento de justiça nova, mais profunda e mais vasta. «Em muitas das suas expressões, a vida rastejava ainda, em tanto mundo e ali mesmo, à altura dos pés humanos; e não era decerto com

os velhos processos, já experimentados durante dezenas de séculos, que ela poderia ascender aos níveis que o cérebro entrevia. Não era, decerto, no que estava feito, era no que estava por fazer, que o homem viria a encontrar, talvez, o melhor de si próprio».

Com o ruído da cadeira, o senhor Guerreiro, ao levantar-se, interrompeu-lhe a divagação. Alberto guardou a carta no bolso e veio à secretária reabrir o «contas-correntes». Faltava-lhe ainda seiscentos e vinte mil réis para quitar-se de vez com Juca Tristão. Lápis em punho, pôs a calcular, sem margem larga, o tempo indispensável para o resgate. Quinze meses, dez, porventura, se lhe aumentassem o ordenado e ele fizesse economias. Não aspirava a levar coisa alguma. «Bastar-lhe-ia a passagem para Manaus e de lá para Lisboa. Mesmo em terceira classe, seria já felicidade, pois a ideia do regresso tudo absolvia. E em Lisboa não morreria, certamente, de fome. Daria explicações, faria o mais que fosse preciso, para não sobrecarregar a mãe. Havia de viver e concluir o curso, que outros, com menos possibilidades ainda, também viviam e se formavam».

Via-se já, com grande alvoroço íntimo, a desembarcar em Lisboa e a enternecer-se ante a cidade prenhe de recordações. «Foi aqui que me sucedeu isto, foi ali que me sucedeu aquilo…» Depois eram os braços da mãe, chorando e velhinha, em delirante contentamento. Mas que diriam os amigos, à mesa do café: ele a falar do que vira e do que fizera, dos seus heroísmos anónimos e das suas abominações. Duvidariam, por certo, de tudo quanto não o denegrisse ou tivesse a expressão fabulosa da brenha inconcebível. Quem ia acreditar que se podia cortar o peixe com um facão, dentro da própria água, quando os cardumes subiam o rio?

Aproximou-se da janela e atirou para o quintal, para longe, onde não os visse e não o tentassem, a bolsa do tabaco e o livro de mortalhas. Não fumaria mais, não gastaria, dali em diante, um só vintém economizável. Havia de regressar se não morresse, se as febres o respeitassem como até então sucedera. Havia de regressar!

Não pôde, por mais tempo, reprimir a sua alegria.

— Tive uma boa notícia de Portugal… — desabafou.

O senhor Guerreiro, que já estava debruçado sobre o Razão, levantou a cabeça para ouvir.

— Fui amnistiado. Já posso voltar quando quiser.

— E então?

— Então…

Teve um vago sorriso:

— Logo que tiver dinheiro para a passagem…

Acercou-se e mudou o tom da voz:

— Eu queria pedir-lhe que dissesse alguma coisa a seu Juca, quando ele chegasse, sobre o meu ordenado… Se isso não lhe custar… A ver se ele mo aumentava…

— Lá custar não me custa! O pior é que, com a descida da borracha, ele não deve estar para liberalidades…

— Eu contentava-me com pouco. Mesmo só vinte ou vinte e cinco mil reis a mais…

— Vamos a ver! Vamos a ver! Eu farei tudo quanto for possível. Então os seus correligionários já podem regressar à terra?

Alberto mostrou-lhe a carta e o recorte do jornal que sua mãe lhe enviara. O guarda-livros leu e aprovou: sim, senhor, estava muito bem; é justo, porque defender ideias não era crime nenhum. Ele próprio, um dia, em Manaus, quando trabalhava na casa Andersen & C.ª, entrara numa conspirata contra o governador do Estado. Mas não chegara a ser preso, porque, antes do desfecho, a sua vida modificara-se e ele fora para Maués.

Não mais durante o dia Alberto teve calma. O seu espírito seguia, exultado, a rota da cidade nativa. Tudo agora lhe parecia fácil: mais uns meses ali e novamente trilharia as ruas de Lisboa.

À tardinha, cerrado o escritório, meteu-se no seu quarto, para fruir a sós a nova alvoroçante e os projectos não menos excitantes que ela carreava. Ergueu o mosquiteiro e estendeu-se na rede, com um pé de fora a balanceá-la, enquanto ele assobiava ou cantava, baixinho, como nos momentos lisboetas em que se fatigava de estudar.

Ao lusco-fusco, uns passos leves soaram no corredor. Alberto apurou o ouvido. «O João não devia ser… Tinha o andar mais forte e ainda era cedo para o jantar. Tiago também não… Ah, é Dona Vitória…»

A preta sexagenária, de carapinha toda branca e pele sulcada de gelhas, vinha pela roupa a lavar. Era mãe de Alexandrino, comadre de toda a gente, dele próprio também, graças a velha cerimónia sobre uma fogueira crepitante, na véspera de São João. Comemorava-se o santo, com festança pitoresca, entre todos os párias. Nessa noite tradicional, eles saíam do mais espesso da brenha e dirigiam-se à margem do rio, para folgar com o boi-bumbá. A caricatura do bicho tinha esqueleto de madeira e vistosos panos simulavam o seu coiro. ao

longo do dorso e entre os chifres, aproveitados de boi real que morrera ou fora morto, prendiam-se nacos de espelhos e quinquilharias que tivessem brilho e cor. E era tanto mais famoso e discutido o boi-bumbá quanto mais se revestisse de bugigangas. A chita que o cobria chegava, como saia pregueada, até o chão, a disfarçar a ausência das quatro patas, enquanto lá dentro se escondia, adaptando a armação às costas, um dos folgazões. À sua frente, não menos estapafúrdias e adornadas, outras duas personagens completavam a pantomima. Eram o «Pai Francisco» e a «Mãe Catarina», bons cearenses, um que envelhecia e outro que se vestia de mulher para a circunstância — e ambos incansáveis como o parceiro que se agitava, toda a noite, no interior do bicharoco fantástico.

O «boi» começava a dançar ao som de matracas rala-ralas, réplicas e tréplicas do extravagante casal que o acompanhava sempre nas suas evoluções coreográficas. De quando em quando, era certo, o saltarino erguia a saia do mostrengo policrómico e, deitando de fora a cara lustrosa de suor, bebia quanta cachaça lhe davam. Esse intervalo aproveitavam-no os habitantes do paraíso para se tornarem uma só família.

Quem queria padrinho, compadre, primo ou tio, sacava um lenço, segurava uma das pontas, dava a outra ao futuro parente e, três vezes seguidas, passava-o sobre uma fogueira, pronunciando solenemente:

— São João, São Pedro e São Paulo e todos os santos da corte do céu sirvam de testemunha que «seu» Fulano é meu compadre…

Em derredor, avermelhados pelo fogo, juntavam-se cantadores da velha tradição. Juca, quando estava ali, e o guarda-livros, senhores de muita categoria, eram os mais solicitados. Padrinhos de seringueiros sem conta, haviam de dar bênção toda a vida sempre que um dos afilhados se aproximava.

Gente simples, saída de boqueirões primitivos, o acto adquiria, para ela, efeito de rito sagrado — e mais depressa nhá Vitória deixaria cortar as orelhas do que estraçalharia o que fora herdado como um dogma.

A Alberto, porém, tudo lhe parecia viável nesse dia de sorte e de júbilo, em que se lhe abriam de novo as fronteiras da terra distante. Várias vezes já, quando a sua carne rugia mais, admitira a hipótese de abraçar aquele corpo envelhecido e sofrera do mesmo desejo que via assomar aos olhos dos seringueiros, sempre que topavam nhá Vitória. Mas resistira, sempre, pesando e repesando, no vácuo deixado pelo pudor foragido, as dificuldades da empresa. Agora tudo isso se diluía. A velha preta estava ali, a sós com ele; no seu peito enfebrecido, soavam mil esperanças de triunfo e era propícia, como nunca, a sombra da noite que

caía.

Levantou-se da rede e dirigiu-se para a sua mala, onde havia, sobre a tampa, lugar para dois.

— Sente-se aqui, nhá Vitória.

E ao lado dela, em cavilações sucessivas, com a mão a afagar-lhe o engelhado braço, foi experimentando o seu caminho.

Mas a velha ergueu-se de repente, ao compreender a intenção:

— Você é um sem-vergonha! E é você meu compadre! Se isso é coisa que se diga a uma mulher da minha idade! Deus lhe há-de castigar! Lave você a sua roupa, que eu, de hoje em diante, não pego mais nela…

Alberto tentou acalmá-la, pródigo em desculpas, loquaz e doce no desagravo. Nhá Vitória estava, porém, irritadíssima:

— Marinheiro safado! Só não conto tudo ao meu filho, porque ele lhe tirava a vida!

E saiu, agora de passos que a ele pareciam demasiado sonoros no corredor já penumbroso.

Humilhado, a carne vencida por aquele desfecho, Alberto começou a transitar duma parede à outra do quarto. Um confuso desejo de contradição, de desvalorizar-se ainda mais a seus olhos, como se daí lhe pudesse advir algum alívio, fê-lo deter-se em frente do pequeno espelho que brilhava, suspenso dum prego, ao lado da janela. Viu o seu rosto magro e comprido, o olhar perturbado, o cabelo em ondas, farto e negro; e pareceu-lhe repugnante que essa imagem tão familiar fosse a do mesmo homem que ele havia sido pouco antes, que já tinha sido outra vez e voltaria porventura a ser mais vezes ainda se não partisse dali. Afirmava a si mesmo que a responsabilidade não era dele, era do meio, era essencialmente da Natureza, mas o seu amor-próprio continuava vexado por aquela nova acção de aviltamento. Um instante, às suas faces, agora frequentemente barbeadas pelo filho de nhá Vitória, sobrepuseram-se as faces sujas de barba que ele e os outros seringueiros traziam, desmoralizadamente, em Todos-os-Santos, durante a semana inteira, por vezes durante semanas a fio. «E para quê o contrário, se todos eles eram vítimas, se não havia ali presenças femininas a estimularem a presunção dos homens, se não havia exemplos a seguir, para quê se lentamente a selva impunha o regresso à negligência, o retrocesso dos civilizados, como se estivesse empenhada em reincorporá-los na selvageria de onde se tinham evadido?»

Nenhum dos argumentos que fabricava, nem mesmo os dias libertos que ia

imaginando, ansioso de vivê-los, lhe haviam ainda saído do espírito quando João chamou do corredor, para o jantar.

Encontrou o senhor Guerreiro passeando na varanda, o que não era, àquela hora, seu costume. E, logo que dele se aproximou, o guarda-livros deteve-se, perguntando-lhe em voz baixa:

— Que foi isso com nhá Vitória?

— Nada…

— Ela disse-me que não lavaria mais a sua roupa…

Alberto ficou calado.

— O senhor precisa de ter cautela — tornou Guerreiro, com modo grave. — É um conselho que lhe dou… O Alexandrino faz tudo quanto a gente lhe diz, mas está longe de possuir bons fígados. É capaz de correr gritando por socorro, diante do fogo-fátuo, mas é muito capaz também de fazer coisas horríveis. Os outros respeitam-lhe a mãe, não por ela ser velha, mas porque têm medo dele…

— Foi uma loucura…

— Vamos; vamos comer. Eu hei-de falar a nhá Vitória e tudo se há-de arranjar, com certeza. Mas, para outra vez, tenha cuidado…

Fosse verdade ou ilusão, Alberto julgou perceber, no rosto de Dona Yáyá, quando se sentou à mesa, que ela já sabia o que se passara. E a humilhação renasceu, aumentou logo, transformando-lhe a naturalidade dos gestos e das palavras. Sentia-se ainda mais diminuído, mais enxovalhado do que antes. Debalde o senhor Guerreiro tentava dar à conversa a feição de todos os dias, debalde porque ele compreendia que Dona Yáyá pensava no episódio e o seu olhar fugia dos olhos dela, como dum par de brasas.

Reagiu entre duas garfadas, procurando justificação para o seu procedimento: «Que tinha ela com isso? Não era natural que um homem como ele, vivendo a juventude, buscasse o amor que lhe negavam?»

Mas o sentimento de vergonha persistia e com ele uma revolta latente contra as circunstâncias, uma vergonha que o levava a desistir de toda a trama de sedução futura. «Podiam vir as sementes, que tudo estava acabado! Rebaixara-se demasiado e era até indecente que mesmo naquele momento estivesse ainda a pensar na mulher do seu amigo».

Sorvida a chávena de café, alegou, como na noite memorável, ténues motivos para ausência — e saiu. Junto do seu quarto, sentou-se nos degraus que ligavam o fim do corredor ao quintal e deixou-se ficar ali, febril, nervoso e torturado. O vulto de Alexandrino foi-se esboçando, criando corpulência, no cérebro, nos

olhos, dir-se-ia que na própria escuridão que o cercava. Via-o nos seus mil ofícios, a tudo se adaptando, alto, mestiço, espadaúdo, os beiços secos, a dentadura muito cerrada e muito branca. Via-o nitidamente, sobretudo quando domesticava os potros, as longas pernas cingidas à barriga do animal, o relho na mão, desferindo constantes golpes.

Ferido pelas esporas e com aquele peso intruso que o seu lombo nunca suportara, o garrano ora se dobrava, formando bossa de dromedário, ora se distendia em pulos sucessivos e coices sem descanso. Carecia de grande perícia e não menor coragem quem se escanchasse sobre o dorso agitado. Para Alexandrino, porém, aquilo parecia uma diversão: cara alegre, os dentes ferrados no lábio inferior, ia saltando, com a montada, por todo o descampado e via-se que gozava fazendo sofrer o potro, ao esporear-lhe profundamente o ventre, até sangrar.

«Sim, talvez nhá Vitória nada dissesse, se não por ele, pelo filho, pois não queria, decerto, vê-lo metido em crimes. Mas se dissesse… acabou-se! Não lhe dava medo!», pensou Alberto, com azedume de ânimo, decidido a desligar-se, de qualquer modo, da vida que mais uma vez lhe parecia degradante. «O senhor Guerreiro tinha razão, não apenas no que dissera, mas sobretudo no que calara. Que fazer, porém, que fazer quando a carne açulada turbava o discernimento até aos mais sensatos? Não havia certamente limite algum para as baixezas a que um ser humano podia descer, se o escravizavam e privavam de tudo quanto era essencial à vida».

Pisava e repisava o seu vexame, abrindo novas veredas no solilóquio, agora mais revoltado contra o regime ali existente do que contra ele próprio e cada vez com maior desejo de fumar. «Se tivesse, ao menos, um Cigarro!»

Pensou ir pedi-lo ao cozinheiro, decerto ainda levantado àquela hora, mas conseguiu sofrear-se. Entrou no quarto, acendeu o farol, despiu-se vagarosamente, quase de todo alheio ao que fazia — e deitou-se. Folheou os jornais que o senhor Guerreiro lhe emprestara de manhã, abriu depois o livro que andava lendo — mas não fixava nada. Apagou, por fim, a luz e, sob a volta lenta das horas, pôs-se a voltar na rede, para a direita, para a esquerda, até alta madrugada, a sua cabeça enfebrecida e o seu desespero.

Acordou com a mesma ideia que lhe surgira durante a insónia. Sim, porque não? A sua mãe compreenderia. Compreenderia perfeitamente, coitadita! E era tão pouco, tão pouco, que não valia o sacrifício dele. Que ela o pedisse emprestado ou empenhasse alguma coisa que ainda possuísse, uma das suas

velhas jóias, se ainda as tivesse. Ele não podia mais, não podia mais! Pagaria tudo depois, sustentá-la-ia sempre, trabalhando dia e noite, fosse no que fosse, mesmo a engraxar botas!

Pouco depois escrevia:

Minha querida mãe, minha querida mãezinha:

XIII

OS HOMENS chegaram estafados e suarentos sob o peso desconforme. Mesmo só com um na rede, era esforço valente levá-la assim, enfiada num pau, tantas léguas de seguida. Com dois, o suplício aumentava e, ao atingir o Paraíso, os ombros iam derreados.

Ali mesmo, à sombra da sapotilheira, depuseram o fardo e as suas mãos correram à fronte, a deitar fora o suor.

O «Nero», que estava na varanda, desceu logo de rabo curto espetado no ar e focinho baixo, em investigação. Chegou, cheirou, deu uma volta em redor da rede e foi sentar-se na escada, a olhar, curiosamente, para o grande embrulho.

Mas João, que da cozinha tinha visto os dois seringueiros passarem, acudia já, alarmando a casa inteira:

— Seu Guerreiro! Seu Guerreiro! Seu Alberto!

E, da própria varanda, interrogou Manduca:

— Quem foi?

— Foi o Procópio…

— Ah! É só um?

— O outro fui eu que o matei…

Já se encontravam ali o senhor Guerreiro, Alberto e Alexandrino e ao longe pernejava, naquela direcção, o vulto de Tiago.

— Deixe ver…

Manduca inclinou-se e abriu a rede. Lá jaziam dois homens, um sem cabeça, o outro robusto e bronzeado, de longo e luzidio cabelo negro, como Alberto nunca vira. Estava completamente nu, com um pequeno círculo avermelhado perto do coração e também levemente sangrenta, pela onda da hemorragia interna, a boca semidescerrada. Do decapitado, que se encostava a ele, nem a veste se reconhecia: era uma crosta de sangue, já muito seco, que se estendia por todo o tronco e vinha espraiar-se, em manchas escuras, junto das calças de brim.

— Como foi? Como foi? — quiseram todos saber.

Manduca sentou-se no banco que rodeava a sapotilheira — «com licença, seu Guerreiro, que eu venho mesmo acabado» — e contou:

— O Procópio foi o primeiro a tirar o leite e estava no defumador quando os bichos chegaram. Eles, então, o cercaram e mataram logo. Ficou crivadinho de frechas que nem um paliteiro. Quando eu cheguei ao sítio, ouvi um barulho dos demónios. Me escondi detrás dumas árvores pequenas e me pus a olhar. Os índios já tinham a cabeça do Procópio enfiada numa vara e iam aos pulos para a barraca. Que berraria, minha gente! Outros iam escangalhando mesmo o mandiocal. Meti o rifle à cara e pum! pum! pum! Eles pararam, a farejar de que lado vinham as balas, e depois correram para a banda onde eu estava, mandando mais frecha do que fruto tem esta sapotilheira. Mas, da outra banda, aqui o Zé Preguiça, que chegava da estrada, começou também aos tiros. Então eles ficaram atrapalhados. Uns frechavam para o meu lado, outros fugiam, a olhar para trás. Eu vi o tuxaua e lhe sapequei uma bala. É este que está aqui…

— E depois?

— E depois, seu Manduca?

— Depois, o bicho caiu logo, com um grito de pôr os cabelos em pé ao cabra mais valente, e os índios vieram socorrer ele. Mas, quando se convenceram mesmo que não podiam levar o corpo do tuxaua, porque eu e o Zé Preguiça estávamos sempre mandando bala, fugiram aos saltos que nem um bode!

— E eram muitos?

— Eu não contei, mas eram mais de cem. Aqui o Zé Preguiça ainda baleou um deles, que foi para o mato, agarrando-se ao arco e de perna no ar, como um socó…

O senhor Guerreiro e Alberto abaixaram-se para analisar melhor.

— E as penas? Ele não trazia penas na cabeça? — perguntou o guarda-livros.

— Se trazia! Um capacete vistoso, que logo me disse que era o tuxaua!

— Onde estão?

— Nós deixámos lá. Queria elas, seu Guerreiro?

— Queria…

— No domingo, trago. Devem estar machucadas, porque as tirei com força da cabeça dele…

Para atenuar, ali mesmo, o episódio, Guerreiro procurou dar destino a cada um:

— Bem. O Manduca e o Zé vão comer. Ó João, leve-os consigo.

E você, Alexandrino, vai abrir as covas.

— Só para o Procópio…

— Para os dois.

— Para os dois? Índio em cova de cristão? É melhor deitar o bicho ao rio, para as piranhas jantarem…

O guarda-livros não quis afrontar as vidas que tinham nos parintintins um inimigo implacável e aparentou transigir:

— Pois sim…

Mas logo emendou:

— Não. O melhor é fazer uma cova à parte. Fora do cemitério e sem cruz. É assim que se enterram os herejes…

— Cá por mim, atirava com ele à água e estava tudo pronto!

Tiago, que se conservava a distância, de olhos fixos voluptuosamente sobre Procópio, não tendo ouvido bem, aproximou-se a inquirir:

— Você quer deitar ele ao rio?

— Ao Procópio, não; ao índio — disse, de mau modo, Alexandrino, que ainda ia teimar na sua.

— Ele também o merecia… — proferiu Tiago.

A indignação estrangulou, por um momento, a voz de todos eles; e ficaram a olhar, em silêncio, para o velho negro, cuja boca de sapo repetia:

— Esse Procópio também o merecia, pois era muito malandro.

A revolta do senhor Guerreiro emergiu, finalmente:

— Cale-se! Se diz mais uma palavra, mando suspender a cachaça! Vá ser miserável para casa do diabo!

— Eu não digo mais nada, branco; mas que ele era malandro, era! — E afastou-se, arrastando, devagar, a sua perna coxa de mefistófeles de ébano.

— Vá, Alexandrino, vá fazer as covas. E vocês vão almoçar. Depois, venham à loja, para se aviarem de balas.

Desfeito o grupo e cobertos novamente os cadáveres, só ficaram ali, no banco, sob a sapotilheira, Alberto e o senhor Guerreiro, que afirmava:

— Eu, às vezes, sinto pena por este pobre diabo do Tiago. Outras vezes, enoja-me o ódio que ele tem a quem brinca com o seu defeito. O culpado é seu Juca. Se o metesse na ordem e proibisse os seringueiros de o tratarem por «Estica», acabava-se com isto. Mas qual! Ele próprio dá o exemplo. Como faz do Tiago o que quer, não se importa com o que ele faz aos outros.

— Seu Juca parece que gosta muito dele…

— Gosta, à sua maneira. E como o Tiago sabe isso, abusa. A seu Juca, é capaz de dar a vida; aos outros, por uma simples brincadeira, é capaz de os matar.

O «Nero» veio sentar-se junto deles e as moscas pousavam já sobre a rede que envolvia os mortos.

— Que pensa o senhor fazer agora?

— Que penso fazer?…

— Em Popunhas…

— Nada. Seu Juca está para chegar e ele que resolva. E pouco poderá resolver. Antigamente era costume organizar um grupo de homens bem armados e mandá-los em perseguição dos parintintins. Mas o Rondon escreveu a pedir que não se tornasse a fazer isso. E eu acho que o seu pedido é justo. Está provado que estes índios não têm medo e serão precisos muitos anos e muitos sacrifícios para civilizá-los. Mandar quatro ou cinco homens persegui-los, é trabalho inútil. Só lhes acirra o ódio e mais nada. Eles podem afastar-se por algum tempo, recolhendo à taba, porque é apenas um bando que vem atacar os «centros». Mas, um dia, voltam. Entendem que esta terra é deles, que nós somos aqui uns intrusos e não nos perdoam.

— A tribo dos parintintins é grande?

— Diz-se que sim, mas ao certo ninguém sabe. Eles atacam e em seguida fogem para os fundões da selva, onde ninguém vai. Não creio que este fosse o chefe supremo, como o Manduca supõe. Geralmente, os tuxauas das outras tribos só se deslocam para grandes empresas. É natural que nos parintintins aconteça o mesmo. Este índio devia ser uma espécie de capitão. O verdadeiro chefe está, com certeza, a esta hora, muito descansado na sua taba. Eu penso que os parintintins são muitos. Mas se são poucos, então é de admirar ainda mais a sua extraordinária coragem. Nas várias expedições punitivas que se fizeram contra eles, muitos dos expedicionários ficaram por lá, mortos. Se alguns escaparam, foi quase por milagre. As flechas podiam mais do que as balas…

— E como será a vida deles?

— Também não se sabe ao certo, pois sobre os parintintins há muitas fantasias e a maior parte das coisas que se dizem são lendas. Mas calcula-se, pelos costumes das outras tribos, que eles vivem em igualdade, excepto o tuxaua e os seus capitães, É gente sem ambições. Roubam o que brilha, quando assaltam os seringais, mas o que desejam, sobretudo, é destruir o que pertence aos que

lhes ocuparam as terras. Não lhes interessa o comércio e daí a grande dificuldade em os civilizar.

Calou-se o senhor Guerreiro um momento, como se reflectisse ainda sobre as suas últimas palavras ou o pensamento lhe desertasse para as temerosas lonjuras que elas sugeriam.

— Mas o que fez o Rondon? — insistiu Alberto, naquele pequeno silêncio, crespado de dúvidas.

— Bem… Este rio já teve dois grandes romances. Um, foi a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Levou quase meio século a fazer-se. Os homens chegavam e as febres — zás — matavam eles. Morriam às centenas. Alguns trabalhadores que fugiam, tremendo com sezões, eram mortos também pelos índios de lá, que são de outra tribo. As companhias faliam e o material ficava a apodrecer. O dinheiro que se gastou naquela estrada de ferro dava para fazer uma vinte vezes maior. O outro romance foi a tentativa de Rondon para civilizar os parintintins, sem empregar violência. Ele encarregou um capitão, chamado João Portátil, de se aproximar, com um grupo de homens, das terras deles. Não havia ainda muitos anos, Rondon tinha pacificado outra tribo feroz, os Nhambiquaras, quando andava a construir com soldados e oficiais, no meio da selva, a linha telegráfica que vem de Mato Grosso a Santo António. Ele não queria que se matasse nenhum índio, mesmo quando os índios matassem homens civilizados. Alguns oficiais não concordavam com aquilo, mas Rondon se impôs a eles. E disse ao capitão Portátil que devia fazer a mesma coisa com os parintintins. Rondon é um homem de boas ideias e simpático, que só deseja a confraternização com os índios. Eu lhe falei várias vezes, no Crato e aqui mesmo, a bordo dum «gaiola». Mas a expedição às terras dos parintintins não foi feliz. O capitão Portátil adoeceu gravemente e ainda por cima se feriu numa queda que deu. Já estava perto das tabas, mas teve de voltar para trás, transportado aos ombros do seu pessoal. Ouvi dizer que ele e os seus homens haviam chegado tão esfarrapados e com tantas chagas nas pernas e nos braços, que pareciam mesmo uns desgraçados.

O Senhor Guerreiro interrompeu-se ao ver Dona Yáyá aparecer na varanda e olhar, intrigadamente, para o fardo que se expunha junto deles.

— Com licença! Eu, depois, lhe conto o resto. — E já de pé, abreviou: — Desde então, até hoje, tudo continuou na mesma…

Alberto viu o guarda-livros caminhar ao encontro da mulher e, com explicações que ele não ouvia, conduzi-la para dentro, evitando-lhe o

espectáculo confrangedor. Ergueu-se também, acercou-se do rio e começou a passear ao longo da margem. A recordação da sua estada em Todos-os-Santos, com a constante ameaça daquele perigo, amarfanhava-o ainda, dolorosamente. Ah, quando ele pudesse recordar, longe dali, o pesadelo! Que sensação teria quando pensasse naquilo em Lisboa, à mesa solitária de café, ou subindo sozinho a Avenida da Liberdade, como fazia outrora, ao cair da noite, vendo os pneumáticos[16] dos automóveis luxuosos e as bolas de borracha com que as crianças brincavam? Sim, a selva era bela, majestosa, mesmo deslumbrante. E era rica, havia de ser fantasticamente rica também, mas um dia — um dia que vinha ainda longe. Entretanto, toda a sua grandeza esmagaria, toda a sua deslumbrância seria volúpia do primeiro contacto, logo desvanecida pela monotonia; e os anónimos desbravadores iriam caindo, inexoravelmente, sob as febres palustres, traspassados pelas flechas envenenadas, desvairados pela ausência do amor — escravos, pobres, miseráveis, ali onde a natureza erguia as suas mais fastidiosas pompas!

O Alexandrino dobrava-se, agora, sobre a rede. Tornou a abri-la e seus braços ergueram o cadáver de Procópio. Logo, num só arranco, pô-lo em cima do ombro. O «Nero» veio de novo olhar e começou depois a lamber a boca e o peito do índio. Mas Alexandrino já se afastava. Era grotesco, no seu macabro, o corpo sem cabeça que ele levava às costas, hirto, negrusco e com um enxame de moscas a persegui-lo denodadamente. Entretanto, farejando comezaina lauta, os urubus estendiam, curiosos, de sobre o cajazeiro, o pescoço depenado e asqueroso.

*

No domingo, Firmino apresentou-se mais cedo, enfiou a cabeça no escritório e, ao certificar-se da ausência do guarda-livros, chamou em voz baixa e tímida:

— Seu Alberto… Seu Alberto…

— Ah, é o Firmino! Como vai? — E vendo a tristeza da sua expressão: — Que lhe aconteceu?

— Nada, seu Alberto. Você está mesmo bom?

— Cá vou indo. E o Firmino?

— Eu… Assim, assim… Queria conversar com seu Alberto…

— Diga! Diga!

— Queria falar em particular…

Alberto insistiu:

— Sucedeu-lhe alguma coisa?

Firmino não respondeu.

— Bem, espere um momento, que já venho. Olhe, vá andando para o meu quarto, aí pelo corredor. Eu já lá vou ter.

Que seria, que não seria, coisa boa não era, pela certa, pois nunca vira Firmino com tão amargurada cara. Alberto reuniu, sob o frasco da goma, todos os papéis espalhados na mesa e saiu, encostando a porta.

De novo perante o amigo — «sente-se, que eu fico aqui, e ponha, se quiser, o chapéu; esteja à vontade» — e quedou-se a escutar quanto dizia, em voz confidencial, o antigo companheiro.

Firmino falou, falou, numa revelação de todo o seu drama e num secreto apelo à solidariedade que precisava.

Alberto compreendia-o fraternalmente. Sim, tinha carradas de razão e, no seu lugar, ele faria a mesma coisa. Se havia que admirar, era a sua longa resistência na brenha solitária.

— Está bem, Firmino; eu arranjo a lima.

— Se não dá muito incómodo… Se dá e se pensa que podem vir, um dia, a saber que foi seu Alberto, eu faço de outra maneira.

— Não, não dá. E que dê! Eu arranjo a lima.

— Muito obrigado. É que, para arrancar da canoa a tábua com a corrente, faria muito barulho e podiam acordar e descobrir tudo.

— Eu deixo-a no pé do cajazeiro e o Firmino, assim que serrar a corrente, põe-na lá outra vez. De manhã vou buscá-la e meto-a no seu lugar. Mas você já pensou se não seria melhor pedir que o mudassem de centro? Para o Paraisinho… Lá, os índios vão menos — não é verdade? — e há estradas sem seringueiros. Assim, sózinho, em Todos-os-Santos, é que não está bem.

— Pensei, pensei. Mas, já agora… No Paraisinho é a mesma coisa. Não se sai mais daqui. Se passam os anos e é como se estivéssemos sempre no mesmo dia. Estou resolvido: vou para o Machado. Se tirar lá mais galões, pode ser que arranje saldo. Pouco… não tenho fé em arranjar muito; só quero que chegue para eu voltar ao Ceará.

— E quando é que o Firmino queria ir?

— No domingo que vem. Depois de seu Alberto me aviar, eu fingia que voltava para o centro e me escondia à beirinha do mato. Como ao domingo há,

muito cearense para cá e para lá, não se desconfia. É melhor que num dia de semana…

Ante a súbita ideia, Alberto hesitou. Era justo ou não era justo protelar, por mais tempo, aquela legítima ânsia de liberdade? Um instante, um instante apenas — e decidiu-se.

— Talvez fosse melhor…

— Quê, seu Alberto?

— É que… Sim, talvez fosse melhor o Firmino esperar que seu Juca voltasse.

— Porquê?

— Para não comprometer o senhor Guerreiro. Ele não tem culpa, não lhe parece? Mas seu Juca sempre há-de pensar que, se estivesse cá, o Firmino não fugiria. Ora a verdade é que você tanto pode fugir agora, como depois de ele chegar. Da maneira como pensou a coisa, não há dificuldades…

As últimas palavras teciam já o arrependimento. A visão da clareira em silêncio, no olvido de Todos-os-Santos, mais sinistra do que um pego e terrível na sua permanente solidão e no seu perigo, fê-lo arrepiar da defesa do guarda-livros. Não, não havia o direito de protelar por mais tempo aquela legítima ânsia de liberdade!

— E daí, pensando bem… o Firmino faz o que entender. Vai quando quiser. Se quiser no domingo, eu lá deixarei a lima.

Mas já o mulato renunciava:

— Não, não, seu Alberto. Me parece bem… Eu vou depois de seu Juca chegar. Não quero que seu Guerreiro tenha incómodo por mim.

Alberto repetiu:

— O Firmino faz o que quiser. Veja lá: se acha melhor ir no domingo, não deixe de ir. Eu disse-lhe aquilo por dizer…

— Bem sei, seu Alberto. Mas você tem razão. Eu vou depois de seu Juca vir… Quando me resolver, lhe digo.

— Está combinado. — E vendo, sobre a mesa, os frutos que ele lhe trouxera: — Muito obrigado pelos puruís! Eu não tinha reparado.

Deixou Firmino partir e ficou ainda um momento no quarto, para que não os vissem juntos. Ficou a remoer, amofinadamente, quase com remorsos, a sua intervenção a favor do guarda-livros. «Se, entretanto, os índios fossem a Todos-os-Santos e dessem cabo de Firmino?» Podia muito bem suceder.

Saiu, apressado, com o desejo de lhe falar novamente e convencê-lo a não

desistir do seu plano inicial. Mas Firmino já não se encontrava na varanda. Só à tarde, à hora rumorosa dos fornecimentos, lhe pôs a vista em cima.

Estavam muitos seringueiros ao balcão; todavia, conseguiu murmurar-lhe:

— Vá, vá no domingo!

Firmino fez, com a cabeça, um sinal negativo.

XIV

E NÃO FORA dia de semana, toda a gente do seringal se especaria, boquiaberta, ante a nova legião que se debruçava, melancólica e já sem curiosidade, no primeiro convés do «Justo Chermont». Era rebanho copioso, de pele seca, proeminências ósseas nas faces e olhar mortiço de quem regressa de outro mundo. Havia também mulherio estranho, daquela mesma cor amarelenta, e crianças de carita redonda, onde o olhar enviesado da raças adquiria talhe galante de boneco exótico de bazar.

Alexandrino aventara logo que seriam índios amansados pelo coronel Rondon, pois nunca se vira ali gente civilizada com um rosto assim.

Ante a novidade, Juca desmerecia na atenção dos que o aguardavam, apesar de ele lhes sorrir, lá de cima, debruçado na amurada da primeira classe.

— Que gente é aquela, seu Alberto? — perguntou João, cada vez mais admirado, à medida que o navio se aproximava do barranco.

— São japoneses.

— Japoneses? E… é gente como nós?

— É. O Japão é um grande país. A única diferença é que são amarelos.

— Então, não são índios?

— Não! Qual índios! São homens civilizados, que vão plantar mandioca, cana e milho, aí para cima, nos seringais que dão poucos galões.

Há muitos meses já que a imprensa de Manaus vinha noticiando, com abundosos louvores, a entrega de grandes territórios amazonenses ao génio agrícola dos japoneses. Desvalorizada a borracha, a prodigiosa elasticidade do sonho de grandeza e de ressurreição tivera, enfim, limite. Viera a grande guerra, dínamo das melhores esperanças, logo desfeitas perante a certeza de que o material empregado na morte dos homens, na Europa, não restituiria à vida, tornando escassa a borracha, os homens sepultados na selva do Amazonas. Viera o desenvolvimento da indústria norte-americana, milhões de pneumáticos e câmaras de ar estoirando, num só dia, ao longo do Mundo — e, contudo, a

desvalorização mantinha-se, como um anátema inconjurável. Debalde, ainda, grandes financeiros dos Estados Unidos tinham levado para a bacia amazónica o cultivo científico da borracha e a sua transformação na própria terra de origem. Era mal sem cura e a ilusão, de tanto esticada, acabou por partir-se também. Pensou-se, então, que o cadáver havia engolido, em épocas primárias, inúmeras pedras preciosas. Era indispensável abri-lo, espostejá-lo, exumando assim fantásticas riquezas, menos atraentes, porém, do que a desconceituada, porque obrigavam a maior persistência e lentidão na conquista. O cearense não servia: chegava sempre com alvoroço, zupa-zupa, a ânsia de obter dinheiro para o regresso a dominar todos os seus actos. Ficava, era certo. Ficava vencido pela desilusão, mas em indolência, em renúncia a tudo quanto não fosse de êxito imediato. Considerava-se prisioneiro, sentia-se abandonado e com a resignação forçada entregava-se ao pessimismo daqueles que viram truncado o destino.

O indígena amazónico mostrava-se mais inactivo ainda. Indiferente, na sua humildade, por todos os bens terrestres, nem mesmo a extracção da borracha, que fora ouro, o atraíra jamais.

O país novo, desbravado por todos os hibridismos, fecundado pelo amálgama, de todos os sangues, mais uma vez carecia, para viver e prosperar, de recrutar em outros continentes os braços de trabalho.

No sul, sobretudo em São Paulo, os japoneses haviam contribuído para um milagroso desenvolvimento, laborando a terra roxa e aumentando-lhe a riqueza quase virgem. Dir-se-ia que nenhum outro povo tinha a perseverança como aquele, criadora e confiante no produto do seu esforço, fosse ele qual fosse. Contagiado pelo exemplo, o governo do Amazonas resolvera-se, enfim, a oferecer o cadáver do gigante ao paciente braço nipónico.

E os japoneses vieram. Chegaram a Manaus para saírem logo por todas as suas portas, numa irradiação ordenada, agrupando-se em colónias, nos vários lugares que insinuavam uma promessa de prosperidade. Demandaram as campinas do Rio Branco, instalaram-se nas margens do Solimões, do Purus, do Juruá e, agora, o primeiro bando subia o Madeira.

Tranqüilos, metódicos, deles vinha a ideia de policultura, a esponja sobre o passado de fortunas e misérias arbitrárias, a convicção dum futuro sem sobressaltos — e vasto, vastíssimo de doiradas hipóteses.

Desinteressado já de Juca Tristão, Alberto fitava os japoneses, que no espírito dele se sobrepunham agora á clareira de Todos-os-Santos, dada constantemente para o acto de encerramento, pela floresta luxuriosa e tirânica. E a si próprio

perguntava se esses ou outros homens, mesmo se fossem heróicos como tantos dos que os precederam, conseguiriam subjugar aquela irredutibilidade vegetal antes de novas descobertas ou invenções da ciência humana; aquela irredutibilidade que utilizava os próprios fulgores dos trópicos para acordar a morte nos pântanos e abrir sepulturas mesmo quando eles pareciam glorificar a vida assombrosamente multiforme que nela se desenvolvia; aquela irredutibilidade que protegia dramas e escravidões ou até os provocava, e tinha vozes que alarmavam a noite panicamente, na sua maranha sem fim, em contraste com o silêncio diurno, um silêncio de espanto coalhado, ao mesmo tempo musical, que parecia provir da cabeceira de milhões de anos, sempre e sempre refeito.

O vapor já amarrara, o comandante Patativa viera debruçar-se ao lado de Juca Tristão e pouco depois, cá em baixo, a voz do mestre ordenava:

— Prancha fora!

Foi o senhor Guerreiro o primeiro a entrar e todos os demais o seguiram. Após os abraços e as exclamações convencionais, de novidades só havia a presença de Juquinha, que o pai trouxera a passar ali as férias do liceu. Não se demoraria muito: quinze dias apenas, até à chegada do «Aymoré», pois não podia faltar à abertura das aulas, tanto mais que sempre fora um estudante modelar — disse Juca, com um olhar de satisfação para o filho.

Era franzino, tinha a cabeça quase geométrica, o queixo a morrer em ângulo. Nos lábios delgados, um sorriso seco, enervante, desarmonizava-se inteiramente com o seu final de infância.

Saíram do barco em fila indiana e, mal pisaram o barranco, Tiago, que ficara ali, estendeu os braços enormes, neles estreitando Juquinha contra o coração. Era todo um transbordar de ternura, que nunca Alberto julgara poder existir, tão viva e quente, no peito mirrado do velho negro.

Juca Tristão deteve-se, com bonomia:

— E então para mim, Estica, não há nada?

— Ah, patrãozinho! Há que tempo eu não via o Juquinha! Como ele está grande! E eu que o vi assim pequerritinho, assim… quando ele trepava às minhas costas!

Com uma inflexão mais grave, acrescentou:

— E o patrão, como vai? Boa viagem? E Dona Santa?

— Tudo bem. E tu, como te tens portado? An? Eu hei-de perguntar aqui ao senhor Guerreiro…

Sorridente, bem humorado, Juca volveu a tomar a dianteira. Quando chegaram à parte do barracão que ele costumava habitar e João correra a abrir, o guarda-livros comunicou-lhe haver mudado dali a cozinha. Nesse dia, comeriam na outra extremidade da casa. E como Dona Yáyá, que viera também cumprimentar, anunciasse que o almoço não demoraria muito, pois os viajantes deviam trazer apetite, Juca exclamou:

— E é que trago! E tu?

O filho ensaiou um gesto vago e frio.

Disposto tudo quanto urgia e servido o aperitivo, caminharam, ao longo da varanda, para os aposentos do senhor Guerreiro.

Lá andava ainda, barranco acima, barranco abaixo, o corpo infatigável de Alexandrino, ora lombando paneiros de farinha e caixotes, ora rolando barris — mercadorias embarcadas em Belém para fornecimento do seringal.

— É verdade! E o Balbino? O Binda? O Caetano? — quis saber Juca Tristão.

— Devem estar por aí no sábado. Não vieram hoje, porque não sabíamos quando o navio chegava.

Já na varanda privativa — «está muito bem, sim senhor; parabéns, Dona Yáyá!» — Sentaram-se em volta da mesa: Juca à direita de Guerreiro, Dona Yáyá, à esquerda, no lugar que Alberto costumava ocupar; Juquinha ao lado do pai e Alberto na sua frente.

Entre tudo o mais que estranhara, Juca Tristão reparou em Alberto, perguntando à memória se algum dia o português comera com ele à mesma mesa. Não se demorou, porém, na investigação. Continuava alegre, caloroso, pródigo em interrogações e encontrando sempre um novo elogio para a adaptação que Dona Yáyá realizara.

O guarda-livros resolveu aproveitar a disposição excelente:

— Eu tinha pensado manter aqui a minha cozinha. É mais cómodo para mim e para esta senhora, que já não poderá atribuir à varanda todas as constipações que arranja… É como eu fazia no Crato. Falei mesmo a nhá Vitória, para auxiliar aqui a minha mulher, quando o senhor precisar do João. A não ser que o senhor prefira comer connosco…

— Lhe agradeço, mas seria muito incómodo para Dona Yáyá… Sempre vem o Caetano, o Binda, o Balbino e o Alípio. É muita gente! Não, não pode ser. Depois se arruma isso lá.

— Como quiser. Mas por incómodo, não! Até nos dava muito prazer — interveio Dona Yáyá.

— Depois se vê! Depois se vê! — E voltando-se para Guerreiro: — Os homens? Que tal? Como vão no trabalho?

— A mesma coisa. Talvez pior. Sempre que chega um navio, perguntam-me o preço da borracha… Estão desanimados… E lá pelo Pará? Que pensam?

— Não está bom. Espera-se, espera-se. O B. Antunes me disse que ainda tinha fé. Eu já tenho pouca. A borracha não dá e não há dinheiro que chegue. Gastam-se contos de réis em qualquer coisa. Não sei o que se deve fazer! Estive na minha fazenda do Marajó e aquilo é que parece que vai dar. Vamos a ver… Pelo sim, pelo não, diminuí os fornecimentos. O B. Antunes queria mandar mais mercadoria, mas eu não deixei. Não se pode aumentar a conta. Não estou para pagar com as minhas boiadas do Marajó o que comem os seringueiros. A borracha não dá? Eu não tenho culpa! Não posso perder…

Lugar novo, perspectiva nova, Alberto encontrava, na parede em frente, pormenores que nunca havia fixado. Era a primeira vez que se sentava assim, juntinho de Dona Yáyá, mas, na desarrumação que a chegada de Juca fizera nos espíritos, a vizinhança não lhe causava alvoroço algum.

*

No dia seguinte, João voltara à antiga cozinha e Alberto passara a sentar-se à mesa de Juca Tristão. Era seu empregado e, doravante, o consumo do senhor Guerreiro, que excedesse os mantimentos combinados, correria por conta própria.

Durante a semana, com o amo na presidência, Alberto ficava defronte de Juquinha. Ao sábado, porém, chegavam os inspectores e ele mudava de lugar. Era a cabeça de Binda que nessa noite falava na sua frente. Preferia-o. A antipatia que Juquinha lhe insuflara, desde que o vira a bordo, mantinha-se e agravara-se. Frio, seco, arrogante, incomodava-o ao exibir, como defesa das suas impertinências, a condição de filho do dono de tudo aquilo. Várias vezes ele sentira desejos de o repreender desenfreadamente, mas contivera-se, humilhadíssimo, E a mordê-lo mais ainda, vinham as constantes subserviências, os alvoroços, os entusiasmos de João, de Alexandrino e de Tiago por Juquinha. O velho negro arrastava-se, pela selva, para lhe trazer frutos raros, saborosos, que ele recebia quase indiferente, como se o mimo fosse de obrigação.

Só o pai melhorava no conceito de Alberto. Juca tornara-se bonacheirão, expansivo e generoso, desde que estava ali o filho. Quebrara mesmo a sua antiga rigidez, dando, de quando em quando, momentos de intimidade. Era geralmente

dele que falava: da sua vida em Belém, dos cinemas, do muito que se divertira no último carnaval.

Um dia, porém, o «Aymoré», ao descer o rio, escalou o Paraíso, levando o impertinente.

Ao jantar, ele foi substituído pelo silêncio. João retirara da mesa a cadeira já inútil, mas sentia-se a presença de Juquinha a dominar todos os gestos do pai e a entristecer o repasto. E, dali em diante, Juca Tristão retomou a sua máscara severa, o seu mutismo sisudo, que só taramelava à noite, depois do conhaque, bebido sem parceiro, pois o guarda-livros e Alberto, que vinham jogar o solo com ele, se inclinavam sempre para a abstinência.

Apenas aos sábados o jantar e as noitadas se animavam, mercê da presença de Binda, Caetano e Balbino. Corpos modelados no mesmo barro, veias dando curso ao mesmo sangue, Juca Tristão compreendia-os totalmente. Imperava, sorridoso, e deixava-se adular. Podia beber em liberdade, dizer o que lhe aprouvesse, ser completamente ele, sem a enervante noção duma vaga inferioridade, como lhe sucedia quando estava ao lado de Guerreiro. Passara a irritar-se, intimamente, com as falas mansas do guarda-livros e sua cortesia bondosa, pelo respeito que inoculavam. Pouco depois de voltar, pressentira que a simpatia dos seringueiros ia mais para o gerente do que para ele; e essa verificação despeitara-o e exalava vastas suspeições: «Quem sabia lá o que o Guerreiro lhes havia insinuado!» Também a ele seria fácil mostrar-se generoso e simpático, se administrasse fazenda alheia. De tudo quanto fosse mau se sacudia a chuva e só o bom se chamava a si; tratava-se com modos doces uns safados que não trabalhavam, vendia-se mais do que se devia vender, não se castigava o preguiçoso e desculpava-se o que não tinha desculpa nenhuma, porque quem perdia e quem pagava era o patrão, era o tolo, que já tinha idade para ter juízo!

Balbino, descobrindo a lesão, que também era dele, velho aspirante à gerência do seringal, sempre que Juca tivesse de se ausentar, envenenava-a sabiamente, contagiando os seus colegas. E todos eles, que não haviam encontrado no guarda-livros companheiro nivelado pela mesma mentalidade e pelos mesmos costumes, estavam de acordo — sim, senhor, o Balbino tinha razão, mesmo muitíssima razão, no que dizia!

Mas o súbito silêncio de Juca lembrava-lhes a presença do estrangeiro, que ascendera e fora o mais beneficiado com o apreço do gerente. Ao retirar-se, porém, da mesa, Alberto sentia que todos eles se entregariam voluptuosamente, desde esse momento, em detracção do guarda-livros. E então, varanda em fora,

ampliava-se a sua amizade por Guerreiro. Já não era, para ele, o subchefe, a quem devia obediência, mas o amigo caluniado no que tinha de melhor e o distinguia de todos os outros.

Ia agora, diariamente, entre o encerramento do escritório e o jantar, à horta que começava verdejando, lá em baixo, atrás da cozinha velha. Adivinhava que esse acto não agradaria a Juca Tristão, se nele adregasse atentar — mas fazia-o. Fazia-o com um retorcido prazer, como se nessa demonstração de estima pelo guarda-livros houvesse um desagravo íntimo. Só o incomodava topar, na varanda privativa, com nhá Vitória, que nunca mais o olhara de frente, que entrava no seu quarto, pela roupa, quando ele não estava e passara a substituir João nos aposentos de Guerreiro.

Como previra, Dona Yáyá descia também à horta, muitas vezes, Cirandava junto dele, detinha-se mesmo a seu lado, agora Inerte canteiro, logo naqueloutro — não se incomode o senhor, eu trato disto — acompanhando-o na sua alegria sempre que à superfície da terra brotavam as tímidas folhitas. Mas ele já não fremia sob a volúpia que havia imaginado antes. Quando o observava discretamente, era para negar a si próprio, com cólera e nojo moral, a insinuação, feita por Balbino, de que ela se entregara a Juca, durante muito tempo.

Dona Yáyá representava agora, aos seus olhos, a companheira invulnerável do amigo que carecia de fortes devoções. E parecia-lhe já muito longínquo e mesmo com um sabor de traição, o desejo em que por ela se afogueara. A ideia da próxima partida, essa esperança de que se lhe abrisse brevemente o caminho do regresso à sua vida de outrora, atenuava-lha as exigências do instinto, como se adiasse a, sua tirania e tudo quanto ali o cercava tivesse para ele uma expressão efémera. A sua impaciência pela resposta materna enervava-o, porém, criando-lhe penosas insónias e tornando-lhe inacabáveis os dias. Mas quando ela, enfim, chegou, mesmo o feio lhe pareceu suportável, a lembrança das dores sofridas suavizada, a Natureza vestida de galas festivas. Estavam mais belos os crotons do quintal, as flores dos jasmins adquiriam novo sentido, como se ornamentassem, algures, uma cabeça de mulher nua num discreto leito de volúpia; e dir-se-ia que o próprio sol do equador, tão violento, rebrilhava subitamente em fantásticas irisões.

«Pobre mãe! Para a tranquilizar, sempre lhe sugerira, quando lhe escrevia, uma vida diferente da que vivia; sempre lhe dissera que se dava bem ali e que o patrão era muito simpático; e agora ela percebia perfeitamente que ele lhe mentira. Que teria vendido ou empenhado? As suas jóias ou aquelas valiosas jarras chinesas, que o avô trouxera, há muitos anos, de Macau? Ou teria sido a

tia Margarida quem emprestara o dinheiro?»

Leu, releu a carta.

Aí vai o que me pedes, e não te preocupes com o que me custou a arranjar. O que eu quero, é ter-te ao meu lado o mais depressa possível. Não imaginas o medo que eu tinha de morrer sem voltar a ver-te!

«Era, certamente, para não o apoquentar que ela dizia aquilo. Devia ter sido grande o sacrifício. Se foram as tias, chorara, com certeza. E se foram as jarras, muito pior ainda: o seu pai estimava-as muito e ela conservava-as como relíquia. Mas não, não; por ele, nem teria sentido o sacrifício!»

Os seus olhos haviam-se humedecido e os lábios tremiam de emoção. Mas logo reagiu. Estava livre! Livre! Era pena que a mãe, temendo o extravio do dinheiro, lho tivesse enviado por intermédio de Macedo. O tio não precisava de saber aquilo. Nunca mais tivera notícias dele e, agora, aquela carta inesperada, acompanhando a materna, quase o humilhava. Mas não importava! Passaria em Belém sem o ir ver, e se, um dia, pudesse pagar-lhe em generosidade o que ele lhe dera em mesquinhez, fá-lo-ia por orgulho e por lição.

Saiu do quarto e um momento se deteve na varanda, a estudar as frases. Caminhou depois, resolutamente, para a parte do barracão que Juca ocupava.

O amo lia ainda, sentado na cadeira de balanço, a correspondência acabada de chegar pelo «Campos Sales».

— Sentindo-o hesitar, junto à porta, Juca ergueu a cabeça e fixou-o:

— Quer alguma coisa?

— Queria, sim, mas não é pressa.

— Diga.

— Faça favor de acabar; eu espero.

— Já acabei. Que é?

E como pusesse na cadeira, que estava ao seu lado, o que tinha sobre os joelhos, Alberto aproximou-se.

— Desculpe incomodá-lo. Não era pressa…

Mas apressou-se, vendo o patrão em expectativa:

— Como já disse a seu Juca — não sei se se lembra — eu fui há meses, amnistiado. Posso portanto, regressar a Portugal e gostaria de ir completar o meu curso…

Vacilou, a reconstruir outra frase, para que as suas palavras não tivessem

expressão arrogante.

— E então?

— A minha mãe mandou-me algum dinheiro. E como eu ainda devo ao senhor…

Calou-se. Juca Tristão ficou também silencioso mas logo perguntou, friamente:

— Quanto é que me deve?

— Quatrocentos e dezoito…

— Faça de conta que não me deve.

— Mas não, seu Juca! Muito obrigado, mas não. O dinheiro que me mandaram chega…

— Nada me deve, nada! E se não dei mais ordenado a você, quando seu Guerreiro me falou, foi porque as coisas não estão boas.

— Mas não é por isso, seu Juca, que desejo ir-me embora. É que, como sabe, eu andava a estudar Direito quando me meti numa revolução… Depois…

— Não falemos mais nisso! Quando é que quer partir?

— Pensava ir no «Campos Sales».

Juca Tristão meditou um instante.

— Eu preferia que você fosse noutro vapor. É para eu ter tempo de escolher alguém para o lugar de Binda, lá no centro. Ou então Binda fica ali e eu arranjo, em Humaitá, um empregado para o escritório.

— Não faz mal, seu Juca; eu espero outro vapor.

— É melhor! É melhor! No «Sapucaia», que deve chegar no fim do mês.

— Está bem. Vou no «Sapucaia». E muito obrigado por tudo.

Juca fez um ligeiro movimento com a cabeça e voltou a tomar, de sobre a cadeira, a sua correspondência.

Alberto saiu, muito impressionado. Tinha esperado encontrar em Juca, mal ouvidas as primeiras palavras, um acolhimento brusco — «Sim senhor; trate lá disso com seu Guerreiro» — e, afinal, ele tornara-se generoso, apagando logo a má catadura inicial. E bastante jeito lhe fazia a absolvição da dívida! Podia realizar, em melhores condições, a viagem de regresso e chegar a Lisboa ainda com alguns vinténs no bolso.

Mas a gratidão durou pouco. «No fim de contas, aquilo era apenas uma restituição que Juca lhe fazia. Não havia dinheiro que pagasse os seus sacrifícios em Todos-os-Santos! Nenhum, nenhum dinheiro! Só ele sabia o que tinha

sofrido!»

Deteve-se, porém, ante a pergunta do cérebro afeito a inquietações: «Seria ele quem merecia mais a legítima restituição? E os outros? Os outros? Os que haviam esgotado, no cativeiro da selva, muitos mais anos do que ele, toda a mocidade, toda a vida, as ambições e as quimeras? E se ele não fosse branco, se não tivesse a simpatia do senhor Guerreiro, se não se encontrasse apto para desempenhar o cargo de Binda, que as circunstâncias lhe abriram subitamente? Se em vez de estar ali, em contacto com Juca, se em vez de jogar o solo com ele, de comer ultimamente à mesma mesa, estivesse em Todos-os-Santos, simples seringueiro como Firmino, como todos os outros que mantinham o seringal, que davam a vida por uma riqueza de que não aproveitavam, a dívida ser-lhes-ia também perdoada? Não, com certeza não! Era certo que os homens são bons ou maus conforme a posição em que se encontram perante nós e nós perante eles, e falso o indivíduo-bloco sem nenhuma contradição, sempre, sempre igual no seu procedimento».

Durante os dias que se seguiram, naquele dia e em todos os outros, Juca mostrou-se afectuoso. Interrogava-o, interessando-se pela sua família, sobre a política portuguesa, pelo que ele tinha feito e pelo que ia fazer.

— Você, então, é monárquico mesmo?

— Fui, fui.

— Ah, aderiu à República?

— Não. Hoje não me satisfaz nem uma coisa nem outra. Tenho aprendido muito nos últimos tempos, Sobretudo depois que vim para aqui.

— Então?…

— Não sei. É uma aspiração ainda mal definida. Um desejo que tenho de justiça para todos. Sem dúvida a Humanidade está longe ainda da elevação colectiva que eu sonho para ela. Há-de lá chegar, decerto, talvez pela evolução, não sei. Mas evolução é coisa tão lenta e a vida de cada um tão pequena, que eu às vezes, Penso que a sede de justiça que há acabará por marchar à frente…

E como lesse a incompreensão no rosto de Juca:

— Quando estamos fora da nossa terra, perdemos, quase sempre, a paixão política. Eu, hoje, sou diferente do que fui… Sinto que mudei bastante. Há muitas coisas que eu não dava por elas e agora dou. Penso que têm razão os que querem um mundo mais justo.

— E a sua mãe que diz a isso?

— A minha mãe…

Alberto compreendia ser aquela familiaridade com que Juca o tratava agora originada na sua próxima partida. Podia-se já quebrar, sem perigo, o escudo do respeito que as situações privilegiadas impõem, Contudo Juca aparecia-lhe um pouco menos detestável, não só por lhe haver anulado o débito, mas também pela maneira carinhosa com que o vira tratar o filho.

E assim, no domingo, quando Firmino, muito debruçado no balcão, lhe murmurou — «É hoje, seu Alberto…» — ele sentiu que se fortificava mais no seu raciocínio do que num impulso nobre e atrevido o gesto que se lhe pedia naquele momento. Mas a hesitação durou apenas um instante. Descoberto o germe, logo o jugulou com veemência: «Era justo, justíssimo!»

Na terça-feira, o alazão de Caetano, violentamente refreado, foi o primeiro a deter o galope furioso sob a ramagem do tamarindo. Fincou de súbito as patas da frente, deu para trás ao corpanzil suado e lustroso, perdendo em altura o que recebia em comprimento.

Caetano saltou logo. Em dois passos subiu a pequena escada e enfiou pela própria cozinha, perguntando esbaforidamente:

— Seu Juca? Seu Juca? Está?

— Está para o escritório — respondeu João.

O amo ditava uma carta para a «casa aviadora», em Belém, protestando contra os excessivos preços da última factura, quando Caetano lhe surgiu com o seu destrambelhamento:

— Me dá licença?

— Ah, é o Caetano! Entre.

— Como’stá? Mesmo bom? E seu Guerreiro? E você?

Vendo-lhe o rosto afogueado e a expressão de quem trazia revelações urgentes, todos o ladearam, enquanto Juca interrogava:

— Que há, Caetano? Que há?

— O Manduca desapareceu e me parece que não foram os índios… Bati toda a estrada dele e não vi nenhum sinal. Depois, na barraca, faltam coisas que só a ele serviam.

— Fugiu?

— Me parece que sim…

— Cá está quem levou a canoa — disse, friamente Juca Tristão, voltando-se para Guerreiro.

— Ah, já sabia?

— Sabia que me tinham roubado uma canoa e que não podia ser senão algum cabra malandro. E os outros?

— Os outros… Em Popunhas só há o Zé Preguiça. Ao Procópio mataram os índios…

— Bem sei! E o Zé Preguiça?

— Lá está. Me disse que o Manduca não havia ido no domingo, nem ontem. Ainda pensei que estivesse por aí caído de bêbedo, mas, se estivesse assim, não levava a rede nem os seus arranjos…

Ouviram-se novos passos na varanda e logo entrou no escritório o vulto esguio de Balbino.

— Querem ver… Fugiu algum homem? — perguntou Juca Tristão, antes de ele falar.

— Fugiu. Já sabia?

— Foi só um?

— Foram três, Dois do Igarapé-assu e o que estava em Todos-os-Santos — o Firmino. E de Popunhas também fugiu alguém?

— O Manduca. — informou Caetano.

De pé, com os demais, Alberto escutava as novas alarmantes, procurando vencer a perturbação que sentia e dar naturalidade à sua atitude.

Juca enfureceu-se:

— Cachorros! Cabras malandros e sem-vergonha! É como se fossem ladrões! Viveram à minha custa e depois, fugiram para não pagar! Que me diz a isto, seu Guerreiro?

O guarda-livros, para quem correram os olhos de Alberto, fez um gesto vago, embora adivinhasse o cerne das últimas palavras.

— O senhor me há-de ver quanto eles me devem.

— Está aí, Alberto! Aí, no «contas-correntes», faça favor….

Caetano perguntava a Juca:

— Não desconfia para onde eles fugiram?

— Se sabe lá! Para baixo é melhor, porque nem é preciso remar. Mas, para baixo, são tudo seringais conhecidos. Não sei! Se foram para Humaitá, compadre Bacelar os mete na cadeia, com certeza. Mas se foram para cima… Ontem, passou aqui a lancha de Calama. Eu dei ao mestre os sinais da canoa e lhe pedi que, se a visse, perguntasse quem ia nela e levasse tudo para um seringal amigo. Quando o João me disse que a corrente estava limada, eu vi logo que era

seringueiro que tinha fugido.

— Ah, mas eles limaram a corrente?

— Limaram. E foi para levarem a melhor canoa.

Inclinado sobre o «contas-correntes», Alberto elucidou:

— O Manduca devia um conto e setecentos e vinte e três… O Firmino um conto e duzentos… Quem eram os outros?

— O Romualdo e o Aniceto — comunicou Balbino.

Alberto folheou de novo:

— O Romualdo, dois contos e seiscentos e quarenta….

Juca voltou a exaltar-se:

— Dois contos e seiscentos! Cachorro! Cachorro! E eu a ter pena dele! Sou tolo mesmo! Vinha chorar para o pé de mim e, só em pílulas, para as febres, lhe vendi uma fortuna! Que morresse, que fosse para o inferno! Mas eu fui tolo e ele agora me paga assim!

Ao pequeno silêncio sucedeu a voz de Alberto:

— O Aniceto devia oitocentos e noventa…

— Oitocentos e noventa… — Um conto! Com dois e seiscentos do outro, quase quatro. Quanto devia o Manduca?

— Um conto e setecentos…

— Cinco contos e tal! E o Firmino?

— Um conto e duzentos.

— Seis contos! Quase sete contos por água abaixo! Eu aqui a sacrificar-me, longe da minha mulher e do meu filho, para que esses cachorros me roubem assim! Porque é um roubo! É um roubo! E eu que podia estar mesmo descansando na fazenda do Marajó! Se os apanho!…

Ninguém ousava uma palavra. Excitadíssimo, grossos os lábios, inquietos os braços, Juca andava dum lado para o outro e, por fim, deteve-se em frente de Balbino e de Caetano:

— Bom, vamos.

Lá de fora, da varanda, ainda gritou a Alberto:

— Eu, depois, acabo de ditar a carta. Agora não tenho juízo. Ouviu?

— Ouvi, seu Juca.

No escritório ficaram somente Guerreiro e Alberto.

— É o diabo! É o diabo — disse o guarda-livros, retomando o «Diário».

Inutilmente Alberto procurava fixar a sua atenção sobre os lançamentos a fazer no «borrador». Que pensaria o senhor Guerreiro? Estaria, como ele, de acordo com a fuga?

O seu silêncio nada lhe transmitia. Havia apenas muita luz — grandes toalhas de sol a secar nas janelas e outra roupa branca e incorpórea a esfarrapar-se no soalho. «O Firmino não me tinha dito que ia com outros… E se Juca descobrisse? Se descobrisse que fora ele quem fornecera a lima?»

Dona Yáyá, que vinha chamar o senhor Guerreiro para o almoço, cumprimentou-o e demorou-se um instante, esperando que o marido acabasse o trabalho.

Finalmente, Alberto ficou só. «E se descobrisse?» Os nervos entumeceram-se-lhe numa súbita coragem. «Fizera muito bem! Fizera muito bem!» — repetiu a si próprio. — «Aqueles homens já não deviam nada. Há muito tempo que tinham pago, quatro ou cinco vezes mais do que o seu justo valor, tudo quanto haviam consumido. Era uma exploração em cadeia. A casa aviadora explorava Juca, ele, por sua vez, explorava os seringueiros, que eram, no fim, os únicos explorados. Mas Juca podia, ao menos, protestar, enquanto que aos seringueiros nem sequer isso seria permitido».

Alberto ergueu-se e vendo esquecida, sobre a alta carteira, a bolsa de tabaco do guarda-livros, abriu-a, fez um cigarro e foi chupá-lo debruçado na janela.

Mas já da varanda entrava a voz de João:

— O almoço, seu Alberto.

Saiu logo. Tinha pressa de se aproximar de Juca. Pensava que na sua presença talvez ocorressem menos suspeitas, menos lucubrações sobre os antecedentes da fuga.

Quando entrou na casa de jantar, o amo e os dois inspectores, já sentados à mesa, ainda remoíam o caso:

— O Manduca teria sido por medo dos índios… Mas, e os outros?

— E talvez o Firmino, por causa do Feliciano… — aventurou Balbino.

— Bom. E o Romualdo? E o Aniceto? Antes que os índios chegassem ao Igarapé-assu tinham de passar em Todos-os-Santos. Não foi por tal, Caetano! É porque são cachorros mesmo e ladrões!

— Eu não disse isso para os desculpar… Mas como os índios mataram o Procópio, podia o Manduca ter medo… — justificou-se Caetano.

— Um homem com aquele corpo! E com um rifle!

João colocou sobre a mesa o «moqueado» — grande curimatã. assado a fogo lento e envolto num pedaço de folha de bananeira. Juca gostara sempre muito daquele peixe, mas serviu-se apenas dum pouco do recheio, em cuja composição era mestre o cozinheiro. Também não o fascinou a perna de veado, cercada de azeitonas. Cortou uma fatia delgada, que levou bastante tempo a triturar, sem apetite e entre frequentes silêncios.

Nenhum deles sabia o que devia dizer a Juca. O episódio incómodo dominava-os, sem dar consolo ao lesado. E o mal-estar agravou-se quando, antes mesmo de terminar o almoço, a figura de Alípio, vagarosa, pachorrenta como de costume, se encaixilhou na porta.

Não foram necessárias quaisquer palavras. O ambiente falava pelo recém-chegado. Logo que o viram, todos compreenderam porque ele comparecia ali.

Juca Tristão ergueu a cabeça e o seu olhar, agora mais duro do que nunca, foi ao encontro do de Alípio.

— Entre. Quantos lhe fugiram?

O inspector do Laguinho, que certamente havia imaginado outro início à sua narração, deteve-se um instante, a meio da sala, ligeiramente atarantado por aquela voz tão imperativa e tão fria.

— Quantos? — repetiu energicamente Juca Tristão.

— Foi o Dico…

— Só ele?

— Só.

Alberto esperou por uma enxurrada de palavres indignadas. Mas ela não veio. De olhos postos sobre a mesa, durante alguns segundos, Juca meditou e depois, já num tom forçadamente calmo, disse apenas:

— Se sente, Alípio, e coma alguma coisa.

O inspector obedeceu e, no silêncio que a atitude do amo provocara, ouviu-se Balbino perguntar, em voz baixa:

— O Dico é aquele que tem um buraco na orelha?

— É — respondeu Alípio.

Mas Juca Tristão intervinha:

— É melhor não se falar mais nisso.

Alexandrino entrou quando o cozinheiro servia a sobremesa:

— O homem já está aí…

— Onde? — perguntou Juca, como se o seu espírito regressasse de outras

horas ao presente.

— Ali, na varanda.

— Porque não o mandaste entrar?

— Me disse que viesse à frente…

— Anda! Dize-lhe que entre!

Alberto, com uma repentina sensação de alívio, levou pressurosamente os olhos à porta: Já tinha substituto. Juca havia escrito, dias antes, ao seu amigo Salomão Levy, a quem Humaitá dera inefáveis prosperidades no comércio local, pedindo-lhe que lhe arranjasse um empregado activo e sério para o seu escritório. Ficara, logo decidido que na terça-feira vindoura o Paraíso teria um novo habitante e, mal amanhecera, Alexandrino vogara, na montaria, rio abaixo, para trazer o homem escolhido por Levy. Era um rapaz, judeu como o patrono, pois o denunciava a pele, o nariz e até os gestos e as falas macias com que atravessou a sala em direcção à mesa.

— Seu Juca, como está?

— Obrigado. Estou a conhecê-lo…

— Sou filho de Jacob Bensabat… Elias.

— Ah, já me lembro! Conheço-o do estabelecimento do seu pai. Mas, então, ele deixou-o vir? Isto aqui rende menos…

— Diz ele que é para eu me habituar à vida. E como fica com o meu irmão lá na loja…

— Compreendo, compreendo. Sente-se. Ó João! Arranja qualquer coisa para ele comer.

— Muito obrigado. Já almocei. Trouxe uma «boia» e comi na canoa.

— E café?

— Isso sim.

Elias sentou-se defronte de Alberto e Juca. voltou a interrogá-lo:

— Você trabalhou muito tempo na loja de seu pai?

— Algum…

— Sabe, então, pesar e medir?

— Sei; sei perfeitamente.

— E de escrituração?

— Também sei alguma coisa… Mas o que não souber, aprendo, que remédio!

— Bom; aí o Alberto lhe mostrará tudo. Ele é português e vai para a santa terrinha… É para o lugar dele que você vem.

Elias fez, com a cabeça, um sinal de assentimento e, voltando-se para Alberto, cumprimentou-o, sorridente e cordial, enquanto o examinava com um olhar subtil.

— Agora — prosseguiu Juca Tristão — você fica no quarto dele. Depois, quando ele embarcar, o quarto fica só para si.

— Está muito bem.

— Trouxe os seus arranjos?

— Trouxe, trouxe.

— Então pode ir, com o Alberto, ver o quarto…

Elias sorveu apressadamente o café, sob o olhar dos inspectores, que, por sua vez, lhe observavam silenciosa e discretamente os gestos e a figura.

Na varanda, agarrou a maleta que havia deixado ali, sobraçou também um volume embrulhado em jornais e saiu para o corredor e, seguindo Alberto, avançou para o corredor.

— É aqui.

A satisfação de Alberto esmorecera. O seu quarto, amplo, tranquilo, com a janela sobre o quintal florido e propícia à leitura e à meditação, era a única amenidade que encontrara no seringal. Agora, com um companheiro ia-se-lhe o sossego, acabava o refúgio.

A ânsia de partir, nos últimos dias atenuada pela certeza de que a aspiração se ia transformar em realidade intensificava-se-lhe de novo, mais impacientemente ainda.

Vendo-o encostado à janela, Elias, que tudo queria saber, que desejava orientar-se já, dando valorização dupla aos minutos que empregava em abrir a maleta e o embrulho, flechava-o com sucessivas perguntas, a que ele respondia abstractamente — sim e não, é isso mesmo —, porque a sua atenção estava volvida para os dias que o «Sapucaia» levaria a chegar ali — levando-o para sempre, para sempre…

XV

O RUÍDO cadenciado dos remos, batendo no rebordo da canoa, atraiu Alexandrino ao cimo do barranco. E deu-lhe logo um alvoroço intenso. Bem confirmada a surpresa, retrocedeu, passando a correr junto de Tiago, que cortava pachorrentamente a sua canarana — «vêm aí os home», «vêm aí os home» — e foi alarmar o barracão inteiro com a notícia emocionante.

Todos quiseram ver com os seus olhos e vieram aglomerar-se no topo da ribanceira. Era verdade, Sim, senhor. Entre cinco desconhecidos, vinham os cinco que tinham fugido. E cada vez se revelavam mais nitidamente. O Manduca, o Firmino, o Aniceto, o Dico e o Romualdo. Não faltava nenhum. A canoa era grande e rumava já ao igarapé, afugentando os hidrossáurios que madraceavam à superfície, como pedaços de troncos nodosos, sob a luz vespertina. Quem vinha à popa segurava, com uma das mãos o leme e, na outra, bem visível, bem erguido, a coronha pousada sobre os joelhos — um rifle.

Excitado e inquieto, nos ouvidos os comentários que voejavam entre o grupo, Alberto procurou os olhos de Juca. Estavam sombriamente duros, como nos momentos em que lhe fora comunicada a fuga dos seringueiros. Os seus lábios não soltavam palavra, deixando até sem resposta uma pergunta do senhor Guerreiro.

E não se demorou ali. Assim que a canoa meteu ao igarapé, retirou-se silenciosamente, entregando à curiosidade dos outros o desembarque dos foragidos. Chegado, porém, à varanda, voltou-se e chamou, lá de cima, Alexandrino.

Os que ficaram ainda olharam para trás, mas já a sua atenção era fascinada pelo espectáculo dos dez homens ao abandonarem a canoa.

Firmino e os seus companheiros traziam um ar sucumbido, humilde e incerto. De olhos no chão, subiam a barreira escalavrada, os braços pendendo, frouxamente, ao longo do corpo. Vinham em silêncio e pareciam um velho friso de condenados. O sol batia-lhes de través, iluminando-lhes uma das faces amortecidas e recortando-lhes os pés sobre a terra negra do barranco; avivava-

lhes também as gelhas do vestuário e ao mesmo tempo ia doirando, indiferentemente, os lindes da selva por onde o igarapé serpeava.

Alberto colara os olhos ao vulto de Firmino, seguindo-lhe a ascensão, com grande ansiedade.

Mas o senhor Guerreiro não quis ver mais e ele acompanhou-o, para se furtar ao tormento. Venceram a escada da varanda e como na primeira sala se encontrava Juca, o guarda-livros dirigiu-se para lá.

O amo, porém, ao vê-lo entrar, interrompeu-se na comunicação que fazia, em voz baixa, a Alexandrino e disse-lhe num tom brusco:

— Espere um momento. Agora preciso de falar aqui.

Perante a descortesia, o guarda-livros deteve-se, humilhado. Recuou para a varanda, a inventar uma conversação que não deixasse espaço para o silêncio. Mas Alberto compreendia que ele desejava apenas fingir que não atentara no vexame. Finalmente, Guerreiro encontrou um pretexto para ausentar-se. E caminhando ao longo da varanda, desapareceu no corredor que dava acesso aos seus aposentos.

Alberto ficou sozinho no ambiente dramático que a tudo ali envolvia, como se se exalasse das próprias coisas inermes e com o sol a morrer agora sobre a linha verde-escura da outra margem.

O friso assomara já à borda da ribanceira. Primeiro foi o cano dum rifle, depois uma cabeça desconhecida. Atrás o Aniceto, o Manduca, mais duas caras novas, mais dois rifles, Firmino, o Romualdo e o Dico. Viam os cinco metidos entre outras tantas armas e mal se aglomeraram próximo do barracão, Alexandrino rompeu lá de dentro, descendo a correr a pequena escada.

— Por aqui. Tragam-nos por aqui. Depois vocês falam com seu Juca — disse aos homens que custodiavam os evadidos.

De novo todos eles se puseram em marcha, seguindo os passos de Alexandrino. Iam rente à varanda, pelo lado de baixo, e ao passarem sob o lugar onde Alberto se encontrava debruçado, Firmino ergueu para ele os olhos. O que diziam, não o soube Alberto, porque os seus embaciaram-se repentinamente. E quando pôde dominar-se, Já o grupo entrava, lá ao fundo, no velho barracão onde era costume guardarem-se as bolas de borracha destinadas aos ricos negociantes de Manaus ou de Belém.

Anoitecia: o sol era já uma chama quase extinta sobre a floresta da outra banda. A ilha fronteira, onde nascera o caboclo Lourenço e tinham vivido os seus maiores, ia perdendo os contornos, ligando-se à margem, somando-se na

sombra nascente — e recordava a Alberto, de súbito, o gesto sangrento de Agostinho. Por lá deviam andar também, agora em busca de dormitório, os guaribas ruidosos, de gritos longos e tristes, que atravessavam o rio todas as manhãs, e vinham ecoar, lugubremente, do lado de cá.

O caudal prosseguia, mansarrão, na descida, sempre atravancado de destroços e de jacarés — vultos agora informes que lá iam, lá iam, como num sonho.

As pipiras e os japins deixaram de esvoaçar em torno da sapotilheira, o vermelho dos cajus mudou de cor e, apagados todos os pormenores do cenário de fundo, as três grossas e altas palmeiras, enraizadas ao cimo do barranco, começaram a sugerir, na mornidão do lusco-fusco, o limiar dum deserto.

Os cinco estranhos regressavam na companhia de Alexandrino, trazendo ainda os rifles encavalados nos ombros. Alberto ouviu passos atrás de si e, voltando-se, encontrou o amo, que se debruçava ao seu lado e lhes ordenava:

— Venham para aqui.

Os homens subiram, saudaram-no respeitosamente e, separando-se das armas, encostaram-nas à parede.

— De que seringal vêm?

— Do Mirari. — E o que respondera extraiu do bolso uma carta, entregando-a a Juca Tristão.

Ele rasgou o sobrescrito, mas como já faltasse luz, avançou para a sala.

— Entrem! Entrem!

Foi o grupo inteiro, aumentado por Elias e Tiago, que a curiosidade impelira para ali.

Lá dentro, Juca leu a carta duas vezes. Depois, interrogou os homens do Mirari, que mantinham atitude humilde:

— Eles, então, iam passando?…

— Iam, iam. O mestre da lancha de Calama disse ao patrão que eles vinham atrás, remando como danados e que tinham roubado a canoa. Seu Lobato mandou logo reunir todo o pessoal e tripular três montarias. Ficámos de bubuia, como quem está a pescar, e, quando eles passavam, metemos conversa fiada e lhes perguntámos se queriam ir ao barracão tomar um porre de cachaça. Mas qual! Eles iam mesmo desconfiados e não quiseram. Então, tirámos os rifles do fundo das nossas canoas e fizemos pontaria. E atirávamos mesmo que nem a onça, se eles se têm voltado contra nós. Mas não foi preciso. Ficaram com cara de besta e nós, então, pegámos os rifles deles e trouxemos tudo para o barracão.

— Está muito bem. Depois lhes hei-de agradecer. Dormem hoje aqui e amanhã eu vou escrever uma carta a seu Lobato. Você é empregado dele?

— Não. Nós somos todos seringueiros.

Alberto quedou-se a olhá-los, surpreendido. «Como podia ser, como podia ser que as vítimas saboreassem também o papel de algoz? De que sórdida matéria era feita a alma de alguns homens, que gozavam em castigar a desgraça, mesmo quando era igual à deles?»

— E por lá, como vão as coisas?

Encolheram os ombros.

— Se tira muita borracha?

— Bem, não. As madeiras estão secas. Um galão, um galão, galão e meio…

Juca não queria saber mais:

— E agora vão comer. Ó João; arranja jantar Para eles.

Seguindo o cozinheiro, tímidos no meio estranho desapareceram na porta que se abria ao fundo da sala.

Alexandrino, que já dera mostras de impaciência, acercou-se então de Juca:

— Me dê licença…

E foi, junto da janela, murmurejar confidências.

Alberto saiu. As palavras de há pouco continuavam a repercutir-se-lhe no cérebro: «Somos todos seringueiros». «Somos todos seringueiros». Eram como pedras contra os tímpanos e ele reagia de mau humor: «Que ideia faziam da solidariedade esses grandes analfabetos? Que ideia tinham da sua própria situação? Mas a culpa seria verdadeiramente deles?»

Só deu por Elias, que vinha atrás dele, quando o ouviu dizer, já a meio da varanda:

— Os outros, hoje, não comem…

— Quais outros?

— Os que tinham fugido. Os que estão no barracão velho…

— Quem lhe disse isso?

— O Alexandrino. Estão amarrados num tronco, como os negros que eram escravos, e fechados à chave para que ninguém lá vá.

— Mas isso é verdade?

— Se foi o Alexandrino quem os amarrou! Eu vou ao quarto, já volto.

Elias sumiu-se na escuridade do corredor e Alberto começou a andar na varanda, a ir e a vir em frente dos aposentos de Guerreiro, com um misto de

revolta e de angústia e amarga sensação de impotência. Via Firmino em Todos-os-Santos, na vida de muitos meses em comum, ambos sepultados na selva hiante, na clareira que diminuía dia a dia, sob um silêncio aterrador. Via-o, depois, a ele sozinho, na barraca que parecia abandonada e para onde avançavam já, com a persistência de sempre, os tenazes liames da floresta. «É para seu bem, seu Alberto, mas eu tenho pena de ficar sem você…»

Por mais duma vez, ao pisar a nódoa de luz que vinha da habitação do senhor Guerreiro, sentiu desejos de entrar, buscando conforto na estima do guarda-livros. Mas logo renunciava: «Não, não era oportuno, talvez mesmo o prejudicasse».

João surgiu, finalmente, na varanda:

— O jantar, seu Alberto. Onde está seu Elias?

— Está aí, no quarto.

— Seu Elias! Seu Elias? O jantar.

Foram encontrar Juca muito sereno, atirando para a boca, enquanto não vinha o peixe, pequenas colheres de farinha de água.

Para lisonjeá-lo, Elias tentou ridicularizar a aventura dos seringueiros, que tão breve fim tivera. Mas ele cortou logo aquelas ironias:

— Não se fala mais nisso.

*

Noite de desespero, com a visão dos homens a moverem, nas trevas, os músculos doridos pelas cordas que os amarravam. Na manhã seguinte, quando Alberto entrou na varanda, pareceu-lhe que tudo se encontrava sob a obsessão que o afligia, que tudo falava, baixinho, da vida dos prisioneiros. O sol matinal possuía outra cor, era inédito o perfil da sapotilheira, a frescura do capim, habitual a essa hora, não dulcificava os olhos, como nos outros dias. A varanda estava solitária de lés-a-lés. Vira-a assim muitas manhãs, e nunca a vira como agora. O seu abandono não tinha a expressão daquilo que oculta existências vivas; dir-se-ia, contudo que nesse silêncio algo de imprecisável murmurava subtilmente, ali ou algures, longe, talvez. As coisas pareciam distender-se num espreguiçamento de seres humanos às horas matutinas e não refeitos ainda dum sonho mau.

Elias esquecera a sua obrigação e sobre a escada continuava a arder o farol que queimara, durante a noite, as asas aos insectos iludidos, agora exânimes nos degraus.

Alberto aproximou-se, pôs-se em bicos de pés e soprou na luz inútil, mais por hábito do que por pensar no que fazia.

Mas já Elias surgira lá ao fundo, a correr e a gritar:

— Deixe. Deixe! Eu apago. Me esqueci. Fui apagar o outro e depois demorei na cozinha, a tomar o café.

Quando estava perto bichanou:

— Então, já sabe?

— O quê?

Como Elias não respondesse logo, quedou-se a fitá-lo, mais uma vez surpreendido com o seu temperamento. Encontrava-se ali há quatro dias apenas e já conhecia tudo, tinha sempre uma comunicação a fazer, umas palavras a confidenciar, leve no transporte de notícias e comentários, esgueirando-se que nem cobra por todos os desvãos do meio. Vivia sempre em bom humor, dando constantemente trânsito à sua curiosidade e, na aparência só preocupado com a parte externa dos acontecimentos.

— Então que foi?

Elias percorreu a varanda com os olhos, levou-os mesmo lá abaixo, ao ângulo visível do barracão velho, onde o drama prosseguia; e depois, tranquilo sobre testemunhas, respondeu com uma pergunta:

— Não ouviu nada esta noite?

— Não, não ouvi.

— Nem eu. Tenho o sono pesado…

— Mas que foi?

— O João ouviu. E parece que seu Guerreiro também, porque o Alexandrino, ao sair, viu luz no quarto dele…

— Mas ouviu o quê? Diga depressa!

— É que o Alexandrino bateu, esta noite, com um peixe-boi nos homens. E eles gritaram…

— Bateu?

— Abriu a porta e, no escuro, sem que os homens soubessem quem era, zás! zás! zás!

— Isso é capaz de não ser verdade…

— Não é verdade? Vá à cozinha. Está lá o peixe-boi cheio de sangue. O Alexandrino bateu até fazer sangue. Foi ele mesmo quem o disse… O João ouviu e o Tiago também. Os homens estavam amarrados e não se podiam

defender…

— Miserável!

Elias baixou ainda mais a voz:

— A culpa não é dele. Foi seu Juca quem mandou. E durante oito dias eles não comem…

— Deixe-me! Deixe-me! Não me diga mais nada!

Elias quedou-se, um instante, a contemplar Alberto, admirado perante os seus olhos subitamente fuzilantes e os lábios a tremerem.

— Você não vem para o escritório? — perguntou-lhe.

— Ainda não. Vá andando. Eu já lá vou ter.

Alberto desceu a escada e caminhou vagarosamente até à margem do rio. Sufocava. «Miseráveis! Infames! E se ele fosse lá? Se arrombasse a porta e libertasse os cinco homens?»

A porta aderiu às suas pupilas. Sentou-se debaixo da sapotilheira e a porta continuava nos seus olhos, Ouviu golpes fortes que seria necessário dar para abri-la e viu correrem sobre ele, atraídos pelo ruído, Alexandrino Juca e talvez — quem sabia? — João e Elias. «Não podia ser…» Cabeça baixa, migava soturnamente a sua impotência quando alguém o saudou:

— Bom dia, seu Alberto!

— Bom dia.

Era Tiago, que passava perto, em direitura ao igarapé, alegre e ia trauteando, pastosamente uma monótona canção. Alberto fixou-o. Também aquele! Vingava-se, o sórdido fantoche, dos gracejos de Firmino, de Manduca, de Romualdo, de todos os outros, de todos os que lhe chamavam «Estica»! Ficou-se a segui-lo com a vista e nunca, como agora, o velho negro, com a sua perna coxa, a pele engelhada, a boca de sapo, lhe parecera tão grotesco e tão hediondo. «Ah, não poder sair imediatamente, imediatamente dali!»

Elias surgiu à porta do escritório e veio ter com ele.

— Que é?

— Uma explicação, no «borrador»… Tenha paciência. Mas se não quer vir, eu espero.

— Vamos lá.

Subiram a escada e Alberto deu, sobre a secretária, os esclarecimentos que Elias desejava. Tentou depois trabalhar. Errava, riscava, raspava — e volvia ao princípio. Em frente, assomavam à janela as cristas verdes e amarelas dos

crotons. Ao lado, luzia o cromo-calendário e, no papel, os algarismos confundiam-se, sobrepondo-se, alargando-se com prodigiosa elasticidade as curvas dos que as tinham.

Às onze horas entrou o senhor Guerreiro. Também nele Alberto julgou ver uma fisionomia diferente, mais concentrada do que a dos outros dias. Dir-se-ia até mais esguio o seu rosto branco.

— Bom dia! Como está? Como está? — E, encostando-se à carteira, principiou logo o seu trabalho.

Alberto sentia um desejo enorme de conversar com ele. Qual seria a sua opinião? Que pensaria de tudo aquilo? Detinha-se, porém, ante a presença de Elias. Duas vezes, vendo-o movimentar-se na cadeira, admitiu que qualquer imposição física o obrigasse a sair. Mas não. Elias conservou-se ali, sem uma palavra, muito aplicado ao que fazia, até Dona Yáyá vir, com a regularidade de sempre, comunicar ao marido que o almoço estava pronto.

Alberto compreendeu que ela havia chorado há pouco: trazia os olhos fatigados, a voz lassa e triste.

O guarda-livros pousou a caneta e tomou-a pelo braço, o que não era seu costume.

— Vamos lá — disse-lhe num tom também mais carinhoso do que o habitual.

Assim que desapareceram, Elias comentou:

— As mulheres não são para estas coisas. Você viu como ela estava? Certamente ouviu tudo…

Alberto não respondeu.

Era, agora, a vez deles. João chamava-os lá de fora. E esse chamamento, que anunciava pausa ao trabalho, sossegava o estômago e fora tantas vezes aguardado com impaciência e apetite — «hoje demora», «está demorando» — soava-lhe, agora, com desagradável monotonia. Aquilo era só aquilo, o cozinheiro a preveni-los para o almoço e para o jantar, a varanda, o rio a descer silenciosamente, o bananal do outro lado do igarapé, com quiabos e ingazeiras de entremeio, jurubebas e taxizeiros no flanco. Em frente, o verdor escuro da outra margem e os lamentos dos guaribas a falar de solidão profunda. Para trás, o curral das vacas e das éguas, cadafalso da dignidade, charco da miséria humana, e a muralha inextricável da selva, o varadouro, o Igarapé-assu e a clareira de Todos-os-Santos — a clareira de Todos-os-Santos… E de novo a varanda e o rio; a sapotilheira, o cajuzeiro, as palmeiras, a varanda e o rio; João a chamá-lo para o almoço e para o jantar; o quarto e a varanda, a varanda, o escritório e o quarto;

o farol a arder sobre a escada, Juca Tristão e Alexandrino, o solo, a mesma coisa todos os dias, como se estivessem a bordo ou na cela. E o que era novidade, era mau; estavam homens lá em baixo, no outro barracão, presos, famintos e espancados!

Como visse que ele não abandonava a mesa, Elias ergueu-se, bocejando:

— Estou hoje com uma fome... Vamos?

— Eu não tenho vontade. Sinto-me mal disposto e vou deitar-me um bocado…

Elias quedou-se a observá-lo. Depois incitou-o:

— Venha sempre. Deixe lá isso! Não é consigo.

— Não é comigo, o quê? Eu não vou porque não tenho vontade. Faça-me o favor de dizer a seu Juca que não me sinto bem. Tenho dores de cabeça e arrepios. Logo, se tiver apetite, peço qualquer coisa ao João…

Com o sorriso de quem aquiescia mas não acreditava, Elias saiu. Alberto veio atrás dele. Na varanda, voltou para o corredor que ligava com o seu quarto, E ali, suspenso o mosquiteiro, deixou-se cair na rede. A cabeça ardia-lhe — e sempre, sempre, obsessionantemente, a indigná-lo, a cena imaginada dos homens presos e azorragados na escuridão.

De repente, porém, surgiu o temor: e se Elias, que havia feito da adulação uma arma de conquista, sugerisse a Juca as razões porque ele não fora almoçar?

Um instante, outro e outro a hipótese o incomodou. «Era bem capaz disso, olá se era! Mas que fosse? Não iria. Não tinha forças para estar ao pé de Juca Tristão, obrigado a escutá-lo, a falar-lhe, a sorrir-lhe. Não saberia representar. Era melhor assim…»

As horas caminhavam preguiçosamente.

Ouviu os passos de Elias, que regressava ao escritório. Depois, os do senhor Guerreiro. E, de novo, o silêncio. Um silêncio só perturbado, lá fora, pela chilreada dos periquitos nas goiabeiras. Mas ela era tão repetida, tão persistente, que por vezes ele a esquecia e tudo voltava a parecer-lhe silencioso.

A ideia de que Guerreiro, sabendo-o adoentado, iria visitá-lo, formulou-se e desvaneceu-se rapidamente. Pressentia que o guarda-livros não apareceria, mas que a sua amizade se conservava incólume sob as razões subtis que nesse momento os separavam.

Na tarde lenta, somente João assomou à porta do quarto, a cara gorducha, enegrecida pela barba. Vinha saber se ele desejava alguma coisa.

Desejava, sim — disse-lhe. — Uma trincadeira qualquer, pequena, apenas para não cair em fraqueza; e, antes disso, uma pílula de quinino. Que a pedisse a Elias, pois sentia ameaças de febre.

E quando o cozinheiro saiu, a cumprir, ele ficou mais tranquilo, já que assim se desobrigava de ir jantar na companhia de Juca Tristão.

*

Acordou num estremunhamento. Era sonho? Pesadelo? Quedou-se um momento a escutar. Os gritos repetiam-se, arrastavam-se móveis, havia gente correndo na varanda e agora, ali, por detrás da porta, a voz de Tiago chamava:

— Seu Alberto! Seu Alberto!

— An? Que é?

— Se levante, seu moço! O barracão está a arder. Ouviu?

— O quê? O barracão está a arder?

— Está, está! Olhe esse judeu. Que se levante também. Não se demorem!

Pela janela entreaberta vinha um fulgor estranho, que terminava em ângulo, cá em baixo, no soalho. Dir-se-ia oiro embaciado, tornando-se pouco a pouco rubescente.

Elias mexeu-se na sua rede e com um só movimento sentou-se, espavorido:

— Que é? Que é?

— A casa está a arder. Vamos depressa!

Ergueram-se os dois e, descerrada a janela, um vivo clarão encheu o quarto, fora, tudo quanto se via de céu estava rúbido, havia estralejamentos constantes e um vistoso cortejo de faúlhas a todo o momento se dispersava e se refazia no ar.

Abotoadas nervosamente as calças e a blusa, Elias e Alberto tomaram o corredor, onde começava a iluminar-se também a sua fusca estreitura.

A terra que ia da varanda ao rio era um deslumbramento. A sapotilheira doirava-se e os japins, acordados por tanta luz, assomavam as cabecitas negras ao orifício dos seus ninhos, suspensos da ramagem; amarelava-se o verde do capim rasteiro e, avançando sempre, a fulgurância ia esculturar-se, em meia sombra, o bananal e as embaúbas da outra margem do igarapé. Para a frente, depois do recorte nítido das palmeiras, devorava ervas ribeirinhas, só esmorecendo a meio do rio na vasta e flutuante poalha.

Os olhos esbarravam no ígneo espectáculo, amplo e fantástico, como nunca existira ali, nem mesmo em noite de estágio, no porto, de navio de dois canos.

Mas logo os nervos triunfavam sobre o espanto visual. As chamas enovelavam-se, distendiam-se, como panejamentos trémulos e dilacerados; ora se afuselavam e partiam em muitas línguas, fechando-se, lá no alto, em diademas, ora se abaixavam e corriam ao longo do beiral, descendo até envolver os pilares da varanda. Era uma rajada de fogo que se prendera no extremo do barracão, lá onde residia o amo, e lutava pela sua liberdade, empenhada em ir mais longe, ansiosa de se alastrar pelo dorso enegrecido do telhado. O esqueleto cedia e, às vezes, um desmoronamento interior punha nota grave naquele murmúrio brando, mas ardente, de sedas e de asas.

Só as figuras, com suas expressões e gestos, ditavam sentido dramático à cena grandiosa.

Lá em baixo, o senhor Guerreiro, em atitude enérgica de comandante, que Alberto jamais lhe surpreendera, dava ordens:

— Vamos! Vamos! Atire a água para o lado de lá!

E como visse agitar-se, na outra ponta da varanda, um vulto negro que empurrava móveis, gritou-lhe:

— Pare com isso, nhá Vitória! Vá buscar água na lata. Já!

Encarou Alberto e Elias, que acabavam de surgir na sua frente:

— Andem depressa! Depressa!

Junto dele erguia-se já uma escada, ligando a terra ao beiral.

— Subam e vão destelhando.

Pisados todos os degraus, deparou-se-lhes a estrada que Alexandrino, encarrapitado lá em cima, ia abrindo no telhado. As ripas estavam à mostra, tão cobertas de teias de aranha como débeis na resistência. E as chamas andavam perto, avançando cada vez mais, num rendilhado elástico e arbitrário.

Alberto e Elias rastejaram à esquerda, onde o telhado ainda se encontrava intacto, e foram colocar-se ao lado de Alexandrino, que, mal os viu, lhes perguntou:

— E seu Juca? Já apareceu?

— Não o vimos. Onde está ele?

— Está lá dentro. Eu e o João fomos ver se entrávamos lá, mas o fogo não deixou. Tenho as mãos piores que um moqueado e não tenho cabelo nem pestanas. Se seu Juca não saiu para o quintal, a esta hora está perdido.

Do outro lado ascendia o ruído seco das telhas, despedaçando-se umas sobre as outras, ao serem arremessadas por eles excitadamente.

Logo que atingiram a lomba verdosa do telhado, o declive foi fácil de desimpedir. Em breve, dum beiral a outro, cortando o barracão em dois, abriu-se larga fenda, onde já se lobrigavam não apenas as ripas, mas também os velhos caibros. O resto; era como um alçapão, que as labaredas, agora muito pertinho, crestando já as epidermes, começavam a iluminar.

A voz do senhor Guerreiro subiu, dominadora:

— Alberto! ponha-se no meio da escada. E você, Elias, lá no cimo. passem de mão em mão e o Alexandrino que despeje.

Cá de baixo, João oferecia uma lata de água, e outra, e outra. Estavam já ali muitas vasilhas cheias, onde se reflectiam os galhos da sapotilheira, e de quando em quando surgiam, todas ofegantemente do rio, Dona Yáyá e nhá Vitória, carregando novos recipientes.

— Não se importe com o fogo, Alexandrino! Atire para dentro, para o chão e para as paredes, ouviu?

Mas a ribanceira era alta, penosa a subida e a água não chegava para cortar o passo às chamas. Dona Yáyá, de olhos angustiados, a cabeça toda desmelenada emergindo do camisão branco com que dormia quando Tiago soltara o alarme, mostrava-se já exausta em cada passo que dava. E nhá Vitória, de saia e sem blusa, ora tropeçando aqui, ora ali, na ânsia de correr o impossível, chegava com o balde semivazio e o tronco nu escorrendo gotas, como se houvesse tomado banho. Somente João ia ao rio em quatro pulos, deitando os bofes pela boca, enquanto o senhor Guerreiro o substituía na ascensão das vasilhas para a escada. E não havia mais ninguém. A luta dir-se-ia utópica, pois que as chamas, alcançando o precipício que lhes tinham aberto, zombavam dele debruçando-se sem receio nas suas estreitas goelas. Elias pensara já em descer e correr ao quarto, para retirar a bagagem, antes que elas chegassem lá. Mas o senhor Guerreiro dava subitamente novas ordens:

— Deixe isso, João! Pegue naquele machado e arrombe a porta do barracão velho. Solte os homens e eles que venham acarretar água. Depressa! Ande!

Alexandrino ia despejar uma lata quando ouviu as primeiras palavras do guarda-livros; deteve-se e, só quando chegaram as últimas, arremessou a água, num gesto decidido.

A ponta incendiada não tardou a baixar de nível, caindo fragorosamente sobre o soalho. Puxadas pelo desmoronamento, as labaredas cederam alguns metros, ficando ali apenas as línguas mais compridas e mais teimosas. Mas com a ausência de João a água escasseou e em breve elas reconquistavam o espaço

perdido.

— Corram! Corram!

Trepado na escada, Alberto viu os cinco libertos dobrarem-se sobre as latas e rapidamente, numa chamada às últimas forças, desaparecerem no cimo do barranco. Um momento ainda, para o esvaziamento do balde de nhá Vitória, e depois a voz de João começou a repetir:

— Lá vai, seu Alberto! Lá vai! Lá vai! Lá vai…

Formada a corda humana, nas mãos de Alexandrino havia sempre uma lata de água para enfrentar o inimigo.

As chamas persistiam ainda no ataque, esgueirando-se pelos lados, mas logo se encolhiam, buscando alento no braseiro de origem. O fogo situava-se agora sobre os escombros isolados na outra parte do barracão.

Dona Yáyá julgara já dispensável o seu auxílio e, com a mão compondo os cabelos desgrenhados, viera sentar-se, rendida, sob a sapotilheira. Certo, também, da vitória, o senhor Guerreiro postou-se ao lado dela, seguindo dali os trabalhos.

O incêndio recuava, finalmente, deixando grandes tições, fumegantes ainda, mas apagados, negros e escorrendo água. Era já pira única na ponta isolada, donde se via o tamarindo coberto de oiro e, lá mais adiante, a fímbria da selva, de leve tocada por aquela fulgência esmorecente.

Alberto e Elias desceram e vieram juntar-se ao guarda-livros.

— E seu Juca? — perguntaram.

Guerreiro fez um gesto triste e resignado:

— Logo que me levantei, fui ver se o salvava. Tentei entrar com o Alexandrino e o João, deitando as portas abaixo com um machado. Não foi possível. Era demasiado tarde. Queimámo-nos todos e nada conseguimos. É horrível! Eu ainda julguei que ele tivesse saído pelo lado do quintal, mas andei por lá e não o vi. O fogo parece que queimava petróleo. Não sei como se pôde dar uma coisa assim!

Calou-se. Calaram-se todos, em busca das palavras de que precisavam naquele momento e que existiam decerto, mas nenhum deles as encontrava. O guarda-livros reagiu, porém, imediatamente. Vendo reunidos, junto do cajuzeiro, os cinco seringueiros, em atitude humilde de quem espera destino, pediu-lhes:

— Tragam um pouco mais de água. Encham esses barris, que ainda podem ser precisos. Depois comem.

Por detrás deles surgiu, pernejando lentamente, o negro Tiago. Após o alarme, ninguém mais o vira, ninguém mais pensara nele. O clarão agonizante, iluminando-lhe de lado o rosto seco e anguloso, tornava-o mais mefistofélico, velho feiticeiro que se animara, caminhando desengonçadamente, amparado pelo seu bordão. Ao passar sob o beiral incólume, onde Alexandrino temendo vingança dos homens chicoteados, se sentara, fingindo seguir atentamente a morte do incêndio, Tiago levantou os olhos, contemplou-o um instante e avançou de novo.

Dona Yáyá ia justamente retirar-se quando ele chegou ao grupo. Descobriu-se, entregando ao último fulgor da noite a carapinha encanecida, e disse, voltado para o guarda-livros:

— Branco: me mande para a cadeia de Humaitá, Fui eu que deitei fogo ao barracão e fechei as portas para seu Juca não sair…

O espanto tornara mudas todas as outras bocas e a do negro deixara de mascar. As linhas da sua cara chupada pelo tempo, tinham agora a rigidez das esculturas de madeira e os olhos brancos, de tão quedos, dir-se-iam artificiais e encastoados. Havia zumbidos no cérebro de todos os que o ouviam e na noite criara-se um vácuo enorme.

— Me mande para a cadeia, branco…

Dona Yáyá, em novo desespero, levara as mãos à cabeça — e o senhor Guerreiro, subitamente indignado, ergueu-se num arremesso, estendeu os braços para o negro e sacudiu-o com furor:

— Miserável!

A mulher prendeu-se logo a ele, gritando, ampliando a confusão — «Deixa-o! Deixa-o! Meu Deus, acudam!» — e Tiago, violentamente impelido, foi embater no corpo de Elias.

Era agora diferente o guarda-livros, com o rosto da cor das chamas desfalecentes e os lábios trêmulos de ira.

— E logo com o fogo!

Dona Yáyá não o soltava, tomando-lhe a frente e apertando-o nos seus braços. Ele, porém, tentava desprender-se:

— Larga-me! Seu Juca era tão amigo dele… Que coisa miserável!

Humilde na sua serenidade, o olhar baixo, como que alheio à cólera que o alvejava, Tiago murmurou:

— Eu também gostava muito do patrão. Ele me podia até matar que eu não fugia. Era mesmo amigo dele. Mas seu Juca se desviou… Estava a escravizar os

seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo, só nas senzalas. E já não há escravatura…

Deteve-se. Os seus olhos erguiam-se, procuravam os de Guerreiro, adquiriam vida e choravam agora.

— Eu é que sei o que é ser escravo! Ainda tenho aqui, nas costas, o sinal do chicote do feitor, lá no Maranhão. Branco não sabe o que é liberdade como negro velho. Eu é que sei!

— Vamos embora — pedia Dona Yáyá. — Vamos embora!

— Estava bêbedo, com certeza! — exclamou o guarda-livros.

— Não estava bêbedo, não estava, branco. Seu Juca era meu amigo; eu lhe queria muito e lhe choro a alma dele; mas não era amigo da liberdade.

Amortecido o assombro, João interferia:

— E então para matar seu Juca você bota fogo ao barracão? E se nós morrêssemos todos?

Sem se voltar para o cozinheiro, Tiago explicou:

— Eu lhe fui prevenir, branco, de que a casa estava a arder. Fui prevenir a todos para que saíssem e tirassem os seus arranjos. Só não disse àquele que está lá em cima, no telhado… Mas o maldito teve sorte. Ele devia morrer com o seu Juca… Foi ele que bateu, de noite, nos cativos…

Dos cinco castigados, que haviam surpreendido, de passagem, a narração e se aproximaram a escutar, destacou-se, num impulso, Romualdo:

— Seu Tiago…

Sentindo comoção na voz intrusa, o negro quebrou a sua calma, bradando colericamente:

— Me deixa, sua peste! Me deixe já! Não foi por ti nem pelos outros como tu que perdi a minha alma e vou para o inferno! Foi porque seu Juca te fez escravo e aos outros safados que te acompanham. Se estivesse no tronco, como tu, o feitor que me batia lá, no Maranhão, eu também matava a seu Juca. Negro é livre! O homem é livre!

De novo humilde, dirigiu-se a Guerreiro:

— Me mande matar, se quiser, branco. Eu já sou muito velho e não preciso de viver mais…

Sempre excitado, o guarda-livros ordenou a João:

— Tire-o da minha frente! Tome conta dele!

E agarrando nervosamente o braço de Dona Yáyá, com ela atravessou o

grupo, a caminho da sua habitação.

Devagar, Tiago seguiu rumo contrário, indo sentar-se no cimo do barranco, encostado a uma das palmeiras, E aquietou-se no panorama nocturno.

João, Elias, nhá Vitória e os seringueiros novamente se juntaram, a comentar o sucedido, na noite que cheirava agora a queimado e a molhado.

Alberto ficou só, no banco que rodeava o tronco da sapotilheira…

Um momento, o seu cérebro situou o negro sobre outro banco, o dos réus, em pleno tribunal. Foi uma visão rápida, que logo trouxe outras, as de sempre, compensadoramente. O seu breve regresso, à sua terra, a sua mãe, à sua formatura e à sua estreia. Lá estava, de toga negra e ansioso por triunfar. Em frente, Tiago, macabro e grotesco na sua estatura de pesadelo.

«Senhor juiz! Senhores jurados! Esse miserável que aí vedes tinha um único amigo… Era… Esse miserável… Senhor juiz! Senhores jurados! Esse miserável… Esse miserável…»

Não. Não acusaria jamais. A ninguém! A ninguém! Depois do que vira, em si e nos outros, quando o instinto pode mais e acorda mil reacções ignoradas, mil imposições que tiranizam os próprios lúcidos e os desvairam, e os amarrotam, e os igualam aos que trazem alma primitiva, só havia a acusar a origem remota, que não fora perfeita na sua criação. Mas também ela era irresponsável e perdia-se na lenda ou na hipótese, longínqua e obscuramente.

Não. A sua voz não poderia abrir-se em grandes tropos acusadores, sem que a sua consciência e as suas dúvidas se elevassem mais alto e a sufocassem e a emudecessem, irremediavelmente. Dedicar-se-ia ao cível, à carreira consular ou à defesa, só à defesa, se a necessidade o obrigasse a debruçar-se sobre o pego insondável dos delitos humanos.

Tiago não se levantou mais e Alexandrino continuava lá em cima, alcandorado no telhado. A fogueira morria pouco a pouco: as labaredas eram, agora, pétalas duma grande e caprichosa flor, que ia murchando, vagarosamente, ao centro dos escombros. O clarão perdia terreno: já não se via o bananal, apagavam-se, ao longe, os contornos da selva, o rio fundira-se na noite e os troncos cinzentos das três palmeiras começavam a vestir-se de luto. Quando chegasse a manhã derramando da sua inesgotável cornucópia a luz dos trópicos, haveria ali apenas um montão de cinzas, que o vento, em breve, dispersaria…

Ferreira de Castro aos doze anos de idade emigrou para o Brasil, onde viria a publicar o seu primeiro romance Criminoso por ambição, em 1916.



Durante quatro anos viveu no seringal Paraíso, em plena selva amazónica, junto à margem do rio Madeira. Depois de partir do seringal Paraíso, viveu em precárias condições, tendo de recorrer a trabalhos como, colar cartazes, embarcadiço em navios do Amazonas etc.

Mais tarde, em Portugal, foi redactor do jornal O Século, director do jornal O Diabo e colaborador das revistas O Domingo Ilustrado (1925-1927) e Ilustração (iniciada em 1926). Ao serviço do jornal de Pereira da Rosa, assinou crónicas vibrantes, como o dia em que se deixou prender no Limoeiro para testemunhar a vida dos reclusos nas cadeias portuguesas ou a sua entrevista exclusiva em Dublin com Eamon de Valera, líder do Sinn Fein em 1930.

Alguns dos seus romances retratam um Brasil apaixonante, misterioso e revelador, outros penetram no húmus português e outros ainda ocupam-se dos problemas trágicos de um mundo dilacerado que procura descobrir a sua verdade. O que descobrimos, porém, em qualquer dos romances de Ferreira de Castro é a mesma profunda paixão pelo destino do homem, o seu apego a uma verdade fundamental que se alicerça na conquista de um ideal de liberdade humana Não é possível pensar no romance português deste meio século sem, de imediato, nos referirmos a Ferreira de Castro como precursor do neo-realismo, ao seu nome e à sua obra, de tal modo nos surgem como essenciais para a pesquisa do quotidiano.

Obras

Criminoso por Ambição (1916)
Alma Lusitana (1916)
Rugas Sociais (1917-18)
Mas… (1921)
Carne Faminta (1922)
O Êxito Fácil (1923)
Sangue Negro (1923)
A Boca da Esfinge (1924)
A Metamorfose (1924)
A Morte Redimida (1925)
Sendas de Lirismo e de Amor (1925)

A Epopeia do Trabalho (1926)
A Peregrina do Mundo Novo (1926)
O Drama da Sombra (1926)
A Casa dos Móveis Dourados (1926)
O voo nas Trevas (1927)
Emigrantes (1928)
A Selva (1930)
Eternidade (1933)
Terra Fria (1934)
Sim, uma Dúvida Basta (1936)- publicado em 1994
O Intervalo (1936) - publicado em 1974
Pequenos Mundos, Velhas Civilizações (1937)
A Volta ao Mundo (1940 e 1944)
A Tempestade (1940)
A Lã e a Neve (1947)
A Curva na Estrada (1950)
A Missão (1954)
As Maravilhas Artísticas do Mundo (Vol I) (1959
As Maravilhas Artísticas do Mundo (Vol II) 1963)
O Instinto Supremo (1968)
Os Fragmentos (1974)



---

[1] Moça.

[2] Uma roupa.

[3] Lampião de querosene.

[4] Roupa.

[5] Fugir.

[6] Terno.

[7] Trem.

[8] Bondes.

[9] Fogão.

[10] Xícara.

[11] Pedaço.

[12] Terno.

[13] Rosto.

[14] Leccionista.

[15] Xícaras.

[16] Pneus.